

EMOÇÕES E VIVÊNCIAS EM VIGOTSKI

GISELE TOASSA

EMOÇÕES E VIVÊNCIAS EM VIGOTSKI



P A P I R U S E D I T O R A

Capa: Fernando Cornacchia
Objeto de capa: Dante e Beatrice contemplando o signo de Gêmeos, os planetas e a Terra. Extraído de *A divina comédia*, de Dante Alighieri (1265-1321) (*vellum*), Escola Italiana, século XIII. Biblioteca Marciana, Veneza, Itália/Giraudon/The Bridgeman Art Library
Coordenação: Ana Carolina Freitas
Copidesque: Maria Lúcia A. Maier
Diagramação: DPG Editora
Revisão: Ademar Lopes Jr.,
Isabel Petronilha Costa e
Julio Cesar Camillo Dias Filho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Toassa, Gisele
Emoções e vivências em Vigotski/Gisele Toassa – Campinas,
SP: Papyrus, 2011. – (Coleção Papyrus Educação)

Bibliografia.
ISBN 978-85-308-0940-9

1. Educação – Filosofia 2. Emoções 3. Epistemologia
4. Experiências de vida 5. Psicologia cultural (História)
6. Psicologia educacional 7. Vygotsky, Lev Semenovich,
1896-1934. I. Título. II. Série.

11-10632

CDD-370.15

Índice para catálogo sistemático:

1. Teoria vigotskiana: Psicologia escolar e do desenvolvimento humano 370.15

Exceto no caso de citações, a grafia deste livro está atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa adotado no Brasil a partir de 2009, em conformidade ao prescrito no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp) da Academia Brasileira de Letras e suas correções e aditamentos divulgados até a data desta publicação.

Proibida a reprodução total ou parcial
da obra de acordo com a lei 9.610/98.
Editora afiliada à Associação Brasileira
dos Direitos Reprográficos (ABDR).

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:
© M.R. Cornacchia Livraria e Editora Ltda. – Papyrus Editora
R. Dr. Gabriel Penteado, 253 – CEP 13041-305 – Vila João Jorge
Fone/fax: (19) 3272-4500 – Campinas – São Paulo – Brasil
E-mail: editora@papyrus.com.br – www.papyrus.com.br

Katherine: – Ocorreu-me no metrô, outro dia – resumiu, com um sorriso. – O que é que faz essas pessoas irem para um lado e não para outro? Não é amor; não é razão; acho que deve ser alguma idéia. Talvez, Mary, as nossas afeições sejam a sombra de uma idéia. Talvez não exista uma coisa como a afeição em si... (...)

Mary: – Tenho uma maneira de pensar diametralmente oposta, sabe?

Katherine: – Sim, sei – disse, encarando-a como se agora, talvez, ela estivesse pronta a explicar alguma coisa muito importante.

Mary não pôde deixar de sentir a simplicidade e a boa-fé que jaziam por detrás das palavras de Katherine.

Mary: – Acho que a afeição é a única realidade.

Virginia Woolf, *Noite e dia*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986, p. 238. (Trabalho original de 1919.)

AGRADECIMENTOS

Ao Eduardo, companheiro de sempre, e à família Toassa: Osvaldo, Durvalina, Mariza, Márcio e Vinícius.

Aos amigos Adriana Eiko Matsumoto, Abner Faria, Ana Maria Novaes Muniz, Célia Regina da Silva, Christiane Albano, Daniela Uga, Domenico Hur, Érika C. Soares de Oliveira, Ingrid Campregher, Livia Karina, Marcos Machado, Marcelo Calegare, Maria Cecília Bernard (*in memoriam*), Paulo Barillari, Tiago Noel, Vilma Rodrigues.

A Marilene Proença, orientadora do trabalho de doutorado que deu origem a este livro. A Arno Engelmann, Elenita Tanamachi, Homero Silveira Santiago e Mitsuko Aparecida Makino Antunes, participantes da banca de defesa.

A Boris Schnaiderman, pela entrevista concedida, e ao professor Amauri Gouveia Júnior, revisor do capítulo sobre neurociências.

Ao povo brasileiro, mantenedor do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pelo apoio financeiro.

Aos funcionários da biblioteca do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Ipusp) e a Maria Olivia Martins Rosa, do

Programa de Pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (PSA-Ipusp), pela ajuda, bem como a todos os trabalhadores industriais, de fotocópias e serviços de impressão que criaram parte do substrato material necessário à elaboração deste livro.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
APRESENTAÇÃO	15
1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: DAS AGITAÇÕES SOCIAIS DA RÚSSIA NO FIM DO SÉCULO XIX À ASCENSÃO DO STALINISMO	23
2. VIGOTSKI EM SEUS ANOS DE FORMAÇÃO.....	29
3. A PSICOLOGIA NA RÚSSIA TSARISTA E O INSTITUTO DE PSICOLOGIA DE MOSCOU (ANOS 1910 E INÍCIO DOS ANOS 1920).....	49
4. EMOÇÕES E VIVÊNCIAS NOS TEXTOS SOBRE ARTE E PSICOLOGIA	53
5. EMOÇÕES E VIVÊNCIAS NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL: O CONTEXTO HISTÓRICO SOVIÉTICO E OS FUNDAMENTOS DA TEORIA VIGOTSKIANA.....	85

6. A “TEORIA SOBRE AS EMOÇÕES” E O DEBATE FILOSÓFICO-CIENTÍFICO NA UNIÃO SOVIÉTICA.....	107
7. EMOÇÕES E VIVÊNCIAS NA ONTOGÊNESE DO PSIQUISMO: TEXTOS PEDOLÓGICOS	177
8. TRÊS TÓPICOS NO “PENSAMENTO E LINGUAGEM”.....	217
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	227
BIBLIOGRAFIA.....	265

PREFÁCIO

Nós, psicólogos, que estudamos e nos formamos profissionais ainda nos anos 1970, vivemos tempos em que a psicologia se constituía basicamente de tendências comportamentais, piagetianas, fenomenológico-existenciais, gestálticas, cognitivistas e psicanalíticas – desdobradas nos estudos freudianos, kleinianos e, quando muito, reichianos. Pensar a constituição do humano, do psiquismo, da subjetividade era, portanto, nesse momento da trajetória da psicologia, oscilar entre explicações primordialmente *subjetivistas* – centradas na determinação do psiquismo sobre as ações humanas – ou *objetivistas* – focadas nos determinantes do meio externo, nas contingências, para explicar o comportamento humano e animal. Nesse momento ainda, a psicologia se via marcada por modelos clínicos de atendimento, as psicoterapias, fortalecida pelo desenvolvimento de métodos e técnicas psicodiagnósticas, tendo a presença da psicologia diferencial e da psicometria como elementos estruturantes da prática profissional, propiciando a avaliação psicológica das ações e tendências humanas: inteligência, personalidade, cognição. Todas as dimensões do humano poderiam, dessa ótica, ser devidamente avaliadas por instrumentos

padronizados de medida, grande parte deles oriunda de levantamentos realizados em parcela branca, com nível de escolaridade médio, com boas condições sociais de diversos estados norte-americanos que muito se diferenciavam da realidade social e cultural brasileira.

Traço esse breve quadro da psicologia, tão bem estudado e explicado por diversos pesquisadores do campo da história da psicologia, para expressar a revolução que representaram para essa área – como ciência e profissão – as discussões, pesquisas e concepções presentes na psicologia soviética, que se estruturou no interior da Revolução Socialista de 1917, na então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Tais ideias chegaram ao Brasil ainda em meio a um Estado de exceção, cuja repressão social e política exercida pelo governo federal e por parte da sociedade civil que o apoiava sustentou mais de 20 anos de violenta ditadura militar. Nesse contexto político-social controverso e hostil, a psicologia contou com a participação de profissionais indignados, questionadores, que, por acreditarem em uma sociedade mais justa e em uma psicologia construída nas bases da realidade social, viram nos estudos e nas concepções das obras de Lev Semionovich Vigotski, Alexander Romanovich Luria, Alexis Nikolaievitch Leontiev importante alternativa para a compreensão dos fenômenos humanos em novas bases.

A perspectiva trazida pela psicologia soviética, centrada nos princípios do materialismo histórico-dialético de Marx e Engels, questionadora da psicologia até então vigente, considerava que era preciso se chegar a’ *O capital* da psicologia. A introdução do pensamento marxista na psicologia passa a formar a perspectiva sócio-histórica ou histórico-cultural, que traz para o interior da psicologia a possibilidade de explicar o humano e sua constituição sob outras bases, as bases dos determinantes culturais, históricos e sociais.

Dentre os autores que puderam se somar aos psicólogos soviéticos e aos questionamentos trazidos por essa vertente da psicologia, no caso brasileiro, encontram-se psicanalistas marxistas do denominado Movimento Plataforma, de origem argentina e que muito influenciaram os profissionais da saúde e da educação, principalmente em tempos de

abertura democrática. Nomes como os de José Bleger, Pichón-Rivière, Marie Langer deram o tom político ao trabalho psicanalítico, levando o referencial e sua clínica a escolas, movimentos sociais, instituições de saúde e de bem-estar social. Ainda na América Latina, mais recentemente, tivemos acesso ao trabalho desenvolvido por Ignacio Martín-Baró no âmbito da saúde mental e da psicologia social centro-americana, propondo, já nos anos 1960, uma psicologia da libertação.

Esse pensamento revolucionário haveria de contribuir para realizar profundas mudanças nos estudos, nas pesquisas e nas propostas de intervenção de psicólogos brasileiros, ampliando, inclusive, a ação política da psicologia, estabelecendo aproximações com a realidade social e desenvolvendo a dimensão organizativa da profissão em torno do compromisso social da psicologia brasileira.

Mas, se por um lado consideramos um avanço as discussões trazidas pela teoria histórico-cultural, que já estavam em pleno andamento de 1924 a 1934, o trabalho de Gisele Toassa, ao aprofundar as raízes históricas de uma das temáticas mais caras à psicologia, as emoções, demonstra a luta de Vigotski para inseri-las no campo do conhecimento de sua época. Como falar em emoções no interior de uma proposta política em que os desígnios do coletivo suplantavam escolhas individuais? Como ficariam as escolhas, os sentimentos e as emoções em um projeto de construção do “novo homem” proposto pela Revolução Russa? Não seria um retrocesso aos ideários burgueses tratar de temáticas dessa natureza? Que articulações teóricas precisariam ser estabelecidas para que o movimento dialético, presente no método de análise e de estudo da teoria, mantivesse a coerência interna e respondesse às necessidades da sociedade em franca transformação?

Como bem demonstra a autora, Vigotski passa a estudar as emoções, nessa perspectiva teórica, como uma função psicológica superior e como tal determinada pelos elementos da cultura, da história e das relações sociais, tendo a arte e a linguagem papéis estruturantes nessa constituição.

Na sua discussão sobre o psiquismo humano, Vigotski desenvolve outra categoria de análise, “as vivências” (*pereživânie*), consideradas como unidade de análise da relação entre consciência, personalidade e meio.

Além de discutir a importância e o caminho percorrido por tais temáticas na obra do autor, Toassa problematiza as traduções feitas sobre os vocábulos do russo, indo às raízes da língua, estudando russo e dialogando com pesquisadores soviéticos que puderam lançar luz à compreensão dessa delicada questão.

Enfim, ler este trabalho é mergulhar em um tempo em que tensões de várias naturezas estavam presentes no campo da psicologia: epistemológica, metodológica, ontológica... Não que essas questões estejam superadas nos dias de hoje, mas compreender sua constituição nos traz elementos importantes para uma leitura aprofundada e consistente da obra do autor.

Marilene Proença

São Paulo, 21 de agosto de 2011

APRESENTAÇÃO

Elas estão em toda parte. Raramente encontramos uma modalidade discursiva que dispense os vocábulos e expressões delas indicativas. Uma delas marca presença no preâmbulo da Constituição Federal, que postula como um dos deveres do Estado democrático “assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o *bem-estar* da população” (Brasil 1988; grifo nosso).

No plano mais modesto da micropolítica, o *site* de Ana Maria Braga, apresentadora da Rede Globo de Televisão, aconselha seus visitantes a contornar conflitos, a superar a raiva alheia por meio da tolerância, da não violência.¹ Inúmeros livros de autoajuda adotam

1. “A raiva não pode ser superada pela raiva. Quando uma pessoa tiver um comportamento agressivo com você e a sua reação for semelhante, o resultado será desastroso. Ao contrário, se você puder se controlar e tomar atitudes opostas – compaixão, tolerância e paciência –, não só se manterá em paz, como a raiva do outro diminuirá gradativamente.” *A policy of kindness* (1990), Snow Lion Publications, recuperado do *site* de Ana Maria Braga: <http://anamariabraga.globo.com/mensagens.asp?id1=243&cat1=50010> em 2/11/2008.

propósito semelhante. Na narrativa de Cortázar (s./d.), Horácio Oliveira se sente uma porcaria em razão da água em seus sapatos, da solidão, do concerto ruim e da piedade pela concertista; em Austen (1996), Elinor Dashwood, símbolo da generosidade puritana, obrigar-se-ia a estar alegre ao perder o homem amado se sua rival fosse mais simpática; no Êxodo (32:19), Moisés, em fúria, quebra as tábuas da lei de deus² perante a adoração do povo judeu ao Bezerro de Ouro, em contraste com a condenação da raiva pelo apóstolo Paulo (1 Timóteo 2:18); num cenário mais dramático, configura-se o relato autobiográfico de Orwell (1999, p. 15), entediado, vivendo numa marginalização cuja única ideia importante era a comida; durante viagem com a família, certo menino é cercado de atenções familiares – “as coisas vinham docemente de repente, seguindo harmonia prévia, benfazeja, em movimentos concordantes: as satisfações antes da consciência das necessidades” (Guimarães Rosa 2008, p. 7); estados que contrastam com a incerteza de Fernando Pessoa (ele mesmo), sobre seus sentimentos, tamanha é a complexidade de suas vivências (Pessoa 2007).

Breves exemplos de tantas criações e relatos, antigos e modernos; descritos pelo talento de muitos artistas, nas mais diversas situações e com mil propósitos distintos, ilustrativos da informação de Kagan (2007): apesar da enorme variedade do vocabulário que se refere às emoções, em todas as línguas há palavras para elas, evidenciando tanto a diversidade de situações sociais nas quais emergem, como também sua universal presença na vida humana. Sua existência nas línguas é também indício de um fenômeno social, partilhado coletivamente, a despeito de sua condição caprichosa, indescritível e/ou idiossincrática, amalgamada com o pensamento, a memória, a percepção.

Engelmann (1978, p. 21) comenta, com base em Ullmann, que a polissemia é uma característica universal dos idiomas, pois seria bastante antieconômico possuir um vocábulo diferente para cada aspecto

2. A autora grafou “deus” em vez de “Deus” sempre que foi necessário utilizar tal palavra em trechos de sua própria autoria. Tal grafia reproduz a utilizada por José Saramago no livro *Caim*, vinculando-se ao estilo ateu do autor português.

diferenciável da experiência. Tomemos das cores: há 7.500.000 diferenças perceptíveis no espectro visível, mas nenhuma língua tem tal número de palavras. Acompanhando Whorf, Engelmann sustenta que a existência de rótulos diversos obedece às necessidades práticas humanas, variando com o modo de vida de cada comunidade linguística. Como afirmaram Marx e Engels: a linguagem é consciência prática, “que existe para os outros homens e, portanto, existe também para mim mesmo; e a linguagem nasce, como a consciência, da carência, da necessidade de intercâmbio com outros homens” (1999, p. 43). Com base na análise da psicologia do cotidiano elaborada por Fritz Heider, afirma Baldwin: “Na teoria ingênua da ação, o sentimento é uma das raízes do comportamento. Fazemos coisas porque as pessoas desejam que as façamos, ou porque pensamos que as ações lhes agradarão” (1973, p. 18).

Palavras/expressões significantes de emoções integram a formação cultural humana, como influência em nosso modo de ser, pensar e agir. Seus sentidos podem referir-se às pessoas, aos grupos e à sociedade de modo geral. São, também, permanente desafio de compreensão dos homens por eles mesmos, caro às ciências humanas e biológicas, além da filosofia. Nesses campos, é recorrente o problema do controle das emoções, em particular das paixões que nos escravizam. Para solucioná-lo, há quem, como Espinosa, defenda a emergência de emoções antagônicas às que desejemos moderar; há quem, como os cristãos, valorize a culpa pelas vivências emocionais socialmente censuradas; há quem proponha a autossugestão verbal ou o autocontrole da mímica facial das paixões, além do uso de técnicas e fármacos variados.

Os mais cétricos atribuem pouco valor a tais recursos: nós jamais controlaremos as emoções. Elas nos controlarão *ad aeternum*, como subsolo animal e explosivo da vida humana. Nesse campo conceitual, Ribot (*apud* Vigotski 1999a) as considera “tribo agonizante do psiquismo”; Elias (1994, pp. 200-201), processos psicológicos minguentes entre os homens adultos e civilizados. São também, para vários autores, como observa Lutz (1988, pp. 53-80), característica psicológica negativa; processo perigoso e, por isso, patológico, subjetivo; as emoções, próprias de irracionais como mulheres e crianças, obstaculizam o livre

curso do pensamento; ou, como afirma Vigotski (2004), são patrimônio dos deficientes e simples de espírito, nos quais avulta o coração e não o cérebro. Por essas concepções e suas implicações em nossas práticas sociais, as emoções são, irrevogavelmente, uma questão ético-política. E a variedade de discursos sobre elas correlaciona-se a posições defendidas por coletividades em conflito, conforme Lutz (1988).

Ora, essas posições têm uma séria consequência: autores como Engelmann (1978, p. 15) e Vigotski (2004, p. 54) assinalaram a vagueza e a inadequação do conceito de emoção. Na discussão filosófica e científica das emoções, muitos se despem da paciência necessária à elaboração dos conceitos para abraçar a teoria da moda. Mas a ciência não pode ser um mero falatório. Ainda que partamos, como afirma Lewin (1973), de problemas e observações do cotidiano, é preciso construir cientificamente um objeto para nossas preocupações. Não devemos estudar simplesmente aquilo que as pessoas/a ciência dizem sobre as emoções, mas as próprias emoções: “Ou os fenômenos psíquicos existem e então são materiais e objetivos, ou não existem e não podem ser estudados” (Vigotski 1996j, p. 386).³ Segundo Vigotski, a alegria deve ser analisada, por exemplo, não como pura consciência de se estar alegre, mas como fenômeno realmente existente e determinado. Uma perspectiva histórico-cultural capaz de explicar os fundamentos das concepções e práticas sobre as emoções e vivências precisa, portanto, integrá-las num todo mais abrangente que o mero discurso sobre elas, numa rede de conceitos, e não como ideias isoladas.⁴ O desafio deste trabalho é captar a perspectiva científica de Vigotski para as emoções e vivências humanas. A investigação dos dois conceitos não é casual, mas decorre da íntima relação deles nas obras do autor.

3. Vale assinalar que os termos afetos e sentimentos, que, em sua essência, têm o mesmo sentido de emoções na obra de Vigotski, serão analisados quando se fizer necessário.

4. Trataremos a abordagem vigotskiana como psicologia histórico-cultural, os dois conceitos principais que Vigotski aplicava ao seu trabalho (segundo Luria 1988, p. 26). Assumimos que o núcleo dessa teoria foi idealizado por Vigotski, tendo Luria como seu discípulo mais próximo e comentador dos mais fiéis.

Este livro é uma versão resumida da tese de doutorado “Emoções e vivências em Vigotski: Investigação para uma perspectiva histórico-cultural” (Toassa 2009), apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, sob orientação de Marilene Proença Rebello de Souza. Grafava-se *perspectiva* logo no título para salientar: 1) a preocupação em traçar os conceitos estudados à moda dos pintores, com base em múltiplas dimensões e determinações existentes ao longo da obra do autor; 2) a emergência de um amplo panorama teórico; 3) a esperança contida neste livro de, ao traçar certa *história da psicologia histórico-cultural* das emoções e vivências, oferecer uma contribuição para o futuro dessa perspectiva psicológica. Ambiciona-se que essa história seja tridimensional como a perspectiva renascentista, apresentando os objetos com volume, movimento e vida num espaço que não exista como justaposição de seres isolados, incomunicáveis. Esse espaço refere-se à busca pela constituição dos fundamentos de uma metodologia histórico-cultural, como olhar geral que circunscreve as investigações (Vigotski 1996j, p. 283). Visa-se, ainda, apresentar brevemente ideias para resposta a alguns problemas teóricos que quedaram pendentes com a morte do bielorrusso. Para isso, acompanhando a tradição vigotskiana, foi indispensável a utilização de fontes metodológicas distintas (psicologia do desenvolvimento, comparada, da arte, clínica; neurociências; filosofia moderna etc.).

Essas ideias sobre “perspectiva” fundamentam nossa incursão na obra de Espinosa e em aspectos atuais do debate neurocientífico sobre emoções e vivências, com limitações e objetivos que serão assinalados em cada capítulo. Mesmo ao tratarmos de materiais publicados mais de duzentos anos antes do nascimento de Vigotski ou sete décadas após a morte dele, seremos norteados pela obra do autor. Em nada violamos a ortodoxia do método de Vigotski: este autor caracterizava-se tanto pelo conhecimento dos filósofos antigos, modernos e contemporâneos quanto pelas ciências da atividade nervosa superior de sua época,⁵

5. “Neurociências” seria um sinônimo atual para “ciências da atividade nervosa superior”, termo da época de Vigotski.

tendo afirmado várias vezes que os filósofos guiam os cientistas. Suas indagações articulavam-se pela constituição de uma psicologia como saber destinado à emancipação do homem numa sociedade socialista.

Há crescente interesse sobre os conceitos das emoções e vivências em L.S. Vigotski, embora seu estudo venha sendo feito, em nosso país, de modo ainda fragmentário e assistemático (Toassa 2008). Reconhecendo esse problema, procuramos analisar os conceitos de emoções e vivências de 1916 a 1934, em blocos de textos afins. Este trabalho tem um caráter provisório, uma vez que muitos textos do autor não foram sequer publicados em sua língua original.

Nos Capítulos 2, 3, 4 e 6, há três momentos importantes que demandaram uma brevíssima contextualização da história política, cultural e científica do Império Russo/União Soviética: 1) os anos de formação de Vigotski, concomitantes ao colapso do Império e à elaboração de *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca* (originalmente escrito em 1916); 2) as revoluções de 1917 e a posterior integração oficial de Vigotski no âmbito da psicologia (período com um vácuo de traduções do autor entre 1917-1924), cuja principal obra de nosso interesse é *Psicologia da arte* (1925); 3) a criação da teoria histórico-cultural propriamente dita (1928-1934), com vários textos importantes no estudo do objeto deste trabalho (“Teoria sobre as emoções”, “Sobre o problema da psicologia do livro criativo do ator”, “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores”,⁶ os textos pedológicos dos anos 1930, a construção do pensamento e da linguagem), redigidos durante o fechamento do cerco stalinista aos intelectuais, tal como se caracteriza no Capítulo 4.

Discutiremos a posição estética do Vigotski de *A tragédia de Hamlet*, marcada (especialmente) pelo simbolismo e renegada em prol do compromisso de criar uma psicologia marxista, cuja realização coincidiu com o lançamento das bases de sua psicologia histórico-cultural.

6. Os títulos das traduções utilizadas, em espanhol e inglês, são: “Teoría de las emociones”, “On the problem of the psychology of the actor’s creative work” e “Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores”.

Seguindo a genealogia das transformações do conceito de emoção, agrupamos *A imaginação e a arte na infância*, obra originalmente escrita em 1930, e *Psicologia da arte* no Capítulo 5, optando por discutir “Sobre o problema da psicologia do trabalho criativo do ator” (1932) no item “As emoções: Funções psíquicas culturizadas?” (p. 98), pela revolução que ele representa na concepção vigotskiana das emoções.

Os conceitos e os vocábulos traduzidos que a eles se referem têm uma presença irregular nas obras: um ou outro avulta de forma particularmente importante neste ou naquele texto, e o livro que ora apresentamos orienta-se por tal arranjo discursivo.

No Capítulo 2, “Vigotski em seus anos de formação”, analisaremos a crítica de arte empreendida no livro *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*, apresentando uma análise etimológica e semântica do vocábulo *pereživânie* (vivência), seguida pela discussão de sua presença em Vigotski (1999f). O Capítulo 5 comenta a transição à psicologia histórico-cultural, baseada em textos que a precederam – especialmente a obra *Psicologia pedagógica* –, e a reestruturação das ideias vigotskianas sobre a gênese do psiquismo, em conexão com o lugar das emoções junto de outras funções psíquicas superiores (que, neste texto, tomamos como sinônimo de funções psíquicas culturizadas).

O Capítulo 6, “A ‘Teoria sobre as emoções’ e o debate filosófico-científico na União Soviética”, divide-se em cinco tópicos, dedicados a explorar a história do manuscrito, a teoria periférica das emoções e a crítica de Vigotski ao dualismo na psicologia, que acaba por aproximá-lo de Espinosa. Apresenta apontamentos introdutórios sobre a presença de Espinosa na Rússia/União Soviética no início do século XX, mapeando as referências de Vigotski ao filósofo que se relacionam ao tópico das emoções, e se encerra situando o projeto vigotskiano para uma ciência interdisciplinar sobre as emoções diante das neurociências atuais.

O Capítulo 7, “Emoções e vivências na ontogênese do psiquismo: Textos pedológicos”, debate textos daquela que Vigotski considerava como a ciência do desenvolvimento (a pedologia) de crianças e adolescentes. O Capítulo 8 destina-se ao comentário de “Três tópicos no

‘Pensamento e linguagem’”, livro cuja edição integral no Brasil intitulou-se *A construção do pensamento e da linguagem* (2001a).

As considerações finais visam à síntese do percurso que se constituiu ao longo do livro, trabalhando os conceitos de emoções e vivências como um campo teórico histórico-cultural específico. Com isso, também questões pendentes para futuras investigações serão apontadas.

Deve-se ressaltar que em razão do caráter hermético da língua russa, a opção foi pela referência às obras de Vigotski segundo os títulos das traduções mais conhecidas no Brasil, muitas delas inexistentes em português. Ignoramos diferenças entre as transliterações do nome do autor para diferentes idiomas (Vygotski, Vygotsky, Vigotskii), exceto nas referências bibliográficas, adotando apenas aquela utilizada nas traduções mais recentes de Paulo Bezerra (*Vigotski*), diretas do russo.⁷ Para “Espinosa”, em muitos textos “Spinoza”, adotou-se apenas a primeira grafia.

Procurou-se utilizar uma linguagem simples e direta, para facilitar a compreensão do leitor e conduzi-lo no progressivo adensamento da concepção vigotskiana sobre as emoções e vivências.

7. Vale notar que há uma série de sistemas de transliteração do alfabeto cirílico, sendo que aqueles do russo para o inglês são mais conhecidos. Não se adaptam, contudo, à fonética da língua portuguesa (por exemplo, o grafema “X” – Rá transforma-se em “KH”, “J” ou “H”). Optamos por seguir as recomendações do *Manual de Redação da Folha de S.Paulo* (ver Wikipedia 2009b) para os casos em que foi necessário transliterar frases e vocábulos sem a existência conhecida de transliterações diretamente do russo para o português (caso, por exemplo, das leis de Vigotski acerca das emoções humanas, no item “A emoção na arte: Leis da criação, da energia e da representação”, p. 72 deste livro).

1

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA:
DAS AGITAÇÕES SOCIAIS DA RÚSSIA NO FIM
DO SÉCULO XIX À ASCENSÃO DO STALINISMO

Até os bolcheviques (especialmente Lenin), nos anos 1910, amadurecerem a concepção de uma revolução proletária para o “elo fraco da corrente” – a Rússia – era predominante a crença de que uma Revolução Socialista seria possível apenas nos países com elevado grau de desenvolvimento industrial. Era, afinal, a eles que se dirigia o programa revolucionário do Manifesto Comunista (Marx e Engels 2003, pp. 43-44). O programa analisava o capitalismo como um modo de produção, uma etapa de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção que deveria ser superada pela ação revolucionária do proletariado. Concomitantemente, seria necessária a criação de uma ditadura proletária, elaborada no contexto de desenvolvimento de um novo Estado. Este se diluiria numa sociedade de produtores associados, livremente organizados e sem direção estatal. Ou seja: daria lugar a uma sociedade pautada no socialismo científico de bases marxianas.

Ainda no século XIX, a Rússia continuava a ser um país tecnologicamente atrasado e majoritariamente agrário. Deveria subir no bonde do “progresso” ocidental, dirigido por países como França e Inglaterra, ou continuar fiel às suas tradições?

Grosso modo, podemos afirmar que a *intelligentsia* debatia-se entre *eslavofilia* e *ocidentalismo*, tendências político-culturais que impregnaram a cultura russa do século XIX e início do XX. Elas tomaram parte na evolução de um marxismo *sui generis* – o bolchevismo – imbuído tanto de espírito prático quanto de romantismo utópico e paixão revolucionária. Bauer (1952, p. 12) identifica, no marxismo russo, uma sobreposição de análise sociológica empírica, profecia histórica e valores humanitário-rationais do século XIX.

Conforme Berdiaev (1951), o ocidentalismo identificava-se com as tendências políticas, filosóficas, artísticas e religiosas que ambicionavam uma maior aproximação com o Ocidente, a difusão do ateísmo, a modernização e o fim da monarquia, impregnando-se das obras de Hegel, Schelling e, posteriormente, Marx. Conforme Besançon (1977), diversos segmentos da sociedade clamavam por industrialização, entre eles a frágil burguesia e a própria *intelligentsia*, composta por intelectuais e técnicos com as mais diversas procedências de classe (aristocracia, burguesia, campesinato etc.). A literatura novecentista de Dostoievski e Tolstoi ilustra o cotidiano dessa camada social prenhe de elementos antigos e modernos, criadora de círculos de discussão e agitação política relacionados tanto à recente fundação das universidades russas quanto à criação de um incipiente sistema educacional público. A eslavofilia defendia para a Rússia uma missão diferente das nações ocidentais, tendo florescido principalmente nos meios aristocráticos. Seu tripé: populismo, ortodoxia, autocracia, com fontes no catolicismo ortodoxo.

O marxismo, inicialmente, difundia-se como forma radical de ocidentalismo (Berdiaev 1951, p. 183). Os primeiros partidos de inspiração marxista foram fundados nos anos 1890 (apesar de o primeiro volume de *O capital* ter sido traduzido em 1869): podemos relacionar essa fundação a um progressivo esgotamento do socialismo populista, romântico e utópico (*ibid.*, p. 181). Várias fábricas, inclusive algumas

com capital estrangeiro, surgiam nas grandes cidades russas, como São Petersburgo (capital imperial) e Moscou. Com elas criaram-se as primeiras massas de operários, vivendo em horríveis condições, similares às da Revolução Industrial britânica. A formação dessa incipiente classe operária, junto de outras determinações, originou a Revolução Russa por meio da qual, em outubro de 1917, os bolcheviques passaram a dirigir o difícil desenvolvimento de uma ditadura do proletariado.

O impulso revolucionário afetou profundamente a psicologia soviética nos anos 1920.¹ Omitindo detalhes sobre os demais líderes e sua influência na população, resumo a seguir a polarização Stalin-Trotsky, como posições importantes para compreender a conjuntura política no interior da qual surgiram as primeiras produções da psicologia histórico-cultural, elaboradas por homens e mulheres de tendência ocidentalista que integravam a extremamente produtiva *intelligentsia* russa.

Afastado das principais atividades políticas, especialmente no seu último ano de vida, Lenin morreu em janeiro de 1924. Em meio a uma terrível luta pelo poder, foi composto um Triunvirato de Stalin com Zinoviev e Kamenev (1924-1928), mas, na prática, a disputa polarizava-se em torno do secretário-geral do partido, Stalin, e Trotsky. As perguntas-chave eram: *aconteceria realmente uma revolução mundial? Quando?* Essa revolução era esperança de uma estabilização do regime já que, naquele momento, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (criada oficialmente em 1922) enfrentava permanente hostilidade internacional.

Conforme Deutscher (1970), Trotsky manteve a posição marxista-leninista, defendendo que um Estado proletário poderia auxiliar muito a Internacional Comunista, mas jamais seria possível o socialismo num só país. Nenhuma sociedade industrializada poderia manter-se por muito tempo à margem das trocas econômicas mundiais ou suportar os ataques a uma república proletária. Trotsky acreditava que a recuperação econômica seria determinação importante para a continuidade do fluxo revolucionário soviético. Defendia que a revolução deveria ser um permanente movimento, um longo processo, atrelado à sua capacidade de

1. Mais informações sobre a história política russa podem ser obtidas em Toassa (2009).

se expandir e se intensificar, com o objetivo de impedir sua deformação burocrática (Miranda 1983, p. 26). Contudo, aproveitando-se do clima popular de exaustão pelo esforço revolucionário, em 1924 Stalin começou a pregar o bordão do “socialismo num só país” (Netto 1982), ideia que resumia a revolução ao objetivo de prover uma planificação econômica autossustentável para a União Soviética. Com esse bordão, o sinistro georgiano expulsou do partido, prendeu e/ou exilou Trotski e seus aliados principais em dezembro de 1927 (Deutscher 1970). Em janeiro de 1928, Trotski foi degredado no Cazaquistão, mas Stalin só arrebanhou forças para expulsá-lo do país em 1929. Seguiu-se um período de profundas mudanças econômicas, capitaneadas por um Estado com tendências totalitárias, que recrudesceram entre 1936 e 1953. Durante o terrível período dos grandes expurgos de 1936-1938 houve milhares de antigos bolcheviques presos, mortos ou degredados.² Segundo Deutscher (1970), Stalin chegou a deportar povos inteiros para regiões remotas da União Soviética, como a Sibéria. O trabalho forçado foi um dos pilares de sustentação da economia soviética.

De 1928 a 1933 foi implantado o Primeiro Plano Quinquenal na URSS (tais planos econômicos determinavam inclusive as prioridades da pesquisa científica). Num prazo de dez anos, a Rússia conheceu as mais rápidas e radicais transformações que um país já sofrera até então – não é sem razão que se fala numa “revolução cultural” stalinista. Utilizavam-se alguns prêmios e muitas coerções para impor à população as mais desumanas condições de vida e trabalho (Deutscher 1970). Ao preço desse esforço, 20 anos depois, a anteriormente pobre e analfabeta

-
2. O assassinato de Sergei Kirov, chefe do PCUS em Stalingrado, em 1934, foi o estopim de uma onda de repressão sem precedentes na URSS, que, conforme Deutscher (1970, pp. 316-323), generalizou-se e se aprofundou, culminando nos expurgos promovidos pela burocracia do ditador entre 1936 e 1938. Foram assassinados praticamente todos os grandes líderes bolcheviques, como Bukhárin, Zinoviev, Rikov, Yagoda e Kamenev. Outros tantos intelectuais, artistas, militares e profissionais foram mortos, presos, demitidos ou enviados para os campos de prisioneiros na Sibéria, onde, por ordem de Stalin, as condições de vida eram muito mais insuportáveis do que haviam sido no tsarismo.

Rússia da Revolução de Outubro já era a segunda economia do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos.

O Comitê Central do Partido, com a supremacia de Stalin, começou a interferir sistematicamente na vida artística e científica russa. Em 1925 havia sido fundada a Associação Russa de Escritores Proletários (Rapp), com carta branca para desferir ataques sistemáticos à cultura considerada burguesa – ou para considerar burguesa qualquer cultura minimamente divergente da direção stalinista. Em 1929, a Academia de Ciências passou a impor as prioridades da pesquisa científica necessárias à nova política, assumindo o papel de definir quais delas deveriam pautar a atividade das instituições de pesquisa. A partir de 1930, recrudescia a vigilância sobre a filosofia e as ciências humanas de modo geral. A psicologia não foi exceção.

Conforme Netto (1982), durante o Primeiro Plano Quinquenal (que substituiu a Nova Política Econômica – NEP, concebida ainda no governo de Lenin), os mujiques (agricultores pobres) foram forçados a coletivizar-se em grandes fazendas, extinguindo-se a classe dos *kulaks*, os agricultores mais ricos. Além da coerção direta, houve perda geral da liberdade espiritual e política, com uma nova onda de transformações radicais que se processaram na economia de toda a União Soviética. Paralelamente, uma ampla campanha de alfabetização foi iniciada, além de uma vertiginosa expansão do ensino em todos os níveis, com o intuito tanto de formar os cidadãos para a nova ordem stalinista, inoculando-lhes uma ideologia de submissão e patriotismo, quanto de qualificar uma mão de obra que até então se utilizava majoritariamente de técnicas medievais de produção. Foi acompanhando o desenvolvimento desse turbulento contexto político que Vigotski desenvolveu a maior parte de sua produção científica, gozando, pois, de relativa liberdade nos anos 1920. Contudo, o autor passou a ser alvo da antipatia do regime nos anos 1930, até a completa proibição de seus escritos na União Soviética entre 1936 e 1953.

2

VIGOTSKI EM SEUS ANOS DE FORMAÇÃO

Vigotski. O significado de perejivânie

Conforme Van der Veer e Valsiner (2001), Vigotski nasceu em Orsha, na Bielo-Rússia, em 5 de novembro de 1896, numa família de origem judaica de parca religiosidade que, contudo, mantinha as principais tradições. Logo após seu nascimento, a família mudou-se para outra cidade bielo-russa: Gomel. Seu pai, Semion Lvovich Vygodsky, exerceu cargos no Banco Unido, em empresas de transportes e representou uma companhia de seguros.¹ Os oito filhos foram educados com preceptores, razão pela qual o próprio Vigotski frequentou o Gymnasium judeu por apenas dois anos. Segundo Vygodskaya (1995) e Vygodskaya e Lifanova (1999, pp. 24-25), Semion era figura respeitada nos círculos culturais locais. A intimidade vigotskiana com as artes, as línguas, a linguística e a estética foi-lhe proporcionada no seio da família. Davi Vigotski, primo de Lev, profissionalizou-se em linguística e filologia, sendo, após a revolução, muito próximo dos formalistas Roman Jakobson e

1. Conforme Van der Veer e Valsiner (2001, p. 17), L.S. Vygodsky mudou seu nome para Vygotsky por acreditar que sua família viesse de uma aldeia chamada de Vygotovo.

Viktor Shlovski. Sem nenhum embaraço, anos depois Lev discutiria o formalismo – entre diversas outras tendências estéticas e linguísticas – em seu escrito “A psicologia da arte” (1925).

Conforme Kozulin (1990, pp. 27-33), por essa época, o autor já era considerado um conhecedor de poesia russa, desde o velho Puchkin (primeiro grande poeta da língua russa, no início do século XIX) até os modernistas Blok e Pasternak. A despeito de seu tardio despertar, a literatura russa era extremamente politizada, objeto de análise e ponto de partida para discussões de toda ordem. Lev Semenovitch não fugiu à regra: conforme Vygotskaya e Lifanova (1999, p. 28), na ampla gama de interesses de Vigotski, sobressaíam-se a literatura e a filosofia.

Já na universidade, acredita-se que o bielo-russo tenha participado de círculos de ativismo sionista, nos quais procurou unir o problema da cultura judaica a um enfoque hegeliano das leis históricas. Entre as poucas profissões autorizadas para os judeus, Vigotski escolheu a de advogado (que nunca chegou a exercer), graduando-se oficialmente na Universidade de Moscou (1912-1917). Também se graduou na Faculdade de História e Filosofia da Universidade do Povo de Shaniavski, instituto bastante qualificado, mas não reconhecido pelo regime tsarista, já que abrigava professores expulsos da Universidade de Moscou por motivos políticos. Foi uma época de aprendizagem intensa das ciências, humanidades e artes, em que o autor publicou muito material sobre crítica de arte (Kozulin 1990, p. 48). Nesse período, redigiu o primeiro de seus trabalhos importantes: o livro intitulado *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca* (1999f), que posteriormente lhe serviu como tese de doutoramento, embora tenha sido publicada apenas 52 anos após escrita (Vygotskaya e Lifanova 1999, p. 34). O texto é denso, erudito e fluente, surpreendente para um autor de apenas 19 anos, e nele já se empregam as duas categorias fundamentais para nossa análise: a de vivência (переживание – *perejivânie*)² e a de emoção (sentimento,

2. Conforme informado por Paulo Bezerra, por *e-mail* recebido em 5 de dezembro de 2006, e também por consulta ao original russo, Психология искусства (Psikhologuia Iskusstva – *Psicologia da arte*, Vigotski 1986).

afeto – *emotsia*, *tchuvstvo*, *affekt*). Vivência não se apresenta aí de forma gratuita ou casual, sendo o centro gravitacional da mais precoce concepção estética vigotskiana à qual temos acesso.

A tradução de *pereživânie* (vivência, vivenciamento), muito usada no livro sobre o Hamlet, é bastante difícil, como confirmam Bytsenko, tradutora de Biéli (2005, p. 252), e o linguista Bóris Schnaiderman (comunicação pessoal, 8/12/2006). Trata-se de um termo usado no cotidiano da língua russa (e também nos círculos de crítica literária dos anos 1910/1920).³ Vigotski atribui-lhe, contudo, um caráter singular – embora mutante – em textos que vão de 1916 a 1934.

Em Biéli (2005, p. 252), a tradutora Bytsenko cita, em nota, o dicionário de Ojegov (russo-russo), que define *pereživânie* como um “estado espiritual suscitado por impressões e sensações fortes”; tratar-se-ia de uma experiência acompanhada por sentimentos e comoções vividos. Nossa tradução desse vocábulo para o português seria: substantivo de gênero neutro. Estado de espírito (alma), expressão da existência de um(a) forte (poderosa) sentimento (impressão); impressão experimentada (Ojegov 1968).

Teresa Prout, tradutora de “The problem of the environment” (Vigotski 1994b, p. 354), comenta que o termo russo não tem equivalente no inglês e serviria para expressar a ideia de que uma situação objetiva pode ser interpretada, percebida, experimentada ou vivida diferentemente por diversos sujeitos. Nem a palavra “experiência emocional” – que contempla apenas o aspecto afetivo do significado de *pereživânie* – nem “interpretação”, signo de cunho racional, traduziriam adequadamente o substantivo. Segundo Prout, seu significado ligar-se-ia intimamente ao do verbo alemão *erleben*, especialmente *Erlebnis* ou *erlebte Wirklichkeit*.⁴

3. O termo “vivência”, com inspiração fenomenológica, aparece nos capítulos iniciais de Bakhtin (1992), redigidos nos anos 1920. “Vivência” também aparece na obra de Stanislavski, *Minha vida na arte* (1989, p. 301), de forma marcante no capítulo sobre intuição e sentimento.

4. Vigotski dominava o alemão e era muito ligado à cultura alemã. De fato, o sentido do termo alemão é parecido com o de *pereživânie*: “*Erleben*: v. tr. Viver; presenciar,

Conforme explicitaremos adiante (p. 208 ss.), a psicologia e a filosofia alemãs marcaram esse termo nos textos pedológicos dos anos 1930. O professor Paulo Bezerra, tradutor de várias obras de Vigotski,⁵ informou-nos o seguinte:

Pereživânie é um estado psicológico especial, é a presença de sensações ou sentimentos vividos por alguém. Tanto pode ser o resultado de sensações e sentimentos experimentados, e aí eu traduzo tranquilamente como vivência (que, aliás, é como está em todos os quatro livros de Vigotski que traduzi), como o ato de experimentar tais sentimentos e sensações, que traduzo como vivenciamento. Este último conceito se aplica também em estética (ver minha tradução de *Estética da criação verbal*, de M. Bakhtin, ed. Martins Fontes), onde ele se aproxima e quase se confunde com empatia. Qualquer outra tradução para *pereživânie* me parece fantasiosa. (P. Bezerra, comunicação pessoal, 22/2/2006)

Os verbos russos se agrupam aos pares. Um deles é пережить (*perejit*) e переживать (*perejivát*), ambos originários do verbo жить (*jit*). Em seu sentido amplo, tanto *jit* quanto *perejit* significam “viver”. Os termos e os substantivos deles derivados são bastante utilizados na língua russa. Schnaiderman afirmou que “*Pieriejit* é sofrer algo. *Pier* dá sempre a

assistir a; ser testemunha de; (*erleben*) experimentar; sofrer; suportar; agüentar; *eine Überraschung* ~ ter uma surpresa; *etwas* ~ presenciar um acaso; *ich habe einen schönen tag erlebt* – tive (passei) um dia muito agradável (maravilhoso); *schlimme Zeiten* ~ passar por dificuldades (maus tempos); *so etwas habe ich nach nie erlebt* – nunca vi (presenciei) coisa semelhante (coisa assim); *wir werden nie diesen Tag* ~ já não deveremos estar vivos nesta altura; *wir werden es ja* ~ veremos; [fam.] *ein blaues Wunder* ~ ficar admirado; ficar espantado; [fam.] *du wirst nacht etwas* ~ ainda vais ter surpresas; ainda te vais admirar muito. *Erlebnis*: nt (-se pl.) acontecimento m., ocorrência f.; (*Erfahrung*) experiência f.; (*Abenteuer*) aventura f.; emoção f. (causada por); vivência f.; *zum ~ werden* – causar profunda emoção” (Departamento de Dicionários da Porto Editora, 2000, p. 255). No dicionário russo-alemão de Pruck (s./d.), *Erlebnis* é traduzido como *pereživânie*.

5. Tais como *Psicologia pedagógica*, *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*, *Psicologia da arte*, *A construção do pensamento e da linguagem*.

ideia de ‘através de’, dá uma ideia de ‘trans’, ‘através’. Então, quer dizer, você ‘atravessou um pedaço de vida difícil’. Diz-se *pieriejit* para sofrer algo. Vencer uma etapa da vida” (Schnaiderman, comunicação pessoal, 8/12/2006). A ideia de suportar ou padecer é recorrente na tradução do termo para diversas línguas, embora Schnaiderman assegure que Vigotski não utilizou os verbos nesse sentido. Compartilhamos dessa opinião.

Verbos de aspecto imperfectivo denotam ações inacabadas, seja no presente, no pretérito ou no futuro, referindo-se ao fluxo de seu acontecer. Verbos perfectivos apenas aparecem no pretérito ou no futuro, referindo-se a ações/processos já finalizados ou que certamente ocorrerão e serão finalizados (exemplo: “vivi um momento difícil quando meu cão morreu”, “viverei um bom momento assim que finalizar este trabalho”, “eu li o livro – até terminar – amanhã”).⁶ Verbos imperfectivos referem-se tanto a ações que foram/são/serão realizadas uma só vez, mas não se sabe dizer se terminaram/terminarão, quanto a ações habituais ou de sentido progressivo (“eu estava vivendo um romance tranquilo”, “eu viverei um romance tranquilo”, “eu vivo/estou vivendo um romance tranquilo” e “eu vivo romances tranquilos”). É assim que se emprega o verbo *perejivát* e a palavra *perejivânie*: para significar a vivência de conteúdos de finalização incerta, seja sua ocorrência habitual ou não. A inconclusão é, portanto, um aspecto ineliminável desses vocábulos⁷ (Universidade de Denver 2006; Wikipedia 2006a). Fato interessante, considerando-se também que o verbo rege acusativo, ou seja, exige como complemento um objeto direto. Nesse sentido, aproxima-se do português.

Schnaiderman afirmou que há dois significados para os verbos *переживать* – *пережить* (e *perejivânie*): um coloquial (que exprime

6. Também existem verbos perfectivos em português. Segundo Schnaiderman (comunicação pessoal, 8/12/2006), um exemplo de par de verbos perfectivos-imperfectivos seria “dizer” (determinado: “ele disse que iria jantar”) – “falar” (indeterminado – “ele fala muito”). Contudo, enquanto na língua portuguesa essa distinção não chega a ser muito relevante, na língua russa ela é fundamental.

7. Existem outras sutilezas gramaticais: na voz passiva, por exemplo, é comum utilizar verbos imperfectivos.

a ideia de sofrer ou padecer) e um culto (viver = passar algum tempo, experimentar, passar por), este, mais fiel à etimologia da palavra. Para Schnaiderman, foi nesse último sentido que Vigotski utilizou os termos. *Pereživânie* é um substantivo originado do verbo, ou seja, é criado pelo que, em português, chamamos de derivação anômala (pois normalmente são os substantivos que dão origem aos verbos), designando, como afirmou Bezerra, o resultado (vivenciamento) dos atos de vivenciar (vivências). Mas “vivenciamento” é exclusividade de Bezerra, e não encontramos essa palavra em nenhuma outra tradução de Vigotski.

Esses meandros sintático-semânticos (exceto pela intensidade dos sentimentos) orientam-nos na interpretação dos textos vigotskianos, podendo ser-lhes atribuídos sem grande dificuldade. Por exemplo: no livro *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca* (Vigotski 1999f), é possível perceber que a vivência pode estender-se ao passado e ao futuro da existência humana, presentificando elementos importantes na orientação de nossas ações. Substantivo abstrato que delimita um processo psicológico que envolve sujeito e objeto numa relação imediata, o vocábulo pode hospedar diversos conteúdos mentais e ser permeado por qualidades variadas (“vivências estéticas”, “vivências complexas”, “a vivência de uma obra”, “vivências de si” etc.).

Num único texto (Vigotski 1971), o termo traduz-se como *feeling* ou se suprime. Como as origens da palavra estão relacionadas à ideia de “vida”, “vivência/vivencia”, segundo Schnaiderman (comunicação pessoal, 8/12/2006), aqui se defende que “vivência/vivencia” é uma tradução adequada para o português/espanhol, embora a intensidade emocional associada ao vocábulo original – à parte as modificações de sentido empreendidas por Vigotski – também se perca nessa tradução.⁸

Há uma implicação entre vivências e emoções, tanto na obra de Vigotski como na língua russa utilizada coloquialmente. As vivências, na língua russa, não são experiências indiferentes. Envolvem

8. Outras traduções causam dúvidas: nas norte-americanas, *pereživânie* aparece como *experience* (Vigotski 1998a) ou *emotional experience* (Vigotski 1994b).

necessariamente qualidades emocionais, sensações e percepções, acarretando uma imersão do sujeito no mundo.

Vigotski e as fontes de A tragédia de Hamlet. Estrutura e conteúdo da obra

Foi, então, num cenário político no qual o marxismo tinha um alcance restrito, em comparação com o período pós-revolucionário, que Vigotski escreveu *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca* (1916).⁹ Nela, há predomínio da influência simbolista. Entre diversas outras fontes teóricas, sobressai-se o pragmatismo de W. James. O sionismo pode ser apontado como influência possível, embora não comprovada, conforme será explanado mais adiante.¹⁰

Embora o vocábulo vivência e suas derivações apareçam pela primeira vez em *A tragédia de Hamlet* (1999f), não se pode considerar esse livro como obra de psicologia, mas um trabalho de crítica literária. Apesar disso, Vigotski comenta temáticas de interesse para a psicologia e para alguns de seus fundadores: a vivência da obra de arte pelo leitor, os sentidos do texto literário e a dialética emocional particular revelada na obra, entre outros assuntos. Freud, James, Wundt, Groos, Blonski, K. Bühler e outros são convidados ao diálogo com Vigotski, especialmente no prefácio e nas notas da obra.

O livro sobre o Hamlet é produção de um jovem da *intelligentsia* russa. Segundo seu próprio autor, pretende-se orientado ao futuro do

9. Supostamente redigido em 1915, com complementações em 1916; parte em Gomel, parte em Moscou (Van der Veer e Valsiner 2001, p. 32), o livro *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca* tem uma edição brasileira de 252 páginas (incluindo algumas notas de Vyacheslav Vsevolodovich Ivanov) e poucas categorias teóricas no corpo do texto.

10. Outras fontes tangenciam esporadicamente o sentido da palavra vivência (*pereživânie*). Exemplo: Chestov e sua referência às “vivências complexas” que medeiam a aquisição de consciência sobre a necessidade desta ou daquela atitude (Vigotski 1999f, p. 198).

pensamento literário; não se trata de uma exegese, mas de uma crítica diletante, de leitor, uma tentativa de livrar a peça shakespeareana do ruído dos especialistas, resgatando o frescor de seu impacto por meio da vivência do crítico (Bezerra 1999). Trata-se de certo mergulho no “Hamlet”. Entretanto, o autor não defende *l’art pour l’art*, ou seja, uma crítica autorreferente, que se esgota em si mesma. Vigotski tece ideias e conjecturas sobre os motivos pelos quais trabalha o crítico, entre eles, aqueles que o projetam num determinado laço social: o da partilha da dúvida e da busca de uma “sensação comovida” em comum com o leitor, como apregoava Tieck. Todavia, pelas influências indicadas mais adiante, essa obra pode ser considerada condizente com o período tsarista e não com o futurismo ou o acmeísmo (ver nota 31), próprios ao mundo pós-revolucionário, que já ganhavam espaço nas artes russas.¹¹

A ideia de vivência para o Vigotski de *A tragédia de Hamlet* (1999f) designa apreensão e reconstituição ativa da obra pelo leitor, desencadeada pelo forte impacto da leitura. “Vivência”, principal categoria teórica do livro, também se refere à vida interna das próprias personagens, perpassada por intensa afetividade. A revisão bibliográfica vigotskiana concentra-se no prefácio e nas notas da obra, em que o texto de Vigotski se torna uma crítica literária tradicional (e profissional), um debate com os anteriores comentadores do Hamlet (Vigotski 1999f, pp. 187-247). Falta sistematicidade às notas do bielo-russo, embora, tal como pretende o autor, elas sejam perpassadas por uma visão unitária (Vigotski 1999f, pp. XXXI-XXXIX).¹² Quanto ao prefácio da obra, este

11. “Será que o crítico repetiria ‘mihi ipsi scripsi’ com Nietzsche, será que concordaria com Daudet, que escreve ‘no fim das contas só para a multidão’ por considerações práticas, ou faria como ‘o homem ridículo’ de Dostoiévski, para quem era ‘difícil conhecer sozinho a verdade’?” (Vigotski 1999f, p. XXXVIII). Esclarecimento: Johann Ludwig Tieck (1773-1853) foi poeta romântico alemão, tradutor, editor, novelista e crítico (Wikipedia 2006b).

12. Este nos avisa que o critério de disposição dessas notas se refere mais às condições subjetivas do trabalho de leitura (seleção de livros, impressões etc.) do que às exigências objetivas do tema. Isso gerou uma série de comentários diversificados, às vezes desordenados, mas muito ilustrativos da atmosfera geral em que Vigotski produziu.

era considerado como introdução a uma trilogia de estudos dedicada ao problema artístico-religioso do Hamlet (sendo que os dois outros textos previstos nunca foram escritos). Certa teologia sem deus, nesse aspecto vagamente similar à filosofia de Walter Benjamin, impregna todo o trabalho. Há mistério, mas não há um deus que lhes atribua sentido: deus está morto.

As palavras vivência e vivenciamento, no singular ou plural, dispõem-se em 15 páginas. Emoção, sentimento, estado de ânimo, paixão e suas derivações – como sentir, apaixonar-se, emocionar-se – aparecem em pelo menos 46 páginas,¹³ embora todo o texto seja atravessado pela descrição das emoções particulares das personagens (medo, culpa, amor, tristeza etc.), nas vibrantes cordas do pressentimento e da sensação. Nenhuma dessas categorias recebe uma conceituação explícita no texto, mas todas têm nuances predominantemente simbolistas (particularmente do simbolismo russo). Contudo, vale a ressalva: a palavra “vivência”, segundo Bóris Schnaiderman (comunicação pessoal, 8/12/2006), foi muito utilizada no período em que prevaleceu o simbolismo, mas não apenas pelos simbolistas. Em Vigotski, além de haver referência a muitos simbolistas, existem vários outros críticos mencionados por ele: há uma lista de 163 referências bibliográficas ao longo de sua obra, havendo muitas outras que não aparecem na lista final da bibliografia.¹⁴

13. Vivência e outras derivações próximas de *jít*: páginas XXV, XXXVII, 20, 39, 40, 65, 70, 90, 132, 136, 170, 179, 185, 186 e 225. Palavras como emoção, sentimento, estado de ânimo, paixão e suas derivações: páginas XXVI, XXVII, XXXVI, XXXVII, 10-11, 17, 35, 40, 43, 53, 70, 79, 81, 82, 87, 89-91, 95, 98, 107, 109-111, 114, 116, 118, 120, 131, 133, 138, 146-148, 151, 170-172, 179, 185, 195, 202, 205, 247. Experiência e vivência aparecem como sinônimos. E mesmo a palavra “experiência mística”, tal como ela é usada por James, é modificada para “vivência mística” (ao menos na tradução editada pela Martins Fontes – Vigotski 1999f, páginas XXV, 11, 18, 98 e 185).

14. Exemplos: Ivantsov, Nikolaiev, Rozanov, V. Soloviov e Govorukha-Otrok, autores pouco conhecidos no Brasil. Foge aos objetivos deste trabalho uma pesquisa detalhada sobre todas essas referências, mas buscamos analisar qual efeito global elas tiveram. O professor Bóris Schnaiderman orientou-nos sobre vários

Logo no prefácio da obra, “vivência” serve para delimitar a própria tarefa que o crítico se impõe:

E é possível que, recorrendo à leitura da tragédia, à sua percepção artística integral, o leitor ouça em seu som o que nós ouvimos. *Só* assim é possível transmitir a emoção do crítico; sua meta é direcionar a percepção de algum modo (...) O resto fica com o leitor: vivenciar nessa direção, nesses tons (entonações), a tragédia. De sorte que esse estudo é apenas o direcionamento da emoção, o seu tom, apenas os contornos da sombra lançada pela tragédia. E, se pela vivência (sonho) artística o leitor perceber a tragédia nesse sentido, nesses tons, a meta do estudo estará realizada e a inefabilidade do pensamento do crítico verterá e submergirá no silêncio elevado e infinito que cerca as palavras da tragédia e conclui o seu mistério. (A inefabilidade e o silêncio são as duas “intradutibilidades” de que já falamos: verter não é a mesma coisa: inefabilidade é deficiência, é prejuízo, depreciação do sentido, definhamento do espírito, sua incompletude..., que é preciso superar; o silêncio é um excedente, a plenitude, a conclusão do pensamento, o mistério, o que é preciso aceitar.) (Vigotski 1999f, p. XXXVII; grifos do autor)

E, nas considerações do ensaio:

E, se o enigmático e o inatingível da obra apenas saíram reforçados dessa sua interpretação, já não se trata de seu enigmático e de sua ininteligibilidade anteriores e iniciais, decorrentes da obscuridade externa da tragédia e que se tornaram obstáculo a sua percepção artística, mas de uma sensação nova, profunda e abissal do mistério decorrente da percepção dessa peça. A meta do crítico se reduz integralmente a sugerir certa orientação para a percepção da tragédia e tornar possível essa orientação precisamente nesse sentido; a conclusão que o leitor tirar como resultado de sua vivência estética com base nessa orientação já é um problema que sai dos limites da percepção limitada e rigorosamente estética da peça. (Vigotski 1999f, p. 179)

autores e tendências estéticas; pesquisamos também no Google e na biblioteca da FFLCH-USP. Acrescentaremos dados biográficos sobre os autores sempre que eles apresentarem uma influência significativa no livro de Vigotski.

Vigotski, de modo similar à poesia simbolista (*ibidem*, p. XXVI), assumiu o propósito de conduzir seu leitor a uma determinada *vivência da tragédia*; pretendeu direcionar nossa emoção e nosso discurso interior para lermos, com ele, o *seu* Hamlet. E, provavelmente sob a inspiração de V.I. Ivanov e Biéli (ver nota de rodapé número 15), como um espelho que mira outro, apontando, por sua vez, na direção do leitor, Vigotski procura produzir-nos uma vivência da peça similar à dele próprio. O livro é a expressão escrita da vivência de um leitor inteligente que cria sua própria linguagem em interação com a peça admirada. Apoiando-se em Tieck, Vigotski defende que a tarefa da crítica estética é a de transmitir impressões, de provocar uma sensação comovida perante a obra (*ibidem*, p. XXV). Com Oscar Wilde, entende que há dois meios de não amar a arte: não amá-la ou amá-la racionalmente,¹⁵ e que transmitir suas próprias impressões é a tarefa fundamental do crítico.¹⁶ Este é um meio apropriado de descoberta das leis da peça, de mostrar seu movimento sem que fosse preciso transferi-las para a linguagem dos conceitos lógicos; bastaria sentir seu efeito (*ibidem*, p. XXXIII).

Apoiando-se em Aikhenvald e Wilde (Vigotski 1999f, p. XXI), Vigotski trata a recepção estética como recriação e reprodução da

15. Vigotski mudará radicalmente de posição posteriormente (2001c), afirmando que a arte se funda em emoções inteligentes.

16. O impressionismo nasceu na pintura da segunda metade do século XIX; o simbolismo, na poesia de Baudelaire, Mallarmé, Rimbaud e Verlaine. Os impressionistas buscavam uma expressão artística que não estivesse focada na razão nem na emoção, mas que refletisse as impressões da realidade como sensações (Zanchetta 2004). Na literatura, tendia a valorizar as associações livres e um retrato interno das personagens, sem muitos julgamentos do autor. Apoiando-se na obra de Castagnino, Antônio (s./d.) afirma que o impressionismo apresenta o objeto tal como ele é visto e sentido num determinado momento. Autores como André Gide, Marcel Proust, Paul Verlaine, Arthur Rimbaud, Henry James, Joseph Conrad, Anton Tchecov escreveram obras de cunho impressionista. O impressionismo capta os fatos exteriores sem correlacioná-los a uma causa ou efeito, preferindo as formas impessoais, as construções nominais, as sinestesias. A materialização do abstrato, do imaterial, é outra tendência impressionista, o que pode ser comprovado pela leitura de Biéli. Há certo clima impressionista na literatura russa dessa época.

obra pelo leitor. Vemos que a vivência não é, tal como o autor declara, meramente uma apreensão espontânea do mundo; pode tratar-se também de um fenômeno orientado pela linguagem, dirigido por uma intencionalidade comunicativa (aí podemos identificar a influência de V.I. Ivanov e Biéli). Vigotski deixa claro que o seu Hamlet guarda relações com o texto real, mas não se reduz a ele: o autor não chega, por exemplo, a explorar a comicidade de muitas passagens da peça, como a conversa do príncipe com os coveiros, no Ato V.

Vivenciar é participar de uma realidade impactante, apreendida pelo sujeito sem julgamento *a priori* – no caso da peça, um drama complexo, pois Hamlet vivencia não o mundo de aparências que o cerca, mas aquele revelado pelo espectro (que, além de assassinado pelo próprio irmão, diz expiar culpas no fogo do inferno). Contudo, as angustiadas vivências de Hamlet como herói trágico não refletem um universo egocêntrico, solipsista: é angústia existencial produzida pelo próprio enredo, em interação com a complexa personalidade do príncipe.

O sofrimento de um Hamlet na encruzilhada de dois mundos, *aqui e o além*, é o tópico mais explorado pelo jovem crítico. O livro de Vigotski é permeado por impressões lúgubres: podemos dizer que se trata de uma fenomenologia (entendendo simplesmente “fenomenologia” como descrição da experiência suscitada pela peça) da tragédia de Hamlet feita por um Vigotski identificado com o infeliz protagonista.¹⁷ Conforme Bezerra (1999, p. XIV), o objetivo do livro é levar o leitor a uma relação de profunda intimidade com a obra de arte, vivenciando-a, recriando-a na sua interioridade afetiva, como fruidor e veículo da emoção estética.

O inefável apresenta-se na consciência do crítico de arte, dos leitores, das personagens e dos próprios autores. Esse é o único texto vigotskiano de tendência irracionalista, no que saibamos. Mas seu irracionalismo tem algo de paradoxal: embora bastante marcada, a

17. Para esse perfil lúgubre, pode ter contribuído a montagem do Hamlet em 1911 pelo Teatro de Arte de Moscou, em que o sublime ator Katchalov centrou sua representação na terrível dor do príncipe (baseado em V.V. Ivanov 1999, p. 207).

linguagem obscurecedora e poética convive com muitos artifícios racionais dirigidos à compreensão da obra: trata-se de uma análise minuciosa do enigma hamletiano e das razões de seu impacto no leitor da peça, ao mesmo tempo em que o próprio texto de Vigotski diligencia por impactar-nos. Vigotski é um irracionalista racionalista.

Tanto nesse livro de 1916 quanto no posterior capítulo sobre o Hamlet em *Psicologia da arte* (2001c, pp. 273-301), o autor sublinha o caráter enigmático da peça. Identifica uma série de aparentes incoerências no decorrer da obra, concentrando-se num problema principal: *por que Hamlet demora tanto para agir (ou seja, para matar Cláudio, seu tio, que ele crê ter assassinado seu pai)?* A partir disso, queixa-se de duas intradutibilidades no seu trabalho crítico: uma é a do véu desenhado sobre a própria tragédia (Vigotski 1999f, p. XXXIV), que paira sobre ela, mas não pode ser visto.¹⁸ Outra é a da deficiência da própria impressão ou simplesmente a inabilidade de escrever que assola o crítico (a angústia que separa o pensamento da expressão). Tal ideia coincide com uma das teses centrais de Vigotski sobre a estrutura da peça: *Hamlet* é produto artístico construído com duas camadas de sentido. Trataremos desse assunto mais adiante.

O problema da inefabilidade – tipicamente simbolista e fenomenológico, embora presente também em William James – e a difícil transição entre pensamento, emoção e palavra estreiam, assim, na obra vigotskiana.¹⁹ O simbolismo presente no jovem Vigotski permeia sua apologia à indizibilidade do Hamlet, às sublimes vivências produzidas

18. Impedir que ela fosse julgada como uma obra “sem pé nem cabeça”, mas adquirindo um sentido mais profundo, silencioso e pleno, é o que Vigotski desejou: o “enigmático e o inatingível da obra apenas saíram reforçados dessa sua interpretação” (Vigotski 1999f, p. 179).

19. Como exemplo dessa tendência simbolista, destacamos Tiúttchev, para quem “até o pensamento articulado é mentira” (Vigotski 1999f, p. XXX). E, a respeito do papel simbólico da obra de arte, seguindo V.I. Ivanov, Vigotski entende que o crítico não consegue resolver o inefável do sopro trágico: este é o verdadeiro traço da criação simbólica (*ibidem*, p. XXVI). Abordamos o tema de forma mais aprofundada em Toassa (s./d.).

pela peça, compreendidas como místicas. Essa apologia não se repete em *Psicologia da arte*, texto em que o autor, mesmo ao comentar críticos mencionados em 1916, preocupa-se exclusivamente em provar, na esteira de sua tese geral sobre as reações estéticas, que a contradição entre fábula e enredo responde pela demora de Hamlet em assassinar Cláudio.

Comparando *A tragédia de Hamlet* com as características da poesia simbolista russa expostas em Andrade (2005, pp. 150-151), podemos dizer que, tal como o simbolismo, o texto vigotskiano valoriza o conhecimento intuitivo e divide a experiência em exterior (empírica) e interior (esotérica). A imagem simbólica serve como mediação entre a essência e o fenômeno, a experiência interior e a exterior, o conhecimento da realidade exterior harmoniosamente reencontrado – mera aparência – e o da substância interior que recupera o olhar místico. Vários autores simbolistas são mencionados nesse livro, com destaque para Ivanov e Biéli, autores que já haviam trabalhado com o vocábulo “vivência” (*pereživânie*) no campo da estética, num sentido semelhante àquele atribuído por Vigotski.

A maior presença do simbolismo tem uma razão histórica: segundo Andrade (2005, p. 144), o auge dessa concepção estética concentrou-se entre 1890 e 1910; época quase coincidente com os anos de formação de Vigotski e que entrava, pois, num processo de decadência em 1915-1916, quando o autor escreveu seu ensaio sobre Hamlet. O simbolismo impactou profundamente a cultura russa, de forma muito mais significativa do que noutras plagas: com ele, renasceu a poesia após um longo ciclo de maior produção em prosa (que incluía Dostoievski, Tolstoi, Turgueniev etc.). Conforme Schnaiderman (comunicação pessoal, 8/12/2006), no país dos mujiques, o simbolismo apresentou-se na ficção, no ensaio e até na filosofia.²⁰ Afirmou-se pouco antes da Revolução de 1905, começando

20. Segundo Namura (2003, p. 78), Ivanov e Biéli, além de Blok – o qual deixou o simbolismo nos anos 1910 –, foram bastante conhecidos por Vigotski. Além das referências aos autores em *A tragédia de Hamlet*, podemos encontrar muitos exemplos dessa relação: no problema da criação, Biéli (2005, p. 252) comenta que o impressionismo significa o “olhar sobre a vida através do prisma das vivências”.

a declinar nos anos seguintes, sob o ataque das críticas formalistas e futuristas. Tinha raízes na eslavofilia, com tendência tanto para o idealismo religioso quanto para certo nietzscheanismo (Andrade 2005). O que, considerando-se o ateísmo de Nietzsche, não deixa de ser uma mistura curiosa, tipicamente russa, terra de discussões místico-religiosas muito profundas e tradicionais vínculos com a cultura alemã (é necessário lembrar que as universidades russas se constituíram tendo as alemãs como modelo, conforme Berdiaev 1951). Vigotski gerou sua própria crítica literária no entrecruzamento dessas curiosas tendências, que se provavam heterogêneas em seu conteúdo e em sua composição social, pois ele próprio era de origem judaica e alguns dos principais autores eslavófilos – como Biéli – apregoavam o antissemitismo. O também judeu Leon Davidovich Trotski (1980, pp. 28-29) fez combate ao simbolismo: para ele, as raízes deste estavam nas forças reacionárias do Império, as quais se opunham ao realismo do século XIX. Mas Trotski não citou Vigotski, que, assim parece, não chegou a ser reconhecido como crítico simbolista nos tempos do Império Russo.

O olhar vivencial por si só já seria um olhar artístico. A vivência transforma o mundo, reconstruindo-o de modo muito pessoal e tendo na arte uma possível síntese desse mergulho. Quando o artista aprofunda-se em si, aprofunda-se na arte. O aprofundamento e a transformação das vivências que compõem a seleção estética pressupõem uma norma de arte; o fluxo de criação em que se aprofunda o artista é o lugar onde tal norma se realiza. Quanto ao problema da recepção da arte, Viatcheslav Ivanov entende que o impressionismo deve ser composto por combinações de imagens visuais, auditivas e outras; que deveriam fazer soar, na alma do ouvinte, o acorde dos sentimentos que inspiraram o artista, impulsionando-o à coletividade da recepção (Ivanov 2005, p. 218). Diz o autor: “O simbolismo idealista é um monólogo musical; o simbolismo realista, em sua última essência, é o coro e a dança de roda” (*ibidem*, p. 219). Bezerra (1999, p. X) identifica, em Vigotski, ecos de Ivanov, autor para o qual o símbolo é inesgotável e polissêmico. O próprio Vigotski elogia Maeterlinck, filósofo e dramaturgo do simbolismo moderno, para quem, na doutrina do diálogo inaudível, há um segundo drama no interior das coisas, um duplo sentido dos fenômenos no drama. Vigotski observa que o Hamlet é o ideal da nova tragédia simbolista (Vigotski 1999f, p. 196). Schopenhauer, Werder, Goethe e suas respectivas concepções de tragédia são convidados para o debate com Maeterlinck.

Van der Veer e Valsiner (2001) afirmam que Vigotski assistiu à montagem simbolista do *Hamlet* (que teve sua estreia no Teatro de Arte de Moscou, em 1911), a qual foi dirigida por Gordon Craig com o auxílio de Konstantin Stanislavski. V.V. Ivanov (1999, pp. 187, 192) identifica em Vigotski (1999f) tanto influências dessa montagem – suprimidas da *Psicologia da arte* (2001c) – bem como da *Minha vida na arte* (obra de Stanislavski). O próprio autor (1999f, p. 207) reconhece a influência da montagem, embora aponte discordâncias (que ele não esclarece) para com ela. Essa montagem ficou célebre mundialmente, deixando marcas profundas na construção dos símbolos no teatro moderno (Cavaliere e Vássina 2005, pp. 140-141): se o simbolismo ligava-se, pelo conteúdo, ao passado russo, pela forma criou uma experimentação teatral e artística intensiva, dirigida a uma mudança radical da arte teatral e sua semiótica, com um diálogo intenso entre religião, filosofia, literatura, música, arquitetura, pintura e escultura. Foi a escola que impulsionou o movimento modernista na Rússia.

Embora a influência simbolista seja predominante no livro sobre o *Hamlet*, não podemos desprezar a importância das outras fontes teóricas. Tratem-se de duas delas:

- *o pragmatismo*: o *Hamlet* de Vigotski é perpassado por muitas notas e comentários relativos ao livro *A experiência religiosa. Ensaio de psicologia descritiva*, do pragmatista William James (1906). A influência desse autor na forma como Vigotski trata o tema da inefabilidade das experiências místicas é bastante nítida numa longa citação de James (cf. James 1906, pp. 324-363; Vigotski 1999f, pp. 225-226) destinada à descrição psicológica desse tipo de experiência.
- *o sionismo* (cuja expressão russa é explanada por Brenner 1984): conforme já foi mencionado, acredita-se que Vigotski tenha participado de círculos de ativismo sionista na graduação, com discussões místico-religiosas que podem ter marcado os primeiros anos de seu pensamento. A cultura tradicional

judaica, ainda viva na família do autor, pode, até certo ponto, ter-se amalgamado ao ideário simbolista. Especialmente nas notas do livro, Vigotski mostra um considerável conhecimento bíblico.

O livro sobre o Hamlet nasceu, pois, no provável entrecruzamento dessas leituras. Aparentemente, poucas tragédias foram tão minuciosamente comentadas na crítica literária russa (daí a surpreendente desenvoltura do juvenil Lev Semenovich Vigotski ao fazer o mesmo). O enigma central da peça, a demora de Hamlet em agir, é interpretado, nas notas de Vigotski, por profundas e apaixonadas inquietações religiosas, típicas da cultura russa, com a morte, a redenção e o além da vida, com o papel da vontade humana e o da Fortuna. Sendo o desenvolvimento do enredo do Hamlet um objeto de análise em que tais dilemas são vitais, Vigotski neles insiste à exaustão.

A inação do protagonista dever-se-ia a todo o conjunto da obra, inclusive ao fio místico que liga o príncipe ao além (Vigotski 1999f, p. 95). O crítico analisa, também, a técnica teatral que produz duas profundidades, criando a inefabilidade; e os dois sentidos básicos, um superficial e outro profundo, para a peça. Eles lhe seriam conferidos:

- pela *fábula* (a sequência dos acontecimentos, o desenvolvimento da ação, a intriga, a catástrofe), arranjada como um enredo, e *as personagens*. Essa primeira camada de sentido consiste na disposição das frases numa narrativa, no encadeamento dos fatos; no que está declarado e não subentendido;
- pelo *clima invisível* da tragédia, sua lírica e música, seu tom, seu ânimo místico:²¹

21. O irracionalismo presente no livro sobre o Hamlet acaba por admitir a existência de causalidades mais profundas e abrangentes para a vida humana, além daquelas conscientes e declarativas. Assim são Nietzsche, Schopenhauer e Soloviov (Vigotski 1999f, pp. XXVI, 196, 238).

o mais importante na tragédia não é o que acontece em cena, o que se vê e é dado, mas o que está suspenso (...) o que se experimenta e se sente por trás dos acontecimentos e das falas, aquele clima invisível do trágico que pressiona constantemente a peça. (Vigotski 1999f, pp. 10-16)

Esse é o seu segundo sentido, feito de ressonâncias, revérberos, narrações, visões, cantos etc., e cada personagem o adquire se diante dela houver outra personagem que lhe sirva de espelho. As palavras são os véus que escondem os sentidos; o irracional por detrás do racional. A enigmática loucura do príncipe Hamlet, por exemplo, é vista por Polônio como paixão desenganada por Ofélia; pelo rei, como fato suspeito, perigoso; pela rainha, como pesar pela morte do pai e o posterior casamento dela com o tio do príncipe.

Os monólogos de Hamlet são, para Vigotski, fragmentos das vivências do príncipe, fonte principal da criação de tantas possíveis interpretações para a peça. Não são nem o princípio nem o fim de suas reflexões, mas oferecem um quadro aproximado do mundo interior do protagonista, escondido atrás da espessa cortina das aparências do texto (Vigotski 1999f, pp. 39-40). Essas vivências surgem logo que ele descobre, por meio do espectro do pai, que este fora assassinado pelo tio. Elas não têm relação com a realidade imediata na qual se dão, mas com o sentido dela para o protagonista – são completamente desconexas quanto ao seu mundo concreto (*ibidem*, p. 81), tal qual a própria aparição do espectro. Aos dois mundos externos (o aqui e o além) passam a corresponder dois mundos internos (o imediato e o existencial). Sua vida está dissociada: Hamlet produz dois diálogos – um externo (quase sempre ambíguo) e um interno (consigo próprio). Entregue a uma outra consciência, lutam nele o racional e o místico; o consciente e o condicionado; vemos uma cortina que esconde seus sentimentos, suas disposições, emoções e estados de ânimo. De um lado, há o drama externo; de outro, o interno, cujos efeitos políticos são profundos – componente essencial de qualquer tragédia. As vivências do príncipe, complexo estado mental, determinam a própria evolução dos acontecimentos, formando com eles um todo. Sem eles, seria impensável o complexo andamento da fábula.

O livro sobre o Hamlet mostra uma concepção estética bastante definida, mas não tenta, como em a *Psicologia da arte* (2001c), extrair métodos ou pensar as características da reação estética. Essa crítica de leitor foi, entretanto, um importante precedente para que Vigotski formulasse seu “método analítico-objetivo” da reação estética, o qual mantém a forma minuciosa da análise aplicada no livro. O futuro conceito de reação estética, como veremos no momento apropriado, é muito próximo do de “vivência estética” empregado em 1916.

A tragédia de Hamlet contém algumas referências a Marx e Engels (Vigotski 1999f, p. 243). São, no entanto, esteticamente irrelevantes. Existe um vácuo de traduções de Vigotski entre 1916-1924, razão pela qual não temos meios de analisar rigorosamente a evolução da obra do autor, mas, quanto aos textos traduzidos para o espanhol e para o inglês, podemos considerar que passam a ter um recorte teórico-metodológico marxista a partir de 1924, quando Vigotski assume um posto no Instituto de Psicologia de Moscou. Conforme A.N. Leontiev (1986), o bielo-russo mostrava afinidade política para com as posições marxistas já entre 1916-1917, quando publicava resenhas no jornal *Letopis*, da esquerda socialista, e iniciava os estudos para a obra *Psicologia da arte*. Tais resenhas defendiam o realismo de Gorki e atacavam o simbolismo, negando as referências estéticas anteriores do autor e mostrando o embrião de seu interesse por problemas de psicologia da arte. Vigotski passou a criticar o antissemitismo e o antipsicologismo de Biéli. E não foi o único: segundo A.M. Etkind (1994), vários outros jovens autores do princípio do século transitaram do simbolismo para outras concepções estéticas, embora conservando elementos de sua influência. O futurismo (de Maiakovski, Khlebnikhov, Burliuk, Ossip Brik, Kamienski etc.), o acmeísmo (de Mandelstam, Anna Akhmatova) e a teoria formalista (de Shlovski, Jakobson, Jirmunsky, Eikhenbaum) eram as novas perspectivas fervilhantes na literatura e na linguística russas.²² Segundo Vygodskaya

22. Schnaiderman (1971) afirma que a exaltação do urbano, do movimento e da máquina, as bravatas contra os clássicos aproximavam o futurismo russo do italiano. Seguindo Ripellino, Schnaiderman defende que o futurismo russo afastava-se do

e Lifanova (1999, p. 55), o período em que o autor voltou a viver em Gomel após a sua graduação foi muito fértil nos campos da educação pública, da cultura, da atividade científica e da arte.

Ainda que *A tragédia de Hamlet* (1999f) seja um trabalho de crítica literária, Vigotski traz contribuições importantes para o entendimento dos processos psicológicos desencadeados pela arte.

italiano pelo seu repúdio ao imperialismo, sua aversão pela guerra e pela procura dos verdadeiros processos de formação linguística, que levassem à construção de um sistema literário de cunho predominantemente racionalista. Em Maiakovski, Schnaiderman identifica uma concepção de linguagem simples e dinâmica, cuja fonte estava nas ruas e no cotidiano. Abolem-se as fronteiras entre os gêneros de discurso, bem como entre poesia e prosa. O acmeísmo era uma tendência, até certo ponto, contrária. Segundo Bristol (1999, p. 425), opondo-se ao futurismo, ele aceitava a herança simbolista; como o futurismo, rejeitava o misticismo na literatura. Os autores foram apelidados também de neorrealistas e neoclássicos, em razão da forma como o imagético surgia em suas obras. A “Guilda dos Poetas”, em São Petersburgo, foi o núcleo do movimento acmeísta, em sua maioria composto por pessoas anteriormente próximas ao simbolismo. Ossip Mandelstam, amigo de Vigotski, foi o principal poeta acmeísta.

3

A PSICOLOGIA NA RÚSSIA TSARISTA E O INSTITUTO DE PSICOLOGIA DE MOSCOU (ANOS 1910 E INÍCIO DOS ANOS 1920)

A principal cidade do Império Russo foi São Petersburgo (nomeada Leningrado de 1924 a 1991), sede do governo, embora houvesse outras importantes nas ciências, nas artes e no pensamento. Contudo, a capital da República Russa e da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) veio a ser Moscou. Nela, Vigotski e seus colaboradores emergiram com uma nova teoria psicológica numa ordem social revolucionária. De modo brevíssimo, pretende-se explicar o contexto histórico de formação da psicologia histórico-cultural.

Tchelpanov, cuja psicologia experimental tinha fortes afinidades com o introspeccionismo de Titchener, foi diretor do Instituto de Psicologia de Moscou entre os anos de 1910-1923, gerindo o instituto e permitindo que proliferassem outras tradições europeias na área da psicologia, além das iniciativas teóricas de pesquisadores do próprio instituto. Segundo Van der Veer e Valsiner (2001, pp. 127-135), Tchelpanov foi sendo identificado com o atraso do povo russo, com o

conservadorismo do extinto império, que acreditava na primazia da ideia sobre a matéria; na alma e em sua imortalidade. Blonski, também ex-aluno de Tchelpanov, ativista da área da educação e eminente pedólogo, foi o primeiro a defender a construção de uma psicologia marxista no texto “Ensaio de psicologia científica” (1921).¹ O cerco foi-se apertando em torno de Tchelpanov que, em novembro de 1923, foi forçado a se aposentar, sendo substituído por Kornílov na direção do instituto. A captura do aparelho institucional tornou-se vital para a formação da Escola de Vigotski, pois vários professores foram exilados, destituídos do cargo ou demitidos por Kornílov. Foi possível, entre 1922-1928, a integração imediata de pesquisadores jovens e talentosos de diversas cidades do país, como era o caso de Vigotski, Luria e Leontiev (a chamada *troika*), todos na casa dos 20 anos de idade.

Não imaginemos que, no instituto, houvesse grandes condições para o desenvolvimento do ensino e da pesquisa. Mas foi ali o cenário de encontro dos novos pesquisadores, cujas bases de pesquisa e reflexão estenderam-se à Academia de Educação Comunista, ao Instituto de Defectologia e à convivência no tempo livre.²

De modo geral, a adesão político-ideológica dos jovens intelectuais (bem como de artistas, pensadores e do próprio operariado) ao projeto revolucionário foi entusiástica. A teoria histórico-cultural, cujo núcleo foi

-
1. Aparentemente, dois impulsos externos imediatos foram importantes no crescimento do marxismo na psicologia: a fundação do Instituto de Professores Vermelhos, liderada por Mikhail Pokrovski, que buscava constituir a hegemonia bolchevique nas universidades (respaldado pela própria Academia de Ciências, diretamente ligada ao Comitê Central do PCUS), e o decreto de Lenin “On the significance of militant materialism” (1922), o qual incentivava a refundação das ciências russas sobre bases marxistas.
 2. A renomeação dos institutos, dos laboratórios, o fechamento e a abertura de órgãos estatais foram uma constante na história da psicologia soviética, especialmente nos anos 1920 e 1930, gerando uma grande instabilidade profissional para os pesquisadores. Suas condições de vida eram precárias: Vigotski, por exemplo, morou por vários anos num cômodo do subsolo do Instituto de Psicologia de Moscou (Knox 1996, p. 23).

criado por Vigotski e Luria – com a participação de outros colaboradores –, é parte do rico florescimento de ideias nos anos 1920, especialmente após a Guerra Civil (1918-1921). O trabalho foi impulsionado pela criação de um Estado proletário, que se desvirtuou consideravelmente das diretrizes marxianas durante o apogeu do stalinismo. Contudo, a atmosfera de relativa abertura política nos anos 1920 é determinação fundamental para compreendermos o tipo de marxismo praticado pela Escola de Vigotski: um marxismo ocidentalista (e não eslavófilo, pois não defendia a superioridade russa ou seu isolamento perante o resto do mundo), em vivo debate com as ciências e as artes ocidentais, universalista e desprovido de patriotismo, como era o bolchevismo em suas origens.³ Destaque para a influência trotskista sobre o círculo de Vigotski (conforme E. Etkind 1987, p. 28, e Bauer 1952, p. 55).⁴

Vigotski concebeu as linhas gerais de seu projeto de psicologia histórico-cultural em 1928, com o texto “Problema kul’turnogo rebenka” (Van der Veer e Valsiner 2001, p. 206). Desenvolveu-o até 1934 apesar do recrudescimento da vigilância ideológica nos anos 1930 (Bauer 1952, p. 115), quando alguns de seus pupilos, como A.N. Leontiev (*apud* A.A. Leontiev 2005), já divergiam dele. Nunca tendo recebido nenhum papel institucional importante, o autor foi sendo cada vez mais marginalizado: afastou-se do Instituto de Psicologia de Moscou em 1931, quando a

-
3. Deutscher (1970, p. 333) é dos autores que viram na *intelligentsia* russa grande receptividade às influências progressistas da arte e do pensamento europeus. Como exemplo disso, Vigotski não pegou carona na proposta do *proletkult* – organização criada em 1917, dirigida ao esclarecimento cultural, artístico e literário, que visava descartar toda a produção cultural do passado russo ou do Ocidente – nem em propostas semelhantes delineadas por outras organizações dirigidas à transformação da cultura proletária.
 4. Note-se que o próprio Trotski (*apud* Etkind 1994, p. 29) comenta que a Revolução Russa bania o “inconsciente da política”, ultrapassando, com a modernização científica proporcionada pela ditadura do proletariado, para além da barbárie. Para o autor, o pensamento e a iniciativa criativa da época deveriam dirigir-se à elucidação dos cantos profundos da natureza humana. Vigotski teria mencionado tais ideias em sua *Psicologia pedagógica*.

direção de Kornílov foi substituída por Zalkind (Van der Veer e Valsiner 2001, p. 329). Viajava periodicamente para proferir conferências e, em novembro de 1931, ano no qual sofreu as primeiras críticas públicas,⁵ recusou o cargo de diretor do Departamento de Psicogenética do Instituto Estatal de Treino de Pessoal do Comitê Popular de Saúde da República Ucraniana (Leontiev e outros de seus pupilos já trabalhavam em Kharkov, Ucrânia). Em abril de 1931 tornou-se professor de pedologia no segundo Instituto Médico de Moscou (Van der Veer e Valsiner 2001, p. 334).

Nos anos 1930, cada vez mais fragilizado pela tuberculose, terminou dois de seus principais trabalhos: “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores” (1995) e *A construção do pensamento e da linguagem* (2001a), além de pronunciar outras conferências da maior importância para o presente livro.

5. Segundo A.A. Leontiev (2005), as primeiras críticas oficiais à pedologia começaram em 1932.

4

EMOÇÕES E VIVÊNCIAS NOS TEXTOS SOBRE ARTE E PSICOLOGIA

Características gerais. Ética e função da arte

Este capítulo discute especialmente três livros vigotskianos: *Psicologia da arte* (2001c), o capítulo sobre arte contido em *Psicologia pedagógica* (2001d) e *A imaginação e a arte na infância* (1987). No primeiro livro, nascem muitas questões e hipóteses referentes às vivências e emoções, que serão trabalhadas nos textos posteriores.¹

Vigotski mudou-se para Moscou em 1924 e no ano seguinte finalizou sua *Psicologia da arte*, cuja primeira publicação data de 1965.

-
1. Os textos, apesar de suas diferentes contribuições, são diferentes e complementares, não havendo nenhuma ruptura teórica significativa entre eles, motivo pelo qual foram aqui agrupados. Outro trabalho sobremaneira importante “On the problem of the psychology of the actor’s creative work” (1932) sofreu o profundo impacto epistemológico da teoria histórico-cultural, edificada a partir de 1927-1928. Por essa razão, foi incluído entre outros trabalhos de mesmo perfil.

A.N. Leontiev (1986, p. 2) afirma que o livro reúne trabalhos feitos entre 1915 e 1922. Corroborando tal indicação, Vygotskaya e Lifanova (1999, p. 31) comentam que o livro consolida estudos de psicologia científica realizados desde a época de graduação do autor. Para nosso azar, o texto foi o único finalizado, no interior do amplo projeto que o autor planejava redigir nessa temática.² As discussões de psicologia da arte propriamente ditas passaram, gradativamente, a dividir as reflexões de Vigotski com outros assuntos. É importante ressaltar que boa parte de suas produções sobre arte e psicologia só existe em russo e, segundo Van der Veer e Valsiner (2001), ainda não foram publicadas.

Psicologia da arte (2001c) é possivelmente o livro mais complexo de Vigotski, pela abundante presença da cultura artística russa. Nele, inclui-se um sem-número de autores praticamente desconhecidos no Brasil. A seguir, uma palavra sobre essa época:

As atividades de Vygotsky durante seus anos em Gomel eram parte de um dos mais importantes movimentos intelectuais de nosso século. Pinturas futuristas e suprematistas,³ assim como esculturas construtivistas, eram expostas nas ruas, trens, caminhões e navios. Os intelectuais inovadores não apenas se devotavam pessoalmente a um trabalho criativo específico, mas participavam do trabalho de instituições. (Blanck, *in* Japiassu 1999)

O clima revolucionário, até a vitória de Stalin sobre Trotski, era de intensa experimentação nas artes e nas ciências, com grau variável de

-
2. Para Leontiev (1991, p. 424), Vigotski propunha-se, ainda, a ampliar sua teoria sobre as emoções desencadeadas pela reação estética. Baseando-se no próprio Leontiev, os autores Yaroshevski e Gurguenidze (1991, p. 452) comentam que o autor pretendia dar conta da análise dos mecanismos da criação artística e das funções específicas da arte.
 3. Conforme Douglas (1975), o suprematismo foi o estilo de pintura abstrata criado por Kazimir Malevich entre 1914 e 1915. Fundado sobre a obra de Henri Bergson, buscou romper com o universo newtoniano e seus objetos rígidos. Malevich procurou trabalhar com uma grande variedade de novas experiências humanas sintetizadas na arte abstrata. Para Malevich, toda a psique deveria ser impactada pela pintura, rompendo velhos hábitos da mente, despertando-se a razão inconsciente e intuitiva.

engajamento dos artistas (Gibian 1976, p. 13). Divergia-se sobre a relação com o passado artístico burguês e aristocrático. Basta mencionarmos que o *proletkult*, organização que visava varrer de cena a herança burguesa, substituindo-a por uma cultura exclusivamente produzida por proletários, foi criticada em campo aberto por Trotski e Lunatcharski, perdendo o apoio do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) em 1923. Nesse contexto, a *Psicologia da arte* faz inúmeras referências à literatura russa do século XIX e início do XX. Mas, posteriormente, o livro sofreu (como todo o resto da produção vigotskiana) censura durante o regime stalinista.

O primeiro capítulo de *Psicologia da arte*, extremamente denso, coloca várias questões importantes na construção de uma psicologia da arte (nas palavras do autor: pretende elaborar uma “metodologia do problema”). A guinada marxista, cientificista, do pensamento vigotskiano é desde o início do livro tão nítida quanto sua reorientação para problemas de psicologia. Para Vigotski (influenciado por Plekhanov), havia dois campos fundamentais na estética: o psicológico e o não psicológico, a estética de “cima” – descendendo da base histórica e sociológica para a psicologia –, e a de “baixo” – da psicologia para a base histórica e sociológica. Os problemas da estética de cima, segundo o autor, haviam progredido com a visão materialista-histórica de Plekhanov, cujo cerne era o entendimento do psiquismo como matéria-prima tanto para a arte como para outras formas da ideologia. A arte, especificamente, atingia o campo do sentimento social, e esclarecer sua ação sobre os sentimentos seria a tarefa primária da psicologia, enlaçando os dois mundos: a estética de cima com a de baixo, ou seja, as tarefas filosóficas de explanação da arte com o trabalho mais miúdo de explicação de seu impacto individual.

A psicologia havia feito tentativas ainda tímidas para resolver sua cota de problemas. Os estudos da recepção da arte mediavam-se por esquemas experimentais simplistas, do tipo estímulo-reação, que, segundo o bielo-russo, começavam pelo final, ou seja, por uma análise do prazer extraído da vivência estética.⁴ Em oposição a esse enfoque,

4. Beardsley (2003) atribui o pioneirismo do estudo da estética na psicologia experimental a Gustav Fechner em seu “Vorschule der Aesthetik” (Leipzig 1876).

Vigotski defendeu o estudo da gênese das reações estéticas. Esse é um dos primeiros passos de sua proposta metodológica baseada na análise genética e processual dos fenômenos psicológicos, em detrimento do enfoque de objetos estáticos (como em Vigotski 1994a, pp. 81-85). Assim:

- a arte é um produto social, dirigido a provocar um determinado efeito em seu público-alvo; segundo Vigotski (2001c, p. 315), quando cada um vivencia uma obra de arte, ela se converte de social em pessoal;
- a atenção é centralizada na própria obra de arte e em sua organização; não nas impressões do artista ou do apreciador;
- a dialética parte-todo das obras de arte é analisada, permitindo que elas sejam identificadas como um conjunto singular de contradições e interações entre material, fábula e enredo responsável pela “reação estética” do receptor.⁵ Essa reação é de caráter especial e não se reduz a um efeito de partes mínimas da obra: a arte realiza-se em cada detalhe, mas é vivenciada como um todo, ao qual o leitor acrescenta suas emoções e sua interpretação. O resultado/correlato subjetivo desse conjunto interativo seria a reação estética. Vigotski indica que o impacto de uma obra jamais poderia ser o mesmo para cada apreciador, mas o psicólogo da arte pode analisar as leis de construção que o produzem, em sua generalidade.

Fechner foi seguido por um grande número de investigadores, com destaque para Richard Müller-Freienfels e Max Dessoir. Vigotski, criticando esses autores, mas sem descartar inteiramente suas contribuições, menciona alguns deles na última seção de *Psicologia da arte*.

5. Ideia que podemos relacionar ao linguista Potiebnýá: “A essência, a força da obra não reside no que o autor subentendeu por ela, mas na maneira como age sobre o leitor ou o espectador” (Potiebnýá, *apud* Vigotski 1999f, p. XXI), e também a Aikhenvald, para quem a obra de arte não existe sem o leitor (*ibidem*, p. XXI).

A diferenciação entre “estética de cima e de baixo” daria lugar à divisão entre psicologia e sociologia da arte (2001c, p. 11): o estudo do funcionamento dos mecanismos psicológicos constituiria o objeto da primeira; seu condicionamento, da segunda. A concepção marxista unificaria e daria sentido a ambas as ciências. Partindo dessa conceituação, Vigotski considerava sua psicologia da arte (sem a qual os estudos em estética não evoluiriam) como uma iniciativa de produzir métodos e um programa cujo fim era a análise da reação estética.⁶ Entretanto, o autor tratou de muitas outras questões além desta,⁷ e é um erro considerá-la a única contribuição original da obra.

Diferentemente de *A tragédia de Hamlet* (1999f), a *Psicologia da arte* já evidencia o nascimento do sistema psicológico vigotskiano. Categorias como consciente/inconsciente, leis psicológicas, emoções e vivências encaixam-se num texto sinuoso e rico em potenciais interpretações. *A arte é a técnica social dos sentimentos* – um meio racional de interferir na dinâmica emocional da sociedade. Aí, o autor não diferencia os conceitos de emoções (*emotsi*) e sentimentos (*tchuvstvar*). Elabora uma concepção racionalista, materialista e monista (aspecto em que se fez sentir a influência de Tolstoi e Espinosa), na qual a arte é um

-
6. No contexto de suas lutas contra o idealismo na psicologia, Vigotski comenta o termo “reação” no “Prólogo à versão russa do livro de E. Thorndike: Princípios de ensino baseados na psicologia” (1999d). Para Vigotski, a ideia-chave da nova psicologia é de que a psique e o comportamento sejam um sistema de reações do organismo aos excitantes externos enviados pelo meio ambiente e aos excitantes internos do próprio organismo: “A reação é uma resposta do organismo, um ato de adaptação deste a tal ou qual elemento do meio que age sobre ele” (*ibidem*, p. 164). Dentro das leis biológicas, a reação teria três componentes: 1) a excitação; 2) os processos internos; e 3) a resposta (há uma possibilidade de influência do próprio Thorndike, para quem a reação era uma síntese de objetivo e subjetivo). Van der Veer e Valsiner (2001, p. 63) identificam uma sequência semelhante. Um outro sentido do termo “reação”, mais distante da ideia de “reação estética”, é equivalente à ideia de “resposta” propriamente dita, como no behaviorismo metodológico watsoniano.
 7. Algumas delas: a natureza da relação entre ideia e emoção, o papel do inconsciente na obra de arte, os processos energéticos envolvidos na vivência estética e a significação da arte para a vida.

dos elementos catalisadores da gênese da nova sociedade comunista. A vida dos sentimentos em tal sociedade precisaria ser reelaborada e conquistada pelo homem, para sua consciência:

A refundição das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumentos da sociedade. A peculiaridade essencialíssima do homem, diferentemente do animal, consiste em que ele introduz e separa do seu corpo tanto o dispositivo da técnica quanto o dispositivo do conhecimento científico, que se tornam instrumentos da sociedade. De igual maneira, a arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do ser. (Vigotski 2001c, p. 315)

Se considerarmos apenas os comentários do próprio Vigotski, e não suas citações de outros autores, perceberemos que, de *A tragédia de Hamlet* para a *Psicologia da arte*, a ocorrência de palavras como emoção, sentimento, afeto, paixão, estado de ânimo e derivadas dá um salto. Nessa mudança, ocorre também considerável diversificação interna do tema, a qual evidencia, para além de uma fenomenologia das emoções estéticas, um processo de construção de um conceito teórico em suas múltiplas propriedades definidoras e relações de causalidade determinantes de sua dinâmica.

Para o autor, à diferença dos dispositivos técnicos empregados na produção de objetos (os instrumentos), a obra de arte age sobre o próprio homem como um sistema de estímulos destinado a desencadear uma reação estética/catarse – tem, pois, sua própria teleologia; num eco de Vigotski (1999f), porta a intencionalidade de comunicar e afetar o receptor numa certa direção (*ibidem*, pp. 25-26), suscita a reação relativamente comum a um determinado público, e, quiçá, universal, a qualquer público, conquanto mediada pela consciência individual do receptor.

De modo diverso dos instrumentos, que agem diretamente sobre os objetos, o impacto catártico da arte incide diretamente na subjetividade

e indiretamente nas atividades humanas. A dimensão algo instrumental de seu efeito, contudo, não é muito previsível: varia entre as pessoas (Vigotski 2001c, p. 322) e significa certa aquisição de domínio sobre os próprios sentimentos – ideia central de *Psicologia da arte*. Como a ciência e a técnica prolongam o braço do homem, *a arte é um sentimento social prolongado*.⁸

Essa ideia, sucinta em seu contexto, adquire uma fascinante profundidade quando potencializada pelo conjunto da concepção vigotskiana de psicologia da arte. No Capítulo 9, “A arte como catarse”, Vigotski se nega a identificar o social e o coletivo. Afirma que o social existe até onde há apenas um homem e suas emoções pessoais (Vigotski 2001c, p. 315). Essa ideia é basicamente a mesma contida em *A construção do pensamento e da linguagem* (2001a, p. 429), em que a individualização gradual surge com base na sociabilidade da criança. Há sociabilidade até no funcionamento de nossa linguagem interior: mesmo quando estamos sós, dividimos nossos pensamentos com os outros que internalizamos. Essa unidade poderia ocorrer apenas num meio pautado pela unidade de objetivo e subjetivo, bem como pela unidade psicofísica do corpo e sua ideia. Entre o homem e o mundo está o meio social (2001c, p. 319). A arte é uma das películas psicossociais criadas para direcionar excitações que agem no encontro do indivíduo com sua realidade.

Em sua crítica a Tolstoi, Vigotski defende que, ao interagirmos com uma obra de arte, estabelecemos uma relação social que não é de mero contágio emocional (Vigotski 2001c, p. 305). Em linguagem espinosana: a emoção artística não é mera imitação dos afetos, não se fundamenta numa mera excitação do afeto comum (quase sempre sequestrado pela rotina, pelas ocupações da vida social). São os afetos comuns transformados pela catarse artística.

8. Referendando a influência trotskista sobre Vigotski: “As paixões liberadas voltar-se-ão para a técnica, para a construção, inclusive a arte, que, naturalmente, se tornará mais geral, madura, forte, forma ideal de edificação da vida em todos os terrenos. A arte não será, simplesmente, aquele belo acessório sem relação com qualquer coisa” (Trotsky 1980, p. 197).

Num sentido: temos a objetividade da obra – pois o autor comenta que a refundição das emoções *fora de nós* realiza-se por força de um sentimento social objetivado, materializado e fixado nos objetos da arte –, noutro: o sentido inverso, subjetivo, íntimo e vivencial desse sentimento. A ideia de socialidade pode referir-se à semiótica artística que, de algum modo, passa a revestir, a enformar, a dar respaldo e existência material às emoções mais importantes, antes incomunicáveis, que, diminuindo em seu grau de impureza e isolamento, adquirem sentido na arte. Esse é um veículo universalizante para as comoções mais íntimas – pois as emoções vivenciadas artisticamente são as das próprias pessoas, da vida cotidiana, que se alteram e se generalizam na vivência da arte. Esse desencadeamento é *sui generis*, pois, a partir do material gasto e inútil constituído por emoções estáticas inutilmente vivenciadas, insatisfeitas, negativas, catalisam-se vivências emocionais novas (o que implica novas cadeias de pensamento e ação criativos, dada a dupla expressão – ideacional e corporal – das emoções). De velhos retalhos, faz-se um novo e bonito *patchwork*, após a luta cruel pelo campo motor que torna exequível apenas uma ínfima parte de todas as possibilidades incitadas por nossa existência social.⁹

Outro aspecto que se relaciona com a socialidade da arte é a comunicação entre as pessoas sobre os efeitos e a natureza das obras, problema que se punha no centro do trabalho do crítico: uma obra pode ser estopim da troca de ideias sobre sentimentos que transmutaram de sentido, sendo disponibilizados para a vida social de modo geral. Sendo

9. Vigotski (2001c, p. 312) mostra influência do princípio da luta pelo campo motor geral, formulado pelo inglês Charles Sherrington: o sistema nervoso é como uma estação para a qual confluem cinco ferrovias, mas da qual parte apenas uma, a da nossa motricidade voluntária. O comportamento assemelha-se à nossa vida, concebida em detrimento de milhões de outras que poderiam se formar. Sherrington (Nobel Foundation 1965), laureado com o Nobel de Fisiologia ou Medicina em 1932, celebrou-se por muitas contribuições conceituais acerca do sistema nervoso (sinapse, exteroceptores, proprioceptores e viscerosceptores), e também sobre a motricidade – incluindo o trato piramidal, o principal feixe de neurônios motores que parte do cérebro e que é um dos responsáveis pela nossa conduta voluntária.

a *Psicologia da arte* obra anterior à concepção histórico-cultural sobre o desenvolvimento dos conceitos, aqui a ideia de “generalização” não tem o mesmo sentido que em *A construção do pensamento e da linguagem*, trabalho mais maduro de Vigotski. Contudo, antecipa o sentido deste último, expressando alguma forma de consciência/compreensão do material. A vivência de uma obra de arte pode exercer um considerável efeito intelectual-afetivo. Eis as funções da arte para Vigotski, especialmente como dispostas nos três últimos capítulos do livro discutido:

- produzir a descarga energética dos sentimentos comuns, os quais não encontram vazão na vida normal – fato imanente ao sentimento;¹⁰
- romper o equilíbrio interno anteriormente consolidado, estruturando e ordenando os dispêndios psíquicos, os sentimentos, enquanto exige do apreciador menos esforços do que se fosse ele o sujeito da própria situação;
- formular para a mente as emoções, paixões e vícios antes imóveis, proporcionando-lhes outra solução;
- pela vivência estética, criar uma atitude sensível para utilização em atos futuros, como se fôssemos uma bateria eletroquímica. Esse dispêndio de energia é forte e profundo, “lembrando mais uma explosão que uma economia em centavos” (Vigotski 2001c, p. 257), de tamanhas proporções, que a arte precisaria ser considerada um “assunto de Estado”, dados seus profundos efeitos na vida social. Essa é uma das teses de Pózdnichev, personagem de *A sonata a Kreutzer* (Tolstoi 2007), cujas ideias são comentadas pelo bielo-russo;
- pela arte, introduzir a *ação* na *paixão* (Vigotski 2001c, p. 316) – melhor dizendo: transformar a *paixão* em *ação*. Termos que,

10. Essa não é, no entanto, a única forma de vazão: o brincar de faz de conta, da criança, e a imaginação, do adulto, constituem formas de descarga próximas à função simbólica da arte.

como mostraremos adiante (p. 133 ss.), são muito precisos no vocabulário espinosano.

No futuro, essas funções psicológicas combinadas poderiam conduzir a uma verdadeira refusão do homem. Mas não seria possível calcular de antemão as possibilidades da arte, nem da vida: Vigotski faz coro a Espinosa, ao afirmar que até aquele instante *ninguém havia definido as capacidades do corpo*. Essa sentença espinosana abre e fecha a *Psicologia da arte*, sintetizando-a. Espinosa, debutando na obra de Vigotski, encaixa-se num contexto de defesa da conversão do indivíduo de objeto a sujeito de sua própria vida, e de seus próprios afetos. A conceituação de Vigotski defende o fim do padecimento ligado às paixões tristes em benefício de sermos causa de nossas próprias ações e pensamentos. A arte, para Vigotski, acarretaria poder sobre os sentimentos, mostrando valor biológico; portanto, vital e material.

Quanto mais simples e elementares são as nossas relações com o meio, tanto mais elementar é o transcorrer do nosso comportamento. Quanto mais complexa e delicada se torna a relação entre o organismo e o meio, tanto mais ziguezagueantes e confusos se tornam os processos de equilíbrio. (Vigotski 2001c, p. 311)

Por meio de sua semiótica específica – palavras, notas musicais, cores, formas etc. –, a arte resgata nossas comoções de sua falta de direção interna; consome energia e acarreta algum poder do homem sobre suas necessidades insatisfeitas. Para Vigotski, a positividade ética da reação estética dependeria de seu emprego e, a despeito da existência potencial de alguns subprodutos negativos, não seria necessário submeter a vivência artística e as intensas forças psíquicas que a arte mobilizava a constrições moralizantes. A explicação da arte não deveria matar a inquietação por ela produzida, constitutiva de nossa vida inconsciente, embora resgatável pela consciência.

Das emoções estéticas podem decorrer apenas indiretamente resultados práticos, condicionados pela propriedade geral da emoção

em domínios artísticos distintos (a música pode, por exemplo, produzir um estado incomum de agitação e energia, favorecendo esta ou aquela atividade). Vigotski, aí, já trata das funções psíquicas superiores e de seu caráter sistêmico, proposta que marcaria toda a sua obra: a arte deflagra o funcionamento de uma rede de funções (percepção, linguagem, pensamento, memória, sentimento) que assume o papel de sujeito da recepção da obra: sujeito que suspende temporariamente o julgamento pragmático da vida para vivenciar a fantasia do artista. Esse elemento forte e irracional que acompanha a suspensão do julgamento é uma espécie de mergulho na obra de arte (já realizado pelo autor em seu livro sobre o Hamlet), em que o apreciador tende a sofrer a reação estética organizada pelo sistema de estímulos da obra, e, por meio dela, a subsequente catarse de seus próprios sentimentos. Vigotski desenvolverá suas ideias sobre a criação cinco anos depois, em *A imaginação e a arte na infância* (1987), livro que comentaremos mais adiante.

Como ideia-síntese da função da arte, o autor toma emprestado de Aristóteles (Vigotski 2001c, pp. 270, 342-343) o termo *catarse*, atribuindo-lhe o seu próprio sentido: na reação estética, as emoções desagradáveis são submetidas a certa descarga nervosa, à destruição e à transformação em seu contrário¹¹ (assemelhando-se ao processo dialético de tese-antítese-síntese). A primeira mudança importante promovida pela catarse é a conversão da energia negativa em positiva. Ocorrem, também, como comentamos, transformações emocionais muito mais complexas, mas essa conversão de polaridade do sentimento explica o paradoxo da tragédia: explica por que, nela, procuramos paixões que normalmente evitamos na vida cotidiana (medo, compaixão, raiva etc.).

-
11. De origem médica, o termo “catarse” significa “purgação”. Aristóteles utilizou amplamente o significado médico desse termo nas obras sobre história natural atribuindo-lhe o sentido de purificação, sendo o primeiro a utilizá-lo também num sentido estético, designando a libertação e a serenidade que a poesia e, particularmente, o drama e a música, provocam no homem. Todas as emoções podem sofrer catarse, sem se anularem, mas se tornando compatíveis com a razão. Goethe usa acepção semelhante, despidendo o termo de seu sentido médico (Abbagnano 2000, p. 120). Vigotski, contudo, faz coro com Aristóteles, ao reproduzir sua concepção quase médica de efeito artístico.

A concepção vigotskiana, segundo o próprio autor, aproxima-se da aristotélica, para a qual cada gênero teatral depura o indivíduo de sentimentos diferentes. Na tragédia, a contradição, a repulsa interior, a superação e a vitória são constituintes da vivência que impacta o homem pelo medo e pelo sofrimento, produzindo a catarse desses sentimentos. O trágico desperta essa dialética emocional, imanente às relações sociais, de modo similar a uma luta íntima entre as nossas paixões, fenômeno que desencadeia a catarse dos sentimentos depositados na obra pelo próprio apreciador. Nesse processo, a tarefa do estilo e da forma consiste em superar o tema referencial real e transformá-lo em algo novo (Vigotski 2001d, pp. 339-340).

Analisando o sentido do vocábulo “sentido” na obra vigotskiana, Namura (2003, pp. 99-104) lembra que a *Poética* de Aristóteles encontra o sentido da tragédia na polaridade entre o homem, seu caráter e sua realidade em confronto com um mundo de valores no qual o singular, encarnado nas personagens, projeta o universal. Conforme Vernant (*apud* Namura 2003), a tragédia desnuda o jogo de forças contraditório a que nos submetemos, alcançando, pela mimese, a criação de algo novo que toca a toda a comunidade: a arte trágica é profundamente política, servindo ao autoconhecimento e à catarse. Vigotski partilha dessas ideias, conquanto sua própria concepção não seja aristotélica *stricto sensu*.

Catarse: Vivência inconsciente x consciência

O uso da palavra “vivência” e suas derivações é proporcionalmente menos frequente na tradução brasileira de a *Psicologia da arte* que no livro sobre o Hamlet, já que a segunda obra é menos extensa que a primeira.¹² Mostra-se, então, certa diminuição de sua importância, num

12. Salvo erro, em *Psicologia da arte* termos como vivência, vivenciar e suas flexões aparecem em 14 páginas: 24, 45, 47, 48, 85, 91, 94, 190, 192, 245, 255, 259, 260, 272. Cotejamos a edição da Martins Fontes (Vigotski 2001c) com seis capítulos de uma tradução disponível no Marxists Internet Archive (Vigotski 1971). A ideia que, na

quadro teórico mais denso do que o da primeira obra vigotskiana. Na tradução brasileira, os vocábulos “vivência” e “experiência” aparecem com sentido idêntico.

Vigotski referenda a ideia psicanalítica de que os processos psicológicos desencadeados pela arte são, em grande parte, inconscientes – a criação e a recepção são como que incompreensíveis, inexplicáveis e ocultas à consciência. Quase não conseguimos externar em palavras os aspectos essenciais da emoção estética (Vigotski 2001c, p. 81). Entretanto, uma explicação posterior à vivência da obra é indispensável para acomodá-la no contexto unitário de nossa consciência, pois:

nosso comportamento realiza-se segundo o princípio da unidade, essa unidade se realiza principalmente através da nossa consciência, na qual deve estar forçosamente representada de alguma maneira toda inquietação à procura de vazão. Do contrário, correríamos o risco de criar um conflito, e em vez de produzir a catarse a obra de arte produziria uma ferida (...). (Vigotski 2001c, p. 322)

A conscientização e a vivência (inconsciente) do impacto produzido por uma obra de arte são, assim, mutuamente dependentes. Os momentos conscientes no ato de vivenciar a arte são importantes para demarcar a distância entre a arte como atividade dotada de sentido e os sintomas patológicos sem sentido – alheios, pois, à consciência (*ibidem*, p. 94).

Em vez de se concentrar numa análise da percepção (que caracterizava os estudos da “estética de baixo”), e já dando à luz a visão sistêmica da psique que desenvolveria na teoria histórico-cultural, Vigotski desloca a discussão para o campo da fantasia (Vigotski 2001c, p. 263). Tópico principal: o modo como se articulavam as ideias da fantasia (no sistema nervoso central) com as reações corporais periféricas. Comentando Zienkovski e Ribot, admite que não haveria uma relação

edição brasileira, aparece como “vivência” e similares ora é traduzida como *emotion/emotions*, ora como *experience/experiences*, ora como *lived* (vivida) ou suprimida.

direta entre percepção e desencadeamento da emoção. Pelo contrário: alguns processos psicopatológicos, ao invés de se pautarem na percepção do mundo objetivo, colocam tanto percepção quanto fantasia sob o governo da emoção. Exemplo: comentando a emoção patológica existente em fobias e delírios persecutórios, o autor defende que o medo vivenciado em tais condições surge sem causalidade real, elaborando-se uma fantasia após o surgimento das manifestações corporais correspondentes (supomos que as do sistema nervoso autônomo): no caso do delírio, a fantasia de perseguição. Para Vigotski, inversamente, no homem normal, a percepção de algo perigoso é que antecede a reação de medo, em sua unidade ideacional e corporal. A arte, forma muito complexa de fantasia (de modo similar às psicopatologias), também desencadeia processos energéticos no sistema nervoso central que coincidem com a vivência dos sentimentos.

Na ideia de catarse, de forma coerente com autores da época – tal como Freud e Orchanski –, fica evidente a concepção vigotskiana do sentimento como energia (positiva ou negativa, satisfatória ou não) de natureza biológico-social e sua dupla expressão, ideacional e corporal (Vigotski 2001c, p. 257). A gênese dos impulsos é problemática nas obras do bielorusso: o autor oscila entre considerá-los sexuais, emocionais ou de outra ordem (mostrou lucidez na “Teoria sobre as emoções”, obra de 1933, ao considerar que a psicologia das emoções carecia de bases neurológicas). E, assumindo o inacabamento de sua concepção, propõe a seguinte hipótese: a diferença entre o sentimento artístico e o comum é a atividade intensificada da fantasia, no primeiro. Essa atividade corresponde a uma energia emocional que se concentra no sistema nervoso central em detrimento do periférico, ou seja, energia que ganha uma expressão exterior, aparente, mais insignificante que os sentimentos obtidos de vivências imediatamente “reais”, “cotidianas” quanto ao seu conteúdo perceptual. É o que Vigotski, inspirando-se em Kornílov¹³ e Wundt, denomina de *lei do consumo unipolar de energia*,

13. Kornílov, conforme Bauer (1952, p. 76), valorizava o instinto e a emoção como constructos motivacionais básicos. Contudo, pela indisponibilidade de trabalhos de

defendendo que, com a intensa atividade do sistema nervoso central, as emoções artísticas afastam-se do universo animal e se tornam emoções inteligentes.¹⁴

Com isso, o autor nega as teorias que reduzem a arte à sensação ou à emoção comuns, bem como admite a existência de emoções desencadeadas por fatos que não dependem meramente do estímulo perceptual – diferindo, nesse ponto, das emoções animais. Temos, aí, um antecedente histórico para sua dura crítica às teorias que adotavam o binômio estímulo-reação como paradigma de pesquisa da psicologia humana (1995, p. 62).

Uma nova pergunta aparece em *Psicologia da arte* e em trabalhos subsequentes: não sendo sensações, o que são os sentimentos/emoções? Quais suas propriedades básicas, como funções de uma personalidade viva? Vigotski (2001c, pp. 250, 320) dá razão a Titchener: os sentimentos têm várias particularidades, sendo seu caráter vago (pouco claro à consciência) a primeira delas. Esse caráter, relacionado à difusão/distribuição das modificações emocionais no corpo, pode expressar uma necessidade imensa e indeterminada de agir, constituindo uma maior complexidade vivencial dos sentimentos se comparados com a relação, algo simples e lógico, que põe de encontro os objetos e as sensações que eles nos provocam. O autor aprova a definição de Titchener (*ibidem*, p. 267), para quem as emoções são reações orgânicas gerais, resposta de todo o organismo a acontecimentos que acometem um órgão isolado.¹⁵

Kornílov, não sabemos avaliar até que ponto há repercussão de suas ideias sobre o trabalho de Vigotski nos anos 1920.

14. “(...) a base da reação estética são as emoções suscitadas pela arte e por nós vivenciadas com toda realidade e força, mas encontram a sua descarga naquela atividade da fantasia que sempre requer de nós a percepção da arte. (...) É nessa unidade de sentimento e fantasia que se baseia qualquer arte” (Vigotski 2001c, p. 272).
15. O “caráter vago” das emoções é síntese de várias influências sobre Vigotski: simbolista, de Ribot (2005), e de Darwin. Essa ideia de que a emoção está tanto na parte como no todo do organismo também nos lembra Espinosa (ver p. 119 ss., acerca das noções comuns). Outra influência acentuadamente monista é a de Pózdnichev, personagem de *A sonata a Kreutzer* (Tolstoi 2007), com quem Vigotski

Seguindo Titchener, Vigotski entende que prazer e desprazer podem ser intensos e duradouros, mas não claros à consciência. Não podemos prestar atenção neles, sob o preço de que eles fujam de nós, deixando-nos um resíduo bem distinto daquele que pretendíamos observar. Ao assumir essa concepção, Vigotski mostra-se próximo de uma ideia de seu livro sobre o Hamlet, no qual, exagerando o distanciamento entre emoção e pensamento, postulava que a crítica de arte não deveria basear-se neste último. Em 1925, contudo, como vimos, o autor já propõe certa continuidade entre emoção e pensamento durante a análise artística, continuidade ignorada nas psicologias da arte então existentes.

Com base nessa nova concepção, Vigotski nega que a dificuldade de compreender o sentimento artístico se deva à sua natureza irrevogavelmente inconsciente, mas sim a um certo descompasso temporal entre emoção e pensamento, além de uma carência de métodos que se interpusessem entre o processo de vivência da obra e o posterior conhecimento dele. Nessa via, a análise de Freud e Ovsianiko-Kulikovski o conduz a reconhecer uma contradição: embora o sentimento careça de clareza consciente, não é incognoscível. Isso o remete aos fundamentos do impacto orgânico da arte pela ação. Vigotski, marxista, procura explicar objetivamente as peculiaridades da emoção estética. Envereda por considerações neuropsicológicas e permite-nos deduzir que também ela é certo tipo de energia, com fonte orgânica própria, a qual não se confunde com a energia luminosa ou acústica que impressiona nossos

(2001c) debate em seu capítulo final. Esse primoroso monólogo tolstoiano merece o epíteto superlativo de monismo histórico-cultural: a atormentada personagem compara as condições do corpo e as atividades na classe trabalhadora e nas elites russas, sua nutrição, as energias excitadas e sem vazão do aristocrata, suas fantasias vaidosas e o hipócrita código moral sobre sexualidade e romance de seu tempo. Nesse clima colocam-se as raízes e a evolução do sentimento de ciúme doentio pela esposa e seu amante, que conduz Pózdnichev a uma ação trágica. A execução de “A sonata a Kreutzer”, de Beethoven (que impelia vigorosamente à busca de um sentido), move ao ápice tanto o desejo adúltero da mulher quanto o ciúme do marido, pego na rede de tolas imaginações que edificara sobre si mesmo e seu casamento.

olhos e ouvidos. Em termos espinosanos: trata-se de uma variação da potência do corpo e sua ideia.

Procurando esclarecer qual a natureza da emoção suscitada pela arte, e mostrando-se novamente crítico para com a ideia de contágio emocional como fundamento da arte, Vigotski (*ibidem*, pp. 262-269) elogia o pensamento de Müller-Freienfels:¹⁶ só parcialmente vivenciamos no teatro os sentimentos e afetos *com* as personagens. Na maioria das vezes os vivenciamos movidos *pelos* sentimentos delas, *a partir* delas, e não as espelhando. A ideia mais adequada é: os sentimentos têm gênese multideterminada, composta por várias fontes, incluindo-se a fantasia do receptor. Vigotski subscreve, em seguida, a concepção darwiniana de que existe uma relação de expressão entre estados d'alma e movimentos opostos do corpo,¹⁷ que acaba por mobilizar todo o organismo, constituindo uma das razões para nossas dificuldades de descrição dos sentimentos. De modo análogo, a vivência deste ou daquele sentimento perante a obra de arte pode nos impulsionar a este ou àquele movimento, sendo a catarse o ponto de resolução da mobilização contraditória de todo o organismo por meio da semiótica artística. As tragédias parecem excitar-nos simultaneamente os músculos e seus antagonistas – o que explica a timidez das manifestações externas das vivências da tragédia. Com isso, opera-se o curto-circuito emocional do trágico, com a catarse do terror e da piedade, em seus profundos efeitos

16. Esse autor (1882-1949), de origem alemã, escreveu uma “Psicologia da arte” em que um dos temas tratados era a recepção da obra artística.

17. Darwin (1934, pp. 4-5) descreveu expressões e gestos usados involuntariamente pelos homens e animais sob o poder de várias emoções e sensações (ambas classificadas como sentimentos, sendo as últimas passíveis de localização corporal precisa). Movimentos ou mudanças em qualquer parte do corpo podem servir à sua expressão. O autor apostava que há uma unidade entre estados mentais e movimentos habituais, enquanto que estados diretamente opostos levariam a uma forte e involuntária tendência a movimentos opostos, os quais podem ser muito expressivos. O movimento é, para o biólogo, certa descarga da energia desencadeada por uma irritação dos sentidos. Vigotski enxerga nessa oposição um dos fundamentos biológicos da catarse.

morais e físicos. Vigotski, marxista, procura explicar as peculiaridades das emoções estéticas em termos objetivos. Envereda por considerações neuropsicológicas e permite-nos deduzir que também são certo tipo de energia, de fonte orgânica singular, a qual não se confunde com a energia luminosa ou acústica que impressiona nossos olhos e ouvidos.

A reação estética e a contradição emocional na arte

Cabe comentar o método de análise da reação estética para o bielo-russo, relacionando-o tanto a tal reação quanto ao fenômeno catártico, especialmente na parte II de *Psicologia da arte*.

A tragédia vinha sendo um importante objeto de estudo para Vigotski. Mas sua pretensão era edificar uma psicologia da arte que contivesse todos os gêneros literários, os quais, aparentemente, poderiam ser analisados com parâmetros fundados nos conceitos desenvolvidos pela primeira geração de formalistas (aos quais recorre amplamente em *Psicologia da arte*), especialmente os de Victor Shlovski: material, fábula, enredo.¹⁸ O formalismo (de Shlovski, Jirmunski, Eikhenbaum e outros) tinha uma tendência cientificista, mais próxima do marxismo do que havia sido o simbolismo.

Para o Vigotski de 1925 a psicologia deveria ser a ciência das reações e o estudo da reação estética, objeto fundamental da psicologia da arte. As análises então existentes – que reduziam a arte a um simples fenômeno pulsional, intelectual ou ao estudo da forma¹⁹ – precisariam ser superadas por uma visão dialética das relações entre os componentes da reação estética. Além disso, o autor defende a busca da especificidade da reação estética proporcionada por cada obra, da produção de um efeito emocional determinado pela intencionalidade do artista na tensão

18. Vale notar que Aristóteles (1996, p. 36) já classificara em seis os elementos da tragédia: fábula, caracteres, falas, ideias, espetáculo e canto.

19. Respectivamente: psicanálise, escola de Potiebný e formalismo, todas analisadas por Vigotski.

dialética entre forma e conteúdo (Vigotski 2001c, pp. 3 e 26). Importante lembrar que o autor pretendia situar essa busca no amplo contexto de edificação de estudos marxistas da arte, e não em uma análise idealista, dissociada de sua produção socioeconômica.

A parte II de *Psicologia da arte* contém a análise de três gêneros literários: fábula em versos, tragédia e novela.²⁰ Com base nos conceitos formalistas em teoria da literatura, Vigotski constrói seu próprio método de análise.²¹ Entende que os recursos formais superam o conteúdo “real” que serve de base à elaboração artística: há um conflito entre forma e conteúdo, entre *enredo* (e outros aspectos formais) e *material*, ou *fábula*. Vigotski (2001c, pp. 177-188) distingue o material (as relações do dia a dia, as histórias, os casos, o ambiente, os caracteres etc.) da forma da narração (a disposição do material segundo as leis da construção artística; sua organização).

O material, em seu estado bruto, pode ser descrito como uma linha reta, mas a disposição artificial dos acontecimentos, que os transforma em enredo e altera a sequência cronológica, pode ser representada como uma curva. Tal ideia simboliza um conflito fundamental entre forma e conteúdo, do qual decorre a essência do efeito da obra literária: a forma luta com o conteúdo e o vence, tornando novo o material tomado ao dia a dia, alçando-o à universalidade – à condição de retrato da existência humana.

20. Embora Vigotski classifique “Leve alento” como uma novela, o texto é, na verdade, um conto.

21. Essa seção que consta no livro *Psicologia da arte* tem alguns elementos em comum com a forma de análise presente na obra *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca* (1999f, pp. 243-252). Esta, procurando reproduzir a vivência do Hamlet por Vigotski, é análoga às descrições do impacto subjetivo produzido pelas obras analisadas pelo autor na parte II de *Psicologia da arte*, pois apenas entremeando os fios da obra com os pormenores da composição e seu impacto vivencial no leitor que Vigotski encontra as razões de seu efeito catártico singular. Também em *Psicologia da arte* duas fontes importantes de análise são a construção do texto em si e a vivência do texto pelo leitor.

Em *Psicologia da arte*, como no livro sobre o Hamlet, a obra de arte é enfocada por Vigotski como composta por duas linhas que se fundem no clímax da reação estética. Segundo o autor (2001c, pp. 144-146), na popular fábula “O lobo e o cordeiro”, por exemplo, uma linha (a do material) leva à morte do cordeiro e a outra (a do enredo) a afasta. Mas esta última, como constatamos no fim da fábula, é enganosa: o enredo apenas coloca o cordeiro mais próximo de seu fim. O leitor vivencia essas linhas com expectativa, com um aumento de tensão produzida pela obra, sem saber qual delas prevalecerá. Isso leva a uma contradição emocional entre forma e fábula (suscitando como que movimentos corporais opostos, contrários, à maneira proposta por Darwin) que responde pelo seu impacto catártico, ápice de uma verdadeira síntese dialética (Van der Veer e Valsiner 2001, p. 43). A interação do leitor com a obra gera neste novos complexos emocionais: ele introduz suas próprias expectativas e receios nesse interjogo de forma e conteúdo; seu conflito interior indica que material e forma não se harmonizam em uma obra de arte: são “ambivalentes”.

A ambivalência estrutural da obra está na própria disposição do material organizada pelo autor. Sons, acontecimentos, significados mudam quando dispostos em a, b, c ou b, c, a. Temos uma impressão diversa da mesma fábula caso a obra comece com a descoberta do cadáver ou com uma perseguição. A forma luta com o conteúdo e o vence, resolvendo-se a obra em uma fusão complexa desses dois planos. Já explicamos como, para Vigotski (2001c, pp. 182-198; 261-262), a contradição emocional produzida pela reação estética vai muito além de uma coemoção, ou seja, de um mero acompanhamento da emoção da personagem. A obra provoca sua reação específica, que pode variar no teatro, por exemplo, de acordo com diferentes sistemas de representação teatral sensíveis a distintos públicos.

A emoção na arte: Leis da criação, da energia e da representação

Especialmente em *Psicologia da arte* e em *A imaginação e a arte na infância*, Vigotski esboçou algumas leis psicológicas gerais

que enunciam: 1) como se processam as emoções humanas; 2) como a arte, tanto na recepção como na criação, vincula-se a essa vida pela imaginação. Algumas das ideias vigotskianas são ricas e impactam sua produção posterior. Contudo, precisamos submetê-las a uma rigorosa reflexão epistemológica, já que são bastante parecidas num primeiro olhar. O trabalho aqui apresentado indicará os textos em que elas aparecem, que fenômenos descrevem e quais autores inspiraram Vigotski.

Creemos que a inspiração para a ideia de formular leis gerais para a psicologia seja materialista-dialética, com destaque para a possível influência da obra *A dialética da natureza*, de Engels (1979, p. 34). Um dos focos centrais desse livro era a formulação de leis dialéticas que exprimissem não só os fenômenos da sociedade humana, mas também os da natureza; obra inacabada, cujas bases relativas às ciências naturais foram bastante questionadas. De todo modo, segundo Van der Veer e Valsiner (2001, p. 217), o livro foi editado na União Soviética em 1925, com repercussão considerável.

O assunto é pantanoso, e, como talvez indicasse Sofia Coppola, *lost in translation*: contém problemas de tradução que podem induzir a confusões, ou mesmo à artificial multiplicação dessas leis. Defendo, contudo, que Vigotski diferencia apenas quatro leis referentes à vida emocional, todas em íntima relação com a vivência artística. Seriam elas:

- *lei da dupla expressão dos sentimentos*: trata da expressão ideacional e corporal dos sentimentos;²²
- *lei do signo emocional comum* (ou lei do signo emocional geral): por meio dela, a influência dos sentimentos é sintetizada na imaginação;²³

22. *Lei da dupla expressão dos sentimentos*: ideia enunciada em *A imaginação e a arte na infância*, página 21; na *Psicologia da Arte*, página 263, e na *Psicologia Pedagógica*. O original na *Psicologia da Arte* é закон «двойной выражение чувство» (zakon «dvoinoi virajenie tchuvstvo») (Vigotski 1986).

23. *Lei do signo emocional comum*: termo que aparece apenas em duas traduções do mesmo livro: *A imaginação e a arte na infância* (Vigotski 1987) e *Imaginación y creación en la edad infantil* (1999b, p. 15).

- *lei da representação emocional da realidade*, ou *lei da realidade emocional da imaginação* ou *lei da realidade dos sentimentos (ou das emoções)*, ou *lei da sensação real na atividade da fantasia*:²⁴ refere-se ao estatuto subjetivo da realidade dos sentimentos e sua expressão, a partir da relação com os demais processos psíquicos superiores e a realidade externa ao sujeito;
- *lei do consumo unipolar de energia*: já brevemente comentada no item “Catarse: Vivência inconsciente $\times$ consciência”, p. 64.

Essas leis em nada se diferenciam, epistemologicamente, de outros princípios da obra vigotskiana. Definindo propriedades, características particulares às emoções, chegam a ser menos elaboradas que outros conceitos, métodos e aspectos fundamentais da concepção do autor, ou mesmo outras leis defendidas por ele.²⁵

Elas ilustram o modo como a psicologia da arte, para Vigotski (2001c, p. 249), depende de dois ou três campos teóricos: as teorias da percepção, do sentimento e da imaginação. Para o autor, o cruzamento dos problemas da imaginação e do sentimento era o principal. Tanto que, à

24. *Lei da representação emocional da realidade*: aparece em Vigotski (1987, p. 23); *lei da realidade emocional da imaginação* ou *lei da realidade dos sentimentos (ou das emoções)*: em Vigotski (2001b, p. 264) e *lei da sensação real na atividade da fantasia*: surge em Vigotski (1999a, p. 124). A expressão russa tem difícil tradução: o original em Vigotski (1986, p. 140) é закон «реальности эмоции» (*zakon “realnosti emotsi”* – algo como “lei das emoções realistas” ou mesmo “lei da realidade das emoções”). Noutro trecho, a expressão declinada é “законом реальности чувств” (*zakonom realnosti chuvstv*, ou seja, lei dos sentimentos realistas ou lei da realidade dos sentimentos).

25. Recomenda-se a análise de duas leis fundamentais para a teoria histórico-cultural, embasadas em trabalhos experimentais da Escola de Vigotski e de outros autores (como Kretschmer): 1) lei de estratificação na história do desenvolvimento, e 2) lei de passagem das funções a um nível superior (Vigotski 1995, p. 145). O bielo-russo repete, com as leis acerca da vida emocional, a prática de embasar as regularidades que ele denomina “leis” em dados experimentais e reflexões de outros autores.

exceção de seu texto “Teoria sobre as emoções” (1999e), em vários outros que trabalham a questão dos sentimentos/afetos o autor tece considerações sobre essa relação, mostrando que o signo e a representação do objeto – a qual não passa de um dos aspectos do signo, em relação direta com a realidade extralinguística – são fundamentais na produção do impacto catártico. Vigotski explica com maior vagar o vínculo entre fantasia e realidade ao enunciar leis e princípios sobre o processo imaginativo, cinco anos depois de *Psicologia da arte*, no Capítulo 2 do livro *A imaginação e a arte na infância* (1987). Existe, neste último, uma franca influência do livro de Théodule-Armand Ribot, *Ensaio sobre a imaginação criadora* (1900), trabalho que explora de modo muito consistente a influência do sentimento na imaginação e na criação. Espinosa (2008) não é mencionado, mas se faz patente a congruência da argumentação vigotskiana com a ideia das afecções do corpo em nosso encontro com os objetos ou suas ideias, do caráter imaginativo dessas afecções e das mudanças corpo-mente daí decorrentes (ver p. 133).

A relação emocional entre imaginação e realidade tem uma dupla expressão – consolidando-se teoricamente com o que Vigotski denomina de *lei da dupla expressão dos sentimentos*. Seguindo a tendência anterior de *Psicologia da arte*, os estados de ânimo, como as emoções, constituem-se tanto por manifestações corporais observáveis quanto por ideias, pensamentos, representações. Sentimentos e estados de ânimo acabam por comandar nossos pensamentos e não necessariamente tomamos consciência disso.

Vigotski (1987, p. 21) defende que a relação emoção-fantasia manifesta-se em dois sentidos opostos:

- os sentimentos influem na imaginação: todo sentimento tende a manifestar-se em determinadas imagens concordantes com ele, associando impressões e ideias. Nossas representações condizem com o estado de ânimo que temos a cada momento (o sentimento matiza a percepção dos objetos externos). Segundo Vigotski, “quando estamos alegres vemos com olhos totalmente

distintos de quando estamos tristes” (1987, p. 21).²⁶ Essa ideia consolida-se na “lei do signo emocional comum/geral”;

- a imaginação influi nos sentimentos: a realidade constitui origem do material semiótico da imaginação e do sentimento. Para o autor, todo material da imaginação é extraído da realidade externa, que nos emociona.²⁷ Não há criação pura, mas sim imaginação reprodutiva e criadora, sendo que a segunda fundamenta-se na primeira. Histórias de sereias, unicórnios, bestas apocalípticas, por mais irreais que sejam, fazem analogia com o mundo dos homens e são combinações de elementos originados deste. Sua estrutura fantástica é constituída com base em materiais extraídos do mundo externo, na lógica social das ideias, conceitos e sentimentos do homem, mais do que na experiência imediata. De acordo com essa lei, podemos compreender como, governando-se os pensamentos de uma pessoa, suas associações, seria possível provocar-lhe certos sentimentos – um dos fundamentos da reação estética.

26. LeDoux (1996, p. 193), neurocientista, confirma esse fato: o nosso estado de espírito determina as lembranças que ocorrem à mente, funcionando como uma espécie de “pista” para associações similares.

27. O autor considera que, embora a arte seja construída com significantes para sensações externas, corporais ou representações da imaginação, não é preciso existir igualdade entre representação e realidade, pois a arte não é cópia nem reprodução da realidade: não precisa ser igual a ela, ser sua representação exata, mas precisa ser, sim, necessariamente verossimilhante – precisa fazer crer, ser plausível, e, por isso, varia de época para época (essa ideia vigotskiana, segundo creio, apoia-se em Aristóteles e nas estéticas marxistas). O bom uso da técnica é imprescindível para essa verossimilhança, mas cada tendência estética, mergulhada num tempo social determinado, terá uma posição diferente sobre o tipo de representação do real a se adotar. Podemos dizer que a produção de efeitos emocionais decorre tanto dessa verossimilhança quanto da concepção estética que fundamenta sua estruturação, podendo-se, a partir desse encontro singular, edificar-se uma obra deflagradora de vivências inéditas para o sujeito.

A tal discussão relaciona-se a lei do signo emocional comum/geral, termo em que notamos forte influência de Ribot (1900, pp. 32-33). Para o francês, amor, ódio, orgulho podem ser polos de atração de representações ou eventos (vivenciados): Vigotski denominou-os *signos emocionais da realidade*.

Mas há certa *différence* entre Vigotski e Ribot: neste último, não existe expressão absolutamente idêntica a “signo emocional comum”, ou lei que lhe corresponda. Ribot escreve apenas que as representações ou eventos podem associar-se por uma *marque émotionnelle*.²⁸ É Vigotski quem propõe a “lei do signo emocional comum”, e, ao fazê-lo, refere-se à inspiração de outros psicólogos, sem citar Ribot, a despeito da profunda impregnação do “Ensaio sobre a imaginação criadora” ribotiano. Com a referida lei, nosso bielo-russo insiste, pela segunda ou terceira vez em sua obra, na existência de impregnação emocional em processos como imaginação e memória; irreduzíveis, pois, à relação externa, protocolar, entre significante, significado e representação. O sentido fundamenta-se também na lógica imanente aos sentimentos (expressão que Vigotski, presumivelmente, também toma emprestado de Ribot 2005).²⁹ Tal lei

28. “Alegria, pesar, amor, ódio, admiração, tédio, orgulho, cansaço etc. podem servir de centro de atração agrupante de representações ou acontecimentos carentes de vínculos racionais entre si, mas que respondem a um mesmo signo emocional, a um mesmo sinal: por exemplo, jubiloso, triste, erótico etc. Encontra-se frequentemente essa forma de associação nos sonhos, nas ilusões, ou seja, em estados do espírito em que a imaginação voa com inteira liberdade e trabalha sem regra nem razão. (...) esta influência implícita ou explícita do fator emocional deve propiciar o surgimento de agrupações totalmente inesperadas e oferece campo quase ilimitado para novas combinações.” (Ribot, *apud* Vigotski 1987, p. 22, trad. nossa). O equivalente trecho em francês está em Ribot (1900, pp. 32-33).

29. Note-se: Ribot enfoca a *marque émotionnelle* como apenas um dos fenômenos que incluem o afeto entre nossos processos mentais. Sua obra *A lógica dos sentimentos* (2005) defende a existência de outras formas de associação, apontando que a mescla de intelecto e afeto é o mais comum em nossa vivência. Duas representações podem ter, além de um traço emocional comum, alguma outra relação (por exemplo, de similaridade: as palavras “morno” e “quente”, além de próximas pelo sentido, têm um efeito emocional comum sobre minha imaginação). Chegamos, já,

indica a plasticidade imaginativa do impulso afetivo: quando surge na forma desta ou daquela emoção, associa inúmeras imagens pela similaridade do efeito emocional que têm sobre o indivíduo – mesmo que esta seja a única relação existente entre elas.

A palavra *marque* também nos remete a *marcas emocionais* que relacionam agrupamentos de significantes: representações, impressões e ideias. Note-se que a tradução de *marque émotionnelle* é polêmica. Além de signo, vocábulos como impressão, caractere, rastro emocional (*empreinte, caractere, trace*) são traduções plausíveis (Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales 2008). Avaliamos que essa encruzilhada semântica merece maior atenção, começando pela ideia traduzível como “signo emocional”.

As influências sobre a noção de “signo” em Vigotski ainda não foram mapeadas, de modo que as próximas considerações contêm certo elemento especulativo. Tomando os componentes básicos insurgentes em Vigotski (1987) – significante, significado e representação –, é possível caracterizarmos o signo emocional da seguinte maneira:

- o significante, suporte sensível do significado, poderia ser a *associação* de impressões/representações/ideias numa dada sequência (quaisquer ideias). No caso em questão, ele é elaborado na vivência individual;
- o significado, a falta assinalada no signo verbal (ou de outra ordem), referir-se-ia especialmente às propriedades vivenciais singulares da alegria, do amor, da culpa, que, em seu caráter vago, são substituídas pelas associações de impressões/representações nas quais se expressam. A emoção (o referente) seria, pois, o processo psicológico em-si, em

conceitualmente próximos da tão popular distinção vigotskiana entre significado e sentido: o autor comenta, por exemplo, que a existência dos signos emocionais, que podemos incluir na textura do sentido pessoal, não anula o significado das palavras no idioma.

sua natureza antepredicativa, apta a ser substituída por um significante associativo;

- a representação consciente da emoção, que, nesse caso, poderia ser também o próprio significante, a própria associação de imagens/representações. Não haveria uma representação isolada para cada emoção, embora possam existir símbolos padronizados culturalmente.

Quaisquer ideias, imagens, representações podem tornar-se, então, signos emocionais. Exemplo: em minha vivência, representações de seres tão díspares como “casa amarela” e “logaritmos” podem associar-se, significando uma única emoção de terror. Essa emoção pode ter sido vivenciada em tempos diferentes de minha vida (numa casa amarela, fiquei aprisionada; no ensino médio, tive um traumatizante teste de matemática). Também, terror similar pode exprimir-se na associação entre representações como o filme *Frankenstein* e a sensação do perfume de eucalipto. Não se descarta, ainda, o fato de que podem ser utilizados símbolos e expressões padronizados culturalmente para representar as próprias emoções: “ficar acabrunhado”, “terror”, “tristeza”, a cor verde (para a esperança) etc.

Se tomarmos dos sinônimos – *empreinte, caractere, trace* –, perceberemos que Ribot (e Vigotski) ressaltam o curso involuntário das implicações entre a emoção e os demais processos psicológicos. O signo ou o traço emocional aglutina elementos heterogêneos, pegadas das emoções que vivenciamos – o *trace émotionnelle* é um traço mnêmico, um híbrido de memória e afeto.³⁰ Seu caráter involuntário pode ser constatado nos próprios verbos empregados na tradução de Vigotski (1987): o sentimento *cobra* forma; *manifesta-se* em imagens concordantes

30. Lembremos que Ribot participou da formulação das teorias modernas sobre memória e inconsciente, chegando, mesmo, a assistir às demonstrações hipnóticas de Charcot (Jacó-Vilela e Monteiro 2005). Não consigo imaginar situações mais apropriadas para demonstrar a relação entre memória, afeto e linguagem.

com ele; como se pudesse *eleger* impressões congruentes consigo; sentimento e pensamento *movem* a criação. Já noutros pontos, o autor atribui à personalidade um papel mais ativo: esta aprende a *manifestar* exteriormente seu estado interior de ânimo, *simbolizando-o* – caso, por exemplo, do uso de uma roupa verde para exprimir esperança.

Embora essa tradução – “traço”, em oposição a “signo” – pareça-nos mais fiel ao texto ribotiano, a riqueza das ideias semióticas de Vigotski, bem como seu hábito de operar deslocamentos semânticos nos vocábulos empregados por outros autores, torna necessário que admitamos os dois sentidos, mutuamente complementares, como fonte da expressão *signo emocional geral*. Esses sentidos potencializam-se, descrevendo uma concepção na qual os indivíduos não apenas criam um mundo de impressões e efeitos emocionais, mas também são criados por eles; não só os manobram, mas são por eles manobrados. Pelo conceito de *signo emocional comum*, Vigotski considera o afeto como uma das fontes da constituição de sentidos conscientes e da criação de cultura.

Outra lei vigotskiana é a “lei da realidade dos sentimentos”, que aparece pela primeira vez na *Psicologia da arte* (2001c) e na *Psicologia pedagógica* (2001d). Naquela, o ponto de partida é o debate sobre os trabalhos experimentais e as formulações teóricas de Witasek e Meinong.³¹ Witasek buscava distinguir a realidade dos sentimentos a partir dos processos cognitivos que lhes servem de base: no caso de o acontecimento ser fruto de um juízo real, teríamos um sentimento real, enquanto uma suposição daria origem a um sentimento imaginário. Vejamos um exemplo acerca do caráter de realidade que pode ser atribuído a um sentimento:

Alguns autores, como Witasek, por exemplo, interpretam esses sentimentos ilusórios como reais. “Talvez”, diz ele, “as diferenças que encontramos na prática entre sentimentos reais e imaginários possam

31. “Meinong” é possivelmente Alexius von Meinong (1853-1920), psicólogo alemão de orientação holista, como Brentano, Lewin, os gestaltistas e Von Ehrenfels (Sprung e Sprung 2001, p. 368).

reduzir-se exclusivamente ao fato de que os juízos constituem as premissas dos primeiros e as suposições dos segundos”. Poderíamos denominar esse pensamento de lei da realidade dos sentimentos e formular o sentido dessa lei mais ou menos da seguinte maneira: se confundo com uma pessoa um casaco que passou a noite pendurado no meu quarto, o meu equívoco é patente porque a minha vivência é falsa e a ela não corresponde nenhum conteúdo real. Entretanto, é absolutamente real o sentimento de pavor que experimento nesse ato. Assim, todas as nossas vivências fantásticas e irreais transcorrem, no fundo, numa base emocional absolutamente real. Deste modo, vemos que o sentimento e a fantasia não são dois processos separados entre si, mas, essencialmente, o mesmo processo, e estamos autorizados a considerar a fantasia como expressão central da reação emocional. (Vigotski 2001c, p. 264)³²

O trecho transcrito mostra-nos que, diferentemente do livro sobre o Hamlet, onde não se tecem diferenças entre vivências reais ou irreais das personagens, em *Psicologia da arte* existe uma diferenciação importante quanto ao estatuto de realidade dos processos psíquicos. Podemos interpretar, no referido trecho, que a vivência estética pode ser considerada como falsa quanto ao seu conteúdo (já que este não consiste numa descrição da realidade material e objetiva, existente independentemente da consciência, tal como postula Lenin 1982),³³ mas o sentimento vivenciado ser inteiramente verdadeiro.

Então, dialeticamente, uma interação psicológica pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo – verdadeira para o sentimento, a fantasia, a percepção, e falsa num nível mais complexo de integração das funções psíquicas, como a consciência de si e da realidade imediata

32. O exemplo é repetido em Vigotski (1999a).

33. Lenin (1982, p. 96) considera a realidade objetiva como fonte da percepção; para ele, este é também um pressuposto básico do materialismo. A realidade objetiva (aí compreendida especialmente como realidade natural, física) é-nos legada pelo mundo externo. Não sendo possível negá-la, é necessário reconhecer sua independência com relação à consciência: na ordem de surgimento dos seres, a realidade objetiva é primária e a consciência é secundária.

em que o sujeito vive. É possível verificar, assim, que Vigotski atribui um novo sentido para as ideias de Meinong e Witasek, criando com elas a sua própria concepção estética.³⁴

Os diferentes termos – lei da representação emocional da realidade, lei da realidade dos sentimentos, lei da realidade emocional da imaginação – descrevem basicamente os mesmos fenômenos. Mas a “lei da realidade dos sentimentos”, tal como aparece na tradução de *Psicologia da arte* (2001c), é o termo mais adequado para expressar a ideia vigotskiana, pois remove ambiguidades, ao definir que a simples vivência de um sentimento é suficiente para o considerarmos real. O sentimento pode emergir de muitas situações, sendo que, como explicamos, Vigotski atém-se a duas delas: o equívoco cotidiano (como a confusão entre um casaco e uma pessoa estranha) e a vivência estética.

Outra lei tem por objeto as especificidades do consumo de energia, particularmente na reação estética. É a “lei do consumo unipolar de energia”, por meio da qual, para o autor, certos sistemas de signos transformados em obras de arte afetam a energia psíquica, revelando sua natureza semiótico-biofísica. Em um aporte psicológico monista e materialista, em que matéria e energia relacionam-se intimamente, Vigotski trabalha a ideia de que as emoções seriam explicáveis como forma de energia, fenômeno psicofísico com diversas manifestações, com dupla expressão, ideacional e corporal, além de uma qualidade especificamente emocional, irreduzível a essas dimensões isoladas.³⁵ A catarse artística representaria a transformação dessa energia em processo

34. Vale ressaltar que muitos autores conhecidos pelo bielo-russo subscrevem a ideia da verdade ou realidade dos sentimentos: caso dos fenomenólogos de forma geral, de Ribot, e mesmo de Espinosa (o qual não considera que as ideias de nossos afetos sejam conhecimento de qualquer coisa, além das mudanças do estado do nosso corpo; de resto, a natureza dos afetos sempre passa pelas ideias imaginativas).

35. “Por exemplo, se esfregarmos o olho com uma cebola é fácil provocar lágrimas, mas isto não significa de maneira nenhuma que depois das lágrimas venha a tristeza. Compreende-se facilmente que neste caso suscitamos apenas um sintoma isolado (...) a tristeza não consiste em simples lágrimas, mas em toda uma série de sintomas internos e externos que em dado momento estão ausentes” (Vigotski 2001d, p. 130).

especificamente humano, concentrado no sistema nervoso central. Ainda sem a concepção de cérebro um pouco mais refinada da “Teoria sobre as emoções” (1999e), Vigotski inspirou-se na reactologia de Kornílov (e secundariamente em Wundt) para propor a referida lei. Segundo o autor:

a energia nervosa tende a gastar-se em um pólo, no centro ou na periferia; toda intensificação do dispêndio de energia em um pólo acarreta imediatamente o seu enfraquecimento no outro. A mesma coisa é descoberta em forma desarticulada por estudos particulares da emoção. (Vigotski 2001c, p. 265)

Aqui, o autor meramente aplicou as “leis gerais da psicologia, estabelecidas para qualquer reação sensomotora simples” (Vigotski 2001c, p. 265) ao caso da reação emocional. Defendeu que toda reação sofre retardamento de curso quando se complexifica o momento central que dela faz parte. Assim são os fenômenos emocionais produzidos pelas artes, que geram a intensificação da fantasia e a vivência de emoções intensas, com acentuada atividade cortical, embora poucas manifestações externas, observáveis. As emoções da arte *resolvem-se* em imagens da fantasia – ou seja, se não se reduzem à fantasia, ganham forma por meio dela. Também aqui operam, pois, as ideias do autor sobre a lei da dupla expressão dos sentimentos.

EMOÇÕES E VIVÊNCIAS NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL: O CONTEXTO HISTÓRICO SOVIÉTICO E OS FUNDAMENTOS DA TEORIA VIGOTSKIANA

O vínculo com o Instituto de Psicologia de Moscou vai transformando profundamente a obra de Vigotski. Seu projeto central, a formulação de uma psicologia marxista, espraia-se por um amplo território de pesquisa e reflexão que Luria denomina, como comentamos na Apresentação deste trabalho, de *psicologia histórico-cultural*. Acontece um movimento de persistência e ruptura teórica, com a criação de novas simultaneidades, novos métodos de abordagem dos fenômenos psíquicos e conceitos sobre a sua constituição. Embora a *Psicologia da arte* (obra originalmente escrita em 1925) já trouxesse um enfoque original, marxista, da psicologia, o grande salto teórico-metodológico, já bastante completo, evidenciou-se em 1928, quando Vigotski e Luria publicaram “Problema kul’turnogo razvitija rebenka” (“O problema do desenvolvimento cultural da criança”) na revista *Pedologia* (Van der Veer e Valsiner 2001, p. 206). O primeiro livro a ser reconhecido como expressão da teoria é *Estudos sobre a história do comportamento: O macaco, o primitivo e a criança* (1930/1996).

Pavlov, Blonski, Bekhterev eram ainda as figuras mais importantes para o pensamento psicológico russo. Ao longo dos anos 1930, contudo, a psicologia histórico-cultural foi crescendo de importância (haja vista a grande comoção causada pela morte de Vigotski, conforme A.A. Leontiev 2005) e transpondo-se à prática – razão fundamental para a perseguição crescente ao ideário e aos colaboradores do bielo-russo.

A multiplicidade de problemas tratados nas obras de Vigotski e colaboradores dessa época é espantosa. Nesse universo, diminui a proporção do espaço dedicado à psicologia das vivências e emoções, se comparada à *Tragédia de Hamlet* e à *Psicologia da arte*, embora Vigotski procure sempre acomodar esses conceitos no quadro mais complexo de sua teoria histórico-cultural. Mas, de fato, muitos autores apontam que as emoções eram um dos principais interesses de seus derradeiros anos de vida. A última fase de sua exploração científica associou-se ao desenvolvimento do problema do afeto e seu encontro com o intelecto (segundo Bozhovich 2004, p. 24; Shuare 1990, p. 81; Golder 2004; A.A. Leontiev 2005). Suas derradeiras preleções ressaltam o significado vital das emoções na sobrevivência, na consciência e na ação, ideias que, de algum modo, atravessam sua obra e se encaixam no novo quadro teórico por ele construído.

Os trabalhos do autor tendem a apresentar discussões sobre as emoções e vivências de modo esparso, às vezes com breves referências que não poderão ser compreendidas senão no interior de seu projeto teórico, das ideias e necessidades fervilhantes da nova psicologia. Não se poderá, também, dar seguimento a este livro sem a apresentação de uma brevíssima síntese de sua teoria, apontando seus problemas, métodos e estruturas fundamentais, relacionando-os com aspectos importantes para as reflexões sobre as vivências e emoções. Os últimos anos de vida de Vigotski quase coincidem com os do Primeiro Plano Quinquenal (1928-1933), período politicamente pautado na exclusão das alternativas à autocracia stalinista e o início da Segunda Guerra Mundial (1928/1929 a 1939) (Netto 1982).

Uma introdução à produção vigotskiana

Beneficiando-se da relativa abertura política dos anos 1920, o enfoque histórico-cultural estruturou-se nos últimos anos de trabalho de Vigotski (1928-1934) com a participação de muitos colaboradores; especialmente, de A.R. Luria. A teoria histórico-cultural marca uma ruptura definitiva do autor com a defesa da ciência dos reflexos como base de uma psicologia marxista. Ao mesmo tempo em que cresce e se encorpa, cria novos problemas, alguns dos quais o próprio autor não respondeu satisfatoriamente, em virtude de sua morte precoce.

Sua teoria tem um tecido complexo, fundado na lógica dialética: cada problema, conceito e método relaciona-se a um diferente domínio de fenômenos psíquicos que o autor se propõe a estudar, os quais se encaixam num conjunto bastante harmonioso. Seu grande problema articulador foi o estudo das formas especificamente humanas de psiquismo.

Nesse contexto, Vigotski (1996j) tece a crítica das psicologias que tomavam como referência o homem adulto normal. Nega, fundamentalmente, que qualquer teoria possa ter uma única fonte epistemológica: a psicopatologia e a psicologia animal, por exemplo, deveriam ser apenas ciências particulares, e não modelos para a psicologia como um todo. Nos *Estudos sobre a história do comportamento* (1996), Vigotski e Luria planejavam reconstituir a transformação comportamental das formas mais simples em mais complexas. A reflexão sobre as diferenças e as similaridades entre a conduta dos animais, das crianças pequenas e de adultos acompanhava-se de: 1) estudos antropológicos e em psicologia comparada; 2) experimentos sobre o desenvolvimento genético das funções psíquicas superiores especiais, em conexão com o uso de signos e ferramentas mediadoras: percepção, atenção, memória etc.; 3) expedições ao Uzbequistão entre 1931-1932, por meio das quais Luria, executando um projeto elaborado com Vigotski, analisou diferenças culturais de pensamento.

A tarefa de Vigotski e Luria (1996, p. 53) era demonstrar a especificidade de cada fonte particular de sua psicologia; discriminando seus traços distintivos, formadores de aspectos universais do

desenvolvimento cultural humano, que Vigotski (1927) chamava de *psicologia geral*. Para o autor, a gênese da transformação do comportamento humano deveria ser objeto de análise da psicologia evolucionária (estudos comparados de humanos e animais; enfocando uma evolução biológica), da ontogênese das funções psíquicas superiores (o desenvolvimento infantil, ou ontogênese das transformações da biologia pela cultura) e também de sua história social, que resulta na transformação gradual do homem primitivo no homem cultural moderno (Vigotski e Luria 1996, p. 151).¹ As passagens de uma modalidade de comportamento a outra se devem a novas formas de atividade mediadora, especialmente aquelas que implicavam o uso de signos e instrumentos. Eis seu *enfoque genético*. Vigotski considera a infância como momento privilegiado para a observação ontogenética, pois em tal época tensionam-se, de forma mui particular, cultura e biologia, processo complexo no qual as funções superiores formam-se sucessivamente, em que a cultura apoia-se na biologia e a transforma.² Para isso contribui especialmente a apropriação de técnicas culturais e/ou meios auxiliares de relação com outros homens e a natureza.

Vigotski e Luria (1996) defendem que, das formas mais simples de comportamento baseado na estrutura percepção-reação, o comportamento vai se transformando e adquirindo novas configurações estruturais. Os autores, comparando pessoas de sociedades culturalmente simples

1. Uma categoria dialética fundamental na compreensão do pensamento de Vigotski é a de superação: passagem ou mudança de qualidade. As mudanças produzidas pelo ser social induzem a formação de um novo sistema psíquico, dotado de propriedades que não se reduzem às dos demais primatas. A superação das leis biológicas não pode ser tida como repentina ou casual: demanda um longo processo de acumulações quantitativas e saltos qualitativos, regressões e saltos dialéticos.
2. Um exemplo: Bozhovich (2004, p. 251) destaca que, no desenvolvimento ontogenético, a memória e o pensamento sucedem à percepção, principal função desenvolvida na primeira infância. Tais funções psicológicas encontram períodos ótimos para sua formação na infância, transformando-se, na idade adulta, em estruturas cerebrais interligadas, geradoras de uma consciência operando em concerto.

(os primitivos)³ com primatas antropoides e também com humanos de sociedades complexas (“culturizadas”, “cultas”), negam um preconceito básico sobre a suposta inferioridade do primitivo: o de que as diferenças existentes entre primitivos e civilizados tinham raízes biológicas.

É nesse contexto epistemológico que Elkonin (1996b, pp. 387-397) atribui a Vigotski a criação do método genético-experimental, o qual, essencialmente, consistia na aplicação dos mesmos experimentos (atividades) com crianças, adolescentes e adultos de diversas idades. Tornou-se possível, com isso, criar um modelo do surgimento e do desenvolvimento de várias funções, forjando conceitos teóricos gerais acerca das transformações da vida psíquica (Elkonin 1996b, p. 399). Acrescentem-se, ainda, as pesquisas experimentais planejadas para comparar o desenvolvimento psíquico de coletividades, como as expedições de Luria ao Uzbequistão, cuja população era transportada repentinamente de uma sociedade feudal a uma incipiente república socialista, sofrendo mudanças econômicas e educacionais que a tornavam laboratório secular de uma espécie de experimento histórico-cultural (Kozulin 1990, p. 130).

Uma outra fonte de compreensão das funções psíquicas para Vigotski foi o estudo psicopatológico. Comparavam-se: 1) o desenvolvimento nas crianças biologicamente normais e deficientes; 2) as lesões cerebrais locais, adquiridas, que desorganizam os processos

-
3. Quanto à análise da expressão “homem primitivo” em mais de uma obra do autor (Vigotski e Luria 1996; Vigotski 1995; 1994a), é razoável afirmarmos que Vigotski referia-se especialmente aos membros de sociedades iletradas, possivelmente restritas ao domínio do que Heller (1991) denomina de objetivações em-si: linguagem (oral), uso de instrumentos, costumes reguladores das interações sociais, ao passo que as sociedades “culturizadas” designam aquelas em que se desenvolveram as objetivações para-si (arte, ciência, filosofia, moral e política). No caso de Vigotski, a ideia de homem “civilizado” liga-se à modernidade erudita, que excluiria, por exemplo, a Grécia clássica. Acreditamos que essa classificação refere-se, portanto, à disponibilidade de meios culturais, tema central das reflexões na União Soviética dos anos 1920 que, como vimos, contava com dezenas de milhões de analfabetos com vida agrária, desafio ao qual a psicologia e a educação deveriam responder.

neurológicos, criando formas diferentes de atividade consciente (pois, no indivíduo adulto biologicamente normal, tais funções são tão interdependentes que é difícil estudá-las separadamente); 3) as “doenças mentais” (como a esquizofrenia e a histeria). Todos esses fenômenos mostravam a gritante diversidade – mercê de múltiplas determinações para sua formação – do psiquismo humano, que ele pretendia acolher em sua teoria. Utilizou também observações clínicas com crianças, adolescentes e adultos, mesmo que não fossem portadores de psicopatologia ou apresentassem dificuldades de desenvolvimento. A literatura e o teatro nunca deixaram de ser objeto de suas preocupações ou fontes epistemológicas de sua abordagem, compondo parte da nova ciência em seu processo de edificação.

Além do enfoque genético, há o *sistêmico* (que explanaremos mais adiante), o *funcional* e o *estrutural*, ao qual se aduz o *semântico*. Eles constituem eixos metodológicos cuja tradução e compreensão parecem-nos ainda confusas e problemáticas. Segundo Shuare (1990, pp. 78-80), a psicologia de Vigotski trata da consciência como função, que se desenvolve principalmente no processo de realização da atividade produtiva (o trabalho). O enfoque estrutural, inspirado em múltiplos autores (especialmente nos psicólogos da Gestalt, populares na Rússia do final dos anos 1920; em Kretschmer e outros), valoriza o conhecimento do psiquismo como unidade sistêmica, feito de relações que não se encaixam com a realidade num simples vínculo associativo, de estímulo-resposta. A posição ocupada pelas emoções será, em parte, exposta a seguir.

Instinto, impulso e emoção: Filogênese, funções e destinos do impulso

Esta temática intrigava Vigotski desde o início de sua produção em psicologia, influenciada pela ciência dos reflexos na primeira metade dos anos 1920. Ela já transcendia os domínios da psicologia da arte, assumindo proporções importantes no debate sobre a gênese do psiquismo na *Psicologia pedagógica* (2001d). Posteriormente, sofre a revolução

epistemológica da perspectiva histórico-cultural, acomodando-se no novo quadro teórico do autor durante os anos 1930. A *Psicologia pedagógica* (2001d) é fruto dos anos de formação de Vigotski na psicologia, anterior à consolidação do trabalho experimental dele e de seus colaboradores; está, pois, na pré-história da referida perspectiva. Livro de divulgação das psicologias dos anos 1920 para professores, Van der Veer e Valsiner (2001, p. 61) sustentam que foi, possivelmente, finalizado em 1924, embora publicado em 1926.⁴

Vigotski inclui as emoções entre os tipos de instintos/atividade instintiva, tratando-as em termos de “comportamentos emocionais”, de base hereditária. Sua terminologia reflexológica não chega a destoar da *Psicologia da arte*. O bielo-russo volta a comentar Darwin, mas, desta feita, também D. Baldwin e V.A. Vagner ocupam lugares importantes. Da psicologia animal de Vagner, particularmente, o autor tomou a noção de que instintos e reações intelectuais têm o reflexo (incondicionado) como ancestral evolucionário (Vigotski 2001d, p. 215): seriam estas as três formas básicas de conduta hereditária.

O termo “instinto”, na psicologia da época, não lhe aparece bem definido. De fato, tratava-se de uma espécie de “saco de gatos”, cuja utilidade era abrigar as dimensões inexplicáveis da conduta humana (*ibidem*, p. 80). Sem especificar fontes, o autor afirma que instintos e emoções confundiam-se como modalidade de comportamento. Vigotski opera, então, uma diferenciação: as emoções são uma *subclasse* dos comportamentos instintivos. E avança um passo além das psicologias consumidas pela dicotomia inato-adquirido: considera que a diferenciação de emoções e instintos teria lugar apenas pelo desenvolvimento cultural. Na *Psicologia pedagógica*, os instintos são processos comportamentais indeterminados que têm duas fontes de estimulação possíveis e interdependentes: 1) o próprio interior do organismo (eis aí a dimensão de *apresentação* do instinto, mormente como sinal de necessidade);

4. Comparando a tradução de Paulo Bezerra (Vigotski 2001d) com o original russo (Vigotski 1991c), notamos que os termos “emoção” e “sentimento” foram traduzidos regularmente como *emotsia* e *tchuvstvo*.

2) os estímulos externos, como os que desencadeiam raiva e medo. A natureza do instinto, em Vigotski (*ibidem*, pp. 92-93), é abordada na dupla condição de *impulso mediador* da satisfação de necessidades orgânicas, colocando o organismo em condições de satisfazer tais necessidades (que, quando bem-sucedidas, implicam uma satisfação e uma descarga impulsiva, reação interna do organismo), como também de *modalidade de comportamento*, classe geral indeterminada, o comportamento instintivo. As reações instintivas poderiam modificar-se, surgir e se desenvolver com a idade e a periodicidade natural. Ao pensar o instinto como modalidade de comportamento, Vigotski toma-o como reação do organismo em seu todo, enquanto o reflexo seria a resposta de órgãos particulares, séries intrincadas de comportamentos coordenados (conforme Van der Veer e Valsiner 2001, p. 63, à semelhança do que fora definido em *Psicologia da arte*). A dupla condição enfocada coloca-nos diante de um problema que já surgira antes: a relação entre ação e energia.

O instinto pode configurar-se como estímulo (interno) e resposta (externa) ao mesmo tempo. Isso se acomoda na visão vigotskiana da época, para a qual o comportamento consiste em cadeias de reflexos: uma resposta do organismo torna-se excitante da outra, seja do mesmo organismo ou de outro. Em tais cadeias, o instinto pode, pois, ser tanto fonte de estimulação quanto resposta a outro estímulo de origem externa ao organismo. Mais uma demonstração do monismo vigotskiano, que torna homogênea a matéria da vida psicológica, sem cisões entre mente e corpo. É mais difícil, contudo, compreendermos as implicações desse fato para as relações entre comportamento e energia: eles podem ser distintos na forma de sua apresentação (pública, vivencial), embora iguais em sua essência neurológica, já que o comportamento nasce como impulsos nervosos nas áreas motoras do cérebro? Os instintos são, num nível neurológico, esses impulsos constitutivos da atividade (em sua dupla natureza vivencial e motora) tal como percebidos pela personalidade humana? Não temos uma resposta clara na obra do autor e, quiçá, nem nas ciências da atividade nervosa superior então existentes.

A dupla forma de abordagem do instinto acaba por atravessar, também, as ideias de Vigotski sobre as emoções. Ao comentar as

concepções de William James e Hugo Münsterberg, Vigotski disserta sobre as emoções tanto como *reações* bem demarcadas, evolutivamente inferiores e antigas (ódio, medo), quanto um *tom emocional geral* que impregna a conduta, uma espécie de energia dotada de representação psíquica que aparece sutilmente ou não se mostra. Ou seja: ele oscila entre considerar as emoções como um processo impulsivo que plasma as reações do psiquismo (ideia mais importante na *Psicologia da arte*) ou como comportamentos humanos bem delimitados e similares aos animais (acepção de William James, que o influencia nesse livro). Para Vigotski, as formas externas dos movimentos emocionais iriam se debilitando e atrofiando, perdendo a clareza externa de sua manifestação (*ibidem*, pp. 134, 138), em uma ideia plenamente condizente com sua lei do consumo unipolar de energia. Desenvolvem-se pela educação a riqueza interna, o caráter vivencial da emoção, e também sua pluralidade de manifestações comportamentais.

Estreitamente relacionados às necessidades orgânicas, os comportamentos emocionais e os instintos de forma geral são também dotados de outro aspecto que afeta o engajamento do organismo na ação; um efeito regulador do impulso emocional: a vivência de prazer-desprazer. Vigotski (2001d, pp. 136-139; 2001c, p. 311) indica que, como reação secundária, a emoção é chamamento ou renúncia à ação, mantendo, até nos humanos, seu papel de preparar os órgãos internos e de regular uma relação de equilíbrio ou desequilíbrio com o meio, de vantagem ou desvantagem orgânica (expressa como vivência de prazer-desprazer); sentimento de força e satisfação, em que o organismo sente sua superioridade perante o meio (*ibidem*, p. 136),⁵ ou se curva a ele.

Apesar da concepção eminentemente reflexológica constante em *Psicologia pedagógica*, Vigotski antecipa algumas ideias importantes na formação da psicologia histórico-cultural das emoções. São elas:

-
5. A fonte imediata para essa ideia é “O novo em reflexologia e fisiologia do sistema nervoso” (1925) de Hugo Münsterberg (1863-1916), que estudou com Wundt em Leipzig, tornando-se professor e psicólogo experimental em Harvard e Berlim. Sua obra, com destaque para a psicologia aplicada, versou sobre a psicologia industrial, médica, artística e educacional, de perfil funcionalista (Domingue e Rardon 2002).

- opõem-se sentimento humano e instinto animal, sendo que o primeiro tem antecedentes filogenéticos no segundo. Num trecho sobre sexualidade: “A partir do exato momento em que esse instinto (sexual – G.T.) é direcionado para uma pessoa determinada e como que se extingue em relação às demais, ele deixa de ser instinto animal para tornar-se sentimento humano” (Vigotski 2001d, p. 99). Inspirado por Platão, o psicólogo nota que a tensão entre o vil, o rasteiro e o nobre coexistem no instinto sexual (em Eros – Vigotski 2001d, p. 102). O enobrecimento do instinto seria parte de sua humanização. Vigotski, monogâmico homem do início do século XX, defende o amor como afeto exclusiva e superiormente humano (Vigotski 2001d, p. 94);
- diferença de perspectiva metodológica entre observação externa do sentimento e sua vivência (Vigotski 2001d, pp. 131-132). A ideia antecipa discussões do método histórico-genético, que nega a simples descrição das vivências como forma de compreender a natureza de uma conduta.

Em *Psicologia pedagógica*, a discussão sobre os destinos do instinto no comportamento humano faz-se com uma curiosa mistura conceitual entre Freud (de tal modo que os instintos sexuais são a principal modalidade instintiva em discussão), Thorndike e a ciência dos reflexos russa.⁶ Quanto aos instintos, Vigotski baseia-se em Thorndike e Freud; quanto às emoções, na ciência dos reflexos condicionados (Vigotski 2001d, p. 145). Noutro texto também de 1926, o autor reproduz uma analogia de Thorndike: se é insalubre e perigoso operar uma repressão dos instintos das crianças; se é impossível reter o rio Niágara num simples

6. Mistura teórica relativamente comum na psicologia soviética de então, cujo foco estava nas noções de instinto/impulso. Para citar um exemplo: Zalkind, responsável pelo setor de psicopatologia do Instituto de Psicologia de Moscou (e pela ponte ideológica com a *intelligentsia* soviética, conforme Van der Veer e Valsiner 2001) foi um psiconeurologista que buscou sobrepor condutismo, reflexologia e freudismo (Elkonin 1996a, p. 45). Consta que Trotski em pessoa, no início dos anos 1920, era favorável ao diálogo entre pavlovismo e psicanálise.

lago, o educador poderia, no entanto, construir novos canais e obrigá-lo a fazer girar as rodas das fábricas a serviço do homem (Vigotski 1999d, p. 177). Esse “desvio” de instintos para atividades socialmente úteis parece-nos uma tradução para a popular sublimação psicanalítica, com a qual o autor simpatizava nessa época (Vigotski 2001d, pp. 96-100). Tipos inferiores de energia poderiam, assim, tornar-se culturizados, superiores, por um processo de deslocamento, de alternativa ao conflito neurótico. Para depurar a cegueira dos instintos de seus efeitos daninhos, bastaria emprestar-lhe os olhos da consciência.

Vigotski aponta que existe transferência do sentimento entre objetos, baseando-se na transferência de estímulos, sem atribuir importância à linguagem e ao pensamento nesse processo (fato que, no futuro, seria sempre levado em consideração na teoria histórico-cultural). Essa crença nos princípios da ciência dos reflexos permite-lhe afirmar que um sentimento egoísta, como o medo, caso seja redirecionado para outros estímulos inicialmente neutros, pode tornar-se base de sentimentos sociais mais amplos e profundos.

Importantes textos histórico-culturais, posteriores à *Psicologia pedagógica* (Vigotski e Luria 1996; Vigotski 1995; 1999a), tratam claramente os instintos como forma hereditária de comportamento, separando-os das emoções nos sistemas psicológicos culturizados. Vários trabalhos são marcados pela presença de uma nova e importante etapa de desenvolvimento: a *vontade*, ou domínio da própria conduta, que se opõe às reservas biológicas/animais de desenvolvimento; quarta etapa especificamente humana e qualitativamente nova que se diferencia das puramente biológicas (Vigotski 1995, pp. 158-159). A reboque de Karl Bühler, o bielo-russo, desta feita, classifica essas etapas em três (que aparecem tanto na filo quanto na ontogênese), as quais corresponderiam também a uma estratificação cerebral da conduta (*ibidem*, pp. 129-132, 144):

- instintos: modos inatos de comportamento. Sequências comportamentais geneticamente programadas, com função de autopreservação e reprodução. Nem todos amadurecem precocemente – é o caso dos que se ligam à reprodução.

Servem como meios de adaptação a situações ambientais mais ou menos constantes;

- adestramento/treinamento/reflexos condicionados:⁷ provêm da experiência individual do animal, da associação de reações inatas, mecanismo de adaptação flexível. Formas simples de adestramento podem ser encontradas em insetos, embora sejam típicas de vertebrados;
- intelecto ou reações intelectuais: vinham sendo identificadas entre macacos antropoides. Conforme Vigotski, Karl Bühler desenvolveu a ideia dessa etapa pela similaridade entre suas observações de crianças e os experimentos de Köhler com primatas. Este último sustentava que os animais apresentavam reações inteligentes, ausentes em outras espécies, como a utilização de objetos para alcançar outros objetos.

Há diferenças marcantes entre essa classificação e aquela que o autor utilizava na *Psicologia pedagógica* (2001d), baseada em V.A. Vagner. No esquema de Bühler, os reflexos condicionados são evolutivamente mais recentes, mais elaborados e dependentes da experiência individual do que os instintos. Estes passam a ser vistos como comportamentos padronizados; os reflexos condicionados, não. Implicitamente, há repúdio de Vigotski à teoria anteriormente acolhida: não é o reflexo que origina o instinto, mas sim o contrário.

Especialmente na “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores”, há uma clara tendência de Vigotski em separar os conceitos de emoção e instinto. Mas ainda coexistem as duas condições de abordagem do instinto: *impulso mediador* e também *modalidade de comportamento*, uma classe geral indeterminada, o comportamento

7. A tradução do russo para o espanhol (Vigotski 1995, p. 144) traz os termos adestramento ou reações condicionadas. A ideia engloba as reações simples que podem ser aprendidas (num sentido amplo, envolvendo tanto o que o behaviorismo atual denominaria de condicionamento reflexo, quanto as formas simples de condicionamento operante).

instintivo, característico de animais e bebês pequenos (não saberíamos indicar a idade precisa).

A psicologia dinâmica atual visa a conhecer a base de energia de diferentes formas de comportamento. Os psicólogos, em uma série de mudanças das formas de instinto, por exemplo, vêem a ação da linguagem infantil no desenvolvimento e sua influência sobre o comportamento, que oferece um grande interesse para nós por sua relação com o problema da vontade. Voltaremos a este tema mais tarde. A questão fundamental colocada por psicólogos é clara e óbvia para nós. Por exemplo, o homem moderno vai a um restaurante para comer enquanto que o animal, por causa do mesmo instinto natural, sai a caçar com o fim de obter a comida necessária para sua existência. O comportamento do animal é inteiramente baseado na reação instintiva, enquanto o comportamento do homem, que experimenta a mesma sensação de fome, baseia-se em reações condicionadas completamente diferentes. No primeiro caso, trata-se de um reflexo natural no qual uma reação leva a outra; no segundo, há uma sucessão de mudanças condicionadas. No entanto, se examinarmos o comportamento cultural do indivíduo, veremos que o motor decisivo, sua base energética, seu estímulo, é o mesmo instinto ou bem a mesma necessidade material do organismo que move o corpo do animal onde o instinto nem sempre precisa de reflexos condicionados. O instinto existe no homem em uma forma oculta e seu comportamento está inevitavelmente ligado às propriedades modificadas desse instinto. (Vygotsky 1995, p. 158; trad. nossa, cotejada com o original russo)

Simplesmente lapidar, a citação demonstra nova perspectiva vigotskiana sobre a transição entre comportamentos simples e complexos. As funções psíquicas passam a categorizar-se em dois níveis: inferiores e culturizadas (por sua vez, subdivididas em primitivas e superiores),⁸ sendo

8. Entre as funções psíquicas culturizadas, Vigotski diferencia as primitivas (que apresentam um incipiente funcionamento voluntário, por meio das objetivações em-si: ver também a nota de rodapé 4, p. 187) daquelas que são propriamente “superiores”. Seus estudos de psicologia étnica (1995, p. 67) associam as funções primitivas a culturas tribais, próprias de povos iletrados. Contêm meios culturais

que o segundo constitui-se a partir do primeiro, e as formas culturizadas de comportamento preservam parte das características, dos princípios de funcionamento das funções psíquicas inferiores. A dimensão impulsiva do instinto continua sendo uma das bases motivacionais da conduta. As emoções, sempre relacionadas aos impulsos e às necessidades, também vão se desenvolvendo nesse campo intelectual, como se analisará noutros textos.

A etapa da *vontade* ou do *domínio da própria conduta* é possível apenas com a conquista dos meios culturais: ferramentas (mediadoras da relação entre homem e natureza) e signos (mediadores da relação dos homens com outros homens e consigo mesmo). A noção de “reações condicionadas” oculta tais pressupostos, mais bem desenvolvidos em outros capítulos do livro. Por meio dessas mediações, que constituem novas formas de estimulação criadas pelo gênero humano, o homem pode dominar seu próprio comportamento e o processo de satisfação do instinto. O debate sobre a gênese de instintos, vivências e emoções ascende a um patamar mais complexo se comparado ao da *Psicologia pedagógica*.

As emoções: Funções psíquicas culturizadas?

Os anos 1932 e 1933 foram decisivos. Vigotski elaborou quatro textos importantes para nossa discussão: “Sobre o problema da psicologia do trabalho criativo do ator” (1999c), “Teoria sobre as emoções. Estudos histórico-psicológicos” (1999e), “Conferências sobre psicologia – As emoções e seu desenvolvimento na infância” (1999a) e “A crise dos sete anos” (1996b).

A temática das emoções desafiava a pobreza dos conhecimentos neurológicos então existentes. Por isso, antes de qualquer outra proposição, a “Teoria sobre as emoções” (texto originalmente escrito em 1933) advogou a mudança do modelo filosófico então utilizado na investigação e na interpretação dos dados neurológicos. Em 1932 (Vigotski

de domínio do próprio comportamento, mas seu funcionamento ainda é apenas relativamente mediato, sem a sofisticação dos meios culturais proporcionada pelos idiomas modernos, a arte, a matemática etc.

1999a), vemos nova tentativa do autor em discutir a especificidade das emoções humanas como processos culturizados. Critica Spencer e Ribot, negando que as emoções fossem a “tribo agonizante do psiquismo”, restos de nossa existência animal, debilitados em sua manifestação exterior e em seu desenvolvimento interior.⁹

Ribot, segundo o bielo-russo, enfocava as emoções como um estado (animal) dentro do outro (racional) na psique – resquícios evolutivos semelhantes a nosso apêndice cecal, que não têm função no ser humano, separando-se do funcionamento orgânico geral. Mas Vigotski procurava criar-lhes um lugar funcional e dinâmico no desenvolvimento (1999a, p. 95). Enquanto isso, os autores ligados à interpretação organicista das emoções desprezavam a análise da ontogênese e a história social delas. Assim, a teoria James-Lange fechava as portas para esse estudo (Vigotski 1999a, p. 86), recaindo num dualismo que contrapunha emoções fisiológicas e superiores (conforme será detalhado nas primeiras páginas do Capítulo 6). Mas a simples observação cotidiana e a análise das dinâmicas da vida emocional auxiliavam na negação tanto do dualismo quanto da atrofia das manifestações emocionais, que seriam:

do ponto de vista da experiência retrospectiva, sensações tão importantes, tão consideráveis, que são as que estão mais próximas do núcleo da personalidade. Vocês mesmos sabem que as sensações mais emotivas são as sensações pessoais internas. (Vigotski 1999a, p. 84)

-
9. O propósito de Vigotski é também mostrar por que, dentre todos os capítulos da psicologia, o das emoções era o mais estudado de forma naturalista, biológica. Sua tese é de que a obra de Darwin (1872/1934) ratificara, nas psicologias inglesa, francesa e alemã, velhos preceitos escolásticos e dualistas sobre a natureza animal das emoções humanas, encaradas como tribo agonizante, apêndice inútil, rescaldo animal no comportamento dos homens que as superavam pela ascensão do comportamento logicizado e civilizado (contrapondo-se a tal tendência, na Psicologia pedagógica [2001d, p. 144], Vigotski reprovara o amesquinhação dos sentimentos na vida pequeno-burguesa). Ribot e Spencer são refutados como casos particulares do contexto geral visualizado por Vigotski. A crítica a Ribot é novidade em sua obra, mas mesmo no original (Vigotski 1932/2005c), não localizamos a qual(is) texto(s) ribotiano(s) o autor se refere.

Essa posição acarretava um ônus: determinar a especificidade neuropsicológica das dinâmicas emocionais. E cabia a Freud (segundo Vigotski 1999a, p. 101) o mérito de ter demonstrado como os movimentos agudos dos processos emocionais geram mudanças da consciência, as quais relegam a um segundo plano outras funções que asseguram a vida normal da consciência. Já Claparède (e, com ele, Vigotski) perguntava-se: se as emoções podiam ser mudanças nocivas à vida psíquica, como explicar que também eram responsáveis pela diversidade de conteúdo desta (tão evidente na criação e na recepção da arte)? Como explicar que as vivências intelectuais assumiam a forma de fortes sensações? Por que cada guinada no destino das pessoas é impregnada de elementos emocionais? Aqui vai uma resposta – se não definitiva, ao menos cabível na obra do autor: esses fenômenos dependiam do papel das emoções em diversas estruturas e sistemas psicológicos. Sua diversidade é um problema conexo ao de sua dinâmica funcional.

Em harmonia com o bielo-russo, tendência inversa à de Ribot e Spencer era explorada por Adler e C. Bühler, para quem as emoções relacionavam-se de modo vital à organização e à formação da personalidade (Vigotski 1999a, pp. 97-100). Aí, pesaram em Vigotski também as contribuições experimentais de Claparède e Lewin. A Bühler, psicóloga de raízes gestaltistas, coubera o mérito de mostrar qual lugar as emoções (melhor dizendo, do prazer que constitui uma de suas qualidades vivenciais) ocupam em relação a outros processos psíquicos, o seu caráter nômade no desenvolvimento. Mostrara como o afeto faz parte de qualquer estrutura com que se relacione – a reação emocional é resultado de uma estrutura psicológica (Vigotski 1999a, p. 103), enquadrando-se nos critérios necessários para a definição das funções psíquicas superiores (ver p. 234 ss.). Nesse contexto, a saída de Vigotski é defender o estudo experimental das migrantes relações intrapsicológicas da vida emocional.¹⁰

10. É noutro texto que Vigotski (1997b) criticará a interessante contribuição experimental de Lewin enfocando tarefas inacabadas, a relação afeto-intelecto entre crianças “normais” e com “retardo mental” (não localizamos, na própria edição, no Google

Ainda em 1932, surge o enunciado central para a compreensão dos esforços do autor para situar as emoções tanto em sua psicologia geral quanto na concreta, a pedra de toque de sua concepção sobre emoções e vivências. Ele surge em “Sobre o problema da psicologia do trabalho criativo do ator”, e similarmente em “Sobre os sistemas psicológicos”:¹¹

A psicologia ensina que as emoções não são uma exceção, diferente de outras manifestações da nossa vida mental. Como todas as outras funções mentais, emoções não permanecem na conexão em que são dadas inicialmente em virtude da organização biológica da mente. No processo da vida social, sentimentos se formam e antigas conexões desintegram-se; emoções aparecem em novas relações com outros elementos da vida mental, novos sistemas desenvolvem-se dentro de enquadramentos especiais, interdependências, formas especiais de conexão e movimento são dominantes. (Vigotski 1999c, p. 244; trad. nossa)

No trecho acima, as emoções surgem como funções mentais que, das bases biológicas permeadas por similaridades com o universo

ou em bases de dados em inglês, a quais trabalhos de Lewin Vigotski se refere). No texto, louva um trabalho de Lewin e Köhler pela crítica à estreiteza da análise do problema da deficiência mental a partir apenas do intelecto: dever-se-ia conceder maior importância ao lugar do afeto na atividade da criança deficiente. Os afetos seriam, para os alemães, a pedra angular da deficiência, os responsáveis pela natureza da perturbação intelectual. Vigotski, entretanto, defendia que a compreensão das relações entre afeto e intelecto era a chave do problema do atraso mental, opondo-se à grande importância do afeto para Lewin. Tendia à defesa de que a mobilidade dos processos psicológicos deve-se mais ao pensamento que ao afeto.

11. “Simplificando, os nossos afetos atuam em um complicado sistema com nossos conceitos e quem não sabe que os ciúmes de uma pessoa relacionados com os conceitos maometanos da fidelidade da mulher são diferentes dos de outra relacionada com um sistema de conceitos opostos sobre o mesmo, não compreende que esse sentimento é histórico, que de fato altera-se em meios ideológicos e psicológicos distintos, apesar de que nele fica indubitavelmente certo radical biológico, em virtude do qual surge esta emoção.” (Vigotski 1991g, p. 87, trad. nossa, cotejada com o original russo.)

animal (embora dotadas de componentes especificamente humanos), transformam-se em algo qualitativamente novo no processo de desenvolvimento. Os sistemas psicológicos socializados criam, então, todas as manifestações da vida emocional, das bizarras às belas. O trecho citado é porta de entrada para a tentativa do autor em trabalhar, posteriormente, sobre a ontogênese da emoção e da vivência em textos mais embaraçados, como a “Pedologia do adolescente” e os “Problemas da psicologia infantil”. “Sobre o problema da psicologia do trabalho criativo do ator” problematiza aspectos fundamentais da teoria histórico-cultural, como a regulação das emoções e seu caráter sistêmico – indissociável do *status* de funções psíquicas culturizadas aí adquirido pelas emoções.

Vigotski (1999c) critica a imaturidade das psicologias práticas, fragmentárias, elementaristas, que discutiam a emergência do sentimento no trabalho do ator. Contra isso, defende uma psicologia concreta, que, na própria teoria do bielo-russo, deveria ser apenas uma parte da psicologia total, geral: tanto no significado abstrato-científico quanto no concreto-vivido da representação teatral. Dimensões mais profundas da psicologia plasmavam-se nesta análise: Vigotski compreende que, no domínio abstrato-científico (da psicologia geral) aquele momento estabelecia um diálogo entre o sistema teatral de Stanislavski e o psicológico de Ribot.

Esse diálogo existia, de fato. Conforme Guinsburg (2001b, p. 312), Stanislavski conhecia a “Psicologia dos sentimentos” (1896) de Ribot, cuja tradução russa publicara-se no ano de estreia do Teatro de Arte de Moscou (1898). Tanto o francês como o russo discutiam a possibilidade do controle dos sentimentos pelo ator: as indagações teatrais de Stanislavski encontraram um apoio em Ribot, mas refutaram a ideia ribotiana de que o controle do sentimento deveria basear-se na compreensão de *todos* os aspectos das emoções vivenciadas pelo ator. A compreensão, conquanto extremamente importante, era apenas uma parte do trabalho criador: Stanislavski considerava que os intérpretes deveriam, por meio de múltiplas técnicas, canalizar sua capacidade de excitação emocional para os objetivos do papel (para Guinsburg, isso aprofundava as ideias ribotianas). Vemos semelhança entre essa

concepção e o redirecionamento do instinto, que Vigotski apontara nos estudos de Thorndike e Freud. A consciência deveria controlar vivências e pensamentos exigidos pelo papel: para além de um problema de entendimento, tratava-se de uma questão de *técnica de interpretação*.¹²

Vigotski, experimentado enxadrista, ficava em xeque. Todas as funções psíquicas, na teoria histórico-cultural, demandam um nível mínimo de controle, de domínio ou regulação. Entretanto, como categorizar as emoções desse modo se, para quase toda a psicologia da época (e para o próprio Vigotski, como analisamos anteriormente), os processos afetivos eram agitações incontroláveis, passionais em alguma medida?

A solução do bielo-russo foi considerar que o domínio da vivência das emoções não poderia ser direto, idêntico ao dos demais processos psicológicos culturizados, mas demandaria artifícios e técnicas, uma forma *indireta* de regulação baseada em sua peculiar natureza. Para isso, contribuiu a concepção neurológica do autor, fundamentada na teoria talâmica de Cannon (a se explicar na p. 113 ss.), e nos trabalhos experimentais de Bekhterev, para quem a expressão emocional não dependia inteiramente, mas só parcialmente, do córtex, já que não poderia ser de todo suprimida por ele (Vigotski 1999e, p. 109). Também noutros textos, as emoções – embora funções psicológicas culturais – têm íntimas relações com partes mais antigas e primárias do cérebro: “São os sistemas mais elementares, antigos e primários do cérebro e sua formação superior, a mais tardia e especificamente humana” (1997b, p. 272; trad. nossa).

Para Vigotski, Stanislavski contribuía muito para o entendimento da emergência da emoção no ator e sua plateia durante a representação artística. Se a psicologia abstrata, geral, auxiliava a psicologia concreta do trabalho do ator, o inverso também era verdadeiro. A representação teatral para Stanislavski não seria um sentimento de “eu”, mas de “nós”, generalizado em sua expressão. Elemento diferenciador da perspectiva de Stanislavski, com relação, por exemplo, à de Diderot (2005), era o argumento de que o ator deveria *necessariamente* vivenciar as emoções

12. Novamente, a arte comparece na obra de Vigotski como técnica – na Psicologia da arte, aparecia como técnica social dos sentimentos.

de seu papel (Vigotski 1999c, p. 241).¹³ O elogio do bielo-russo a Stanislavski não é gratuito e merece um parêntese sobre o contexto artístico da época e o posicionamento assumido por Lev Semenovich.

A Rússia pré e pós-Revolução de Outubro foi muito rica em qualidade e quantidade de experimentação teatral. Nela, sobressaiu a figura de Stanislavski, que, ao longo da vida, criou uma concepção teatral centrada no realismo. O diretor radicalizou sua busca até o absurdo, o extremo, até a vivência de emoções pelo ator: no palco do Teatro-Estúdio de Stanislavski, fundado em 1905, o termo “realismo emocional” logo ficou em uso (Rudnitsky 1988, p. 21).¹⁴ Ora, Vigotski menciona apenas três diretores: Stanislavski (que ele admirava, como vimos, desde 1916), um de seus continuadores, Evgenii Vakhtangov, e um discípulo deste, B.E. Zakhava. Diretores como Tairov e Meierhold, importantíssimos na história do teatro e, conforme Rudnitsky (1988, p. 21), críticos do realismo de Stanislavski, não são comentados no texto vigotskiano. É de se supor que Vigotski (1999c, pp. 276-277), ratazana dos teatros moscovitas em seus tempos de estudante; crítico teatral, elogiado líder da Subseção Teatral do Departamento de Educação Pública de Gomel (segundo Vygodskaya e Lifanova 1999, p. 38), morador de Moscou e figura próxima da arte teatral, conhecesse esses atritos artísticos de sua cidade. Por que o elogio apenas a Stanislavski e seus discípulos?

Em primeiro lugar, cremos que o método Stanislavski possibilitou a Vigotski definir um lugar para as emoções entre as demais funções psíquicas especificamente humanas, de modo condizente com o seu racionalismo marxista e espinosano (no qual as emoções poderiam ser controladas, de algum modo, pelo pensamento e pela situação psicológica,

13. Como no sistema de Denis Diderot, a imitação seria uma mediação importante para a vivência dos sentimentos do papel, embora não com base em um modelo ideal que devesse ser imitado, sob o peso de uma completa contenção da sensibilidade emocional própria do ator.

14. O encontro do Teatro de Arte de Moscou com Tchekov foi fundamental para o trabalho de Stanislavski como diretor de cena e para a evolução de seu realismo emocional: o autor construía personagens aparentemente pobres na ação externa, mas abundantes em sua complexidade interna.

ver Vigotski 1991g, p. 80). Em segundo lugar, a profunda preocupação de Stanislavski e seus discípulos com os sentimentos do ator destacava-os não apenas no cenário artístico russo, mas em toda a história do teatro: a incansável experimentação do diretor acumulou muito conhecimento prático sobre o assunto. É compreensível que tal conhecimento, tão vivo, avesso à mera especulação e funcional num domínio profundamente complexo da psicologia, inspirasse Vigotski e sustentasse algumas de suas próprias ideias sobre as emoções.¹⁵

É desse modo que, para o Stanislavski de Vigotski, o sentimento tem certa qualidade involuntária. Não temos poder direto sobre os sentimentos como sobre os movimentos ou os processos associativos desencadeados voluntariamente (como a memória voluntária, por exemplo), mas somente um poder indireto, através da criação de um *sistema* complexo de ideias, conceitos e imagens de que a emoção é uma parte. Os sentimentos do palco não são aqueles que os atores experimentaram na vida. São mais provavelmente sentimentos e conceitos purificados de tudo que lhes é estranho; são generalizados, irrompem por meio das ideias, como uma correnteza canalizada por mão humana. O caminho é tortuoso. O psicólogo, aparentemente por conta própria, afirma que os sentimentos do ator se parecem mais com conceitos do que com sentimentos cotidianos (Vigotski 1999c, p. 243).

Baseado na concepção das emoções como funções psíquicas superiores (culturizadas), Vigotski passa a trabalhar uma ampla discussão filo e ontogenética, no interior da qual as emoções adquirem o perfil de parte do funcionamento psíquico como um todo (ou seja, da consciência e personalidade). A temática alcança, ainda, um plano filosófico da maior

15. Possivelmente, Vigotski tomou conhecimento do método Stanislavski em *Minha vida na arte* (Stanislavski 1989), pois o psicólogo já falecera quando, segundo Gonçalves (2001, pp. 9-10), foram publicados *A preparação do ator* (1936) e *A construção do personagem* (1949), os grandes manuais de Stanislavski sobre a arte de representar. *Minha vida na arte* (*ibidem*, pp. 300-308) já documenta parte significativa do percurso de Stanislavski na linha da intuição e do sentimento, muito presente nas montagens tchekovianas produzidas por ele.

importância (e dificuldade) para nosso trabalho, com a ampliação da participação de Espinosa em suas reflexões. É tempo de expor a análise da “Teoria sobre as emoções” (1999e).

A “TEORIA SOBRE AS EMOÇÕES” E O DEBATE FILOSÓFICO-CIENTÍFICO NA UNIÃO SOVIÉTICA

Um difícil manuscrito

Começamos pelo texto em que Vigotski procura estruturar o caminho de investigação para uma teoria das emoções, traduzido para o inglês como “The teaching about emotions. Historical-psychological studies” (1999e), edição cotejada com a espanhola: *Teoría de las emociones: Estudio histórico-psicológico* (2004). Essa obra não foi traduzida para a língua portuguesa. A partir da consulta do tomo VI das *Obras escolhidas de Vigotski* em russo, julgamos que um título adequado para a língua portuguesa seria: *Teoria sobre as emoções. Pesquisa histórico-psicológica*. No presente livro, referimo-nos a ela simplesmente como “Teoria sobre as emoções”.

A “Teoria sobre as emoções” tem por objetivo mostrar como, no processo de refutação da teoria periférica das emoções, Vigotski esboça um elenco de problemas fundamentais sobre o desafio da relação entre corpo e mente, enunciando alguns aspectos que considerava importantes

para uma nova teoria das emoções em sua época.¹ Serão demonstradas as lacunas e valorizados os pontos fortes desse manuscrito inacabado, procurando-se elaborar ideias orientadoras de futuros estudos histórico-culturais, por meio de reflexões fundadas, tanto quanto possível, na própria obra do autor. Se arriscamos o debate com áreas do conhecimento tão distantes, como a neurociência e a filosofia modernas, fazemo-lo somente porque os aspectos mais difíceis, controversos e importantes, tanto do papel de Espinosa na obra de Vigotski quanto da pesquisa neurocientífica/neurofisiológica no futuro da psicologia histórico-cultural das emoções, vêm sendo ignorados, depreciados ou trabalhados fragmentariamente pelos comentadores, no Brasil e no exterior.

Neste tópico, tratar-se-á do manuscrito e das hipóteses relativas à sua inconclusão. A teoria James-Lange e as bases cartesianas que Vigotski lhe atribuiu virão na sequência. Concluindo o texto, situa-se a “Teoria sobre as emoções” na produção de Vigotski, assinalando algumas ideias que o autor considerava importantes na construção de uma psicologia histórico-cultural das emoções. Apontam-se, no decorrer deste tópico, alguns fundamentos teórico-metodológicos para uma psicologia das emoções emergentes na crítica que Vigotski realiza à teoria James-Lange.

-
1. Na “Teoria sobre as emoções”, Vigotski utiliza os termos “emoções” e “sentimentos” de forma indiferenciada. Mas utiliza, principalmente, “emoção”. O nome original do manuscrito, cuja tradução no inglês, ao contrário do espanhol, é mais correta, seria “Utchenie ob Emotsiakh. Istoriko-psikhologicheskoe Issledovanie” (Vigotski 1999e, p. 297). Também nos títulos provisórios anteriormente atribuídos pelo autor os vocábulos utilizados são *emotsia*, *emotsi* (emoção, emoções). Embora não tenhamos acesso ao original russo, cremos que, neste texto, o termo vivência (*pereživânie*) pode ter sido traduzido como *emotional experience*, ou *experience* (face subjetiva das emoções, em contraposição às suas manifestações observáveis) (Vigotski 1999e, pp. 108, 130). A edição americana traz o termo *experience* (secundariamente, *emotional experience*) para designar fenômenos subjetivos. Cotejando as edições, podemos perceber que, nos mesmos pontos da edição espanhola, o vocábulo aparece como *vivencia*. A raiz russa é, provavelmente, o termo *pereživânie*, tal como consultamos num texto análogo da mesma época – “Conferência de psicologia” (Vigotski 2005c) – sobre as emoções.

A “Teoria sobre as emoções” é um manuscrito redigido aproximadamente entre 1931 e 1933 (última versão datada de 1933). Recebeu vários títulos e teve excertos publicados no *Voprosy Psikhologii* (1968) e *Voprosy Filosofii* (1970). Há muitas especulações sobre as razões de seu autor não o ter concluído, mas é provável que, com o agravamento de sua tuberculose, Vigotski tenha abandonado o manuscrito para finalizar outros trabalhos, entre os quais “Pensamento e linguagem”, para o qual dispunha já de resultados experimentais acumulados. Muitos outros trabalhos inconclusos foram encontrados em seus arquivos. Van der Veer e Valsiner (2001, p. 385) apontam, sem escudar sua ideia com fatos, que Vigotski não finalizou o texto por ter percebido que entrava num caminho errado e ingênuo ao buscar apoio na obra espinosana. Não consideramos tal perspectiva razoável e procuraremos mostrar isso na p. 129 ss. deste livro.

Creemos que as dificuldades intrínsecas ao manuscrito e seu impacto precisam ser considerados como uma das possíveis determinações para sua inconclusão: sob inúmeros aspectos, tratava-se de um trabalho árduo, tanto científica quanto politicamente. Por exemplo: Vigotski considerava Espinosa um autor materialista, mas esta não é uma ideia de fundamentação filosófica simples (conforme se pode constatar em García 1974 e Gainza 2008), mormente num contexto regido por um materialismo cada vez mais mecanicista, esfacelado pelo cânone stalinista. Nesse contexto desfavorável, ele precisaria de independência para arquitetar tanto seu elogio quanto sua crítica ao próprio Espinosa. Sua dificuldade também se vinculava à diferença entre os vocabulários fisiológico e espinosano, como provava o extenso esforço do autor para comparar a teoria James-Lange com Descartes e o cartesianismo. Tal esforço fazia-se também relativamente inútil a curto ou médio prazo, pois Vigotski considerava tão grande a pobreza das pesquisas neuropsicológicas de sua época sobre o assunto, que defendia uma mudança do modelo filosófico no qual se inspiravam. Um paradigma monista-materialista, inspirado em Espinosa, seria a saída: esforço impraticável no curto tempo de vida que restava ao bielo-russo, e para o qual, até onde sabemos, o autor não deixou sucessores entre seus discípulos.

Não obstante, era grande seu interesse no assunto, pois a “Teoria sobre as emoções” foi mexida e remexida, tendo várias versões intermediárias. Apesar dessa inconclusão, notamos que se trata de um projeto de grandes dimensões: em cerca de 260 páginas (Vigotski 1999e), concentra um grande número de leituras de Descartes, Espinosa e seus comentadores, boa parte delas inédita noutras obras vigotskianas.

Luria e Zinalda, irmã de Vigotski, fracassaram ao tentar editar o manuscrito após a morte do autor, nos sinistros anos 1930 (Van der Veer e Valsiner 2001, p. 377). Sua primeira publicação integral ocorreu em 1984, no tomo VI das *Obras escolhidas* em russo (Van der Veer e Valsiner 2001, pp. 377-387). Quanto às suas fontes, esses mesmos autores informam que Vigotski fez uso extenso das atas do Simpósio de Wittenberg, realizado no Wittenberg College, Springfield, Ohio, em 1927, o qual contou com a presença de Karl Bühler, Cannon, Washburn, entre outros. Confirmamos, em Vigotski (1999e, p. 272), que essa publicação foi realmente utilizada, mas é incerto que seu impacto sobre o autor tenha sido grande. Além dos filósofos que já comentamos, surgem também vários outros – caso de Brentano, Dilthey, Platão, e, como já afirmamos, Descartes e Espinosa.

São fortes os sinais de que o manuscrito careceu da revisão do autor. Na “Teoria sobre as emoções”, Vigotski faz uso de tão extensas citações que a perda de um sinal de abre aspas leva-nos a atribuir ao autor comentários de terceiros. Às vezes não conseguimos identificar se ele fala em seu próprio nome ou apenas resume outros. Com frequência, o bielo-russo limita-se a aprovar esta ou aquela citação de um autor, mas não chega a dar forma às ideias alheias no interior de sua própria teoria. A despeito de ter ajustado o foco de sua crítica na teoria James-Lange, são importantes suas considerações sobre a psicologia descritiva; para ele, dois exemplos de dualismo na ciência psicológica. Por isso, precisamos de uma leitura cautelosa, limitando as implicações das partes obscuras do texto e ressaltando outras, que se ajustem à concepção vigotskiana sobre as emoções, tal como expressa noutras obras do autor, sem perder as ideias singularmente provocativas desse manuscrito inacabado.

Nesse sentido, mencionemos uma primeira ideia: o dito de Bentley que, venenoso, perguntava-se: “A emoção é algo mais que o simples título

de um capítulo?” (*apud* Vigotski 2004, p. 54; trad. nossa). Isso porque todas as obras de psicologia continham uma parte denominada “As emoções”, mas, para o bielo-russo, esse era o domínio menos elaborado da ciência psicológica (2001d, p. 127). Parecia, pois, uma intenção protocolar dos autores em discutir o tema, sobre o qual nada tinham a dizer. E, no entanto, Vigotski considerava que, talvez, devesse ser esse o capítulo principal da psicologia (1999e, pp. 56-58), embora o mais difícil de avançar na profunda crise teórico-metodológica enfrentada por ela.

A “Teoria sobre as emoções”, em sua primeira e única parte, sintetiza as críticas vigotskianas ao legado da teoria periférica das emoções (identificada como “velha psicologia”), pelo relato de experimentos com animais e análises clínicas de pacientes com lesões cerebrais locais (que ele denominou de “nova psicologia”), defendendo que tal disputa científica era uma reedição não apenas da antiga querela entre Descartes e Espinosa, mas também da guerra travada entre materialismo e idealismo no plano filosófico. Foi concomitante à popularidade da teoria periférica na Rússia, onde a psicologia reactológica considerava-a “materialista” (Vigotski 2004, p. 247). Por meio da “Teoria sobre as emoções”, Vigotski leva a cabo um primeiro objetivo: refutar essa teoria, negar seu suposto materialismo e expor seu dualismo, integrando filosofia, fisiologia, neurologia e psicologia clínica na resolução dos problemas então existentes no âmbito das emoções.

Assim sendo, algumas características marcantes da “Teoria sobre as emoções” são a existência de comentários extensos sobre fisiologia, além da psicologia comparada de humanos e animais e o modelo filosófico a ela aplicado. Já se buscava, na época, uma análise evolucionária do comportamento emocional, cujo pontapé inicial fora dado por ninguém mais, ninguém menos, que Charles Darwin, com a publicação de *A expressão das emoções no homem e nos animais* (1934).

Nesse contexto, para Vigotski, o capítulo referente à reação emocional dos animais e à sua evolução era o item que a psicologia desenvolvera com mais detalhes (Vigotski 1999a, pp. 81-82). Dois trabalhos basilares para a história da psicologia e, também, para nossa discussão, foram os de William James e Carl Lange: 12 anos após Darwin,

James, americano com passagens pela medicina, pela filosofia e pela psicologia, publica um artigo intitulado “What is an emotion?”, no *Mind* (1884, vol. IX, pp. 188-205). De forma completamente independente, o anatomista e fisiologista dinamarquês Lange lança, em 1885, o livro *Emotions*, com ideias essencialmente iguais às de James. Tal concepção, que reivindicava na psicologia o pensamento evolucionista, passou a ser denominada de teoria James-Lange, ou teoria periférica das emoções. A intimidade de Vigotski com o debate fisiológico pode ter se fundamentado nos estudos de medicina que ele realizava, embora jamais tivesse obtido o diploma de médico (baseado em A.A. Leontiev 2005).

No capítulo sobre as emoções em sua *Psicologia pedagógica*, o bielo-russo acolhe bem a teoria periférica: mercê da significativa influência da ciência dos reflexos soviética sobre sua obra entre 1924 e 1927, que, como a teoria James-Lange, balizava-se nas relações estímulo-reação para descrever e explicar a conduta humana. Contudo, *Psicologia pedagógica* é um livro de transição, contendo diversas ideias que o autor refutaria em trabalhos posteriores. Nele, evidencia-se certa indecisão dualista – as emoções são definidas: 1) de modo reactológico: como comportamento (instintivo); como sistema de reações; 2) como sensações por meio das quais o comportamento poderia ser influenciado, organizando-o.

Traços embrionários do caráter multifacetado das emoções, cuja defesa permearia a “Teoria sobre as emoções”, já podem ser percebidos na *Psicologia pedagógica*. Vigotski repudia a posição de que as emoções se atrofiavam dos animais para os humanos, consolidada anos depois (1999a, p. 80). Em *Psicologia da arte*, ele comenta que essa suposta atrofia das emoções só vale para as suas manifestações exteriores, e colide, a despeito de sua simpatia para com a teoria periférica das emoções, com o darwinismo da época, conforme se explicará a seguir. Monista, o bielo-russo considera que as emoções consistiam em atividade neuropsicológica com indissociáveis manifestações comportamentais e vivenciais, acarretando processos complexos, como a imaginação e o pensamento, e não apenas a percepção, tal qual defendiam James e quase todos os psicólogos da arte no início do século XX.

O autor apenas superaria a indecisão da *Psicologia pedagógica* ao defender, anos depois, que as emoções humanas tinham caráter sistêmico e deveriam ser estudadas na transformação do animal ao humano, em suas múltiplas manifestações e determinações. Apresentava-se a necessidade de uma unificação ontológica e metodológica do conceito, para além da simplificação presente no binômio estímulo-reação, criticada posteriormente como inepta para o estudo das manifestações mais complexas da vida psicológica (Vigotski 1995). A transformação monista dos conceitos deveria acompanhar-se da dos métodos, que integrasse aspectos objetivos e subjetivos do psiquismo em totalidades tratadas como estruturas. Cremos que essa tendência se afirma, amenizando a disparidade conceitual e metodológica da *Psicologia pedagógica*, com a criação do que Meshcheriakov (2009, p. 8) denomina de “conceitos híbridos”, conceitos relacionais, que integram aspectos objetivos e subjetivos; biológicos e culturais da vida psíquica. Caso, por exemplo, dos conceitos de vivência e função psíquica superior em suas obras de 1930.

Neste livro, serão analisados apenas textos de James, em virtude tanto da dificuldade em obter os de Lange, quanto da maior frequência dos comentários de Vigotski a James, no decorrer de sua trajetória acadêmica.

Premissas da teoria James-Lange. Sua refutação

William James (1967b, pp. 12-17) propunha-se a estudar as emoções-padrão (*standard emotions*), ou seja, aquelas que tinham expressão corporal *determinada e óbvia*: surpresa, curiosidade, êxtase, medo, raiva, luxúria, cobiça etc. Propositadamente, deixava de lado os sentimentos morais, intelectuais e estéticos, que se estruturavam sobre essas emoções primárias (James 1890). Tal como Darwin, acreditava que as perturbações corporais observáveis eram a expressão ou a linguagem natural das emoções: a expressão da raiva teria como efeito intimidar outros animais, cumprindo, pois, uma função de adaptação ao ambiente. As emoções-padrão eram classificadas entre os processos sensoriais do cérebro: pela percepção de objetos externos, James

defendeu que as mudanças corporais poderiam ser percebidas antes mesmo de produzidas. Isso porque somos conscientes das correntes nervosas (*nerve-currents*) que se encaminham para a excitação de determinadas partes do corpo. Nenhum conteúdo cognitivo seria capaz de provocar, isoladamente, uma emoção, mas seria possível até que a excitação de certos centros corticais provocasse a ideia do objeto, a partir da qual correntes reflexas (*reflex currents*) passassem através de canais preordenados. Todo o conteúdo da consciência, para James (1890, p. 517), era de origem periférica.² A emoção-padrão não seria mais que a percepção de uma reação corporal particular a um fato determinado (uma exceção seria um caso de “dispepsia nervosa”, medo sem a possibilidade de atribuição de um fato causador, em James 1967a, p. 110).

A causalidade última das emoções-padrão seria a evolução da espécie, a seleção natural de sequências comportamentais determinadas e acionadas num sistema de chave-fechadura, percepção-reação emocional. Variações culturais dever-se-iam, fundamentalmente, a diferenças de associação entre a percepção de certos objetos e essas respostas inatas. A fonte primária era o próprio Charles Darwin (1934), para quem a expressão das emoções funcionava de forma reflexa.

Uma das implicações da teoria periférica, segundo James, era a simplificação das noções sobre a fisiologia cerebral (James 1967b, p. 12). Reduzindo-se as emoções à mera percepção de sensações no corpo, facilitava-se muito o seu estudo. Segundo Vigotski (2004), os fisiólogos do período seguinte entusiasmaram-se com tal concepção, para a qual a recém-descoberta fisiologia do sistema nervoso autônomo poderia explicar a vida emocional, fornecendo uma alternativa viável para as grandes limitações da metodologia experimental da época.

-
2. “(...) a sentença mais racional é que nós nos lamentamos porque choramos, sentimos raiva porque lutamos, amedrontados porque trememos, e não que choramos, lutamos, ou trememos porque nos lamentamos, enraivecemos ou nos amedrontamos. Sem os estados corporais seguindo a percepção, a última seria puramente cognitiva na forma, palidez (...) destituída de calor emocional. Poderíamos ver o urso, e julgar melhor correr, receber o insulto e considerar melhor lutar, mas não realmente sentirmo-nos assustados ou enraivecidos” (James 1967b, p. 13, trad. nossa).

Mas, paradoxalmente, eram as próprias pesquisas fisiológicas que refutavam as ideias de James-Lange. Descobria-se, por exemplo, que: 1) as mudanças viscerais de medo e raiva não diferiam muito – como, pois, poderiam causar emoções tão diferentes do ponto de vista subjetivo?; 2) as reações orgânicas envolvendo o sistema nervoso periférico, idênticas às emocionais, nasciam também em circunstâncias que nada tinham a ver com a vivência emocional, como a prática de esportes; 3) os estados emocionais do animal podiam se apresentar na ausência das reações vegetativas correspondentes; 4) a ressecção do sistema nervoso simpático em animais em nada alterava as reações emocionais.

Apresentando os novos estudos, Vigotski dedica maior atenção aos experimentos de Walter Bradford Cannon, fisiologista americano e aluno de James em Harvard, que iniciara suas pesquisas propondo-se a comprovar as ideias do mestre. Entretanto, acabou por elaborar uma nova teoria – que ficou conhecida como teoria talâmica – em 1915. A comprovação do papel da estrutura anatômica então conhecida como “tálamo óptico” na vivência emocional a definiria como processo dependente do sistema nervoso central: segundo Cannon (*apud* Vigotski 1999e, pp. 63-67), as diferenças entre emoções não poderiam ser simplesmente encontradas nas alterações dos órgãos internos.³ A consciência delas e também as possibilidades de regulação voluntária (por exemplo, sobre as expressões faciais que as expressam) dependiam das relações córtex-subcórtex. As ideias de Vladimir Bekhterev convergiam com essa opinião (*ibidem*, pp. 107-111). O sinal anatômico dessa dupla

3. “Tálamo óptico” é um termo que caiu em desuso na nomenclatura anatômica (embora possa ser ocasionalmente encontrado ainda em referências atuais), que, hoje, divide o tálamo em núcleos e não pela sua proximidade com outras estruturas, como o olho, o quiasma óptico ou o nervo óptico (o qual se conecta com o encéfalo no corpo geniculado lateral do tálamo). Guyton (1993, p. 231) inclui o tálamo entre as estruturas do sistema límbico, o sistema das emoções e motivações. Conforme a Wikipedia (2007b) e Guyton (1993), o tálamo é importante na passagem e na interpretação das informações sensoriais, ligando-se ao ciclo sono-vigília (pois tem núcleos no sistema reticular ascendente) e à consciência, já que existem diversos circuitos córtico-talâmicos; conexões bidirecionais com todas as regiões do córtex.

regulação seria, para Vigotski, o de que nenhum impulso chega ao córtex sem passar pelo subcórtex.

Na “Teoria sobre as emoções” (1933), de modo similar à *Psicologia pedagógica*, é especialmente clara a raiz das emoções nos instintos mais primitivos, mais elementares, as emoções inferiores. Num texto sobre o primeiro ano de vida:

Os impulsos afetivos são o acompanhante permanente de cada etapa nova no desenvolvimento da criança, da mais inferior à mais superior. Cabe dizer que o afeto inicia o processo de desenvolvimento psíquico da criança, a formação de sua personalidade, e o fecha, completando e coroando, assim, o desenvolvimento da personalidade em seu todo. Não é casual, portanto, que as funções afetivas estejam em relação direta tanto com os centros subcorticais mais antigos, que são os mais antigos a se desenvolver e se encontram na base do cérebro, como com as formações cerebrais mais novas e especificamente humanas (lobos frontais), que são as últimas a configurar-se. Este fato é a expressão anatômica da circunstância de que o afeto é o alfa e o ômega, o primeiro e o último elo, o prólogo e o epílogo de todo o desenvolvimento psíquico. (Vigotski 1996g, p. 299; trad. nossa, cotejada com o original em russo)⁴

“Afeto” e “instinto” são processos que se sobrepõem no início da vida. A princípio fusionados, culturizam-se. Enquanto as emoções diferenciam-se e ganham em complexidade, com a maior participação do córtex, os instintos, como comportamentos da espécie preparados para situações prototípicas, regridem. Vigotski tende, conforme cremos, a considerar os impulsos como propriedades da vida emocional.

O trecho transcrito não contém grande verdade anatômica, se analisado à luz da neurociência contemporânea, pois o cérebro trabalha de forma integrada: as funções psíquicas superiores e sua complexa localização cortical têm alguma relação com áreas evolutivamente antigas

4. O autor, com o termo “afeto”, denomina um “simples impulso sem qualidade especificamente emocional”.

do encéfalo. As estruturas responsáveis pelas emoções dependem de múltiplos centros e redes neurais, espalhando-se no cérebro, tal qual as outras funções psíquicas estudadas pelo autor, como veremos no item “Emoções/afetos hoje”, na p. 160 ss. Mas a citação mostra claramente a concepção vigotskiana sobre os impulsos, cuja teoria realçava a construção progressiva das funções cerebrais, desde o chamado nível primário (atenção imediata, percepção imediata), ao secundário (atenção mediada, memória mediada, percepção mediada pelos meios culturais) e ao terciário (personalidade, consciência, autoconsciência,⁵ além das zonas de integração dos vários tipos de estímulo em conceitos: caso da confluência entre as zonas temporal, occipital e parietal), sendo que o terciário, sediado nos lobos frontais, rege os demais, servindo-se das possibilidades de regulação criadas culturalmente (baseado em Luria 1981).

Atualmente, as evidências de Cannon são consideradas algumas das primeiras relativas à existência de áreas encefálicas influentes na regulação e na produção de qualidades vivenciais das emoções (como o prazer), que muitos, ainda hoje, denominam de *sistema límbico*.

Vigotski, que então estudava um lugar para a psicopatologia clínica em sua obra, aponta: a psicopatologia da vida afetiva também servia à negação da teoria periférica. Os trabalhos de S. Wilson (*apud* Vigotski 2004, pp. 45-47), por exemplo, indicavam em alguns pacientes uma ausência de paralelismo entre elementos mentais e somáticos das emoções. Outros, de H. Head,⁶ com lesões no tálamo óptico, apresentavam

5. “Sobre a base da reflexão, da autoconsciência e da compreensão dos processos próprios surgem novos agrupamentos, novas relações entre as ditas funções e precisamente estas relações que surgem na base da autoconsciência e que caracterizam a estrutura da personalidade nós as denominamos indícios terciários. (...) Todas as convicções internas, sejam quais forem, as diversas normas éticas, uns ou outros princípios de conduta plasman-se, afinal de contas, na personalidade graças a esse tipo de relações” (Vigotski 1996f, p. 246; trad. nossa).

6. Não foram encontradas referências no Google a H. Head e S. Wilson. Nenhuma das edições do “Utchenie...” oferece dados sobre tais autores.

uma hipersensibilidade emocional unilateral do lado afetado, enquanto um terceiro grupo, mesmo com a musculatura facial paralisada, relatava continuar sentindo toda espécie de sentimento. Esses estudos provavam a utilidade na associação de métodos objetivos e subjetivos no desenvolvimento da psicologia (*ibidem*, p. 41). Provava-se também que as sensações periféricas de emoções, exceto em condições muito especiais, não se identificavam com as vivências emocionais, levando Vigotski a concluir que as sensações são apenas parte de nossas vivências. Ocorre *algo* no organismo durante as vivências emocionais, cuja origem não está apenas no sistema nervoso periférico, mas também no central e que é denominado (identificado culturalmente) pelo sujeito como surpresa, medo, alegria. Isso não chegava a ser novo na história da filosofia: pelo menos desde Descartes já se classificavam as diferentes emoções de acordo com suas manifestações objetivas e subjetivas. Cremos que a especificidade do trabalho vigotskiano está em atribuir origem social e linguística a tal classificação (Vigotski 1991g, pp. 86-87).

A descoberta do papel do tálamo causava mudanças cruciais. Levava a pensar que o desencadeamento das emoções acarretava uma série de relações neuropsicológicas, colocando em xeque o valor imenso que se atribuía à evolução da espécie humana na determinação dos processos emocionais. Era de se supor a existência de mais causas que interagiam com a evolução biológica do organismo humano. Com isso, as emoções inseriam-se entre os processos mentais superiores e não entre os reflexos da espécie humana, como preconizava James. Aspectos que Vigotski considerava essenciais, como a determinidade, a estrutura e a dinâmica das emoções, quase não eram problematizados na teoria periférica: Freud e Lewin eram dos poucos autores que buscavam preencher essa lacuna (Vigotski 1999a). Urgia a necessidade de um monismo, pois a teoria James-Lange permanecia dualista; suas ideias sobre a relação corpo-mente eram incompatíveis com as novas descobertas em fisiologia e neurologia clínica. Vinculá-la a Descartes e propor a superação desse bloco dualista pelo monismo espinosano, doutrina psicofísica que viria a se constituir na principal orientação filosófica para uma nova teoria das emoções, era a estratégia adotada

pelo bielo-russo (2004, p. 8). Ele se propunha a concretizá-la na segunda parte do “Utchenie ob Emotsiajakh”, que, infelizmente, para parafrasear Marx (1999, p. 53), não foi legada nem mesmo à crítica roedora dos ratos. Ou do stalinismo.

A teoria James-Lange, o dualismo na psicologia e as considerações de Vigotski

Vigotski não era o primeiro a explorar as semelhanças entre a teoria James-Lange e o texto cartesiano “As paixões da alma” (2004): Dumas e Ribot já as haviam assinalado (Vigotski 2004, pp. 95-97). Os dois autores convergem com o bielo-russo numa ideia: James substituíra a terminologia teológica cartesiana pela fisiológica. Nessa linha, *o problema central da crítica vigotskiana são as relações corpo-mente, atravessado por dois tópicos centrais: a causalidade das paixões e a vontade em James-Lange e Descartes*. Passemos, então, a ele.

Não há elo corpo-alma equivalente à glândula pineal, em James. Mas, para Vigotski, o autor substituíra o termo “espíritos animais” por “mudanças vasomotoras”. O corpo cartesiano aparecia como máquina composta de partes que transmitem seus movimentos entre si, mecanicismo que podia, segundo o bielo-russo, ser considerado como uma das características cartesianas presentes na teoria periférica das emoções.

Sobre a causalidade das paixões,⁷ Vigotski observa que, no dualismo cartesiano, os espíritos animais são a sua causa mais próxima, movimentando a glândula pineal. A alma, então, percebe-as. A causa delas não se encontra apenas no cérebro, mas também no coração, no baço, no fígado e em outras partes do corpo que concorrem para a produção do sangue e dos espíritos animais (Descartes 2004, pp. 141, 163), ideia muito próxima às emoções-padrão de James. Ocasionalmente, a alma

7. Segundo Abbagnano (2000, p. 861), o termo francês *passion*, até o século XVIII, foi empregado na modernidade com o mesmo sentido que emoção.

pode causar as paixões ao conceber este ou aquele objeto. Para Descartes, os objetos que afetam os sentidos são suas causas principais, premissa convergente com a importância da percepção dos objetos para James.⁸ Descartes diferencia as paixões a partir dos diferentes objetos; James, sobretudo pelos seus distintos padrões comportamentais, externos e internos. Para o primeiro, as paixões não são causadas pela diversidade de objetos em-si mesma, mas “apenas em virtude das diferentes maneiras pelas quais podem nos prejudicar ou beneficiar” (*ibidem*, p. 142). Uma diferença essencial entre James e Descartes, contudo, está no evolucionismo do primeiro, no fato de que as emoções-padrão, como medo, raiva, surpresa, podiam ter funções necessárias à sobrevivência da espécie humana.

A teoria James-Lange acabava por reduzir as emoções a um mecanismo animal, sem sentido próprio nem vida subjetiva, marginalizando determinações vinculadas à personalidade e à história. A interpretação e a linguagem não alteravam a essência das dinâmicas emocionais. Essa padronização chocava-se com a psicologia histórico-cultural, para a qual a linguagem era essencial na transformação das reservas comportamentais herdadas biologicamente, criando a vontade como processo psicológico especificamente humano – o “domínio da própria conduta” –, bem como possibilitando a comunicação e a representação das emoções nas estruturas em que o organismo biológico se eleva ao posto de sujeito das relações sociais. A concepção cartesiana de vontade também era próxima da de James, pois o americano acabava adotando a ideia de uma vontade absoluta,

8. “De acordo com o que se afirmou mais acima, sabe-se que a mais próxima causa das paixões da alma é a agitação com que os espíritos movem a diminuta glândula localizada no meio do cérebro. Mas isso não é suficiente para podermos diferenciá-las umas das outras; é necessário procurar suas fontes e analisar suas primeiras causas; mas, ainda que possam algumas vezes ser causadas pela ação da alma, que se determina a conceber estes ou aqueles objetos, e também pelo exclusivo temperamento do corpo ou pelas impressões que se encontram acidentalmente no cérebro (...) parece, pelo que foi dito, que todas elas podem também ser estimuladas pelos objetos que afetam os sentidos e que tais objetos são suas causas mais comuns e principais” (Descartes 2004, p. 141).

superior às leis naturais (Vigotski 2004, p. 154). Vigotski critica o caráter mágico, sobrenatural, da dominação da alma sobre o corpo em ambos os autores, o qual se mantinha a despeito dos conhecimentos de ambos sobre as ciências da natureza.

O bielo-russo defende que James, dualista, vacilava quanto à origem das paixões, chegando a admitir a existência de emoções intelectuais, puramente perceptivas, diversas das emoções-padrão e das mudanças fisiológicas nelas implicadas. Por isso, há dois domínios causais: o corporal e o mental. Fechavam-se tanto as portas de comunicação entre emoções inferiores (animais) e superiores (humanas) quanto entre as emoções e outros processos psíquicos. Defeito semelhante, segundo o bielo-russo, atingia a psicologia descritiva de Wilhelm Dilthey, bastante diferente da teoria de James-Lange: longe de buscar a padronização evolucionária, a psicologia de Dilthey concedia um lugar central à descrição das vivências pelos seus próprios sujeitos.⁹

Vigotski apreciava a hermenêutica diltheyana, embora negando que ela contribuísse para desvelar o determinismo presente na relação entre ideia, corpo e cérebro, limitando-se a descrições nas quais uma vivência simplesmente desaguava na outra, causando-se a si mesmas, de forma tautológica (*ibidem*, p. 241). De que forma, por exemplo, a psicologia descritiva poderia explicar como as vivências se desenvolvem e complexificam a partir da herança biológica humana? Vigotski não encontra tal resposta. O dualismo não era, pois, exclusividade de James. Todas as psicologias encontravam-se numa encruzilhada dualista, fato

9. Dilthey (1945) rejeitava a aplicação do modelo das ciências naturais (*Naturwissenschaften*) para as ciências humanas, ou do espírito (*Geisteswissenschaften*). Em sua época, acreditava que a natureza deveria ser explicada; a vida do espírito, compreendida, o que implicava descrição e atividades lógicas simples exercidas sobre os estados psíquicos surgidos na vivência (Dilthey 1945, pp. 260-288; Wikipedia 2007c). Acreditava que as psicologias explicativas, que se utilizavam dos métodos das ciências naturais, sustentavam-se em meras hipóteses carentes de fundamento. Vigotski (1996j, p. 366), entretanto, aponta que Dilthey amedrontava-se em transpor a regularidade e a necessidade da natureza para as ciências do espírito, um resíduo teológico de sua obra.

anteriormente demonstrado pelo autor em “O significado histórico da crise na psicologia” (1996j, pp. 338-343). A extensão da influência cartesiana na psicologia induzia nosso autor a uma conclusão radical:

Todas as contradições do sistema cartesiano reunidas, focalizadas em sua teoria das paixões são – para empregar termos musicais – o tema fundamental, em relação ao qual a psicologia contemporânea não representa nada mais que as variações que conduzem e desenvolvem o dito tema. (Vigotski 2004, p. 173; trad. nossa)

Havia futuro para uma psicologia das emoções?

Outro objetivo de Vigotski (1999e, pp. 118, 126) na “Teoria sobre as emoções” era mostrar como a doutrina das paixões de Espinosa vinha sendo erroneamente vinculada à teoria de James-Lange que era, na verdade, herdeira do dualismo de Descartes e Malebranche. Com essa relação, Vigotski tentava expulsar o dualismo da ciência psicológica, substituindo-o por um monismo materialista. Nesse caminho, refuta também trabalhos como os de Fischer, que consideravam Espinosa um herdeiro de Descartes, e o próprio Descartes, a partir da nova psicologia fisiológica que já comentamos. O bielo-russo não poupa mesmo Cannon, personagem central da negação da teoria periférica das emoções: na “Teoria sobre as emoções”, considera que o autor teria formulado uma teoria fundamentalmente fisiológica, não acrescentando novidade ao entendimento das dinâmicas emocionais. Mas, em texto anterior (1999a, p. 94), atribui a Cannon o mérito de demonstrar que as emoções em humanos isolam-se cada vez mais do reino instintivo. Para o fisiólogo, no entanto, as emoções iriam desaparecendo filogeneticamente, ao passo que Vigotski é categórico ao defender que, no homem, elas se enriquecem e se diversificam (1999a, p. 94).

Diante desse debate, como ficaria o futuro da psicologia das emoções?

Com Vigotski, selecionamos uma ideia central: *o futuro da psicologia das emoções concentra-se na resposta ao problema da divisão*

entre psicologia explanatória e descritiva ou fenomenológica, dirigindo-se ao desenho de um quadro único das múltiplas manifestações da vida emocional humana, vivenciais e comportamentais, e de seus processos de determinação. Tal concepção, que será fundamentada a seguir, está algo dispersa na “Teoria sobre as emoções”.

Nosso autor defendia a criação de uma psicologia geral, cujos conceitos descrevessem e explicassem de forma ampla e aprofundada as especificidades da natureza humana. Aí devemos compreender a interpretação de Vigotski, para quem a teoria James-Lange recaía numa visão mecanicista: a evolução das espécies, expressa na mecânica do corpo no mundo, procurava explicar o problema da causalidade das emoções descolando-as da personalidade e da história. Elas se reduziam a um mecanismo animal sem sentido próprio nem vida subjetiva: não há vivência das emoções, há só percepções de mudanças na periferia do corpo, significativa ou completamente independentes da interpretação humana e dos processos de pensamento. Emoções tão diversas quanto o medo dos animais e o amor de Dante Alighieri por Beatrice Portinari (baseado em Vigotski 2004, p. 214) precisavam ter sua gênese esclarecida pela mesma teoria.¹⁰ O autor trata as emoções como processos histórica e culturalmente determinados do organismo humano, tornados funções da personalidade – funções psíquicas superiores, conforme comentamos. Ideias teológicas, políticas, estéticas e científicas precisavam ganhar um lugar na formação, na descrição e na explicação da natureza das emoções humanas. E a psicologia mecanicista, concentrada no estudo do sistema nervoso periférico, jamais atingiria esse grau de profundidade.

É nesse ponto do problema que surge Espinosa,¹¹ como Penélope cortejada por muitos pretendentes. O monismo parecia ser o óbvio

10. Vigotski endossa uma citação de Brett: “Em lugar de opor uma categoria de emoção a outra, há que admitir que cada emoção pode adotar diferentes formas, tão distintas como, por exemplo, a raiva de um animal e uma fundamentada indignação” (Vigotski 2004, p. 138).

11. Baruch de Espinosa (1632-1677), autor holandês de origem judaica, foi um dos grandes malditos da história da filosofia. Foi perseguido não apenas pela sua comunidade de origem, que o excomungou, mas também por outras grandes

sucessor do dualismo cartesiano, o que tornava a doutrina espinosana dos afetos uma alternativa filosófica interessante. Não decorre daí, contudo, que esses pretendentes compreendessem, ou aceitassem por completo, sua preferida: extraíam-se partes da obra do filósofo, e, segundo Vigotski, nem sempre as mais importantes. O maior exemplo da confusão dos trabalhos sobre emoções era que tanto Dilthey quanto Lange invocavam Espinosa para completar suas lacunas (Vigotski 2004, pp. 122, 233-236). E, por sua vez, esses autores lidavam com problemas já propostos na obra espinosana: Dilthey, com o problema de seu sentido e significado; Lange, com a causalidade natural das emoções.

Diante da imensidão de dados dispersos e ideias confusas, Vigotski (*ibidem*, p. 58) sustenta que o futuro de uma psicologia das emoções dependeria de uma divisão de trabalho entre as ciências e no interior da própria psicologia da vida emocional. Para desânimo dos mais afoitos, aponta: os problemas não resolvidos constituiriam tarefas a serem solucionadas em muitos anos, com extensas e sérias investigações (*ibidem*, p. 55). A primeira, que ele próprio realizava, era compilar e relacionar o material fático sem coordenação, expondo a luta de ideias filosóficas por detrás das psicológicas, abrindo um caminho para futuras investigações. Tropeçava-se na minguada compreensão do sistema nervoso dos primórdios do século XX: caberia mais formular hipóteses sobre as direções futuras da pesquisa do que tecer afirmações seguras no assunto.

religiões e, mais raramente, por outros filósofos (Chauí 1999a). Perdendo sua herança, essa “terra espinhosa (*terra spinosa*) que a maldição divina há de secar e cobrir” (Chauí 1999a, p. 25), ganhou a vida como um modesto fabricante de lentes, tendo sua filosofia sempre marcada pelo peso da estranheza e da incompreensão mesmo dos amigos próximos. Apesar de toda a virulência religiosa que chegou a ameaçar-lhe a vida, defendeu de forma intransigente sua liberdade de pensar. Segundo Chauí (2005), sua obra mestra foi a *Ética*, publicada apenas postumamente. Em 1690, toda sua obra póstuma foi banida pelo Santo Ofício. Seus trabalhos foram recuperados apenas durante o Iluminismo, desde quando é alvo de sublimes encômios e terríveis pragas, numa luta apaixonada que, ao contrário do que ele propunha, ultrapassa a intenção maior de sua filosofia: não rir, não lamentar, mas sim compreender (Chauí 1999a, p. 26).

A expressão “divisão do trabalho” é um tanto indefinida. Nosso autor não esclarece a quais tarefas se refere, mas apenas o passo seguinte: para revolucionar a pesquisa na psicologia das emoções, diante dos novos fatos neurológicos – ainda incipientes – era necessário mudar o modelo filosófico que embasava a teoria das emoções (Vigotski 1999e, pp. 101-105), substituir o modelo cartesiano pelo espinosano, considerando que tanto a ciência pode se extinguir com uma grande ideia filosófica como, valendo-se dos novos fatos concretos sobre a mente humana, seria possível resolver velhos problemas filosóficos. O gigantismo do projeto vestigial de Vigotski para a investigação das emoções, pois, não se detinha nos limites da psicologia.

Esse caminho era caro ao nosso autor: em algumas obras considerava, por exemplo, que a ciência psicológica poderia ser uma espécie de “filosofia experimental”. Os trabalhos de Koffka e de Piaget eram exemplos disso (Vigotski 1999e, p. 103). O mesmo se aplicava aos experimentos de livre escolha capitaneados por Vigotski (1995, p. 288): vários de seus textos foram perpassados pelo objetivo de compreender experimentalmente o desenvolvimento do livre-arbítrio (Toassa 2004a). Tal preocupação espraiava-se também a suas ideias sobre emoções, aproximando-o de Espinosa nesse terreno.

Para pensar Vigotski e Espinosa

O encontro

Segundo Vygotskaya e Lifanova (1999, p. 24), Semion, pai de Lev Semenovich, presenteou-lhe a *Ética* de Espinosa, adquirida durante uma viagem de negócios. O livro tornou-se um dos mais queridos pelo precoce rapaz, regalado pelo pai antes mesmo de sua graduação (Van der Veer e Valsiner 2001, p. 20). Segundo o ex-discípulo A.N. Leontiev (1991, p. 423), Espinosa era o filósofo favorito de Vigotski. Mas nessa simpatia um tanto deslocada de modismos, tempo e espaço, Vigotski estava, presumivelmente, solitário nos anos 1930: chama-nos a atenção a completa ausência de comentadores russos nas referências de sua

“Teoria sobre as emoções”. Esse vácuo coincide com o fechamento político-ideológico que elevava o materialismo mecanicista de Stalin a um primeiro plano, em detrimento de autores hoje considerados próximos do pensamento vigotskiano, como Trotski e Deborin.

Os intérpretes marxistas de Espinosa: Império russo x União Soviética

Maidansky (2003) afirma que, em torno de 1877, Espinosa e Hegel eram os filósofos mais discutidos da Rússia. Foram publicadas traduções de Espinosa e de seus comentadores alemães e franceses em São Petersburgo, Moscou, Kazan e Odessa. Maidansky observa ainda que nenhum autor russo defendeu Espinosa de modo irrestrito: criticaram-no os pensadores religiosos, os kantianos e os hegelianos.

Entre os pensadores conhecidos por Vigotski, apenas Lev Chestov, Vladimir Soloviov, Abram Deborin e Gueorgui Plekhanov teriam professado admiração por Espinosa (baseado em Maidansky 2003, p. 203). Os dois últimos, marxistas (respectivamente discípulo e mestre), situam-se entre os primeiros daqueles que procuraram vincular Espinosa e o marxismo, num diálogo que tem ocupado cada vez mais páginas desde os anos 1960. Maidansky defende que:

Depois de 1917, a filosofia de Espinosa inesperadamente encontrou aprovação dos Marxistas Russos. A história retorna a 1889, quando Georgij Plekhanov, falando com Engels em Londres, chegou à conclusão de que o “Marxismo é um tipo de Espinosismo”. Isso significava que os princípios filosóficos básicos em Espinosa e Marx eram perfeitamente idênticos. E alguns dos discípulos de Plekhanov, encabeçados por A. Deborin, até definiram o Marxismo como “neoespinosismo”, incitando, assim, um debate acalorado. (Maidansky 2003, p. 203; trad, nossa)

Consultamos o importante artigo “Bernstein and materialism”, e (salvo erros de tradução, pois não localizamos o original em

russo) Plekhanov não afirma a identidade entre Espinosa e Marx.¹² Além desse problema, Maidansky é lacunar ao não se referir a Marx entre os filósofos mais lidos da Rússia. Teria ele deixado de considerar Marx como filósofo, ou mesmo feroz crítico da filosofia idealista?

Começemos de um dos fundamentos do interesse de Vigotski em Espinosa: o monismo espinosano associado, na obra do bielo-russo, ao materialismo, naturalismo e determinismo. Cabe afirmar que Engels, Plekhanov e Deborin foram antecessores extremamente importantes da posição vigotskiana: o segundo cita o primeiro, no artigo “Bernstein and materialism” (1898), polemizando sobre o sentido epistemológico do materialismo. Aponta como, no seu *Ludwig Feuerbach* (1886), Engels considerara materialistas os filósofos que sublinhavam a primazia da natureza sobre o espírito, conquanto o materialismo dialético fosse exclusividade dele próprio e de Marx.¹³ Plekhanov sustenta que, em seu período materialista, Marx e Engels nunca teriam abandonado o ponto de vista espinosano.

Em *On the alleged crisis in marxism* (1898), Plekhanov afirma que todos os materialismos do século eram espinosismos que haviam se tornado mais ou menos conscientes de si. Criticou a incapacidade de Espinosa em abandonar a teologia e defender a identidade entre deus e natureza – correção realizada por Feuerbach e aprovada por Marx e

12. Acerca da relação Marx-Espinosa na filosofia russa, além dos textos que comentaremos a seguir, também pesquisamos Plekhanov (1964; 1973; 1978).

13. “Aqueles que afirmavam a primazia do espírito sobre a natureza e, portanto, em última instância, assumiram a criação do mundo de um modo ou de outro – e entre os filósofos, Hegel, por exemplo, essa criação frequentemente se torna ainda mais intrincada e impossível que no cristianismo – formavam o campo do idealismo. Os outros, que consideravam a natureza como primária, pertenciam às várias escolas de materialismo” (Engels 1886/1946, trad. nossa). Conclui Plekhanov: Espinosa seria, então, materialista. No mesmo artigo, relata uma conversa com Engels em 1898, na qual perguntou: “Então você pensa, (...) o velho Espinosa estava certo quando disse que pensamento e extensão são nada mais que dois atributos de uma e da mesma substância?”. “É claro”, replicou Engels, “o velho Espinosa estava certíssimo” (....) (Plekhanov 1898/1976, trad. nossa).

Engels. Vale notar, contudo, que as referências elogiosas de Engels a Espinosa são extemporâneas, um tanto equívocas, e não constituem um esforço sistemático de resgatar Espinosa das muitas maldições que sofreu, situando-o como um autor de maior relevância para o marxismo em construção. Deborin debruça-se um pouco mais sobre a doutrina espinosana. Da leitura de *Spinoza's world-view* (Deborin 1952) constata-se que o filósofo conhecia os fundamentos da doutrina espinosana, categorizando, em declarada concordância com Plekhanov, Espinosa como filósofo ateu, materialista (conquanto mecanicista) e precursor do marxismo. Traça a biografia do Excomungado e mostra compaixão para com as maldições sociopolíticas que recaíram sobre ele, ressaltando-lhe a coragem na luta contra as religiões e o *establishment* da burguesia holandesa.

Vigotski (2000) menciona um trabalho de Deborin, mas não o associa a Espinosa. A perseguição de Stalin a Deborin e seu grupo no início da década de 1930 também oprimiu muitos eminentes pedólogos (entre eles, Vigotski), acusados de nutrir-lhes simpatia (Van der Veer e Valsiner 2001, p. 329). Ao menos no que se refere à leitura de Espinosa, há certamente proposições convergentes entre Vigotski e Deborin. Por exemplo: 1) a defesa de que as opiniões sobre Espinosa concernem à própria visão de mundo que se desejava para o marxismo – filosófico, de Deborin; psicológico, de Vigotski; 2) Espinosa era um autor determinista (ou seja, que tudo estudava em termos de causalidade); 3) a *Ética* de Espinosa define o lugar do homem na natureza e deriva um modo de vida do conhecimento das paixões e impulsos.

Não sabemos se Vigotski conhecia os mencionados textos de Plekhanov e Deborin, mas as referências ao primeiro são frequentes em sua obra (Vigotski 2001c, p. 374; 2004, p. 521; 2001a, p. 488). Ao segundo, mais escassas (2004, p. 518; 1996e, p. 236).

Sobre a posição de Espinosa na obra vigotskiana

Vigotski, provavelmente, tomou contato com a filosofia espinosana na graduação em Shaniavski, sendo, para muitos, um especialista no

assunto (A.A. Leontiev 2005; A.N. Leontiev 1991, p. 423). Contudo, a leitura dos fragmentos de sua obra a que tivemos acesso não são suficientes para referendar essa afirmação. S.F. Kechekyan é o único comentador soviético de Espinosa presente na “Teoria sobre as emoções” (Vigotski 1999e, p. 172). Isso contrasta com a importância filosófica de Plekhanov e Deborin e abre margem para a suspeita de que a (então, recente) desgraça deste último, incluído na lista dos filósofos proibidos por Stalin, talvez tenha determinado a omissão de Vigotski. Tal qual ocorria com todas as perspectivas filosóficas dissonantes, a defesa de Espinosa obscurecia-se diante do materialismo mecanicista triunfante? Somente futuros estudos poderão afirmá-lo.

A primeira aparição conhecida de Espinosa na obra vigotskiana está em *Psicologia da arte* (1925), livro que o autor abre e fecha com uma citação espinosana da terceira parte da *Ética* sobre o desconhecimento das capacidades do corpo (ver p. 64 ss.). Há referências breves ao filósofo holandês em vários outros textos, tendo sido ainda pouco estudada sua presença em Vigotski. Não obstante esse problema, é certo que ele conhecia pelo menos as seguintes obras de Espinosa: *Breve tratado sobre Deus, o homem e sua felicidade*; *Tratado político*; *Correspondência*; *Tratado da correção do intelecto*, e *Ética*, como podemos constatar em Vigotski (1999e; 1996j; 1995). Na “Teoria sobre as emoções”, o autor reporta-se a *Ética*, seguida de longe por *Breve tratado*.

Nossa tese fundamental sobre a relação Vigotski-Espinosa é de que o bielo-russo estabelecia com a obra espinosana uma relação de crítica dialética: pretendia a incorporação de algumas partes, a destruição de outras e a superação das primeiras pela sua integração em uma nova síntese, que seria a própria psicologia histórico-cultural (segundo a definição de dialética em Lukács 1966). Na citação a seguir:

Não pensamos encontrar na teoria das paixões de Espinosa uma teoria preparada, válida para as necessidades do saber científico moderno. Ao contrário, durante nossa investigação propomo-nos, baseando-nos no que há de verdadeiro na teoria de Espinosa, pôr em evidência seus erros. Pensamos que, para fazer a crítica a Espinosa, não temos arma

mais segura e poderosa que a verificação de suas ideias à luz do saber científico contemporâneo. Mas cremos que a única maneira de tirar a teoria moderna das paixões de seu atoleiro histórico é com a ajuda de uma grande ideia filosófica. (Vigotski 2004, p. 58; trad. nossa)

Um aspecto marcante da presença de Espinosa em Vigotski é a ambivalência: Vigotski oscila entre o elogio e a crítica ao filósofo, embora o elogio apareça com mais frequência que a crítica. Quase todos os textos de Vigotski evidenciam o talento de seu autor para a crítica teórico-metodológica, capaz de atingir, de pronto, a essência de um pensamento, separar o joio do trigo e conquistar ideias para a edificação dos conceitos de sua própria psicologia, incluindo seu processo de trabalho experimental e clínico. Tal postura, epistemologicamente explicada em Vigotski (1996j), salvava o autor do ecletismo, imprimindo uma marca inconfundível em seus trabalhos. É frequente acompanharmos o bielo-russo comentando dados e concepções de outros pesquisadores, fornecendo-lhes sua própria interpretação, corrigindo, mostrando como um autor contribuíra para resolver um problema e em quais aspectos havia falhado. Seu olhar, tão amplo e isento de preconceitos, trabalha num compasso próprio que, se contém defeitos em virtude principalmente de sua rápida elaboração, goza, no entanto, de grande harmonia interna. Por essas razões, cremos que é preciso cautela para colocar cada ideia esparsa lançada sobre Espinosa em seu lugar: o de sua possível utilidade e/ou de relação com a perspectiva histórico-cultural, na medida de nossas possibilidades neste livro.

Nesse terreno de possível interlocução entre os finados, é importante lembrar “O significado histórico da crise na psicologia” (1996j, pp. 252-269), texto no qual Vigotski desaprova as tentativas ecléticas de conjugar elementos de sistemas teóricos heterogêneos. Empreendendo uma análise da história da psicologia, mostrou o sentido estratégico dessas tentativas. Tachou parte delas como mera “anexação de um território alheio” (em que uma teoria absorve de outra os produtos científicos considerados interessantes) ou “tratado de aliança”, no qual interesses teóricos complementares uniam-se sem perder a independência, mas

tampouco acrescentavam novas descobertas a cada um. Para isso, usavam-se métodos confusos, ecléticos, em oposição aos quais Vigotski defendia o cuidado metodológico. O livro, parcialmente dedicado à crítica da importação de modelos de outras ciências para a psicologia, comenta a lamentável arbitrariedade de se minimizarem questões filosóficas de importância, de se mutilarem sinônimos teóricos esquecendo seus significados e seu processo de produção no sistema original, além das premissas fundamentais presentes em cada afirmação menor de um autor.¹⁴

Qualquer análise escrupulosa e crítica deveria retrçar a rota metodológica demonstrativa de um conhecimento. A ciência, para Vigotski, por vezes não se apresentava como uma superfície homogênea, contínua – raramente o vemos rejeitar em bloco algum sistema teórico. Era o caso, por exemplo, da concepção freudiana sobre a sexualidade: importante na análise da histeria, tornava-se absurda quando extrapolada à explicação das obras de Dostoievski, da igreja cristã, da horda primitiva.

Era necessária a existência de um sistema de ideias próprio que, segundo o autor, criava um porto seguro para o processo de investigação e relação com outras teorias: o exemplo mais contundente era o de Pavlov, que se deparara no laboratório com fenômenos similares à clínica freudiana, e, instigado pelas ideias deste último, investigara-as com sua própria metodologia, explicara-as com seus próprios conceitos. Dois sistemas teóricos podiam coincidir num ponto de interseção, num domínio comum, mas sem perder sua origem, significado e valor no sistema original. A verdadeira ciência psicológica, para cuja direção apontava sua psicologia histórico-cultural, não deveria realizar um processo grosseiro de importação mutiladora de outros autores, em prejuízo, pois, do próprio sistema científico vigotskiano.

14. Por exemplo: contra o suposto “materialismo médico” freudiano, defendido por Zalkind como porta de comunicação entre marxismo e psicanálise, Vigotski (1996j) argumenta que no plano ontológico/gnoseológico Freud mantinha-se idealista e dualista. Em seus pressupostos fundamentais a teoria freudiana estava longe do materialismo e suas conclusões práticas eram anti-históricas e antidualéticas.

O clima criado pelos apontamentos esparsos de Vigotski sobre a obra espinosana, além das próprias características filosóficas das obras vigotskianas, implicam significativas dificuldades ético-políticas, teóricas e metodológicas. Conhecemos as ideias de Vigotski sobre as emoções, mas elas constituem uma concepção e não propriamente uma teoria amplamente sistematizada; o autor elaborou um pensamento psicológico que pode nos orientar no comentário a Espinosa, mas não sabemos de todo como o bielo-russo era provocado pelo trabalho deste último.

É por essa dificuldade que procuraremos chegar, tanto quanto possível, a reflexões úteis na comparação dos dois sistemas. Serão elencados e analisados alguns apontamentos teórico-metodológicos de Vigotski sobre Espinosa. Nossa linha discursiva passará pela *Ética* (2008), obra-mestra do filósofo e também portadora de mais conteúdos sobre sua doutrina dos afetos. Espinosa é, provavelmente, um autor pouco conhecido para os leitores deste livro. Assim sendo, procuraremos construir uma síntese introdutória e provisória, determinada pelos aspectos relevantes que o bielo-russo ressaltou em Espinosa. Mais do que respostas, desejamos uma problematização.

Os apontamentos de Vigotski: A doutrina espinosana dos afetos

Dentre as obras vigotskianas a que tivemos acesso, os principais apontamentos sobre Espinosa, que impactam diretamente uma psicologia das emoções, são os seguintes:

- a obra espinosana podia ser referência para um modelo de natureza humana, para a própria formação de uma ideia de homem (Vigotski 2004, p. 59);
- Espinosa era um autor materialista, naturalista e determinista (seu naturalismo reside na crença de que a psique não é um estado dentro do outro, não é algo fora da natureza, conforme Vigotski 2004);

- Espinosa elaborou uma importante doutrina psicofísica (*idem*, 1996j, p. 359);
- em Espinosa evidenciava-se a importância do conceito de afeto e sua influência no pensamento (na acepção de raciocínio, resolução de problemas com base em conceitos – *idem* 2004, p. 16; 1997b, p. 266);
- Espinosa tendia a uma atitude genética correta, a partir da ideia de que o indivíduo inteligente é amo de suas emoções: com isso, mostrou um caminho que conduziria à regulação da vida emocional (*idem* 1996f, p. 245; 1997b, p. 272), elevando os estados psíquicos da passividade à atividade (*idem* 1996g, p. 307), conduzindo à liberdade como processo dependente do desenvolvimento do pensamento (*idem* 1995, p. 288). Pensar liberto com respeito à servidão dos afetos;
- Espinosa negou os poderes absolutos da vontade na determinação da conduta. Vontade e liberdade não são processos que ocorrem fora, mas dentro da natureza; são aspectos da necessidade natural (Vigotski 2004, p. 160) e seu controle depende das manifestações e da natureza do afeto experimentado;
- como apontava Espinosa, nada podemos fazer em relação à nossa alma, sem o auxílio da recordação (Vigotski 1995, p. 262);¹⁵
- como afirmava Espinosa, não era possível calcular as possibilidades do futuro nem para a arte nem para a vida, pois ninguém havia definido do que o corpo era capaz (Vigotski 2001c, p. 329);
- Espinosa plantava os problemas do significado vital dos sentimentos humanos e sua relação com o que há de superior/específico na vida emocional humana, sem abrir mão de sua explicação causal (*idem* 2004, pp. 235-236);

15. Essa ideia é vinculada pelo bielo-russo ao emprego de estímulos auxiliares, à porção involuntária dos atos volitivos, da qual dependia a voluntária (ver p. 234 ss.).

- como Espinosa afirmava, não é necessário um método para descobrir qual o método verdadeiro, sob pena da multiplicação dos métodos. O instrumento para investigação, de algum modo, é o próprio intelecto dotado de potência ou força natural, o qual se utiliza, de início, apenas de seus instrumentos inatos (Vigotski 1996j, pp. 242-243);¹⁶
- Espinosa equivocava-se ao tratar dos afetos com os mesmos métodos utilizados para o estudo geométrico das linhas, superfícies e corpos (*idem* 1996j, pp. 385-386): para Vigotski, não seria possível construir, por exemplo, uma ciência psicológica geométrica. O método analítico é o das ciências reais, naturais; o fenomenológico, ou apriorístico, seria o das ciências matemáticas e o da ciência pura do espírito;
- Vigotski (1991g, p. 92), embora aprovando a ideia espinosana de que a personalidade deveria se referir a um fim máximo, ser um sistema de centro único, descartou que o amor intelectual a deus, misteriosa ideia de Espinosa, ocupasse esse centro;
- a classificação e as definições dos afetos, na terceira parte da *Ética*, seriam os aspectos mais datados da doutrina espinosana, revelando mais as condições produtoras de um estado mental determinado, do que o conteúdo dos afetos (Vigotski 2004, p. 232).

Nossa primeira tarefa é assinalar um problema: a filosofia de Espinosa não pode ser considerada materialista no sentido cartesiano do vocábulo *materia*, que seria um sinônimo de *extensão* no século XVII. A leitura de sua *Ética* não deixa dúvidas: em nenhum momento, a substância única que constitui o universo espinosano é denominada “matéria” sem ambiguidade.¹⁷ E, tampouco, surge como mera ideia ou pensamento.

16. Tais instrumentos eram, presumivelmente, as mãos e o pensamento.

17. Ver as definições da Parte I da *Ética*, acerca de substância, atributos e modos. Ver, particularmente, o escólio da Proposição 15 da Parte I, em que o autor se refere à “matéria” (no latim: *materia*), mas é difícil dizer se Espinosa denomina a substância

Vigotski (2004) menciona o “materialismo” espinosano apenas de passagem. Primeiro: na página 89, ataca tanto os positivistas e seu enfoque de Espinosa pelo suposto “paralelismo” corpo-mente desse autor, quanto os fenomenólogos da época: considera que, sob a aparência de um paralelismo, Espinosa teria desenvolvido, essencialmente, uma concepção materialista do mundo. Abraçar a ideia de um paralelismo espinosano, naquele contexto, seria recair no dualismo, desmembrando-se as conexões corpo-mente em benefício de uma psicologia dos nexos puros da consciência, à moda de Dilthey. Contra isso, Vigotski recomenda o estudo de Espinosa nas *relações* corpo-mente, instruindo as ciências da atividade nervosa superior na superação do cartesianismo.

Segundo momento: contra a captura de Espinosa pela psicologia descritiva, Vigotski defende que a tarefa histórica direta do autor teria sido resolver, de forma materialista, problemas propostos pelo idealismo de sua época, confirmando um importante fato: o idealismo inteligente está mais próximo de um materialismo autêntico do que um materialismo estúpido (2004, p. 91). A ideia parece um tanto nebulosa, não se encaixando em seu contexto. Vigotski (*ibidem*, p. 93), materialista histórico, considera, nesse trecho, a história da filosofia como uma luta entre materialismo e idealismo num ciclo de tese-antítese-síntese, afirmando que Espinosa seria a refutação materialista de Descartes, e o idealista Hegel, posteriormente, criador da única refutação válida de Espinosa.¹⁸

Terceiro momento: novamente tratando da necessidade de unificação entre explicação e descrição, para a superação do dualismo, Vigotski agrega o materialismo ao naturalismo e ao determinismo espinosano, opondo-os ao espiritualismo, ao indeterminismo, às teleologias e ao sobrenatural: “É precisamente Espinosa quem lutou por

de seu próprio sistema filosófico, ou apenas o atributo extensão, ou faz uma espécie de concessão retórica a seu interlocutor imaginário.

18. É fato que Hegel, em mais de um trabalho, criticou a filosofia espinosana. Na *História da filosofia*, por exemplo, critica-o, entre outros aspectos, por ter “confundido” filosofia e matemática, errando no conteúdo de sua filosofia e ao escolher um critério de verdade matemático (Andrade 1998, p.11).

uma explicação causal, determinista, natural e materialista das paixões humanas” (Vigotski 2004, p. 232; trad. nossa). Uma leitura de Espinosa bem próxima da deboriniana.

Essas sutilezas mostram que, embora o manuscrito seja dotado de unidade interna, é às vezes vago; apresenta problemas de revisão e detalhes semânticos que nos impedem de afirmar, por ora, qual o sentido do materialismo atribuído por Vigotski a Espinosa. É certo, contudo, sua defesa do determinismo e do naturalismo em um contexto de luta contra a superstição.

Mas, de todo modo, considerar Espinosa materialista é comum na história da filosofia, que conta com alguns exemplares de monismo materialista: caso do próprio materialismo histórico, a forma mais elaborada de materialismo que conhecemos. Há quem tenha considerado a ontologia espinosana como monismo naturalista a anunciar materialismos futuros (Chauí 1999a, pp. 22, 638), precursora de formas contemporâneas de materialismo (com simpatia pelas suas formas passadas: caso de Lucrécio), entre os quais, o marxista.

De resto, existe certo consenso filosófico: a filosofia espinosana é monista e determinista. A doutrina espinosana dos afetos ganha sentido numa concepção repleta de sinônimos em que deus, ou natureza, ou ente absolutamente infinito, ou substância (única, não havendo outras), ou real, é composto pela natureza naturada e a natureza naturante. A naturante engloba a substância e seus atributos que exprimem uma essência eterna e infinita, isto é, deus como causa livre, independentemente de qualquer outro ser, sendo que os dois atributos aos quais o autor dedica maior atenção são o pensamento e a extensão. A natureza naturada engloba os *modos* dos atributos de deus, enquanto considerados como coisas que neles existem, sem existir nem ser concebidas sem eles (Espinosa 2008, p. 53).¹⁹

19. A Parte I da *Ética* – “Deus” – dedica-se a expor esses fundamentos. A Parte II apresenta “A natureza e a origem da mente”; a Parte III, “A origem e a natureza dos afetos”; a Parte IV, “A servidão humana ou a força dos afetos”; e a Parte V, “A potência do intelecto ou a liberdade humana”. Demonstrada à maneira dos geômetras, a *Ética* faz-se num ciclo de definições, axiomas, postulados, proposições, corolários, escólios, demonstrações, apêndices, prefácios; elementos

Grosso modo, podemos classificar todos os corpos (no sentido amplo, físico, dessa palavra) como modos finitos corporais. Os modos infinitos da extensão são as leis físicas; o modo infinito mediato do atributo extensão é o universo, sendo a extensão, essência do mundo físico. As almas, ou modos finitos anímicos ou psíquicos são indivíduos feitos por nexos de ideias (baseado em Chaui 2005, p. 48). Se colocados numa ponta causal do cosmos espinosano, a dos modos finitos, pode-se afirmar que os corpos causam-se uns aos outros, mas sempre causados pelos modos infinitos. Tal ideia está próxima de se dizer: os homens são uma das causas de si próprios, mas como ínfima parte de uma natureza rigorosamente determinada. Pela causalidade eficiente imanente (baseado em Chaui 1999a, p. 66), Espinosa, geometricamente, passa da exposição de deus, natureza ou substância à constituição do corpo humano e seus afetos, à ética e à sociedade. Não é possível compreender a concepção espinosana sobre a servidão humana perante a força dos afetos (na Parte IV da *Ética*), sem acompanhar a apresentação à moda geométrica em que se define a condição do homem na natureza (nas partes I, II e III). Tanto menos, os meios para que se alcance maior potência, realidade ou perfeição, admitindo que os afetos sejam transições de potência, realidade ou perfeição do corpo em agir, e da mente em pensar. Avisa Marilena Chaui (1982, p. 56):

Como todo filósofo, Espinosa não considera os afetos de um ponto de vista estreitamente “psicológico”, isto é, como estado de alma observável e controlável, mas como disposição interior, ethos. O sentimento possui dimensão fenomenológica – manifesta um modo de existir – e um sentido ontológico – exprime um modo de ser. É nossa vida por inteiro, corpo e alma, que se encontra implicada numa história afetiva da qual, segundo Espinosa, a alegria e a tristeza são as formas originárias das quais nascerão todas as outras.

A filosofia espinosana critica profundamente as grandes religiões, consideradas como tributárias da superstição. Esta se constitui porque

que obedecem a um ciclo analiticamente rigoroso, no qual cada ponto se remete a seus complementares no interior da obra.

o homem, parte da natureza, tem uma existência carente de muitas outras partes, mas, via de regra, não conhece as verdadeiras causas de suas benesses e desgraças, criando ideias confusas sobre elas. Sua *Ética* tematiza, então, entre outros assuntos, a potência e a impotência humanas em face do restante da natureza: não há acaso, milagre nem situação ininteligível. Nossa incompreensão de um fato decorre de que, muitas vezes, não conseguimos reconstituir por completo a cadeia de suas causas. A natureza não é estática, mas dinâmica e complexa: ideia com a qual Espinosa dá uma estocada no criacionismo, o qual postula a existência de um mundo imutável, criado por deus de uma vez para sempre.

Parte da ignorância humana é função das relações entre corpo e mente, na qual abundam as ideias confusas, entre as quais os afetos ditos paixões. Assim, tanto quanto o conhecimento verdadeiro, a ignorância faz parte da natureza. A superstição consiste numa série de ideias confusas sobre as causas dos fatos, pela qual os homens são levados a imaginar o mundo de modo finalista, como que construído para o seu prazer e a sua dor (no Apêndice da Parte I da *Ética*).²⁰ Mas essas imaginações não são uniformes: embora certos bens sejam desejados pela maioria dos homens, nem todos os homens desejam os mesmos bens ao mesmo tempo, na mesma época da vida, ou do mesmo modo.

O determinismo espinosano, que tanto atraiu Vigotski, atravessa toda a *Ética*, perfazendo causalidades que vão da substância infinita a seus modos finitos: todo efeito contém uma ou mais causas; tudo que existe pode ser explicado pelas suas causas. Por isso, Chaui (2005, p. 32) identifica em Espinosa um racionalismo absoluto, cujo sentido prático é uma libertação com respeito à ignorância, incluindo seus efeitos religiosos e políticos.

Conhecer pelas causas, para Espinosa, segundo Chaui (*ibidem*, p. 37), é conhecer a origem necessária de algo conhecendo sua gênese.

20. “E como aqueles que não compreendem a natureza das coisas nada afirmam sobre elas, mas apenas as imaginam, confundindo a imaginação com o intelecto, eles crêem firmemente que existe uma ordenação nas coisas, ignorando tanto a natureza das coisas quanto a sua própria” (Espinosa 2008, p. 71).

Epistemologia e ontologia, assim, ligam-se de modo indissolúvel: Espinosa distingue a *definição real* ou ideia verdadeira, que nos dá a razão ou a causa necessária da essência e da existência de um ser qualquer, da simples *definição nominal*, que descreve as propriedades do objeto. Afastando a tradição aristotélica de definição da coisa pelas suas propriedades (exemplo: o homem é animal racional, capaz de falar etc.), sujeitas ao caráter fortuito de nossa imaginação, do hábito, Espinosa defende as definições genéticas da geometria. Não significa que o autor não descrevesse as propriedades das coisas: mas sim que apenas conhecendo as causas formadoras das propriedades singulares *dessa* coisa, ou de um determinado gênero de coisas, e distintivas quanto à formação de outras coisas, seria possível compreendê-las, atenuando-se os efeitos negativos da imaginação.

Tal como na geometria, o autor mostra o modo pelo qual certa causa (processo), sendo dada, produz algo – por exemplo, um círculo ou triângulo – e sendo retirada, extingue o produzido (Espinosa 2008, p. 79). Mas esse aspecto passa por uma polêmica filosófica secular: o papel da matemática, particularmente da geometria, nas obras de Espinosa, que comentaremos mais adiante. Passemos a uma breve exposição de sua doutrina psicofísica e dos afetos.

O corpo é maneira definida e determinada da essência de deus, enquanto considerada como coisa extensa. O corpo é modo definido do atributo extensão. O homem, além de ser um corpo, pensa. Ou seja: a mente é modo definido do atributo pensamento. As ideias, a vontade, os afetos (enquanto ideias das afecções do corpo) são todos compreendidos no atributo pensamento. O sentido do termo é, portanto, mais amplo do que para Vigotski. Não há diferença de substância entre ideia e coisa: um círculo existente na natureza e a ideia desse círculo são *uma só e a mesma coisa*, ora compreendida com o atributo do pensamento, ora com o da extensão, e não como externalidades que se determinam. Na Proposição 7 da Parte II, lemos: “A ordem e a conexão das idéias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas” (Espinosa 2008, p. 87). Por isso, tudo que ocorre no corpo é percebido pela mente (embora não seja, necessariamente, rotulado por ela). Nessa Proposição, segundo pensamos,

centraliza-se a genialidade do monismo espinosano que envolve sua doutrina dos afetos. Não há afeto puramente físico ou mental, razão pela qual a obra de Espinosa oferecia a Vigotski uma alternativa à confusão dualista entre emoções “baixas” e “elevadas” em que derrapavam as psicologias de sua época (e, de algum modo, também as de nosso tempo). O que isso significa em termos neurocientíficos, psicossomáticos, tem sido explanado mais recentemente: não há estado emocional sem efeitos corporais e mentais.²¹

A sequência explicativa da Proposição 13, Parte II da *Ética*, evidencia os processos físico-fisiológicos próprios aos corpos e completa-se com as considerações de que o corpo humano é ser composto de muitos indivíduos, os quais, por sua vez, compõem-se de corpos mais simples. O próprio corpo é, pois, um ente coletivo:²² “É composto de um grande número de indivíduos de natureza diferente, e pode, portanto, ser afetado de muitas e diferentes maneiras por um só e mesmo corpo” (Espinosa 2008, p. 185).

Certo corpo pode ser, então, afetado de muitas maneiras e ainda conservar sua natureza. Espinosa afirma: os indivíduos que compõem o corpo humano, e, por conseguinte, ele próprio, são afetados pelos corpos exteriores de muitas formas. E, ainda: “O corpo humano tem necessidade, para conservar-se, de muitos outros corpos, pelos quais ele é como que continuamente regenerado” (*ibidem*, p. 105). O corpo humano, por sua vez, também afeta (modifica, altera) os corpos exteriores, sendo que a capacidade de causar afecções é indissociável da de sofrê-las, bem como

-
21. Pesquisas neurocientíficas recentes mostram o processo de mapeamento do corpo pelo cérebro e a contínua produção de hormônios por este último (Herculano-Houzel 2008), desqualificando as teorias fundadas numa dicotomia corpo-mente. Mesmo a sonoridade da música, ou bons relacionamentos de amizade, exercem efeitos antes insuspeitos no bem-estar corporal.
 22. Conforme exprimiu, com justeza, o professor Laurent Bove em sua conferência “Sobre o princípio do conhecimento dos afetos em Espinosa. Causalidade e esforço sem objeto na *Ética* III”, dia 23 de outubro de 2008, no Anfiteatro do Instituto Sedes Sapientiae – São Paulo (SP).

da natureza dos corpos que se afetam. Isso se acompanha, é claro, da existência de ideias na mente acerca do próprio corpo e dos demais. Mas – ponto fundamental na causalidade das nossas ideias – elas indicam mais o estado de nosso corpo enquanto afetado pelos exteriores que a natureza de qualquer deles (como as associações do “signo emocional comum”). Pois, em primeiro lugar, a mente é a ideia do seu corpo existente em ato: a ideia de uma afecção (mudança decorrente da relação com outro corpo) do corpo persiste enquanto este for afetado. E, posteriormente, a mente pode considerar presentes os corpos exteriores pelos quais o corpo humano, do qual constitui a ideia, foi antes afetado, conservando deles as ideias imaginativas enquanto durar a afecção correspondente.

Como propriedade da nossa imaginação,²³ podemos confabular ideias sobre coisas que, de fato, não existem. Essa é uma virtude da mente, sendo errônea apenas caso não se percebam razões para dúvida. As imaginações são forma adequada de conhecimento do estado do corpo em ato e inadequada de suas relações com outros corpos: são ideias confusas, conclusões sem premissas. Por meio delas, a mente conhece a si mesma apenas enquanto percebe as ideias das afecções do corpo.

A imaginação, pela sua virtude a um só tempo cognoscente e confusa, enquadra-se no primeiro gênero de conhecimento espinosano. Ao todo, esses gêneros são três: 1) a imaginação; 2) as noções comuns e as ideias adequadas das propriedades das coisas; 3) a ciência intuitiva.²⁴

23. Chauí (2005, p. 32) afirma que, no século XVII, “imaginação” não significa fantasia criadora, mas sensação, percepção e memória. A imaginação é o conhecimento sensorial que produz imagens das coisas em nossos sentidos e cérebro. “Uma imaginação é uma idéia pela qual a mente considera uma coisa como presente” (Espinosa 2008, p. 277).

24. No escólio 2 da Proposição 40, Parte II: “De tudo o que foi anteriormente dito conclui-se claramente que percebemos muitas coisas e formamos noções universais: 1. A partir de coisas singulares, que os sentidos representam mutiladas, confusamente, e sem a ordem própria do intelecto (...). Por isso, passei a chamar essas percepções de conhecimento originado da experiência errática. 2. A partir de signos; por exemplo, por ter ouvido ou lido certas palavras, nós nos recordamos das coisas e delas formamos idéias semelhantes àquelas por meio das quais imaginamos

Sendo o corpo humano composto de muitas partes, também a mente é uma ideia composta: como as afecções são muitas, são muitas as imaginações. Calor, frio, fome, sede (e suas respectivas ideias) são algumas delas, pelas quais imaginamos, por exemplo, uma casa com aquecedor, um prato de *yakisoba*, um sorvete. Tão logo sejamos satisfeitos, é provável que a afecção cesse e paremos de imaginar tais coisas. Isso, contudo, depende da nossa natureza singular e das circunstâncias que envolvem a afecção. O *yakisoba* e o sorvete, entretanto, terão sido modificados por partes de nosso corpo até um nível molecular. Mas isso não significa que saibamos algo sobre a natureza desses corpos decompostos, ou mesmo por que, retrospectivamente, nossa mente os imaginava.

A memória é certa concatenação de ideias que envolve a natureza das coisas exteriores segundo a ordem e o encadeamento das afecções do corpo humano. Portanto, ela é dependente do hábito ou de experiências pregressas de quem imagina. A variedade e a dinâmica das afecções é obstáculo para a mente formar um conhecimento adequado destas: ela não compreende as concordâncias, diferenças e oposições entre todas as coisas. Assim, a imaginação é, antes de tudo, processo corporal e passivo. Se a mente deixar-se confundir pela ideia imaginativa, tomando-a passivamente como verdade absoluta, estará propensa às paixões, e, portanto, à servidão.

Espinosa (2008, pp. 143-145) edifica, a partir da multiplicidade constitutiva da mente e do corpo, uma doutrina dos afetos que se caracteriza por uma recusa da faculdade de compreender, desejar ou amar como posse transcendente e abstrata do ser humano. A vontade não subordina o desejo. A vontade é o próprio desejo, enquanto referido à mente. É a determinação da mente a pensar, a afirmar ou negar alguma coisa. Pensamos falar ou calar por livre determinação da mente, mas

as coisas (...). Vou me referir, posteriormente, a esses dois modos de considerar as coisas como conhecimento de primeiro gênero, opinião ou imaginação. 3. Por termos, finalmente, noções comuns e idéias adequadas das propriedades das coisas (...). A este modo me referirei como razão e conhecimento de segundo gênero. Além desses dois gêneros de conhecimento, existe ainda um terceiro, como mostrarei a seguir, que chamaremos de ciência intuitiva” (Espinosa 2008, p. 135).

nossas “decisões” não são mais do que os apetites, enquanto referidos à mente (*ibidem*, p. 171). Em um contexto de negação da doutrina estoica da potência absoluta da mente com relação ao corpo, Espinosa define:

3. Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as idéias dessas afecções.

Explicação. Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão. (Espinosa 2008, p. 163)

Vemos, pois, como um afeto difere de uma simples afecção do corpo, pois o conceito implica: 1) mudança de potência (inexistente em muitas das afecções); 2) a ideia dessa mudança. Modificações tanto numa como noutra dimensão definem afetos diferentes.²⁵ Fernández G. (1999, p. 94) nota como esse conceito, diversamente da tradição que entende os sentimentos como estados internos, apresenta os afetos como um processo relacional-transicional, a partir de sua natureza e imanente necessidade.

Essas transições de potência/perfeição/realidade são a mudança do *conatus*, ou essência atual, ou desejo (enquanto referido ao corpo e à mente, como apetite consciente), ou vontade (enquanto referido apenas à mente), ou apetite (enquanto referido apenas ao corpo). Uma afecção qualquer apenas pode ser afeto ao implicar, pois, a essência desejan- te de uma pessoa e uma correspondente mudança de potência/perfeição/ realidade em sua relação com o restante da natureza.

Ação e paixão diferenciam-se quando o homem puder ser a causa adequada de seus afetos, ou apenas quando ele se assujeitar à variação das causas externas. No percurso que leva de uma existência dominada por paixões à potência das ações, variamos também entre extremos absurdos: de ser a completa resultante de causas exteriores a ser causa

25. Não devemos confundir a “ação” no sentido convencional da palavra – o de um movimento do corpo – e ação como afeto. Espinosa afirma que tanto se pode fazer algo por paixão, como por ação.

de todos os eventos de nossa vida. Tudo isso depende da qualidade de nossos desejos, e da maneira como nos relacionamos com as numerosas, e infinitamente mais poderosas, forças externas. Depende, ainda, da natureza do desejado, e do fato de o que se deseja ser ou não obtido (Chaui 2005, p. 60).

Agimos quando, em nós ou fora de nós, sucede um efeito de que somos causa adequada, a qual pode ser compreendida de forma clara e distinta a partir de nossa essência (Espinosa 2008, pp. 163-165). Vale dizer que as paixões têm por fonte um conhecimento inadequado: meras opiniões que, como ondas, formam-se e dissipam-se com a próxima afecção. Pois, se tudo soubéssemos do que nos afeta, menos estaríamos sujeitos às paixões. O conceito de afeto como ação refere-se a uma mente mais capaz de pensar as causas reais das afecções, e a um corpo mais capaz de agir, sem o assujeitamento às causas voláteis da imaginação: quanto mais ideias adequadas tem a mente, menor o seu número de paixões. Uma mente pode o que pode o seu corpo, e um corpo, o que sua mente pode: ambos são ativos ou passivos na mesma medida (Chaui 2005, p. 61).

Do latim, o *conatus* (esforço, impulso, inclinação) espinosano circunscreve a potência natural que os seres têm para se autoconservar. Todos os modos finitos são dotados dessa força para permanecer como são (Chaui 2005, p. 58). Pulgas, hidroaviões, a Via Láctea, homens, sociedades, as torres gêmeas estão/estavam aquinhoados com seu *conatus*. Do lado do corpo, o desejo produz ação; da mente, pensamento, impulsionando o homem a ambas as reações. Nos homens, se algo aumenta ou diminui a potência de agir do corpo, sua ideia aumenta ou diminui a potência de pensar da mente (Espinosa 2008, p. 177), pressuposto, como vimos, elogiado por Vigotski. A mente sempre se esforça por imaginar sua potência, entristecendo-se conforme esse esforço é refreado por imaginações adversas. Nos humanos, o *conatus* tem a rara propriedade de ser um esforço consciente de si próprio (o desejo), cuja destruição vem sempre do exterior da pessoa. Uma ideia que exclui a existência de nosso corpo não pode existir também em nossa mente. Pois da nossa essência sempre decorrem meios para sua própria conservação, conquanto ela

possa ser complexa, difícil: é possível que nossos esforços, impulsos, apetites e volições, dependendo das circunstâncias, sejam opostos entre si, arrastando-nos para direções diferentes (Espinosa 2008, p. 239).

A Parte III da *Ética* é especialmente dedicada a trabalhar definições genéticas dos afetos e das flutuações de ânimo segundo os três básicos: desejo, alegria e tristeza. Os principais afetos e flutuações são definidos por suas causas próximas e com propriedades precisas (Espinosa 2008, pp. 163, 237): dos afetos básicos, deriva-se um enorme número de outros, tantos, que o filósofo nem mesmo encontra nomes apropriados para eles.²⁶

A disposição dos afetos por suas causas, na *Ética*, estrutura-se geometricamente, de tal modo que a variação de um ponto, de uma característica, faz mudar a natureza e a definição do afeto: são entidades discretas definíveis linguisticamente e postas no interior de uma dinâmica ininterrupta. São como pontos, retas e planos cujas relações podem ser esquematizadas. Contudo, para Fernández G. (1999, p. 98), a geometria espinosana dos afetos inclui linhas quebradas e vazios: fato que se aplicaria, por exemplo, à maior atenção dedicada às paixões que às ações.

Como impulso vital consciente de si, é apropriado considerarmos o desejo como o afeto fundamental; a essência humana por excelência,

26. “Pelo que foi dito, fica evidente que somos agitados pelas causas exteriores de muitas maneiras e que, como ondas do mar agitadas por ventos contrários, somos jogados de um lado para o outro, ignorantes de nossa sorte e de nosso destino. (...) creio, pelo que já foi dito, ter ficado claramente estabelecido que os afetos podem compor-se entre si de tantas maneiras, o que faz surgir tantas variações, que se torna impossível determinar seu número” (Espinosa 2008, p. 237). No século XVII, vários outros autores procuraram articular uma linguagem específica para as paixões, num contexto cultural no qual o domínio delas saltava ao primeiro plano, sendo as paixões estudadas em suas relações mútuas e com a razão, o que também levou ao reconhecimento de seus papéis e importância. Tratava-se (de modo semelhante à ideia de “redirecionamento” do instinto, defendida por Thorndike – ver p. 90 ss. – de tomar as paixões por forças produtivas e colocá-las para trabalhar em favor dos homens, domesticá-las, como a animais selvagens que poderiam ser de utilidade doméstica. Espinosa inscreveu-se nesse horizonte de reforma corporal e mental (Fernández G. 1999, pp. 77-79).

enquanto concebida como determinada por uma afecção, a agir de uma dada maneira (Espinosa 2008, p. 237): alegria e tristeza, variações da potência ou *conatus*, evidenciam satisfação ou insatisfação de um ou mais desejos. Assim, define Espinosa: “A alegria e a tristeza são o próprio desejo ou apetite, enquanto ele é aumentado ou diminuído, estimulado ou refreado por causas exteriores” (*ibidem*, p. 233). No afeto de alegria a mente passa a uma potência (perfeição, realidade) maior; na tristeza, a uma menor perfeição (*ibidem*, p. 177).

Subscrevemos as observações de Fernández G. (1999, p. 99) sobre a importância da imaginação, acompanhada de seus derivados memória e tempo, como elementos mínimos da ordem genética dos afetos. Sua natureza associativa é uma das causas fundamentais dos afetos, mormente das paixões.²⁷ A mente desejante tende a imaginar, a afirmar, a recordar, objetos que lhe causam/causaram/causarão alegria e a negar as causas de tristeza: esforça-se por recordar o que exclui a existência das últimas (Espinosa 2008, p. 181), esforço que é o próprio *conatus* enquanto se refere à mente. Daí, por exemplo, Espinosa depreende o amor e o ódio: o amor é alegria acompanhada da ideia de uma causa exterior, e o ódio, a tristeza acompanhada da ideia de uma causa exterior. Quem ama esforça-se por conservar e ter presente o que é causa disso; quem odeia, esforça-se por afastar e destruir o objeto de seu ódio, o mesmo valendo para as suas imagens. Essas relações não são tópicas, circunscritas, localizadas: as Proposições 14 a 18 da Parte III da *Ética* tratam dos processos associativos da imaginação. É como se os afetos se refratassem e irradiassem na mente, à moda ondulatória da luz no olho (segundo propunha a óptica de Kepler, tão viva na época de Espinosa, segundo Chaui 1999a), criando redes voláteis de objetos e pessoas (Fernández G. 1999, p. 99).

Espinosa propõe que afetos simultâneos presentes na mente numa certa ocasião, futuramente, são repetidos caso o corpo seja afetado por um

27. Usamos aqui a ideia de “associação” apenas para facilitar a compreensão do leitor, pois raramente o termo apresenta-se na tradução da *Ética* consultada.

deles. Uma coisa pode ser, também, causa dos afetos de alegria, tristeza ou desejo por mero acidente, apenas por considerarmos essa coisa, ou nos defrontarmos com ela, enquanto afetados por outra coisa. O autor mostra como as circunstâncias que acompanham um afeto podem suscitar-lo no futuro, mesmo não sendo sua causa eficiente – ideia semelhante à do signo emocional comum de Vigotski (Espinosa 2008, p. 183). Além disso, as semelhanças de algo ou alguém com o objeto-causa de um afeto causam-nos antipatia ou simpatia, podendo não ter, pois, nenhuma relação com a causa original pela qual somos afetados.

Objetos novos são sempre introduzidos nessas redes afetivas, cuja dimensão é tanto pessoal quanto política. Praticamente tudo com que tomamos contato, e particularmente o mundo humano pode implicar-se nessas relações dúcteis e mutantes. Mutantes, porque o corpo não é sempre afetado da mesma maneira pelos mesmos objetos; também, porque as ideias imaginativas não são estáticas.²⁸

A vida em sociedade tem um papel especial em nossos afetos: as Proposições 21 a 30 da Parte III (Espinosa 2008, pp. 189-199) são capitais na explicação do caráter político que o autor lhes atribui, mais bem desenvolvida nas duas últimas partes da *Ética*. Aí, Espinosa considera: aquilo que se assemelha a nós é, apenas por isso, causa dos afetos. Ora, nada se nos assemelha tanto quanto outras pessoas (e, além disso, há bens e males que só um ser humano pode proporcionar a outro: somos, pois, causa de desejo). Nossos próprios afetos variam diretamente com os que imaginamos afetar as pessoas amadas e se associam às causas presumidas desses afetos originais, pois a potência/impotência dos amados aumenta

28. Por exemplo: o tempo transcorrido desde a ocorrência de um afeto tende a contribuir para sua diminuição. Se um objeto causa ódio, e depois, amor, esse amor pode arrefecer o ódio anterior, e vice-versa, ou causar-nos um estado caracterizado pela flutuação de afetos contrários (flutuação de ânimo). Um ódio recíproco aumenta, contudo, o ódio particular de cada pessoa por ele afetado; a atração pode tornar-se tédio quando saciada, os afetos podem se compor e se reforçar, ou se diminuir uns aos outros (Fernández G. 1999, p. 99); se nossa tristeza ou alegria for vinculada pelo pensamento a outras causas, então, elas diminuem, podendo se extinguir.

ou diminui a nossa. O mesmo para os afetos de outros seres que, sob algum aspecto, julgamos semelhantes a nós. A comiseração, por exemplo, é a tristeza originada por imaginarmos a desgraça de nosso semelhante. Trata-se da *imitação dos afetos*. Muito saliente na infância, é propriedade da natureza humana “da qual se segue que os homens são misericordiosos (...) também que eles são invejosos e ambiciosos” (Espinosa 2008, p. 201).²⁹

Muitos afetos explicam-se parcialmente pela imitação e dela decorre uma danosa consequência: as pessoas querem aprovação umas das outras e, como isso não é possível para todas, acabam por se obstaculizarem e se odiarem mutuamente (o que chega a ser reforçado pela educação).³⁰ Espinosa disserta sobre o efeito da semelhança imaginária no amor, e da diferença, no ódio: nossos afetos variam na proporção direta e na valência inversa daqueles das pessoas que tomamos por nossos inimigos. Isso inclui, por exemplo, indivíduos de nacionalidade diferente da nossa, caso essa nacionalidade seja vista como causa de nossa tristeza (*ibidem*, p. 217). Mas o autor julga necessário evitar imitar os afetos de outras pessoas, dada a textura imaginária e tendencialmente ignorante dessa imitação (*ibidem*, p. 355).

A necessidade do *conatus* expandir-se e excluir o que o diminui explica como, muitas vezes, os homens subestimam o que odeiam e superestimam o que amam – inclusive a si próprios, como causa do amor alheio. Compõem-se, nesse contexto, relações de alegria e tristeza para com nossa própria pessoa, a partir de, por exemplo, fazermos/imaginamos

29. Como as imagens das coisas são afecções do corpo que envolvem a natureza de nosso corpo e a do corpo exterior: “Se a natureza de um corpo exterior é semelhante à de nosso corpo, então a idéia do corpo exterior que imaginamos envolverá uma afecção de nosso corpo semelhante à do corpo exterior. (...) Essa imitação dos afetos, quando está referida à tristeza, chama-se comiseração” (Espinosa 2008, p. 195).

30. Desejamos o que imaginamos ser desejado pelos outros (emulação), esforçamo-nos para amar ou odiar tal como nossos pares, para que todos aprovelem o que amamos e odeiem o que odiamos, e também para provocar alegria em sociedade (ambição); esforçamo-nos por ter alegrias que outros têm e evitar que outros partilhem bens/alegrias sem nossa participação (inveja, ciúme) e evitamos fazer o que a sociedade abomina (vergonha, humilhação).

fazer coisas causadoras de alegria ou tristeza noutros: afetos chamados de glória e vergonha (*ibidem*, p. 199). A nossa própria pessoa ou ação pode ser considerada causa de um afeto, uma vez que a mente tem ideias não só sobre o corpo, mas sobre si mesma a partir da ideia do corpo. A ideia é muito semelhante à que Vigotski denomina de “afeto da personalidade própria” e formação afetiva, como veremos na p. 199 ss.

O restante da Parte III mostra como os afetos humanos ganham um modelo multicausal e entram por um caminho cada vez mais diversificado e complexo, multiplicando-se o número de suas causas, pois se multiplicam as ações e pensamentos geradores de efeitos no mundo e diferenciam-se os efeitos no indivíduo: se, por exemplo, imaginamos que alguém ama o que amamos, isso reforçará o amor. Reforça-se também se imaginarmos que o amado liga-se a nós mais estreitamente, ou se imaginarmos no objeto amado novas causas de amor. A intensidade dos afetos depende, também, de imaginarmos serem eles gerados por uma causa livre: assim, o mal supostamente infligido por uma pessoa causa-nos mais ódio que aquele que envolve desastres naturais (baseado em Espinosa 2008, p. 217). O contexto e as circunstâncias são também importantes: podemos ser levados a querer um mal menor (o temor), para evitar um maior. Tristeza e medo podem levar ao ódio (*ibidem*, pp. 209-211). Dessa gênese e dinâmica decorrem, como vemos, novos desejos, ações e pensamentos: tenderemos a aliviar a desgraça de quem nos causa misericórdia, a destruir quem odiamos, a devolver o mal a quem nos prejudicou, e a sermos gratos a quem nos ama sem que imaginemos um motivo para isso.

Em termos de compreensão singular das paixões, Espinosa (*ibidem*, pp. 231-233) considera que o conhecimento da natureza de cada paixão deve exprimir a natureza do objeto pelo qual somos afetados, bem como a do nosso desejo e a potência de ânimo reguladora da paixão (trata-se de um amor lascivo? De um amor “afiliativo”? É regulado pela castidade/sobriedade?); existem tantas espécies de alegria, tristeza, amor, quantas espécies de objetos há. Os afetos de um cavalo, por exemplo, diferem dos de um homem tanto quanto a essência de um difere da do outro, o mesmo valendo para dois homens entre si.

Nesse sentido, Vieira Neto (2002, pp. 129-132) alerta-nos: as combinações de imagens afetivas não são ilimitadas, não são tributo apenas das associações por semelhança e contiguidade. Importam as totalidades que constituem cada afeto e sua disposição na ordem do mundo. A essência desejante do homem as determina: é causa *dessas* associações *nessa* situação. Isso nos remete, pois, à história, à ontogênese do indivíduo, às dinâmicas da cultura. Além disso, como os afetos são mudanças da essência atual de alguém, homens diferentes podem ser afetados diferentemente por um só objeto, e o mesmo homem, ser afetado diferentemente por um objeto em tempos distintos (Espinosa 2008, p. 221). A fonte primordial dos afetos é, então, a relação de nossa essência atual com o mundo, considerada como corpo e mente nele implicados. Assim: “(...) as nossas paixões só podem ser por estarmos *no mundo*, e não poderia haver indício maior de estarmos realmente mergulhados nele, sem possibilidade de exílio” (Espinosa, *in* Vieira Neto 2002, p. 121).

Estamos, então, condenados às intempéries tanto do nosso desejo quanto de suas dinâmicas imaginativas? Podemos passar das paixões às ações? Como, e até que ponto? Perguntas da maior importância para Vigotski, como podemos constatar nos elogiosos apontamentos realizados pelo autor sobre Espinosa, dispostos no início deste item.

Esboçemos uma breve resposta, começando pelo escólio da Proposição 1 da Parte IV da *Ética*: nada otimista. Nele, as imaginações não se desvanecem pela presença do verdadeiro, mas por se apresentarem outras mais fortes que excluem a existência presente das coisas que imaginamos (Espinosa 2008, p. 271). Mesmo que saibamos da verdadeira distância do Sol à Terra, continuaremos a vê-lo próximo, enquanto nós e a estrela formos assim constituídos. Estamos, pois, sempre submetidos às paixões, e sua força, permanência e expansão é função da relação entre a potência da causa exterior e a nossa. Mas é preciso ressaltar: podemos ser determinados a uma certa ação tanto por imagens de coisas que concebemos confusamente, quanto de coisas concebidas clara e distintamente (*ibidem*, p. 335). A imaginação não conduz necessariamente ao erro: apenas enquanto a mente é passiva com relação a ela. Os afetos

são nocivos conforme nos impedem de pensar, mas todos os homens têm o poder (racional) de compreendê-los em alguma medida.

Vigotski, como mostramos no início deste item, considerava correta a “atitude genética” espinosana, defensora da concordância entre a ordem e a conexão das emoções com a ordem e as conexões da razão. O psicólogo provavelmente parafraseava a Proposição 10 da Parte V da *Ética*: “Durante o tempo em que não estamos tomados por afetos que são contrários à nossa natureza, nós temos o poder de ordenar e concatenar as afecções do corpo segundo a ordem própria do intelecto” (Espinosa 2008, p. 379). Essa capacidade racional transcende a atribuição imaginativa de causas para um afeto. Um afeto-paixão, que inicialmente não passa de ideia confusa, deixa de sê-lo quando formamos dele uma ideia clara e distinta (Espinosa 2008, pp. 371-373). A razão é ação própria do intelecto e pode descobrir a causalidade imanente, real, determinante das mudanças do *conatus* em cada afeto.

Espinosa não considerava que essa descoberta fosse súbita. E, enquanto ela não ocorresse, valeria adotar um princípio correto de viver, regras seguras de vida, próprias a diminuir nossa servidão contra o caráter confuso das ideias imaginativas (*ibidem*, p. 379). Esse processo de transformação tem similaridade com a obra vigotskiana como negação radical do inatismo na origem dos sistemas psicológicos, explicando sua gênese desde os reflexos incondicionados da criança até a formação de uma consciência regida pelo pensamento. Para Vigotski e Espinosa não nascemos adultos e livres, mas crianças, ignorantes, dependentes, e, para Espinosa, não é raro sermos mutuamente nocivos quando somos servos das paixões. Apesar disso, há mais vantagens que desvantagens na vida em sociedade, sendo esta mais útil que a solidão (Espinosa 2008, pp. 304-305).

A passagem do estado de natureza ao estado civil implica a construção de uma norma de vida comum a partir da multiplicação do *conatus* individual pelo *conatus* coletivo: a colaboração de muitos cidadãos potencializa as forças unitárias. E se, no estado civil, vivermos sob a condução da razão (na forma do segundo e terceiro gêneros de conhecimento) e seus afetos (que são desejos: piedade, lealdade), os outros homens nos serão ainda mais úteis.

(...) o esforço para perseverar, aumentar a potência de agir, experimentar paixões alegres, elevar ao máximo o poder de ser afetado, por mais que sempre se efetue, só se logra na medida em que o homem se esforça por organizar os seus encontros: isto é, entre os outros modos, se esforça por encontrar aqueles que convêm com a sua natureza e se compõe com ele, e por encontrá-los sob os mesmos aspectos em que se convêm e compõem. Ora, é este o esforço da Cidade, e, de uma maneira ainda mais profunda, o da Razão. (Deleuze 2002, p. 108)

Os verbos *ordenar* e *concatenar* são privilegiados, significando a elaboração racional de ideias adequadas (ou seja, causadas pela mente). É possível conhecermos ao máximo a ordem dessas causas, da rede de conexões em que nos envolvemos (não obstante nossos afetos, como nossa natureza, mudem continuamente). Também, segundo Fernández G. (1999, pp. 86-94), são importantes para Espinosa os verbos *coercere* e *moderare*, tendo *coercere* o sentido amplo de “refrear, encerrar, manter em seus limites, reprimir”; refere-se à ação que um afeto (particularmente o desejo) exerce sobre outro. O remédio para os afetos está em sua própria origem e natureza. Princípios corretos de viver, além de recursos práticos como a imaginação, a memória, os hábitos e os próprios afetos agem contra a servidão das paixões: podem existir uma seleção e uma transformação dos afetos-paixão, uma diminuição de sua flutuação e de seus danos, embora nunca a completa eliminação de seus efeitos nocivos.

A razão, em vez de se opor aos afetos, procura o que se segue da própria natureza do homem, de seu *conatus*; do pensar, como mente, e do agir, como corpo: “É útil ao homem aquilo que dispõe o seu corpo a poder ser afetado de muitas maneiras, ou que o torna capaz de afetar de muitas maneiras os corpos exteriores” (Espinosa 2008, p. 311). Esforçamo-nos para que o corpo infantil transforme-se, tanto quanto lhe permitir sua natureza e conveniência, tornando-se capaz de muitas coisas, referido a uma mente com extrema consciência delas, de si, de deus (Espinosa 2008, p. 407). Sermos afetados de várias maneiras é, também, um remédio contra os excessos do amor ou do desejo (*ibidem*, pp. 317-329). Viver sob a condução da razão significa evitar os afetos de ódio, respondendo-lhes

com amor ou generosidade; esforçar-se por fazer o bem, conhecer-se e aos demais homens. Quem ordena seus afetos com a razão também ordena os bons encontros, nos quais ocorre um somatório de potências, de alegrias; dos afetos, pois, que decorrem de nossa própria natureza. A potência do intelecto, sua capacidade de pensar ideias claras, é, então, indissociável de certo modo de viver.³¹

Para Chaui (1999a, p. 46), conhecer-se demanda partir da experiência (individual e coletiva) rumo ao conhecimento da gênese e da essência dessa experiência, indissociáveis da gênese e do encadeamento de toda a realidade; efeito imanente da causalidade substancial que a produz. A ordem da razão é, pois, a do próprio real. E quanto mais corpo e mente são ativos, mais eles o constroem, mais usufruem dele e o conhecem. Fernández G. (1999, pp. 89-108) mostra como, em Espinosa, a ideia pertence estruturalmente à modalidade operativa do afeto³² – ela é, pois, parte do afeto, não se opondo a ele.

-
31. A importância do segundo gênero de conhecimento nesse processo foi trabalhada por Deleuze (2002), que valoriza as ideias espinosanas sobre a composição de relações entre corpos-mentes que se convém, a qual conduz primeiro às paixões alegres e posteriormente à ideia adequada das causas dessa composição. Conhecemos mais e melhor o que convém conosco. A mente percebe tanto mais adequadamente quanto mais propriedades em comum tem com outros corpos: por isso, as noções comuns têm um sentido mais biológico que matemático. O autor defende, inclusive, que a ideia de noção comum (existente apenas na Ética) produziu uma mudança radical na doutrina espinosana da Razão (e que, ao referir-se à Razão, ele não se refere, pois, apenas à matemática).
 32. Enquanto a imaginação e o olho kepleriano, passivo, refratam e recortam a luz natural, a razão é luz que reencontra as causas construtoras do real. A pintura holandesa no século XVII, herdeira da tradição do Norte europeu, recusou a tradição italiana em que o pintor é como um soberano, o que foi reforçado pela difusão da óptica e da dióptrica de Kepler. Este último entende que o olho, na visão, é passivo e distorce os objetos. Kepler fundou, a partir da análise da câmara escura, princípios básicos da óptica como foco e convergência. O autor compreendera, também, as lentes como instrumentos corretivos para os olhos. Tratava-se de uma nova teoria da luz, muito influente sobre Vermeer, Espinosa e Rembrandt, ensinando, aos dois últimos, a presença da luz nas paixões (baseado em Chaui 1999e, pp. 47-55).

O Vigotski (1991g, p. 87) simpatizante de Espinosa é, então, aquele que compreende pensamento e emoção como partes de sistemas psicológicos: as emoções entram em conexão com as normas gerais relativas à autoconsciência da personalidade e à consciência da realidade.³³ O problema dos sistemas intitula um dos importantes textos nos quais o autor menciona o holandês, levando-o mesmo a afirmar que tal problema passava entre Espinosa e a psicologia estrutural à qual se vinculava sua ideia de sistema. Emoções e ideias não são duas funções psicológicas diferentes, que se relacionam externamente. Ideia e mudança corporal são os dois elementos básicos da emoção. Há relação intrínseca entre nossa compreensão/valoração de uma pessoa e as mudanças em nosso corpo que ela (ou sua ideia) suscitam-nos, estrutura afetiva própria à psicologia humana (ver p. 199 ss.). Sendo imaginárias ou não as causas que atribuímos às afecções, elas dependem da apropriação dos significados da língua e da formação de conceitos nesse processo. Mas, quando a razão analisa os afetos, as causas antes imaginadas para eles recuam a um segundo plano, ou se dissolvem como miragem e erro.

Para o bielo-russo (ver item “As emoções: Funções psíquicas culturizadas?”, p. 98), o desenvolvimento histórico dos afetos ou emoções é a alteração das conexões cerebrais com que nascemos, o fim de seu nocivo e pueril isolamento com respeito ao restante da personalidade (Vigotski 2001d, p. 146). A harmonia com Espinosa é, nesse ponto, completa: Fernández G. (1999, p. 105) comenta que, no filósofo, não há “razão fria”. Há tão somente razão desejante e inervada de afetos. Nossa capacidade de mudá-los reside na posição da razão dentro da estrutura multidimensional do afeto. Entre corpo e mente, considerados por Espinosa como uma só e mesma coisa, não há uma causalidade eficiente, como a que existe entre corpos distintos. Assim, Espinosa

33. Vigotski insere a ideia espinosana no trabalho sobre a mudança de conexão entre as funções psicológicas, acompanhadas de uma progressiva expansão do sistema psicológico da consciência e da compreensão da realidade, ao longo do desenvolvimento. Segundo o bielo-russo, Espinosa teria negado, também, o papel puramente passivo dos afetos, defendendo seu papel efetivo e ativo.

acaba por confluir com Stanislavski e autores da neuropsicologia (ver p. 234 ss.) para a convicção vigotskiana de que as emoções eram funções psíquicas superiores passíveis de regulação, conquanto de forma especial, indireta, por meio de vários recursos. Mas há focos de divergência entre Vigotski e Espinosa.

Espinosa defende uma teoria (que modifíco ligeiramente) segundo a qual a alma pode conseguir que todas as manifestações, todos os estados, se refiram a um mesmo fim, podendo surgir um sistema com um centro único, a máxima concentração do comportamento humano. Para Espinosa a ideia única é a de Deus ou da natureza. Psicologicamente isso não é absolutamente necessário. Mas o homem pode certamente reduzir a um sistema não só funções isoladas, senão criar também um centro único para todo o sistema. Espinosa mostrou este sistema no plano filosófico. (Vigotski 1991g, p. 92; trad. nossa)

Admitindo ter traduzido a filosofia espinosana em sua própria linguagem e interesses, Vigotski rechaça a beatitude, a defesa espinosana do amor intelectual da alma para com deus, mas aprova a noção de que a personalidade deveria constituir-se de modo que concentrasse forças em um único fim. Com isso, referia-se à ideia, recorrente em sua obra, de que a personalidade constitui uma estrutura estável, centralizada? Vigotski supunha que existiria(m) pressuposto(s) central(is) que deslocava(m) tal amor, admitindo que poderia até ser geneticamente possível a constituição de vários sistemas de centro único – como a formação de individualidades caracterizadas pela máxima “perfeição ética” (*ibidem*, p. 92)? Tal ideia poderia ser atribuída ao próprio Espinosa: sua nebulosa noção de “amor intelectual” implica uma expansão da perfeição/potência/realidade do sujeito. Deixando de lado a noção incômoda de “deus”, Vigotski talvez tenha, simplesmente, aproximado a ideia espinosana da noção de “homem novo” soviético – cujo centro era a ética socialista. E basta para o momento.

Passemos às ambivalentes considerações de Vigotski sobre Espinosa e seu método. Alertamos, contudo, que elas descortinam problemas de difícil tratamento, razão pela qual podemos apenas

empreeender uma problematização preliminar e indicar caminhos de resolução, sem a pretensão de realizar uma crítica à obra espinosana.

Vigotski (1996j, pp. 376-385) afirmou, em consonância com suas ideias sobre as raízes do psiquismo humano, a tentativa espinosana de analisar geometricamente os vícios e estudar os atos e paixões humanos, mas com um modo não científico de pensar problemas próprios à psicologia, ou seja, pela matemática: criava abstrações perfeitas onde elas não poderiam existir. Em tom irônico, solicita a seus leitores que imaginem uma matemática inexata para obter uma psicologia geométrica, donde concluímos que, para ele, o holandês não teria observado as determinações, os processos de investigação e os limites de uma generalização demandados pela ciência psicológica – fato compreensível perante a completa inexistência de uma psicologia dita científica à época de Espinosa. Segundo Chauí (1999a, p. 644), existia (para incredulidade do século XXI) um acirrado debate sobre a necessidade da matemática no entendimento da natureza. Nesse contexto, Espinosa, conforme Chauí (1999a, p. 604; 1999b, p. 140), considerava o experimento uma mera comprovação do que já fora demonstrado matematicamente. A soberania da intuição intelectual de cunho matemático seria, então, completa no processo construtivo de um conhecimento experimental. Isso porque a principal inspiração física de Espinosa, como Vigotski (1996j, p. 359) afirma, foi Galileu Galilei (nascido em 1564 e morto em 1642), o criador da física moderna.

Vigotski (*ibidem*, p. 375) refere-se a Galileu num contexto discursivo positivo, como um respaldo às verdades da doutrina psicofísica espinosana. Suas ideias sobre a experimentação em psicologia são, sem dúvida, consideravelmente diferentes das espinosanas para as ciências naturais.³⁴ Cabe, entretanto, uma ressalva: se Vigotski negou

34. Ao tratar da física, Vigotski não analisa os métodos da física propriamente ditos, mas as ideias engelsianas acerca deles. Estas têm um caráter indutivo e são algo semelhantes à própria concepção experimental do bielo-russo. Sob tal prisma, crê que uma das tarefas do experimento seria separar o essencial e o secundário na determinação de um fenômeno, delimitando o caráter das generalizações daí extraídas; criando leis modelares algo ineptas para explicar cada aspecto de um

à obra do holandês a cientificidade (de um conhecimento psicológico), reiterava que Espinosa defendia o conhecimento científico do homem (*ibidem*, p. 234; 2004), mormente por corroborar a abordagem dos fenômenos pelas suas causas. Como vimos, também aprovava diversas ideias espinosanas sobre os afetos. Ora, como acatar ideias alheias descartando o seu processo de construção (ver a crítica vigotskiana ao ecletismo, p. 129 ss.)? E um problema central vinculado a tal processo: qual o papel da geometria na construção da filosofia espinosana? A geometria da *Ética* seria uma mera forma de apresentação do seu conteúdo, sem maior influência na estruturação do sistema conceitual propriamente dito? Ou Espinosa ambicionava criar, efetivamente, um universo filosófico dotado de confiabilidade geométrica? Desde a crítica hegeliana a Espinosa, formulam-se tais perguntas (que também fogem aos limites deste livro), razão pela qual nos limitaremos a contextualizá-las, selecionando como referência algumas obras de Marilena Chaui e um artigo de Reynol Filho.³⁵

fenômeno encontrado na realidade, mas próprias à reconstituição da essência dos fenômenos. Assim ele compusera o método de análise da reação estética na *Psicologia da arte*. Assim edificara sua concepção de psiquismo: não com abstrações perfeitas, absolutas, mas sim relativas, cultural e historicamente demarcadas por uma metodologia de fontes distintas, envolvendo antropologia, ontogênese, filogenese etc. (ver p. 87 ss.).

35. Além dos textos de Chaui, consultamos também o volume 3 dos *Cadernos Espinosanos* (1998), o qual se dedica à apresentação de alguns problemas acerca da matemática em Espinosa. Nesse volume, selecionou-se o trabalho de revisão realizado por Reynol Filho. Salienta este último que alguns autores se concentram no efeito supostamente pretendido por Espinosa: Wolfson (*apud* Reynol Filho 1998, p. 18) é o principal defensor da completa externalidade do método geométrico (ou axiomático) com respeito ao conteúdo da filosofia espinosana, sustentando que o autor o teria adotado exclusivamente por razões pedagógicas e literárias. Para Mark (*ibidem*, p. 21) e outros autores, entretanto, a ordem geométrica da *Ética* pretendia dotar, efetivamente, o conteúdo exposto de uma confiabilidade matemática. Espinosa teria considerado as premissas – definições e axiomas – como autoevidentes, tão universais para sua época quanto a própria geometria euclidiana. Defendia o caráter autoevidente da ideia verdadeira, independentemente da correspondência com seu ideado: por ser verdadeira ela concordaria com o ideado, e não o contrário; por

Em uma profunda análise do pensamento do *Seicento*, Chaui expõe o impacto original, complexo e difuso da geometria no método espinosano. Para a autora (1999a, pp. 565, 631), nenhuma outra modalidade de saber mostrava, como a matemática, a potência autossuficiente do intelecto para o verdadeiro. À matemática são atribuídos dois efeitos: o primeiro, liberador, afasta os homens dos preconceitos finalistas, nascidos da superstição e da ignorância das causas; o segundo, pedagógico, ensina-lhes outra norma de verdade.

A relação entre saber e potência estrutura-se em uma filosofia que coloca a potência dos seres, seu *conatus*, no centro de sua ontologia, sem excetuar o mundo humano. Na matemática, a mente é causa adequada do saber, “aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma” (Espinosa 2008, p. 163), ou seja, sem a concorrência de outras causas – enquanto uma causa inadequada ou parcial demanda outras para a formação do real e a compreensão dele. A matemática é o plano em que a mente melhor pode alcançar, pois, o estatuto de causa adequada. Conforme Chaui (1999a, pp. 486-496), a revolução matemática perpassou todo o pensamento do século XVII: muitos contemporâneos de Espinosa consideravam que as idealidades matemáticas podiam ser conhecidas porque eram construídas pelos homens: assim, a análise e a síntese dos geômetras são a desmontagem e a remontagem de um mecanismo que explica como e por que uma coisa foi feita. O próprio “Tratado da correção do intelecto”, texto em que debuta o método genético, mostra um intelecto que se faz, conhecendo-se e, ao conhecer-se, faz-se a si próprio.

Resumindo a construção da filosofia espinosana, Chaui (2004, pp. 11-12) defende que Espinosa utilizou dois instrumentos de trabalho no combate ao irracionalismo e à superstição: o método genético e o histórico-crítico. O primeiro, destinado a controlar os desatinos da imaginação, desdenha do conhecimento pelos efeitos e quer compreender

explicar a produção deste, ela seria verdadeira. Mais do que uma mera ordem de apresentação, a ordem geométrica seria de demonstração, implicando a própria natureza de seu método genético. O mesmo Mark, contudo, nega que Espinosa tenha atingido seu objetivo de criar um conhecimento autoevidente.

as causas, a produção das coisas; quer formular definições genéticas, adequadas à ordem da natureza e não meramente descritivas de suas propriedades. O segundo interpreta as Escrituras mostrando que nelas não há verdades autoevidentes, mas sim preceitos morais e políticos. Tal ideia da definição pelas causas existe também no método genético-condicional de Vigotski (1994), inspirado no determinismo marxista e no trabalho de Kurt Lewin. Chaui (1981, p. 24) observa: das causas aos efeitos, do todo às partes, é a exigência fundamental do método espinosano.

A contextualização dessa obra, como indica nosso esboço de pesquisa sobre a metodologia espinosana, pode ser bastante útil para compreender as críticas que lhe foram dirigidas pelo bielo-russo. Já os elogios de Vigotski auxiliam-nos, de algum modo, a estabelecer pontos de contato entre seu sistema teórico e o espinosano – ainda que de forma introdutória. No início da constituição de uma teoria sobre as emoções, Vigotski pretendia dialogar com Espinosa, embora não tenha vivido o suficiente para fazê-lo. Cremos, entretanto, que essa breve introdução à doutrina espinosana dos afetos auxilia-nos a problematizar traços da influência dela sobre Vigotski. É sobre essa relação Espinosa-neurociência que pretendemos dissertar a seguir. A partir das dúvidas do bielo-russo, nosso objetivo é fornecer bases para um conceito de emoção na perspectiva histórico-cultural (ver p. 234 ss.), sem grandes detalhes anatômicos ou fisiológicos (e assumindo o risco da imprecisão decorrente da tentativa de traduzir entre si as linguagens tão diferentes da filosofia e da neurociência), já que o bielo-russo ressaltou a importância de diversos problemas neurocientíficos distintos: as cadeias de processos neurais correlatas a cada emoção, seu desencadeamento, sua expressão comportamental/vivencial e sua regulação.

Emoções/afetos hoje: Resumo neurocientífico

Setenta e seis anos depois da “Teoria sobre as emoções”, as neurociências avançaram a um patamar muito sofisticado. Damásio (2004, p. 22) sustenta que Espinosa não é referência corrente para elas. Mas até que ponto a doutrina espinosana dos afetos teria continuado viva e possivelmente provocativa de novas reflexões?

A produção “científica” sobre emoções multiplicou-se imensamente, assinalando a amplitude dos interesses políticos e financeiros ligados ao tema. Um simples levantamento na base de dados PubMed, em outubro de 2008,³⁶ resultou em referências a 9.067 artigos com o termo *emotion* no título ou resumo, 7.846 deles reportando pesquisas (principalmente clínicas) realizadas com humanos; 2.961 com o termo logo no título. Pesquisamos, ainda, livros e artigos no Scientific Electronic Library Online Brazil (Scielo),³⁷ tendo como palavra-chave a expressão “sistema límbico” – busca que retornou três artigos de nosso interesse (Ribas 2006; 2007; Esperidião-Antônio *et al.* 2008). Nossa finalidade foi realizar uma breve varredura no assunto, combinando-a com estudos de revisão bibliográfica mais amplos (caso de Kagan, LeDoux e Damásio). Duas obras de A.R. Luria, discípulo de Vigotski que se reorientou à neuropsicologia, também foram consultadas.

À parte a frequente reprodução de uma lamentável concepção psiquiatrizante e normatizadora de individualidade, os estudos de revisão

-
36. O PubMed é uma base de dados mantida pelo U.S. National Library of Medicine e pelo U.S. National Institute of Health, especializada em publicações de ciências médicas e biológicas. Uma análise geral dessas pesquisas mostrou-nos alguns temas recorrentes: a busca por definir os papéis deste ou daquele sistema/região encefálico(a) nos processos emocionais, elaborar e aplicar modelos experimentais para testes de medicamentos, descrever as manifestações emocionais desta ou daquela síndrome neurológica ou psicopatológica, propor métodos de tratamento psicoterápico, lançar hipóteses criminológicas, discutir interações grupais. Os autores são tantos que nos é difícil até mesmo listar, quanto mais definir, os achados mais relevantes. Realizamos, ainda, em 7/11/2007, um breve levantamento em duas bases de dados internacionais especializadas em ciências biológicas (a Cabi e a Zoological Record, disponíveis no *site* da USP: <http://www.usp.br/sibi>), encontrando nelas artigos relativos à psicologia comparada, a partir das palavras-chave “emotion” e “feeling” sem limite de data. Foram frequentes as referências a pesquisas veterinárias, dirigidas a temas práticos de condicionamento e tratamento dos animais, ao seu bem-estar, saúde mental, felicidade, prazer, estresse e sofrimento (e os indicadores desses fenômenos), estudos sobre os efeitos das expressões faciais e de fármacos, além de modelos sobre a interação cognição-emoção na filogênese.
37. Acesso em novembro de 2006 e outubro de 2008, da página: <http://www.scielo.br>.

mostram que Vigotski acertava ao supor que as emoções eram funções psíquicas que envolviam várias áreas encefálicas, e também reações corporais, em sistemas complexos. A literatura neurocientífica tem explicitado algumas das íntimas relações entre emoção e razão/pensamento, evidenciando os circuitos neurais pelos quais as emoções humanas são, como afirmava Vigotski, reações inteligentes, e não meramente reações desordenadas, resquícios evolutivos do cérebro reptiliano ou mamífero.

Contudo, o peso relativo da interação córtex-subcórtex e a relação do cérebro com o restante do organismo é ainda importante foco de atrito entre os autores. Tamanha é a diversidade dos processos emocionais que vários defendem a demolição ou a ampliação do conceito clássico de sistema límbico (ou cérebro visceral de MacLean) – o qual já atravessou muitas revisões,³⁸ propondo-se a existência de diversos sistemas/circuitos cerebrais responsáveis pelas funções emocionais (caso de LeDoux 1996; Damásio 2004; Esperidião-Antônio *et al.* 2008). Luria (1981, p. 41) já

38. Segundo Esperidião-Antônio *et al.* (2008), Pierre Broca foi o primeiro anatomista a identificar o lobo límbico – anel composto de várias estruturas corticais na face inferior e medial do encéfalo – em muitos mamíferos. Acreditava, entretanto, que sua função era olfativa. Cannon e Bard foram autores importantes na ideia de que o SNC era fonte da experiência subjetiva e das manifestações fisiológicas e comportamentais das emoções. James Papez, em 1937, deslocou a perspectiva de centros emocionais isolados para uma concepção de sistema, mostrando que as diferentes porções do lobo límbico coordenavam-se entre si, em um circuito que envolvia o córtex cingulado, o hipocampo, o giro para-hipocampal, o hipotálamo e os núcleos anteriores do tálamo. Ribas (2007) inclui também o fórnix e o corpo mamilar no circuito original de Papez, considerando que a Terminologia Anatômica Internacional de 1998 identifica o lobo límbico como um dos lobos cerebrais, embora nele inclua apenas os giros do cíngulo e para-hipocampal. Ribas mostra ainda que Paul MacLean, acrescentando outras estruturas a partir dos núcleos originais de Broca, batizou-o com o nome de sistema límbico. Conforme Esperidião-Antônio *et al.* (2008), a maioria dos investigadores que defendem a permanência do conceito tende a retirar o hipocampo e o tálamo desse sistema, acrescentando, ao circuito de Papez, a área do septo e a amígdala. Mas é consenso hoje a fundamental participação de várias outras estruturas nos processos emocionais, como o hipocampo, o cerebelo, o tálamo e a área pré-frontal, que não se prestam, contudo, apenas a funções emocionais.

suspeitava que as zonas mediais do cérebro, que envolvem partes do dito cérebro visceral, desempenhassem também funções na consciência e na memória, não podendo ser restritas às emoções.

Conforme LeDoux (1996, p. 20), cada sistema evoluiu com uma finalidade funcional diferente, e, por isso, existem diferentes tipos de emoção. Kagan (2007) mostra como, neles, mobilizam-se processos de estimulação e inibição mútuas capazes de mesclar e individualizar, de acordo com a situação, estados cerebrais, fazendo variar a importância de um mesmo acontecimento em momentos diferentes da vida e entre diferentes pessoas (aspectos estes, como vimos no item anterior, dos quais Espinosa foi precursor).

Esperidião-Antônio *et al.* (2008) afirmam que, em substituição à ideia de sistema límbico, propõe-se o conceito de *sistemas das emoções* no SNC. Nestes, não existem componentes morfofuncionais regulatórios mais pronunciados: todos os elementos exerceriam papéis regulatórios semelhantes entre si, organizados em rede, de forma não hierárquica e funcionalmente integrada, que envolve estruturas de distinta antiguidade evolutiva: o diencéfalo (principalmente tálamo e hipotálamo), o rombencéfalo (especialmente o cerebelo), o cérebro propriamente dito, ou o telencéfalo (giro do cíngulo, hipocampo, amígdala, área pré-frontal, gânglios basais, regiões dos lobos temporais). MacLean propusera seu conceito de sistema límbico tendo em consideração as estruturas que se comunicavam com o hipotálamo. Mas estudos recentes mostram que todo o cérebro se comunica com ele, o que torna o conceito obsoleto (LeDoux 1996, p. 91).³⁹

39. “Os circuitos relacionados às emoções localizam-se em várias regiões no encéfalo, possuindo inúmeras conexões com o córtex, área (substância) subcortical, seus núcleos e as estruturas infratentoriais – pertencentes ao tronco encefálico e cerebelo. Destacam-se ainda as relações com o tronco encefálico, as quais facilitam sinapses à substância reticular, núcleos como o rubro, o ambíguo e os formadores dos nervos cranianos (...) fazendo parte da porção craniana do sistema nervoso parassimpático. A partir de então, um estímulo dirige-se ao cerebelo e à medula espinal, sendo distribuído por nervos espinais aos segmentos corporais e ao sistema nervoso simpático (...) e

Conforme Esperidião-Antônio *et al.* (2008, p. 63), as informações que atingem o cérebro são processadas em estruturas límbicas e paralímbicas (caso do circuito de Papez), nas quais adquirem um teor emocional, dirigindo-se posteriormente ao córtex. A integração das informações emocionais com os processos cognitivos mais refinados ocorre provavelmente no córtex pré-frontal ventromedial e orbitofrontal (com a possível participação da amígdala), daí seguindo para um importante centro da “consciência” ou memória de trabalho, o córtex pré-frontal dorsolateral.

Ribas (2007), baseado em Paul MacLean e Arthur Koestler, comenta que a nossa frequente impressão de descontrole emocional decorre da anatomia do SNC: as estruturas límbicas, como a amígdala, projetam-se sobre o hipotálamo e o tronco encefálico, desencadeando reações hormonais e do sistema nervoso periférico, sem que haja, em várias situações, um efetivo controle cortical. O mesmo autor (2006) e, principalmente, Kagan (2007), defendem a existência de mudanças importantes das funções de diferentes estruturas anatômicas, na transição evolutiva ao *Homo sapiens*. Isso se deveria tanto ao surgimento de novas estruturas quanto às suas relações com as antigas numa totalidade qualitativamente nova, com novos processos psicológicos: existe, nesse sentido, uma convergência para com as ideias fundamentais de Vigotski (2004). Parece não ser destituída de sabedoria a velha punição pavloviana: aplicar multas aos pesquisadores de seu laboratório que utilizassem frases mentalistas como “o cachorro pensou” ou “o cachorro preocupou-se” enquanto trabalhavam.

É possível mencionar, por exemplo, as mudanças dos clássicos núcleos de recompensa e punição do hipotálamo, antigos evolutivamente e celebrados como indícios da persistência do animal no humano. A pesquisa neurocientífica no século XX descobriu inúmeras formas de modulação e participação de outras estruturas cerebrais além do hipotálamo na constituição da textura vivencial e comportamental das

parassimpático. Esta seria uma visão panorâmica da integração biológica entre as emoções e o controle neurovegetativo” (Esperidião-Antônio *et al.* 2008, p. 64).

emoções humanas. Hoje, tende-se a acreditar que manifestações de felicidade/alegria/prazer relacionam-se também aos gânglios basais, ao cerebelo e ao córtex orbitofrontal (Esperidião-Antônio *et al.* 2008, pp. 60-62). Damásio (2004, pp. 126-134) salienta a importância dos circuitos dopaminérgicos, serotoninérgicos, opioides, de Gaba A e glutamato na sensação de prazer. Kagan (2007) especula que as vivências de êxtase podem se dar pela ativação simultânea de várias dessas regiões.

Todas essas vivências marcam a memória e a atenção: é significativo que as zonas médio-basais do cérebro se relacionem a essas funções psíquicas. Conforme Luria (1981, pp. 41-45), o hipocampo e os núcleos relacionados compõem o sistema ativador reticular ascendente – o grande sistema encefálico responsável pelo ciclo sono-vigília –, influenciando na manutenção do tono cortical necessário a atividades conscientes. Superpõem-se ao tronco cerebral e ao sistema reticular.⁴⁰ Os neurônios que compõem esse córtex não possuem especificidade definida em termos de modalidade sensorial (auditiva, olfatória, visual), mas respondem a alterações internas no estado do corpo. Isso é fundamental para a retenção dos traços da vivência direta e a comparação imediata de fatos novos com antigos, independentemente da modalidade sensorial. Isso também (e aí abrimos margem para uma mera especulação) poderia explicar o caráter vago, inefável, de certas emoções, refratário à definição e à localização no espaço, além do fato de que qualquer modalidade de percepção ou memória possa ser permeada por qualidades emocionais. Estímulos indicativos de recompensa e punição sempre geram descargas nas zonas médio-basais, cujos neurônios, segundo Luria (1966, p. 67; 1981, p. 43) não obedeceriam à lei do “tudo ou nada”: neles a excitação se propaga através de ondas lentas que surgem e desaparecem gradualmente.⁴¹ Com isso, ocorrem

40. Nas zonas médio-basais do cérebro, Luria inclui o lobo límbico, a ínsula, as superfícies basais e mediais dos lobos frontal e temporal. Também aí se localizam estruturas evolutivamente mais antigas, como o diencefalo (tálamo, hipotálamo), o hipocampo, o córtex olfatório, a amígdala.

41. Não temos confirmações dessa ideia um tanto estranha. Pois, conforme Guyton (1993, p. 68), o “tudo ou nada” é um princípio básico de propagação dos potenciais

modificações gerais nos estados cerebrais e no pano de fundo de prazer ou desprazer para certo comportamento.

Na estrutura do sistema reticular, fatores de excitação que partem do córtex pré-frontal agem tanto sobre o tálamo e o tronco cerebral (sede dos neurônios da referida formação), que guardam uma íntima relação com os antigos instintos, quanto recebem deles uma carga de energia – o que explica, por exemplo, a insônia induzida por atividades pendentes a se realizar. A manutenção de uma vigília atenta prepara o indivíduo para formas complexas de atividade consciente. O processamento de informações no córtex pré-frontal pode, também, inibir os ditos sistemas antigos, diminuindo o estado de atenção – daí decorrem, por exemplo, a sonolência e a desatenção próprias da tristeza. Também a execução de quaisquer ações, quaisquer planos motores, requer certa quantidade de energia nas zonas corticais relacionadas à motricidade, proporcionada pelo sistema reticular (e cujo impacto relaciona-se, como já explanamos, tanto às informações somatossensitivas quanto aos processos decisórios fundamentalmente sediados no córtex pré-frontal), sendo que essa energia tem relação com as necessidades do corpo humano – que se inscrevem num padrão de atividade cerebral ordenado pela linguagem.

A imensa quantidade de novos estudos tem possibilitado a criação de formulações teóricas mais abrangentes: caso de Damásio (2004), especialmente no livro *Em busca de Espinosa: Prazer e dor na ciência dos sentimentos*. Destinado ao público leigo em neurociências, funde Espinosa com o pensamento darwinista atual; distante da teoria histórico-cultural, está próximo do darwinismo social. Damásio ratifica as ideias espinosanas sobre a variedade da composição do corpo, mostrando sua

de ação no neurônio: a despolarização da membrana do neurônio em qualquer ponto (especialmente nos dendritos) trafega ao longo de toda a membrana em condições adequadas, seguindo um limiar de excitação constante. Ou seja, um mesmo neurônio não se excita “mais” ou “menos”. Segundo a Wikipedia (2008a), a propagação do potencial de ação é basicamente a mesma para as diferentes células.

incessante interação com o encéfalo.⁴² Em vez de concentrar-se apenas nas vias eferentes, do encéfalo para o corpo, como a maioria dos estudos, o autor concede grande importância às de sentido oposto.

No que tem de espinosano, Damásio concede especial atenção à geração contínua de mapas neurais do estado/das alterações do corpo (mormente através do lobo parietal direito, do córtex do cíngulo, da ínsula, do tálamo, do hipotálamo, dos núcleos posteriores do tronco encefálico),⁴³ que seriam os alicerces dos processos mentais e o substrato dos sentimentos (percepção/consciência das emoções, as quais são respostas automáticas ou comportamentos reflexos, referentes ao estado do corpo). As sensações do corpo, como a de dor, podem ter implicações afetivas maiores ou menores: as regiões de processamento da informação de dor são diferentes daquelas responsáveis pelo componente afetivo da dor, que intensifica ou ameniza essa dor primária. Por isso, podemos, por exemplo, sentir fome com ou sem implicações afetivas.

Damásio (2004, pp. 207-228) diferencia das imagens da carne (ou seja, das vísceras e do meio interior do organismo) as de partes especializadas do corpo, geradas a partir de objetos exteriores nos receptores sensoriais periféricos. Defende que a mente é ideia de segunda ordem, composta por duas ideias de primeira ordem: do objeto externo e do nosso corpo, conforme é afetado por ele e o percebe. Nesses encontros, poucas de nossas percepções são emocionalmente neutras. Elas são percebidas de um modo especial, pois, enquanto nossa percepção de objetos externos, por si mesma, em nada os modifica, o corpo e seu

42. Podemos perceber que o limite mente-corpo em Damásio, a borda que separa os acontecimentos do corpo de seu processamento neuronal é a dos receptores sensoriais que, como propõe Guyton (1993), traduzem as alterações mecânicas, térmicas, químicas, eletromagnéticas (caso da retina do olho) em impulsos nervosos que acabam atingindo o sistema nervoso central.

43. Esses mapas podem ser, também, simulados pelo cérebro: podemos imaginar como é estar na pele de alguém ou numa situação futura. São fundamentais na imitação, dependentes dos neurônios-espelho presentes no córtex frontal e parietal inferior de macacos e humanos, muito importantes nas emoções sociais (Wikipedia 2009a).

mapa neural podem estabelecer um processo reverberativo, de mútua influência, criador de traços mnêmicos, suscitados posteriormente em um novo encontro com o objeto ou sua ideia. Os sentimentos não são, pois, puramente passivos. Com Damásio e Espinosa, podemos considerar que a razão pode ordená-los, influenciá-los, modulá-los: especialmente através do córtex pré-frontal, zona cerebral responsável pela regulação de tarefas motoras complexas, inteligentes, e de processos decisórios.

A alegria, para o Damásio (2004, p. 147) influenciado por Espinosa, significa, realmente, uma maior perfeição, no sentido de corresponder a uma maior harmonia funcional do organismo. Suas ideias condizem com achados da medicina psicossomática nas últimas décadas: não há apetites que sejam puramente físicos ou mentais, como Vigotski (2004), galhofeiro, também afirmou:

o sentimento religioso, que por regra geral se considera uma emoção puramente espiritual, provavelmente não deve ser referido ao grupo das emoções superiores em piedosos canibais que sacrificam seres humanos à divindade. Por conseguinte, não há emoção que seja por natureza superior ou inferior, como não há emoção que seja por natureza independente do corpo, que não esteja unida a este. (Vigotski 2004, p. 213; trad. nossa)

A alegria aumenta, como propunha Espinosa, a fluência das ideias, bastante diminuída na tristeza (Damásio 2004, pp. 92-110). A tristeza não é só o mal-estar do corpo, mas também o mal-pensar; é uma produção reduzida de imagens mentais. Damásio (*ibidem*, pp. 53-61) classifica os comportamentos emocionais em emoções de fundo (manifestações sutis, resultantes de reações regulatórias simples do organismo e ainda pouco estudadas), primárias (medo, raiva, nojo, surpresa, tristeza e felicidade) e sociais (simpatia, compaixão, embaraço, vergonha, culpa, orgulho, ciúme, inveja, gratidão, admiração, espanto, indignação e desprezo).⁴⁴ Numerosas reações regulatórias e componentes das emoções primárias integrariam

44. As emoções básicas reproduzem a classificação de Paul Ekman (Damásio 2004, p. 312).

as emoções sociais (como o desprezo, que se associa a zonas cerebrais correspondentes às do nojo). O mesmo autor sustenta: em alguns casos, as emoções são inteiramente inatas; noutros, requerem um grau mínimo de exposição apropriada ao ambiente. O neurocientista considera as emoções como ações ou movimentos detectáveis, como respostas químicas ou padrões eletrofisiológicos, como *reflexos* altamente elaborados e coordenados (*ibidem*, p. 61), reproduzindo um darwinismo ortodoxo: também Darwin (1934), com suas observações de humanos e animais, tinha a expressão das emoções na categoria de comportamento reflexo.

Contudo, cremos que tanto a conceituação de Damásio quanto sua apropriação de Espinosa precisam ser tratadas com cautela. De um ponto de vista reducionista e mecanicista, as emoções são, sim, “coleção de respostas químicas e neurais que formam um padrão distinto” (Damásio 2004, p. 61).⁴⁵ Entretanto, devemos dizer que essa definição não esgota a totalidade essencial dos fenômenos, simplificando tanto os circuitos neurológicos quanto os problemas sociais e culturais imbricados no assunto, em uma ortodoxia darwinista que reduz as origens do humano às noções de genótipo/fenótipo ou inato/adquirido.

Ora, o fato de determinadas regiões encefálicas mostrarem-se mais ativas em um processo emocional não significa que as outras estejam mortas ou destituídas de importância. Como afirma Kagan (2007): a definição de Damásio funda-se nas neuroimagens que permitem “ver” a emoção. Mas: “(...) uma fotografia colorida de um estado cerebral criado com a ajuda de escâner não corresponde mais a uma emoção

45. Frise-se: o próprio Damásio reconhece a importância dos pensamentos e memórias no sentimento. Mas, na esteira de William James, relata casos clínicos nos quais a estimulação de áreas isoladas do tronco encefálico e da área suplementar motora do lobo frontal esquerdo produzem posturas físicas e expressões faciais condizentes com a alegria ou a tristeza, após o que, sem nenhuma razão ambiental, seguem-se sentimentos e pensamentos de alegria ou tristeza. Isso provaria a importância do *feedback* dos sinais da execução comportamental do corpo para o cérebro, das mudanças corporais induzidas pela ação, na alteração dos mapas neurais do corpo e na criação das percepções de emoção: ou seja, dos sentimentos.

que a fotografia de uma maçã representa a textura e o gosto da fruta” (Kagan 2007, p. 26; trad. nossa). Em outras palavras: a complexidade vivencial das emoções e suas várias características não são plenamente representadas pela neuroimagem.

Damásio atribui um baixo valor à aprendizagem, à culturização do biológico e a seu resultado fundamental – a personalidade que se emociona. Isso não ocorre com a teoria espinosana, atenta à determinação dinâmica e singular dos afetos e à relação deles com a essência atual do sujeito (ver p. 133 ss.): preocupações algo incompatíveis com o conceito de emoções como reflexos da espécie. Ignorando-as, Damásio seleciona apenas os aspectos da doutrina espinosana mais próximos do darwinismo, como a tendência humana à autoconservação, procurando introduzir a espécie humana na ordem mais ampla da natureza.

Não negamos o valor científico dos estudos do próprio Damásio, sua importância na ratificação de alguns aspectos da teoria espinosana, ou mesmo a necessidade do estudo evolucionário das emoções. Mas tampouco nos encanta o conservadorismo político-econômico que fundamenta o planejamento dos estudos em psicologia evolucionista e sua interpretação dos seres humanos e da sociedade – interpretação que ignora as descontinuidades entre biológico e cultural. Como afirma Patto (2010, p. 57):

A teoria de Darwin (1809-1882) foi assimilada e transformada pelos intelectuais da burguesia na formulação do *darwinismo social* e colocada a serviço da justificação da reconstrução da hierarquia social que se operara no interior da nova ordem social. Darwin não formulou o evolucionismo biológico tendo em vista justificar o racismo ou as desigualdades sociais.

A classificação evolucionista das emoções primárias de Paul Ekman,⁴⁶ que pode ser situada no campo do darwinismo social, é

46. Os primeiros estudos da equipe do americano Paul Ekman (nascido em 1934), nos anos 1970, envolveram respostas de escolha emitidas por pessoas do povo Foré, da Nova Guiné, a partir de fotos de expressões faciais consideradas prototípicas

reproduzida por Damásio sem nenhuma crítica. Desde seus estudos dos anos 1970, Paul Ekman vem considerando como universal a existência de certos “programas afetivos centrais” para as seis emoções básicas (as “primárias” de Damásio). Esses programas incluem expressões faciais, manifestações do comportamento individual intraespécie (como cooperação e competição), mudanças fisiológicas, respostas vocais e autonômicas do sistema nervoso. Seus estudos têm sido importantes na consolidação da tradição darwinista, como relatam Lutz e White (1986). Essa tradição valoriza o papel da expressão emocional na manutenção de hierarquias sociais (mormente de cooperação-ataque-submissão). A incorporação das expressões faciais e corporais em amplos e singulares sistemas sociais, culturais e linguísticos também é negligenciada.⁴⁷

Como Ekman, e na contramão de Vigotski, Damásio (2004) criou uma teoria que subestima a diversidade das emoções humanas, tomando como referência uma espécie de fictício “sujeito universal” dos processos cerebrais. Nesse contexto, destaca-se a ausência quase completa de algumas fontes importantes: a antropologia e a linguística das emoções e, também, os estudos da ontogênese das funções mentais e da personalidade

das seis emoções especificadas. Os experimentadores expunham situações como “o teu amigo chegou e tu estás feliz”, ou “estás zangado e preparado para lutar”, apresentando, a seguir, 30 fotos de expressões faciais de americanos, consideradas prototípicas das seis emoções consideradas básicas (Oatley e Jenkins 1998, p. 91). As respostas consideradas corretas para a “cara alegre” chegaram a 90%, mas os sujeitos não discriminaram caras de “medo” das de “surpresa”. Apesar das críticas, Ekman efetivamente considera as ditas emoções como universais, tendo ampliado seus trabalhos para outros aspectos corporais além da mímica facial.

47. Kagan (2007, pp. 93-94), numa crítica metodológica, ressalta a baixa confiabilidade existente na mudança de padrões faciais como signos de estados emocionais. Refere-se a pesquisas que mostram o desencontro entre as emoções refletidas na mímica facial e os relatos de vivências dos sujeitos: assim como um amplo sorriso pode não denotar grande felicidade, a ausência dele pode não significar indiferença. As expressões faciais de homens são menos salientes com relação às das mulheres, mas eles não parecem ser menos capazes de afetos intensos. Ocasionalmente, contudo, a face pode revelar características de um sentimento e um temperamento, com destaque para as situações que envolvem a presença de outra pessoa.

humana.⁴⁸ Tal como podemos observar, Damásio não ultrapassa a doutrina da utilidade biológica das emoções, criticada por Vigotski, recaindo numa espécie de finalismo antiespinosano que encontra propósitos evolucionários para cada emoção. Um exemplo: quando as manifestações emocionais parecem não adaptativas, como as fóbicas, o autor persegue-as no Santo Graal dos momentos evolucionários anteriores, em que tais manifestações teriam sido adaptativas. Nas palavras do autor:

Numa sociedade moderna a zanga é contraproducente, assim como a tristeza. As fobias são um enorme obstáculo. E no entanto é evidente que a raiva e o medo salvaram numerosas vidas ao longo da evolução. Essas reações prevaleceram na evolução exatamente porque levaram à sobrevivência, direta e automaticamente, e ainda estão conosco porque continuam a desempenhar um papel valioso, em certas circunstâncias. (Damásio 2004, p. 48)

Enfim, a zanga é contraproducente ou continua a desempenhar um papel valioso em certas circunstâncias?

A condição humana aparece apenas em sua causalidade filogenética, sem se considerar sequer a história social do comportamento, tal qual defendiam Vigotski e Luria (1996). Damásio incorre em equívocos interpretativos semelhantes à doutrina periférica das emoções.

Nesse sentido, Jerome Kagan (2007)⁴⁹ oferece-nos uma contribuição

48. Sem convidar para sua reflexão os estudos ontogenéticos, Damásio (2004, p. 41) chega, por exemplo, a classificar os comportamentos lúdicos humanos entre as pulsões e motivações, ao lado da fome, da sede e dos comportamentos sexuais. Mas o brincar humano é precocemente simbólico e constitui uma atividade bastante complexa, substantivamente diferente do brincar animal (ver Elkonin 1998). Mesmo de um ponto de vista neuropsicológico, ele não poderia ser classificado ao lado de sensações orgânicas tão simples como a fome e a sede. Mais um equívoco de Damásio.

49. Kagan (1929-) notabilizou-se pela pesquisa do temperamento, da emoção e da cognição na primeira década da vida humana, acompanhando muitas crianças por um longo tempo. Atualmente, é professor emérito da Universidade de Harvard e diretor do Mind/Brain Behavior Interfaculty Initiative. Pesquisando o papel do temperamento

propriamente psicológica que reflete tanto sobre os problemas trabalhados por Damásio (2004), quanto sobre outros, ignorados por ele. Entre os muitos autores contemporâneos estudados durante nossa pesquisa de doutorado, que resultou neste livro, Kagan agradou-nos imensamente pela crítica e pela cuidadosa reflexão metodológica. Integrando muitos dados em uma perspectiva multideterminada de desenvolvimento humano, que integra diversos eixos de análise, mostra os erros da dicotomia inato/adquirido para a explicação das origens do psíquico. Segundo ele, o estudo das emoções ainda não amadureceu o suficiente para confiarmos num grande número de premissas (Kagan 2007, p. 214). O autor critica a falsa universalização dos processos emocionais vividos no Ocidente, atribuindo importância à cultura e à história deles em seres humanos. Em alguns tópicos do livro, explica as relações entre alterações encefálicas e culturização do cérebro ao longo do desenvolvimento, em um empreendimento similar ao vigotskiano. Extraíndo-se à monotonia metodológica do esquema estímulo-resposta que permeia a obra de Damásio (2004), binômio este tão criticado por Vigotski (1995, p. 62), Kagan concentra-se nos complexos de processos conceituais e de julgamento fundadores dos estados emocionais e de suas repercussões nas relações sociais, dissociando-os da condição de mera resposta à percepção de estímulos. Defende o caráter estrutural das emoções, nelas integrando muitas dimensões distintas e estudos sobre seus diversos impactos nos pensamentos, nas decisões e nos atos individuais, de acordo com diferentes culturas e relações sociais.

Kagan (2007) defende que muitas emoções existem, mas não chegam a ser percebidas pelo sujeito. Tampouco se manifestam de modos perceptíveis por outros: são como a temperatura dos processos mentais. Há um oceano de manifestações emocionais que fica aquém da língua – até porque as estruturas cerebrais que alicerçam os sentimentos são menos vinculadas às áreas da linguagem do que as

na formação de diferenças individuais, criticou a Teoria do Apego de John Bowlby, entre outras, defendendo que as experiências dos primeiros anos de vida são menos determinantes para a personalidade adulta do que se pensa (Alic s./d.).

representativas de objetos e lugares do meio externo. A despeito disso, todas as línguas conhecidas apresentam termos descritivos de emoções (*ibidem*, p. 42). Segundo o autor, a emoção humana na psicologia das últimas décadas é um constructo que relaciona imperfeitamente quatro fenômenos: 1) uma mudança no perfil da atividade cerebral (*brain profile*) para selecionar incentivos (recompensas, punições); 2) uma mudança conscientemente detectada no sentimento (*detected feeling*), com qualidades sensoriais identificáveis; 3) processos cognitivos que interpretam e/ou rotulam o sentimento com palavras (*appraisal*); e 4) uma prontidão (*preparedness*) para uma resposta comportamental, ou uma demonstração nesse sentido (*ibidem*, p. 23).⁵⁰ Cada abordagem psicológica varia na significância e na nomenclatura atribuídas aos componentes (Kagan denomina “sentimento” ao segundo componente e “emoção” ao terceiro). Nos encontros e desencontros dos componentes, padrões de neuroimagem semelhantes não significarão necessariamente a associação de todos eles, nem influenciarão igualmente o pensamento e as relações interpessoais.

O autor afirma:

50. Kagan (2007, pp. 27-28) acredita que, na esteira dos antigos gregos, futuros investigadores elaborarão diferentes construtos para classificar componentes separados da estrutura que caracteriza a emoção. A tendência seria separar a taquicardia e o calor facial após um insulto das emoções de raiva e vingança subsequentes à avaliação do sentimento corporal. Os futuros constructos precisariam, por exemplo, separar um primeiro grupo de respostas a expressões faciais na forma de estados/padrões cerebrais consistentes, sem que o sujeito perceba nenhuma mudança no sentimento, de um segundo grupo de estados, acompanhados de comportamentos involuntários ou respostas autonômicas, de um terceiro grupo que resulta também em sentimentos detectados, mas não interpretados, de um quarto grupo envolvendo também a interpretação; e um quinto grupo, englobando todos os fenômenos: um estado cerebral, um sentimento detectado, uma avaliação e uma resposta. Mas, de fato, hoje essas diferentes fontes de dados são descritas, por exemplo, com o único rótulo de “ansiedade”, tanto no encontro com estranhos quanto a ativação da amígdala perante caras raivosas – rótulo tão geral que acaba descrevendo pouca coisa.

Embora cada emoção origine-se na atividade cerebral, cada uma é primeira e principalmente um fenômeno psicológico que é subdeterminado por um estado cerebral porque cada perfil cerebral pode dar origem a um grupo de emoções. A emoção específica que emerge depende da situação e sempre da história e biologia da pessoa. (Kagan 2007, pp. 1-2; trad. nossa)

Uma mudança no plano do sentimento pode tanto ser descartada quanto nomeada e considerada importante. Para Kagan (2007, p. 42), as palavras que utilizamos sofrem a influência do contexto imediato, das ações ou pensamentos contínuos, dos discursos e da *folk theory* (a psicologia do cotidiano, psicologia ingênua ou teoria popular corrente sobre os processos mentais). É por atribuir um importante papel à cultura que o autor descreve as definições de emoções básicas, considerando que as classificações existentes são de baixo valor heurístico, pois apenas refletem os modelos e hierarquias de emoções em diferentes culturas. Para uma nova concepção científica das emoções seria também necessária a criação de diferentes termos para as manifestações emocionais de crianças e adultos: a reação a que hoje denominamos “medo” de um bebê que chora reagindo ao frio imprevisto não é como o “medo” de um adulto que descobre um imprevisto sangramento na boca. Nossa capacidade de avaliação de um fato impõe diferenças na própria essência das manifestações emocionais.

Uma das geniais intuições de Espinosa parece ter sido, então, como vimos, a de incluir as ideias do sujeito sobre as emoções na definição destas, como parte de sua estrutura: elas não existiriam como fenômenos humanos sem uma atribuição de sentido, sofrendo as vicissitudes da situação. LeDoux (1996), por exemplo, relata pesquisas sobre a influência dos conteúdos mentais momentâneos da memória de trabalho na atribuição de causas para a emoção, embora eles possam não ter nenhuma relação com as causas reais da cascata de reações emocionais – em outras palavras: são causas imaginárias para processos, em grande medida, inconscientes.

Com os poucos conhecimentos de sua época sobre o sistema nervoso central, Espinosa não descrevia a natureza modular da memória,

hoje mais conhecida e classificada em sistemas cerebrais distintos (memória de trabalho, episódica etc.). Mas as pesquisas mais recentes não obscurecem sua doutrina. Pelo contrário: esta continua a provocar polêmica – não só pelas intrigantes ideias sobre a relação corpo-mente, mas também por suas profundas implicações ético-políticas. Pois Espinosa foi um agudo crítico do Estado teológico-político, da concepção dos homens como anjos ou demônios, assim como do incentivo à busca de glória religiosa nas paixões tristes: arrependimento, culpa, vergonha, tristeza do pecador.

Vigotski (2004, p. 59) chegou a considerar a doutrina espinosana dos afetos como inspiração para futuras ideias sobre a natureza humana: sentença radical; principal alavanca de nosso interesse em aprofundar os estudos, apesar das dificuldades filosóficas que tendem a se colocar na psicologia histórico-cultural, cujo núcleo duro é o marxismo. Voltaremos a esse problema nas Considerações finais, suspendendo temporariamente nossas reflexões sobre essa intrigante “Teoria sobre as emoções”.

EMOÇÕES E VIVÊNCIAS NA ONTOGÊNESE DO PSIQUISMO: TEXTOS PEDOLÓGICOS

Este capítulo estuda os textos que trazem contribuições especialmente a uma abordagem ontogenética das vivências e emoções. Os conceitos passam a se ligar ao problema do desenvolvimento de um eu singular, de uma consciência/personalidade determinada, tal como se apresenta nos derradeiros anos de vida de Vigotski. Nesse âmbito, sofrem mudanças significativas, expandem-se do ponto de vista teórico-metodológico (pois novos conceitos aí se integram), embora marcados pelo inacabamento que caracteriza a psicologia do autor.

Contextualização histórica: Vigotski, estudo do desenvolvimento e pedologia

O precoce interesse de Vigotski pelo estudo de crianças, de seu desenvolvimento e sua educação era muito variado: segundo Elkonin (1996b), ele fora professor em Gomel (1917-1924). A prática da clínica

pedológica e o trabalho experimental foram alguns meios de contato teórico-prático com crianças.

Vigotski e Luria (1996, pp. 95, 151, 157) discutiram como o desenvolvimento de uma personalidade singular atravessa vários estágios – de modo apenas esquematicamente análogo, também a evolução histórico-cultural teria partido do homem primitivo até o homem cultural moderno. Para os autores, os estudos da ontogênese proporcionariam a descoberta dos elos psicológicos entre desenvolvimento biológico e cultural, processo com a vantagem de ocorrer sob os próprios olhos do pesquisador, de não demandar a reconstrução de vestígios escassos, perdidos na arqueologia do comportamento.

Segundo Wertsch (1985, p. 49), os estudos de crianças notabilizaram Vigotski e seus seguidores na URSS e no Ocidente. São determinantes tanto da edificação de sua psicologia geral (expandindo-se, pois, para diversos campos científicos e práticos da psicologia), quanto das teorias e das práticas particulares, tais como a pedológica e a defectológica. É comum verificarmos que teorias geral e particular sobrepoem-se com frequência em textos como a “Pedologia do adolescente” e os “Problemas da psicologia infantil”.

A pedologia da União Soviética expandiu-se francamente nos anos 1920.¹ Conforme Van der Veer e Valsiner (2001, pp. 321-325), na década de 1920 os efeitos da pesquisa pedológica fizeram-se sentir em muitas instituições de educação e pesquisa na URSS. A pedologia foi incluída como uma das seções do Primeiro Grande Congresso Geral

1. Conforme Van der Veer e Valsiner (2001, pp. 320-321), o Primeiro Congresso sobre Pedagogia Experimental (antigo nome para a pedologia) ocorreu em 1911. Em 1907, como parte do Instituto Psiconeurológico de Bekhterev, organizou-se o Instituto Psicopedológico, o qual se concentrou na pedologia de bebês e da primeira infância, sendo planejado como uma espécie de internato. Conquistou sede própria a partir de 1911. Apesar do grande interesse de Bekhterev, o instituto não tinha orçamento próprio, sobrevivendo de doações. Quando o governo tsarista concordou em financiar o projeto, houve a Revolução de 1917 e o Instituto Pedológico subordinou-se ao Comissariado de Educação.

sobre o Estudo do Comportamento (1930). Entre 1927 e 1928 realizou-se o Primeiro Congresso Pedológico Soviético (dele participaram Lunacharsky, Krupskaya, Bukharin, Vigotski, entre outros), cuja diretriz era a reestruturação marxista da pedologia, com ênfase no papel do ambiente social para o desenvolvimento das funções psicológicas. Esse foco de pesquisa interessava a Vigotski, e foi na revista *Pedologia*, fundada após o I Congresso, que ele lançou as bases da teoria histórico-cultural (ver p. 87 ss.). A publicação ganhou importância: no início de 1929 já tinha cerca de 1.500 assinaturas, apenas 30% delas individuais. Vigotski foi um de seus conselheiros editoriais e lecionou a disciplina de pedologia enquanto a tuberculose o permitiu.

Em meados da década de 1920, proliferava a literatura pedológica escrita em russo. Importantes obras internacionais sobre desenvolvimento infantil e estudos de crianças foram traduzidas (Baldwin, Compayré, Stern, Groos, Sully, Claparède, Binet, Meumann, Bühler, entre outros), em um ritmo acelerado até o início da década de 1930. Num país que reorganizava seu sistema educacional, a pedologia soviética interessava-se pela reconstrução da personalidade no socialismo. Tarefa ingrata: havia milhões de analfabetos adultos e também crianças órfãs ou oriundas de famílias separadas pela guerra, pela fome, pelo terror, entre outros motivos. Vigotski (*apud* Van der Veer e Valsiner 2001, pp. 334-335) enxergava na pedologia uma ciência-síntese das várias disciplinas de estudo da criança. O autor tinha seu próprio projeto nessa área, como mostram suas palestras e aulas de 1931 em diante, algumas publicadas por M.A. Levina nos *Fundamentos de pedologia* (1935), texto ao qual não tivemos acesso.

A concepção pedológica vigotskiana tinha uma peculiaridade: para Van der Veer e Valsiner, enquanto outros pedólogos frisavam a natureza interdisciplinar da pedologia, Vigotski a definia como ciência do desenvolvimento infantil (em que, segundo Elkonin 1996b, p. 389, se incluía a psicologia infantil evolutiva). Frise-se: *ciência* e não *psicologia* do desenvolvimento infantil:

Pode-se estudar doenças infantis, a patologia da infância, e isto também seria, em certa medida, uma ciência sobre a criança. Em

pedagogia, pode-se estudar a criação e a educação de crianças, e isto também, em certa medida, é uma ciência da criança. Pode-se estudar a psicologia da criança, e isto também seria em certa medida uma ciência sobre a criança. (...) é mais exato afirmar que a pedologia é a ciência do desenvolvimento da criança. *O desenvolvimento da criança é o objeto direto e imediato de nossa ciência.* (Vigotski, *apud* Van der Veer e Valsiner 2001, p. 335; grifos do autor)

Podemos criticar a interpretação de Van der Veer e Valsiner: não é por ser considerada “ciência do desenvolvimento” que a pedologia de Vigotski deixava de ser interdisciplinar. Contudo, é fato que o autor eventualmente a sobrepunha à psicologia do desenvolvimento: em suas conferências de orientação pedológica (por exemplo, em “O problema da idade”, 1996h), por vezes, ele afirma que seu objetivo é a composição de uma psicologia infantil, enfatizando o estudo integral da criança tomada como objeto de influência da educação, e comportando conhecimentos da pedagogia, da psicologia e da pediatria, entre outros saberes (*apud* Elkonin 1996b, p. 389).²

Os pedólogos também dividiam espaço com os psiquiatras. Segundo Wortis (1953), muitos problemas considerados psiquiátricos nos Estados Unidos tratavam-se na URSS como de ordem disciplinar ou pedagógica. O novo governo rapidamente estendeu os serviços de psiquiatria às crianças: em 1926 a URSS tinha 211 instituições que asilavam 8.226 crianças “anormais”. Em 1930, existiam 150 estabelecimentos de psiquiatria infantil preventiva, onde as crianças eram submetidas a exames médico, psicológico e neurológico, sendo encaminhadas para novos estudos ou tratamento em locais adequados.

2. A natureza interdisciplinar da pedologia acompanhava-se, ainda, por certa indefinição das atribuições profissionais. Segundo Wortis (1953, pp. 121-123), historiador da psiquiatria russa, ainda durante a monarquia havia uma tendência a separar a psiquiatria infantil da geral para constituir uma disciplina especial, a defectologia, que se consagrava à atenção das crianças deficientes. Mas o vocábulo “defeito” sugeria estados incuráveis, com um campo de interesses restrito, tornando-se terminologia progressivamente ignorada.

No cruzamento dessas muitas práticas, Vigotski objetivava criar novos métodos (ou antes, uma metodologia) de pesquisa e intervenção clínica. Em busca da essência das diferentes situações de desenvolvimento atravessadas pelas crianças, examinava-as acompanhado de vários especialistas, propondo-lhes tarefas, fazendo perguntas (Barroco 2007, p. 210). A metodologia da teoria histórico-cultural tendia a diversificar-se:

Começaremos pela fundamentação principal do método de nossa investigação pelo esclarecimento de sua relação com outros métodos psicológicos e passaremos logo ao quadro esquemático do método concreto, isto é, à técnica e organização da investigação experimental. A técnica concreta pode adotar formas variadas segundo o conteúdo do problema que se estuda (memória, pensamento etc.), a personalidade do sujeito (a criança de idade e tipo diferente), as tarefas específicas da investigação concreta (análise, gênese de algum processo) e, finalmente, o caráter da investigação (experimental, clínica). (Vigotski 1995, p. 48; trad. nossa)

O autor acreditava que seria necessária uma mudança radical para superar as limitações metodológicas da psicologia infantil (*ibidem*, p. 45). Nesse sentido, uma de suas inovações foi o método genético-experimental, que servia a questionar o esquema estímulo-resposta como forma de experimentação, defeito comum às psicologias de sua época (Vigotski 1994a, pp. 78-80). Confundia-se o comportamento humano com reação passiva, animal, ao ambiente, menosprezando-se o processo criador de cultura na relação homem-natureza. Vigotski (*ibidem*, pp. 79-81) considerava que a experimentação psicológica, tal como praticada por Wundt, por exemplo, era aplicada somente ao estudo/quantificação de processos simples: as funções psíquicas superiores e o problema da personalidade como síntese de tais funções permaneciam fechados para a psicologia introspeccionista.

Lewin, Marx e Espinosa inspiraram Vigotski (1994a, pp. 82-83) a priorizar a análise genotípica e a separá-la da fenomenológica, baseada na simples descrição. O objetivo da psicologia precisaria ser a revelação das bases dinâmico-causais do desenvolvimento, que podem, inclusive,

permanecer veladas aos sujeitos da introspecção. É nesse contexto que o autor critica as psicologias introspeccionistas de Wundt e Titchener, em que os sujeitos se limitavam a descrever suas vivências.

Não era recorrendo às próprias vivências que se podia explicá-las. E não era o introspeccionismo, em suas minúcias desprovidas de sentido, que forneceria uma descrição correta delas. Essa desvalorização do papel das “vivências imediatas” na ciência permeia também “O significado histórico da crise na psicologia” (2005b).³ Em vez de serem encaradas como melodias internas que acompanham as reações, as vivências deveriam ser compreendidas no interior do problema da dinâmica da personalidade e da consciência, tornando-se, como em *A tragédia de Hamlet*, elos causais do comportamento (ver Vigotski 1996b, p. 383; e 2010). Nesses textos, o autor lega um novo papel à análise das vivências da consciência e da personalidade.

O desenvolvimento da personalidade, da consciência e das vivências

A noção de sistema em Vigotski: Problemas de definição

Em “Sobre os sistemas psicológicos” temos uma definição cuja vagueza é admitida pelo próprio autor:

Denominaremos *sistema psicológico* à aparição destas novas e cambiantes relações nas quais se situam as funções, atribuindo-lhe o mesmo conteúdo que se costuma dar a este – por desgracia excessivamente amplo – conceito. (Vigotski 1991g, p. 73)

Como o espectro do pai de Hamlet, o caráter amplo do conceito de sistema paira em toda a psicologia histórico-cultural vigotskiana. Por isso,

3. Conforme bem apontado por Achilles Delari (comunicação pessoal, 2010), também se traduz equivocadamente *pereživânie* por sensação (mesmo na tradução espanhola, tomo I, das *Obras escogidas*).

antes de nos aprofundarmos em sua utilização, precisamos refletir sobre ele. No vivo processo de construção de sua teoria, Vigotski não costumava definir os termos utilizados e, como um narrador engajado, emprestava ou comentava os da psicologia de sua época, saltando rapidamente entre as muitas esferas culturais que conhecia. Em decorrência desse aspecto – dentre outros –, as palavras adquirem sentido em seu contexto específico, sendo de difícil definição. Circunscrever o alcance das afirmações vigotskianas, assim como comunicar as ideias do autor, tornou-se um sério problema para seus comentadores.

Em linhas gerais, podemos afirmar que a noção de sistema tem três fontes em sua obra: a psicologia da Gestalt, a estrutural (de Lewin) e a filosofia marxista. Postulam: 1) a primazia do todo com relação à soma das partes; 2) a importância da análise de relações (estruturas) componentes desse todo, em detrimento de aspectos isolados. A rigor, *sistema* é mais um princípio geral que um conceito rigorosamente definido. Van der Veer e Valsiner (2001, p. 185) veem, na preocupação vigotskiana com a análise de unidades, uma posição teórica orientada contra a fragmentação do psiquismo. As noções de sistema e unidade comportam aspectos fundamentais do pensamento vigotskiano, como a análise da gênese e a transformação dos processos psicológicos, e contribuem, sobretudo por meio de Luria (1966), para a teoria da localização dinâmica das funções mentais no cérebro.

A noção de sistema envolve os seguintes aspectos:

- as relações entre as próprias funções (estruturas) psicológicas culturizadas: não existe função psíquica superior isolada. Elas se desenvolvem a partir de níveis simples – como a relação sensório-motora, após o nascimento – até complexos, como a formação de conceitos (Vigotski 1991g, pp. 72, 82). Aí se alteram as conexões estruturais, que são sistêmicas e de origem social;
- a relação entre as unidades elementares de uma mesma função: caso dos sistemas de conceitos. São um sistema mais elevado do que as simples funções, pois os conceitos envolvem diferentes

modalidades perceptuais e mnemônicas (o conceito de maçã, por exemplo, implica uma fruta de certo tamanho, peso e cor, semelhante e diferente de outras frutas): conceitos são reflexos de características do objeto que se formam a partir da realidade social, só podendo ser definidos junto de outros conceitos (Vigotski 2001a);

- os níveis mais complexos se referem a sistemas psicológicos mais amplos, como personalidade (e seu subsistema mais profundo, o caráter), consciência e autoconsciência (Toassa 2006).

Seguindo Goldstein e Gelb, Vigotski aposta na seguinte ideia: qualquer sistema psicológico complexo é produto de uma estrutura cerebral (1991g, p. 89). Os fenômenos morfológicos e fisiológicos, a forma e a função, condicionam-se reciprocamente (1995, p. 124), ou seja, a criação de sistemas se dá nos limites e nas possibilidades do organismo para a formação dessas novas conexões. Luria (1981, pp. 5-9) critica a frenologia de Gall por procurar funções psíquicas em zonas cerebrais isoladas, definindo regiões para a “vivacidade”, para o “amor às crianças”, para o “instinto de economia” etc. O neuropsicólogo defende que, se a secreção de bile é função do fígado, o mesmo não pode ser dito, por exemplo, da digestão ou da respiração: para que o oxigênio atinja os alvéolos pulmonares e posteriormente o sangue, demanda-se um aparelho muscular complexo, que agrega diferentes partes dos aparelhos secretor, motor e nervoso. É o que Anokhin, após a morte de Vigotski, denominou de *sistema funcional*. No caso das funções psíquicas, relaciona-se o organismo com os diferentes módulos encefálicos:

A presença de uma tarefa constante (invariável), desempenhada por mecanismos diversos (variáveis), que levam o processo a um resultado constante (invariável) é um dos aspectos básicos que caracterizam a operação de qualquer “sistema funcional”. O segundo aspecto característico é a composição complexa do “sistema funcional”, que sempre inclui uma série de impulsos aferentes (ajustadores) e eferentes (efetadores).

Este conceito de uma “*função*” como um *sistema funcional* inteiro é uma segunda definição (...) Enquanto os processos autonômicos e somáticos mais complexos estão organizados como “sistemas funcionais” deste tipo, este conceito pode ser aplicado com ainda maior propriedade às “funções” complexas do comportamento. (Luria 1981, p. 13; grifos do autor)

Por exemplo: para resolver uma operação de adição, é possível tanto recorrer a uma calculadora quanto somar mentalmente. Se me sentir triste, posso tanto alegrar-me jogando xadrez quanto encontrando amigos. Isso configura a relação ativa da consciência para consigo mesma e para com seu mundo, que comentamos anteriormente. Como afirma Luria (1981, p. 16): os apoios externos ou artifícios gerados historicamente (signos, instrumentos) são fundamentais para estabelecer conexões entre partes individuais do cérebro. São novos órgãos funcionais do cérebro humano. Tanto que, caso exista uma lesão cerebral, dentro de certos limites, é possível que outras áreas exerçam uma substituição do papel anteriormente exercido pela área lesionada. *A tarefa do investigador é descobrir qual contribuição cada zona cerebral exerce no sistema funcional complexo, e como o sistema modifica-se nos vários estágios do desenvolvimento.*

Os sistemas psicológicos mais complexos de relação com o mundo, que contêm os outros, seriam a personalidade, a consciência e a autoconsciência (ver p. 182 ss.). O desenvolvimento desses três sistemas sintéticos é explorado de forma conexa nos textos pedológicos/psicológicos de Vigotski (1996e;1998a). Como a análise do mais complexo em sua obra serve de referência à do mais simples, precisamos também abordar as emoções e vivências no interior dos referidos sistemas, por meio das categorias metodológicas mais abrangentes da psicologia histórico-cultural (atividade, vivência, tomada de consciência, significado), variáveis de acordo com o momento e as condições de desenvolvimento da pessoa. Assim, precisamos enfocar as funções psíquicas (como as emoções) no interior dos sistemas que elas compõem; a partir de um papel que pode não ser o mesmo em todas as situações, mas sim de metamorfose e diversidade.

Em trabalho anterior (Toassa 2006, pp. 73-78), mostramos como o conceito de consciência (сознание – *soznanie*) desdobra-se em três acepções: 1) um processo e seu produto: a tomada de consciência; 2) um atributo: qualificando diversas funções ou conteúdos psíquicos com o termo consciente; e 3) um sistema psicológico do sujeito em relação com o meio e consigo próprio; um tipo de mecanismo que se desenvolve e resulta em graus variáveis de tomada de consciência. Luria (1988) utiliza o termo *sistema estrutural com função semântica* para explicar o conceito vigotskiano. Sintetiza a ação das funções da matéria altamente organizada no cérebro (inspiração marxista), como expressão da atividade cerebral.

A consciência é, pois, um único sistema psicológico, composto pelas estruturas de conduta consciente (sinônimo de funções psíquicas superiores); verdadeiras relações sociais internalizadas como ações, representações e palavras que, encaradas em si mesmas, podem ser tidas como sistemas específicos – a consciência é, portanto, uma estrutura composta de outras estruturas. Desenvolve-se com modificações da estrutura geral e de vínculo entre seus elementos, os quais mantêm entre si uma relação dialética de parte-todo, criada pela inserção dos sujeitos nas atividades sociais. Integrando-se a novas atividades humanas, as pessoas apropriam-se das funções psíquicas superiores que as medeiam: memória, atenção, linguagem oral, sentimento, linguagem escrita etc. (Toassa 2006, p. 78)

As impressões sensoriais externas e internas que bombardeiam o cérebro são trabalhadas pelas funções psíquicas superiores, cuja atividade principal consiste em atribuir-lhes sentido. O caráter voluntário e criativo da atividade cerebral permite, assim, dizer que a realidade reflete-se não apenas *no*, mas também *pelo* cérebro. Esse processo desenvolve-se graças à mediação da experiência acumulada e sintetizada na linguagem. Vivências e ações são a expressão sistêmica dessa atividade consciente, a um só tempo ativa e passiva, mediata e imediata, como relação interna entre pessoa e meio. As vivências englobam tanto a tomada de consciência quanto a relação afetiva com o meio e da pessoa consigo mesma, pela qual se dispõem, na atividade consciente, a compreensão dos acontecimentos e a relação afetiva com eles. Não há, então, grande diferenciação entre

os sistemas “consciência” e “autoconsciência”. O irracional e o racional, a passividade e a atividade, o caráter determinante e determinado de sua atividade convivem lado a lado na consciência humana como sistema gradativamente mais complexo: Vigotski renuncia definitivamente à restrita associação entre irracionalidade e vivência.

Se a consciência, o grande objeto da psicologia vigotskiana (conforme Leontiev 1996), abarcava os aspectos complexos e especificamente humanos da conduta, mereceu-lhe extensas considerações, não se pode afirmar o mesmo sobre a personalidade (личность – *litchnost*). Aguardamos novas traduções do autor e futuros debates sobre o assunto. Por ora, podemos afirmar que o conceito de personalidade, por vezes, sobrepõe-se ao de consciência (como perceptível nos textos pedológicos que estudamos), desenvolvimento cultural ou desenvolvimento voluntário,⁴ particularmente no texto “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores” (Vigotski 1995, pp. 328-329), que condensa uma grande quantidade de resultados experimentais do bielo-russo e seus colaboradores sobre a conduta voluntária.

Contudo, o próprio autor admitia que seus conceitos estavam em mutação. Como poderemos constatar na análise dos textos pedológicos, p. 190 ss., o uso do termo “personalidade” passa a ocorrer no interior de um campo semântico mais próximo de seu sentido comum: o de individualidade, ganhando força com a estruturação do sistema

-
4. Também Lídia Bozhovich, segundo Robbins (2004, p. 3), acreditava que a “personalidade” para Vigotski era um termo análogo a “desenvolvimento cultural” ou a “síntese superior”. Parte do esforço da ex-discípula de Vigotski foi elaborar o conceito de personalidade. Nas palavras de seu mestre: “Não é [a personalidade] inata, surge como resultado do desenvolvimento cultural, por isso a “personalidade” é um conceito histórico. A personalidade abarca a unidade da conduta que se distingue pelo indício do domínio (ver o capítulo sobre a vontade). Nesse sentido, o correlativo à personalidade é a relação entre as reações primitivas e superiores e o conceito que introduzimos coincide nesse plano com o estabelecido por Kretschmer no campo da psicopatologia” (Vigotski 1995, grifo do autor, trad. nossa). A personalidade teria uma acepção mais limitada do que o habitual, sem incluir os traços pessoais, diferenciadores dos indivíduos.

psicológico da consciência. Nova sobreposição em alguns trechos: desta feita, entre personalidade e consciência. A ideia de personalidade relaciona-se, nos textos pedológicos, à forma pessoal como uma função psicológica pode desempenhar um papel primário ou secundário na consciência/personalidade, na hierarquia dos sistemas psicológicos, havendo diferenças de cultura e caracteriológicas importantes: o homem primitivo, por exemplo, distribuiria suas funções psicológicas de modo diferente do ocidental culto.⁵ Mas essa diferente distribuição também pode ocorrer com a mesma pessoa em distintas situações. Vigotski trata, aí, da personalidade em seus planos genético e diferencial. A personalidade constituir-se-ia na própria formação de novos vínculos interfuncionais, mais do que no desenvolvimento de uma função específica.

Neste livro, optamos por abordar o conceito de consciência e de personalidade como próximos, porém distintos. Utilizamos o segundo para nos referir aos aspectos singulares dos indivíduos no interior de uma cultura ou grupo particular, admitindo que a consciência (como sistema responsável pela nossa compreensão do mundo) e a personalidade estabelecem relações nas quais um sistema psicológico impacta o outro. Trata-se mais de uma divisão metodológica e didática que propriamente a expressão de processos psicológicos radicalmente distintos.

O tomo IV das *Obras escogidas* (Vigotski 1996e) apresenta-nos importantes textos pedológicos. Divide-se em duas partes – “Pedologia

5. Ideia semelhante aparece em Vigotski (1991g, p. 85). Sua psicologia comporta a ideia de que uma ou outra função psicológica, como uma ou outra característica da personalidade, predomina em momentos distintos de atividade da consciência/personalidade (poderíamos dizer: numa ou noutra vivência, que se rotula como predominantemente afetiva, cognitiva ou outra). Uma influência presumível para a ideia da hierarquia dos sistemas psicológicos é o princípio do dominante de Ukhtomski, apresentado no II Congresso de Psiconeurologia de Toda a Rússia (1924). O autor, enfocando especialmente a motricidade, propôs que em cada atividade há um foco principal de excitação no sistema nervoso central, o qual determina temporariamente o caráter da resposta do organismo às estimulações externas e internas, acumulando a excitação que pertence a outros centros (Shuare 1990, pp. 50-51).

do adolescente” (1996f) e “Problemas de psicologia infantil” (1996i): a primeira, redigida por Vigotski como parte de um manual, entre 1930 e 1931 (Elkonin 1996a, p. 43). Continha, originalmente, o resumo de pedologias estrangeiras e um plano de estudo indicando referências bibliográficas para futuros pedólogos. Dos “Problemas de psicologia infantil”, apenas os dois primeiros capítulos, “O problema da idade” e “O primeiro ano” foram escritos e concluídos. Os outros⁶ são estenogramas de conferências ditadas no Instituto Pedagógico A.I. Herzen entre 1933 e 1934, onde Vigotski realocou-se com parte de seus colaboradores, após se lhe fecharem as portas da Academia de Educação Comunista e do Instituto de Psicologia de Moscou.

Elkonin (1996a, p. 339), que presenciou essas conferências, afirma que, apesar de seu intuito didático, o bielo-russo refletia em voz alta, analisando questões cruciais, tanto sobre as referências estrangeiras quanto sobre dados de pesquisa de seus orientandos (Konnikova, Fradkina, Slavina, Morozova). Nesse processo, Vigotski (1996i) acompanha Blonski na ideia de que as mudanças da idade podem produzir-se de modo violento, crítico, mas também gradual e lentamente. Eis por que o autor periodiza o desenvolvimento em estágios (em que a personalidade da criança muda muito lentamente e de modo quase imperceptível) e em crises transitórias (que podem não aparecer, ou mesmo durar de alguns meses a até dois anos). Em um paradigma teórico-dialético, tais mudanças acumulam-se até um limite e se manifestam depois como uma formação qualitativamente nova (uma neoformação),⁷ correspondente a novos processos mentais. As relações com outras pessoas são o principal fundamento ontológico do desenvolvimento, sendo que as crises, quando emergem, são fenômenos que envolvem a personalidade em seu todo e,

6. São eles, em espanhol: “Crisis del primer año de vida”, “La infancia temprana”, “La crisis de los tres años”, “La crisis de los siete años”.

7. Uma neoformação central é uma espécie de guia para o processo de desenvolvimento, em torno da qual se agrupam as outras formações parciais relacionadas a facetas isoladas da personalidade, podendo mudar de lugar (e importância) no desenvolvimento.

segundo Vigotski, haviam sido descobertas por via empírica, não tendo, ainda, sido sistematizadas no campo da psicopatologia.

Para Vigotski, o primeiro grande sistema psicológico que surge na vida da criança é a consciência; ou antes, uma neoformação consciente, denominada “proto-nós” (1996g, p. 306) ou “grande-nós”, típica do final do primeiro ano de vida. A criancinha já toma consciência de que alguém cuida dela, havendo união com as pessoas e separação com respeito aos objetos físicos. Essa neoformação consiste numa estrutura sensório-motora e afetiva que possibilita à criança e a seus cuidadores interações conjuntas, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e dos sistemas psicológicos terciários. Mas, perto do fim da primeira infância (período entre 1-3 anos), em virtude das maiores possibilidades de ação infantil, da interferência do próprio adulto (que tende a diferenciar a criança dele próprio), do maior nível de consciência da criança quanto a seu mundo, a díade interacional separa-se em diferentes indivíduos: de forma suficiente para que Vigotski (1996a) considerasse a personalidade como neoformação típica dos três anos de vida.

Portanto, quando os conceitos de personalidade e consciência se diferenciam nesse debate acerca das crises, estabelecem-se relações nas quais um sistema impacta o outro. Essa é a tendência geral dos trabalhos incluídos em Vigotski (1996e), mas há um trecho importante no qual os referidos sistemas se sobrepõem, o qual transcreveremos mais adiante. Passemos ao debate da nova posição do conceito de vivência no quadro geral das discussões sobre personalidade e consciência.

As vivências como unidade de consciência e personalidade

Em vez de uma pedologia dos fatores que opõe hereditariedade e ambiente, a metodologia vigotskiana enfatiza uma análise estrutural e sistêmica. A vivência é unidade sistêmica da consciência e também da relação personalidade-meio: espécie de “campo psicológico” que contém criança e meio; a *relação interior* entre ambos. Engloba o processo de tomada de consciência como uma das formas de relação com o mundo.

A vivência constitui a unidade da personalidade e do meio tal como figura no desenvolvimento. Portanto, no desenvolvimento, a unidade dos elementos pessoais e ambientais realiza-se em uma série de diversas vivências da criança. A vivência deve ser entendida como a relação interior da criança como ser humano, com um ou outro momento da realidade. (...) A teoria moderna introduz a vivência como unidade na qual as propriedades básicas da consciência, isto é, como unidade na qual as propriedades básicas da consciência figuram como tais, enquanto que na atenção, no pensamento, não se dá tal relação. A atenção não é uma unidade da consciência, mas um elemento da consciência, carente de outros elementos, com a particularidade de que a integridade da consciência como tal desaparece. A verdadeira unidade dinâmica da consciência, unidade plena que constitui a base da consciência, é a vivência.

A vivência possui uma orientação biossocial, é algo intermediário entre a personalidade e o meio, que significa a relação da personalidade com o meio, revela o que significa o momento dado do meio para a personalidade. (Vigotski 1996b, p. 383; trad. nossa)

Aí estão, sobrepostos, os conceitos de consciência e personalidade, embora se mostrem dissociados noutros textos.⁸

Vigotski não detalhou as vivências das crianças/adolescentes a cada idade, mas apenas em seus marcos e facetas principais. As condições em que o conceito foi empregado, vinculando-se à clínica pedológica, são ainda pouco claras para os comentadores (como constatamos em Meshcheriakov 2009): onde, como, quando essa clínica se realizou? Não obstante, nas “Lições sobre pedologia” (2001b), *pereživânie* e palavras etimologicamente próximas aparecem com frequência tanto em “A questão do meio na pedologia” quanto em uma conferência de 1933: “Krisis 3 i 7 liét” (“Crise dos 3 e 7 anos”). Esta última apresenta leituras

8. Na tradução americana: a “Vivência deve ser compreendida como relação externa da criança como pessoa com um ou outro fator da realidade” (Vigotski 1998c, p. 294, trad. nossa). Mas a ideia de relação externa não condiz com o restante do texto, contradizendo-o; eis por que preferi a tradução espanhola que toma a vivência como “relação interna”.

críticas de Vigotski sobre os conflitos na relação criança-meio: críticas, por exemplo, a contribuições psicopatológicas que ele considerava burguesas (como a de Adolf Busemann, psicólogo alemão) e à maneira como interpretavam manifestações como teimosia e obstinação das crianças em momentos difíceis de seu desenvolvimento, nos quais, aparentemente, não havia mudança no meio externo. Onde surgiam tais manifestações? Responde Vigotski: da relação sistêmica da consciência/personalidade com o meio, ou seja, das vivências.

Embora solicitando a seus ouvintes que limitassem a abrangência de suas afirmações, sem as considerar como uma teoria completa das idades, Vigotski criticou a forma como os estudos europeus interpretavam as crises da infância e da adolescência, acusando-os tanto de atribuir maior atenção às idades estáveis, como de considerar inevitáveis as crises, com o fim dos ciclos de desenvolvimento. Inevitabilidade mais que duvidosa, pois, segundo o bielorusso, tais estudos limitavam-se a famílias burguesas com uma educação autoritária, sem notar o impacto particular e negativo dessa educação no desenvolvimento infantil.

Uma peculiaridade importante da ideia de vivência, contudo, é sua utilização até mesmo para denominar as relações do bebê com o meio anteriores à estruturação da consciência, mas que, com a formação desse sistema, transformam-se qualitativamente (situação análoga à do esquizofrênico, o qual não separa suas vivências internas das externas, conforme inferimos de Vigotski 1996f, pp. 185-189).⁹ Existe uma mudança paulatina: impossível esquecer que, para Vigotski, a

9. Vigotski (1996g, pp. 281-282, 287) acredita na existência de rudimentos psíquicos no recém-nascido, já que logo após o nascimento, existem movimentos expressivos aos quais, nos adultos, correspondem estados de alegria, euforia, dor, pena, ira, medo etc. Nisso se incluem os movimentos instintivos provocados pela fome, pela sede, pela saciedade. Na percepção global e confusa da criança, as impressões exteriores estão unidas com o afeto que lhes matiza ou com o tom sensitivo da percepção. Ela percebe antes o afável ou o ameaçador, e não os elementos objetivos da realidade exterior, com a prevalência da atividade de centros subcorticais. Entre as novas formas de comportamento entre cinco e seis meses de vida, observam-se os primeiros movimentos defensivos, arrebatos de alegria, até os primeiros desejos.

consciência – como sistema psicológico humano – torna-se internamente diferenciada nas partes que a compõem: indivíduo, objetos, circunstâncias, interpretações, à moda de Lewin. Mas a criança vivencia o mundo desde os seus primeiros níveis de desenvolvimento, em que imperam as reservas biológicas de comportamento. Só a partir da estruturação de um sistema que possa ser denominado “consciência” as vivências podem constituir, pois, sua unidade mínima. Nasce do caráter não lapidado da experiência, de sua forma em-si, pré-descritiva e antepredicativa (ou seja, anterior à linguagem) e transformam-se num processo psicológico mais complexo. Sistêmico e semântico integram-se na ideia de que as funções psíquicas superiores, consciência e personalidade, se formam tendo por base os meios culturais (signos, instrumentos). Pelo conceito de vivência, o autor aproxima-se mais de uma psicologia hermenêutica e clínica que de uma experimental; mais da análise do conteúdo da vida da personalidade que dos estudos sobre o desenvolvimento parcial da atenção, memória, percepção etc.

Vigotski (1991d, p. 120) atribuía às noções de consciência então existentes a oscilação entre “sistema de funções” e “sistema de fenômenos”. Não é exagero dizer que ele pretendia criar unidades de análise aptas a transcender essa dicotomia. É marcante, nos textos psicológicos dos anos 1930 e no trabalho experimental do autor com o intelecto prático (1994a, p. 34), a ontogênese do indivíduo capaz de falar (com os outros, consigo próprio) sobre si e seus próprios processos psicológicos. Os textos psicológicos extinguem a tendência a vincular vivências à irracionalidade e à imediatidade, mostrando seu desenvolvimento como objeto de um processo de tomada de consciência – a própria consciência é abordada como “vivência das vivências”. O signo aglutina vivências dispersas, sem direção, possibilitando que a criança intelectualize e adquira experiência sobre sua presença no mundo.

A última citação transcrita mostra-nos, ainda, uma modificação importante: as vivências, diferentemente do que seu sentido culto na língua russa pode nos conduzir a pensar (e que acompanhara Vigotski em seus textos sobre arte e psicologia), deixam de ser consideradas pelo autor como um “estado de exceção” do psiquismo. Podemos concluir:

havendo atividade cerebral humana, haverá vivência. Também, as vivências não podem ser meramente deduzidas dos atos da criança, de seu comportamento, pois, embora determinando as ações infantis, a relação interior da personalidade com o meio e seus acontecimentos se dá na perspectiva do próprio indivíduo. O conceito adquire, então, um importante papel na análise da existência infantil.

O desenvolvimento da consciência e da personalidade – portanto, das vivências – tem momentos de inflexão, coincidentes com as crises, os estágios e os marcos do desenvolvimento da consciência/personalidade, conforme explicitadas em Vigotski (1996e). Há lacunas em seu quadro geral do desenvolvimento (pois não temos acesso ao conjunto de sua obra pedológica). Além disso, conforme já afirmou Karpov (*apud* Levykh 2008, p. 37), a teorização estágio por estágio de Vigotski é esquemática e difícil de compreender. Saliente-se, também, que não temos um modelo abstrato, pronto e acabado, mas uma periodização que expressava a *criança histórica*, em processo de escolarização, cuja compreensão pontual defende Vigotski (1995, p. 22). Uma teoria vigotskiana das fases de desenvolvimento das funções psicológicas, das atividades principais e da personalidade jamais poderia servir, de forma abstrata e uniforme, para todas as culturas e classes sociais existentes no mundo. Ela precisa ser reconstruída e desenvolvida, tarefa que foge aos limites deste trabalho.

A seguir, vamos debater o conceito de vivência e esse processo de desenvolvimento, com especial atenção para a forma como as emoções aí aparecem.¹⁰

10. As páginas de Vigotski (1996e) em que se encontram os referidos termos e suas derivações são, salvo erro: 30, 70-72, 106, 125, 129, 169-173, 176, 184-191, 193-195, 198, 200, 210, 213, 218, 221-223, 225, 231, 259, 280-283, 286, 291, 298-299, 302-304, 306, 309, 314, 319, 335, 342-345, 357, 362, 365, 370-375, 377-385. A edição americana (Vigotski 1998a) normalmente traduz o termo “vivência” como “experience” (a espanhola tende a utilizar o termo “experiencia”, referindo-se apenas à acumulação de práticas ou de conhecimento pelo sujeito). Em “A questão do meio na pedologia” (idem 1994b) apresenta-se o conceito (*pereživânie*) repetidamente.

As conferências coligadas pronunciaram-se em vários anos. Em Vigotski (1996e), aparecem normalmente os termos “afeto” e “afetividad”; com menos frequência, “emoción” e suas derivações. Na época em que se desenvolvia a pesquisa, não tínhamos acesso aos originais russos correspondentes.

Duas conferências são especialmente relevantes: “A crise dos sete anos” (1996b) e “A questão do meio na pedologia” (2010).¹¹ A vivência passa a ser um constructo de natureza tanto ontológica (pois representaria um processo psíquico) quanto metodológica (pois representa, na teoria e no método da clínica pedológica, um recurso de análise e intervenção na vida infantil, conforme Vigotski 1996f, p. 244). O conteúdo conceitual e os objetivos das conferências são bastante semelhantes, e ambas contêm uma crítica da pedologia dos dois fatores: hereditariedade e ambiente.

“A crise dos sete anos” realiza duas tarefas: 1) discutir o conteúdo dessa crise e das neoformações psíquicas que nela se evidenciam; 2) apresentar elementos de uma nova abordagem metodológica, com um perfil clínico, ao estudo do desenvolvimento infantil. Em ambas as conferências, Vigotski critica os estudos de sua época pela abordagem separada das crianças e do meio social, como forças extrínsecas, não considerando os pequenos como indivíduos ativos nesse meio. Se, para Zalkind, o meio social humano, à semelhança do animal, permanecia invariável ao longo do desenvolvimento, para Vigotski isso só era verdadeiro no que se referia a seus índices absolutos (onde a criança dormia, quantas vezes tomava banho, mudava de roupa etc.). Falha dos estudos teóricos e práticos de então, que negligenciavam até mesmo a idade da criança. Contudo, para o autor, a criança humana é sempre parte de um meio social vivo: sua relação com ele precisa ser considerada não a partir de índices relativos, mas sim do que é *certo meio* para uma *certa*

11. Tradução direta do russo, cuja versão americana é “The problem of the environment” (1994b). A conferência foi editada em 1935 sob a direção de Levina, orientanda de Vigotski, como um dos trabalhos incluídos no “Osnovi pedologii” (Vigotski 2010, p. 353).

criança. Então, interessa a Vigotski o meio tal como ele é subjetivado, interiorizado pela criança.

O conceito de vivência admite que a consciência e a personalidade são relações com o meio – ideia inspirada por Marx e Engels (1999). Não há, pois, consciência ou personalidade invariáveis, “em-si”.¹² O trecho a seguir foi extraído de um texto que tende a incluir a tomada de consciência da criança (sobre si e sobre o meio) no interior das vivências.

Hoje eu gostaria de, fazendo uso de um objeto concreto de estudo, demonstrar-lhes algumas dessas unidades que a pesquisa psicológica opera. A vivência pode ser um exemplo dessas unidades. *A vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado* – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa¹³ – e, *por outro lado, está representado como eu vivencio isso*, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços

-
12. Tais como as conferências (e diferentemente dos textos que tratam a personalidade exclusivamente a partir do problema da conduta voluntária), “Sobre os sistemas psicológicos” (1991g, p. 92) defende que a personalidade, em seus traços diferenciais e caracteriológicos, é, mais do que tudo, as conexões caracteriológicas. Vigotski (1997a, pp. 170-172) elogia que Adler tivesse restituído a temporalidade na análise do caráter. Numa definição sucinta: “O caráter é a marca social da personalidade que foi solidificado, cristalizado na luta por uma posição social. É o contorno da linha fundamental, da linha diretriz da vida, do plano inconsciente da vida” (Vigotski 1997b, p. 172, trad. nossa). Compreendido dialeticamente, é função mais da posição do sujeito em sociedade do que de suas disposições internas; relacionado a cada ato psicológico do indivíduo. Apesar de, atualmente, o vocábulo caráter não ser muito utilizado na psicologia, o bielo-russo considerava o assunto digno de mais estudos (como proclama-nos o capítulo final da “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores”).
13. Em russo, человек (leia-se *tchilaviék*), que se pode traduzir tanto por “homem” como por “pessoa”.

constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. Dessa forma, *na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação representada na vivência.* (...) se a *pedologia*, à diferença de outras ciências, estudar não o meio enquanto tal, sem referência à criança, mas sim estudar o papel e a influência do meio ao longo do desenvolvimento infantil, então ela deverá sempre saber encontrar aquele prisma que reflete a influência do meio na criança, isto é, *a pedologia deverá saber encontrar a relação existente entre a criança e o meio, a vivência da criança*, isto é, de que forma ela toma consciência e concebe, de como ela se relaciona afetivamente para com certo acontecimento. Esse é o *prisma* que determina o papel e a influência do meio no desenvolvimento do – digamos – caráter da criança, do seu desenvolvimento psicológico e assim por diante. (Vigotski 2010, pp. 686-687; grifos do autor)

O título da conferência acima, em russo, é “Проблема среды в педологии” (“Problema sredi v pedologii”). O autor trata aí não do ambiente físico imediatamente presente, mas do meio fenomenal, ou seja, realmente existente para o sujeito (a ideia lembra-nos um pouco a “lei da realidade dos sentimentos”). O trabalho do pedólogo, à maneira de um conto tchekoviano, deveria unificar com um nexo interno todos os elementos investigativos (1997b, p. 320). O meio fenomenal imediato constitui a única verdade psicológica para a criança, nas primeiras etapas de seu desenvolvimento. Contudo, desenvolve-se gradativamente o núcleo interno das vivências: fantasias, lembranças e outros elementos ligados ao eu, que, de algum modo, são provocados pelo meio, mas constituem expressões da experiência singular da criança. Nas palavras do autor: as vivências se articulam em dois núcleos básicos de reflexo:¹⁴ mais nitidamente a partir da crise dos sete anos de vida. É o que o trecho a seguir, da mesma época (entre outros), permite-nos concluir:

14. Vigotski (1996b, p. 383) divide a vivência em dois núcleos básicos de reflexo: por um lado, o meio em sua relação com o sujeito e o modo que ele o vive, e, por outro, as peculiaridades do desenvolvimento do próprio eu.

Sem dúvida, vimos que a consciência da realidade e a autoconsciência da personalidade também se apoiam na experiência interna e externa sistematizada em conceitos. Por isso, a complexa desintegração *da vivência da realidade e de si mesmo*, a complexa mudança da consciência objetal e pessoal, próprias da afasia, ficam fora do campo de estudo dos investigadores. (Vigotski 1996f, p. 185; grifo e trad. nossos)

As fronteiras psicológicas das vivências implicam, pois, duas dimensões fundamentais diante de um evento, emergentes com a diferenciação externa e interna da personalidade. Segundo nossa leitura: *temos vivências marcadas por uma base perceptual na realidade (externa) ou no próprio sujeito, ou seja, marcadas pela referência a objetos externos ou ao próprio corpo/processos mentais singulares ao sujeito, indicando, pois, processos distintos, porém articulados, pelos quais o indivíduo se conscientiza de si próprio no mundo* (baseado em Vigotski 1996b, pp. 379-380). Ou seja: com base na apreensão da realidade ou de si mesmo (do próprio corpo ou dos processos psicológicos como representações, afetos etc.). A consciência das vivências não é, pois, mais do que a tomada de consciência (ou seja, uma relação de compreensão), pelo sujeito, desse processo que pode estar predominantemente num polo ou noutro.

Vigotski (2010) permite-nos afirmar que mesmo nossas vivências corporais mais marcantes são compostas por perceptos externos, representações e outros elementos da consciência: existe uma representação do ambiente associada aos nossos sentimentos sobre ele – evidência do monismo radical do autor. Sentimentos, representações e estímulos externos constituem partes de um todo homogêneo do ponto de vista da atividade cerebral.

Como podemos constatar na penúltima citação transcrita, a vivência é determinada, ainda, pelas características pessoais importantes na atitude da criança/adolescente, a cada situação singular. Prevalece uma ou outra função psíquica, um ou outro sistema psicológico em atividade – lembremos da ideia, recorrente em Vigotski, de que a cada momento ou situação uma ou outra função/sistema psicológica(o) destaca-se na vida consciente.

O conceito de vivência, nos textos pedológicos e em outras obras vigotskianas, não reduz o sujeito ao momento da investigação, dando margem a que se compreenda sua ação no meio de forma muito mais profunda e multiforme. Sua lógica é dialética, tomando o homem em permanente movimento: Vigotski defende a investigação observacional e dialógica das várias facetas do meio social e de sua relação com o indivíduo, captando a vivência da criança no interior de um feixe de relações sociais. Não há simplesmente meio em-si, como um sólido que exerce, simplesmente, violenta força externa sobre a criança, mas um meio em que as funções psicológicas se desdobram e são compartilhadas.

Vivências e emoções na ontogênese

Esse debate tem fragmentos dispersos por toda a obra vigotskiana.¹⁵ Nessa análise, pretendemos destacar as configurações psicológicas que vão se formando e seu impacto nos conceitos aqui estudados.

Como se afirmou anteriormente, as vivências do recém-nascido seriam a modalidade mais simples de existência psíquica.¹⁶ Vigotski entende que as vivências iniciais do recém-nascido fundem-se a tal ponto que caberia qualificá-las como estados sensitivos emocionais ou estados de sensações marcadas emocionalmente (1996g, pp. 281-282). Podemos afirmar que elas têm um perfil inconsciente (no sentido tanto de que a criança não compreende sua relação com os eventos do meio social, quanto de que essas vivências também são algo veladas ao próprio meio social).

Na primeira infância, à percepção segue-se a ação no mundo (Vigotski 1996d, p. 343), com as quais o sentimento forma uma unidade

15. Particularmente: 1996f; 1996i e 2001a.

16. “Disposmos, portanto, de dois momentos essenciais que caracterizam a peculiaridade da vida psíquica do recém-nascido. O primeiro deles refere-se à supremacia exclusiva de vivências não diferenciadas, não fracionadas, que representam, por assim dizer, uma fusão de atração, afeto e sensação” (Vigotski 1996g, p. 282). Aqui Vigotski segue Kretschmer (1954, p. 109).

indissolúvel. Nesse momento, “pensar significa orientar-se nas relações afetivas dadas e atuar de acordo com a situação externa que se percebe” (*ibidem*, p. 345; trad. nossa). Mas existem elementos indicativos da diferenciação da criança – ou seja, da construção de uma personalidade – com relação ao meio antes mesmo dos três anos de vida (Vigotski 1996i, pp. 266, 348).¹⁷ Por volta dos três anos, a neoformação própria da primeira infância – a percepção mediada pela linguagem – sofre um salto qualitativo. Isso porque a linguagem (verbal) quebra a unidade sensomotora imediata com o meio, diminuindo a dependência situacional da criança em relação ao adulto (*idem* 1996d, p. 350). A criança pode até atuar contra seu desejo imediato para diferenciar-se do adulto (*ibidem*, p. 370): um dos sintomas das mudanças de sua esfera afetiva. Em suas intensas vivências, a criança na crise dos três anos pode imergir numa série de conflitos neuróticos – deduzimos, conflitos com o meio externo, sem que se detalhe a noção de “neurose”. O problema tornava-se, em muitos casos, uma questão para a clínica pedológica e um desafio para o pesquisador. Paulatinamente, a criança também começa a compreender e nomear os próprios processos psíquicos que constituem sua consciência.¹⁸

De tal prisma, a crise dos sete anos de vida é notável, pois evidencia o aprofundamento, a expansão interior das vivências infantis. As crianças são como pequenos Hamlets existindo na casa de espelhos dos outros e de seu próprio eu: a ideia central para a compreensão dessa crise seria a de que, nessa época, existiria uma “diferenciação incipiente da faceta interior e exterior da personalidade da criança” (Vigotski 1996b, p. 378), coincidente com a diminuição quantitativa

17. “Em termos mais simples, a crise [dos três anos – G.T.] é o produto da reestruturação das relações sociais recíprocas entre a personalidade da criança e as pessoas de seu meio” (Vigotski 1996a, p. 375, trad. nossa).

18. “Que significa tal sistema de consciência para a percepção interna, para a introspecção? As generalizações da criança são percepções generalizadas. Em seu mundo interior, a criança toma consciência de sua percepção muito melhor. No plano da percepção visual e auditiva (“eu vejo”, “eu ouço mal”), ela tem uma introspecção bastante ampla, fato que caracteriza sua atividade interior” (Vigotski 1996d, p. 365, trad. nossa).

da linguagem egocêntrica desta, e uma correspondente expansão de sua linguagem interior. A vida emocional transforma-se sobremaneira, pois são adquiridos conceitos sobre seus afetos peculiares; pois suas necessidades e motivos, como nas outras crises, mudam, e tal mudança impacta suas vivências principais.¹⁹

Existem duas dimensões principais implicadas nas vivências de si mesmo: a tomar a tradução espanhola, de sentido bastante semelhante à americana, a primeira são os *estados internos* – apenas as sensações definidas do corpo: frio, fome, calor etc. A segunda, são as *formações afetivas*: partes de vivências mais complexas, pelas quais a criança pode compreender e utilizar expressões genéricas como: “estou alegre”, “estou desgostoso”, “sou bom” etc. Trata-se de formações de sentido consciente sobre a própria personalidade, ou sobre seu estado passageiro, que o autor considera como uma fusão de pensamento, linguagem e emoção/afeto. Analisando os exemplos vigotskianos, concluimos que elas podem ser, pois, momentâneas ou generalizadas. Em sua forma momentânea, podemos considerá-las partes de “formações reativas” (Vigotski 1995, p. 295) mais complexas – do próprio motivo de ação, composto por uma série de tendências negativas e positivas que medeiam a relação sujeito-objeto. Em sua forma generalizada: as formações afetivas seriam, por exemplo, o amor-próprio, a autoestima, que servem à abstração da relação do indivíduo com o próprio eu e o seu mundo.

São novas maneiras pelas quais a criança pode sentir-se como objeto social. Elas mostram que, mesmo no nível mais espontâneo do funcionamento consciente (pois o paradoxo da vivência é sua mescla de espontaneidade e pensamento verbalizado), existe a mediação da cultura.²⁰ Com base tanto nos vínculos linguísticos em que é capturada,

19. Vigotski não oferece detalhes sobre a mudança dessas necessidades e motivos.

20. É possível que uma simples palavra ou frase seja suficiente para comunicar a emoção vivenciada? Frases como: “estou faminto”, ou mesmo: “um conflito interior pautado pelo vínculo ambivalente com a mãe, repleto de amor e terror” (Vigotski 1994b, p. 339), podem tanto ser plenas de sentido, suficientes para as necessidades comunicativas da personalidade num momento, quanto meras pontas de um *iceberg*,

como naqueles que ela estabelece, a criança generaliza suas próprias vivências, classifica-as minimamente no interior de um todo (Vigotski 1996b, p. 378). Esse processo não é linear, pois, como vemos, para Vigotski as relações criança-adulto são perpassadas tanto por harmonia quanto por conflitos e tensões. As vivências tendem a se organizar num sistema de conceitos, pois anteriormente a criança pequena alegrava-se, enfadava-se, mas não conhecia esses estados (*ibidem*, pp. 379-381). Conhecendo-os, a criança pode, também, escolhê-los (*ibidem*, p. 381), tornar-se livre, instaurar nas vivências uma orientação consciente, o que implica, pois, algum domínio voluntário sobre ideias e ações.²¹

As crianças habitam um meio psicologicamente *impregnado de sentido* e esse aspecto é determinante para a construção de uma personalidade e uma consciência de si. Vigotski (1996b, pp. 378-380) explica o desenvolvimento da percepção das próprias vivências em analogia com a dos objetos externos: desde pequenas, as crianças aprendem com outros a expressar os significados desses objetos (além de sua referência nominal), de suas ações, das alheias, bem como de seus estados internos (quero dormir, tenho frio etc.) e de sua personalidade.²² Pela toada das observações do autor, podemos afirmar que, tanto para a faceta interna quanto externa do psiquismo, vale a lei genética geral de desenvolvimento humano: que começa *em-si*, torna-se *para-os-outros* e depois *para-si* (Vigotski 1994a, p. 75).

aparência e não essência. Embora possamos nomear de forma isolada as sensações corporais ou os afetos, os processos psicológicos parciais, não os considerar partes das teias causais que os determinam, nas formas pelas quais eles se tornam causas da própria realidade social, é recair num subjetivismo elementarista que Vigotski muito criticou.

21. Esse processo mostra-se afinado com o desenvolvimento do “brincar de faz-de-conta” (em 2001d, p. 147, o autor já comentara o papel da brincadeira na organização do comportamento emocional).
22. “Para se comunicar alguma vivência ou algum conteúdo da consciência a outra pessoa não há outro caminho a não ser a inserção desse conteúdo numa determinada classe” (Vigotski 2001a, p. 12). Ou seja: é preciso situar a sensação particular que vivencio numa categoria de estados internos conhecidos pelo meu interlocutor.

O desenvolvimento da linguagem egocêntrica, na idade pré-escolar, mostra os primórdios de uma função *para-si*, meio de análise, síntese, representação e comunicação intencional com o mundo. Formam-se as funções comunicativa, representativa e reguladora da linguagem (Toassa 2004b, pp. 56-57), evidências da transformação das funções psíquicas. O contato afetivo com as pessoas, a capacidade de julgamento e dedução aumentam. Nas palavras de Vigotski: “Desde o primeiro momento, as palavras são para a criança como uma espécie de saída que encontra em seu caminho para a aquisição da experiência” (1995, p. 232).

Essas mudanças são discutidas, noutro livro, tendo por base os trabalhos de Köhler, Learned e Yerkes (Vigotski 2001a).²³ Learned concluíra que formas comunicativas primatas determinam-se pela situação, correspondendo a estados emocionais fortes e instintivos, não intelectuais. Aprovando ideia de Sapir,²⁴ entende que, no campo do instinto, cujas estruturas comportamentais são fundadas na percepção e no afeto, só seria possível o contágio emocional entre indivíduos de uma mesma espécie e não a compreensão e a comunicação baseadas na simbolização – peculiaridades da fala humana (Vigotski 2001a, pp. 12, 126-131),²⁵ não obstante a primeira função da fala infantil seja, como a primata, afetivo-volitiva (e não intelectual) em seu sentido psicológico. Diferencia-se

-
23. Dados biográficos sobre Learned, colaboradora de Robert Yerkes (1876-1956), não foram encontrados no Google. Darwinista, Yerkes foi uma importante figura da psicologia comparada americana. Politicamente conservador, chegou a assumir a presidência da APA e do National Research Council Psychology Committee, com trabalhos controversos que “primatologizavam” a psicologia humana e, para muitos, recaíam no simples eugenismo (Plucker 2003). Vigotski, como lhe era típico, apropriou-se dos dados primatológicos dos autores legando-lhes sua própria interpretação.
24. Sapir, famoso linguista judeu emigrado da Alemanha para os EUA, teve uma influência significativa em Vigotski, no que se refere ao pressuposto da globalidade da experiência e da linguagem infantis. Não foi possível identificar a qual trabalho Vigotski se refere.
25. Essa ideia também havia sido apresentada na “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores” (Vigotski 1995).

da primata porque a criança procura intencionalmente exprimir uma situação global a outra pessoa, comunicando emocionalmente. As funções comunicativa e emocional da fala (sendo a emocional similar ao “contágio emocional” da comunicação primata), então, apresentam-se já no primeiro ano de vida. Essa compreensão do autor atravessará toda a sua visão de pensamento e linguagem como processos imanentemente socializados: a linguagem humana, desde seus primórdios, não é só uma reação expressivo-emocional do corpo, mas também um meio de contato psicológico com outras pessoas a partir de referências objetivas compartilhadas por elas.

Mais tarde, quando as palavras representam a emoção da criança “para-si” mesma, no interior das formações afetivas, em vez de meramente manifestar estados no corpo, elas os *simbolizam*, formando padrões de relação mais complexos que o autor denomina *lógica dos sentimentos*, pois têm estrutura própria a um sistema de conceitos espontâneos. No novo sistema verbalizado, passam a poder se estabelecer relações linguísticas de luta interna entre os motivos de ação: daí a impressão de conflito multifacetado que transmitiam a Vigotski as crianças difíceis de educar, aos sete anos de vida. O autor compara a nova estrutura de vivências à percepção de um jogo de xadrez por um jogador experiente, que regula suas impressões numa estrutura de parte-todo/figura-fundo: percebe o conjunto (o jogo de xadrez – a vivência/a formação afetiva) em suas partes articuladas (as peças – as impressões permeadas de afetividade). Analogia semelhante é feita entre o salto qualitativo da memória natural para a memória lógica (Vigotski 1991g, pp. 86-87).

A criança pode tomar consciência de suas vivências no interior de um novo tipo de estrutura psicológica.²⁶ Da expressão emocionalmente

26. Adquirir conceitos significa, também, reconfigurar o real segundo uma hierarquia e uma sistematicidade. Continuando a analogia, comparemos com o exemplo de Vigotski (2001a, p. 362): a criança sabe os nomes isolados de “mesa”, “cadeira”, “sofá” etc. Mas o conceito de “móvel”, mais genérico, significa o acréscimo de algo novo: o primeiro conceito que se situa verticalmente com relação aos outros. Assim poderia ser, por exemplo, a aquisição de palavras como “sou zangado”, na

carregada (uma espécie de *função emocional* da palavra),²⁷ imediata e holística da criança pequena, transita-se a uma expressão emocional articulada simbolicamente, mais completa e precisa. Outro riquíssimo texto vigotskiano, ainda sem o termo “formação afetiva”, aborda os afetos da mesma perspectiva estrutural:

A forma de pensar, que junto com o sistema de conceitos nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, também inclui nossos sentimentos. Não sentimentos simplesmente: o sentimento o percebemos em forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que depreciamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que variem, já que guardam certa relação com nossos pensamentos. (...) Assim como nos resulta impossível separar onde termina a percepção superficial e onde começa a compreensão em questão de um objeto determinado (na percepção são sintetizadas, fundidas, as particularidades estruturais do campo visual e a compreensão), exatamente igual ao nível afetivo nunca experimentamos os ciúmes de maneira pura, senão que somos conscientes de suas conexões conceituais. (...) Meu desprezo a outra pessoa entra em conexão com a valoração dela, com a compreensão dela. E é nessa complicada síntese que transcorre nossa vida. O desenvolvimento histórico dos afetos ou emoções consiste fundamentalmente em que se alteram as conexões iniciais nas quais se produziram e surge uma nova ordem e novas conexões. (Vigotski 1991g, pp. 86-87; trad. nossa)

A história social do conceito e do significado é, pois, introduzida no âmbito das emoções complexas. Na citação, é de se supor que pesem as ideias de Espinosa sobre a mudança das emoções pela razão, bem como a relação indissociável entre afecção e ideia; o caráter sistêmico, portanto, dos constructos teóricos que podem ser denominados emoção ou afeto. No

qualidade de um conceito mais totalizante sobre a personalidade do que “estou irritado” ou “sinto ódio”.

27. Complementando trabalho anterior (Toassa 2004b), cremos que essa função emocional poderia ser agregada paralelamente à função comunicativa, representativa e reguladora da palavra.

cada vez mais conceitual afeto infantil, formam-se representações mais complexas da própria criança e de outras pessoas, à moda espinosana, proporcionando-se condições para o desenvolvimento de afetos mais abstratos (indignação, vergonha, culpa, misericórdia etc.).²⁸

As reflexões vigotskianas sobre a adolescência também abordam o papel do pensamento nos afetos, mas deixam dúvidas sobre seu sentido prático. Representam parte de uma teoria sobre a formação de uma consciência sistematizada, racional, criativa e voluntária (Vigotski 1996f, p. 71), com tintas da ética e da antropologia marxista e da *Psicologia médica* (Kretschmer 1954). Vigotski encara o ápice do desenvolvimento adolescente como a estruturação de uma personalidade caracterizada pelo livre-arbítrio, pelo domínio do homem por ele próprio e sobre a natureza: aspectos complementares, pois somos parte do mundo natural.

As vivências continuam se aprofundando com o desenvolvimento dos conceitos (mercê da educação escolar), o qual “permite que o adolescente ingresse em sua realidade interna, no mundo de suas próprias vivências” (Vigotski 1996f, p. 70; trad. nossa).²⁹ Aprofundamentos interno

28. Numa leitura dos sistemas psicológicos como totalidades compostas, podemos também considerar importante a influência de Ribot (2005, p. 26), provável inspirador da expressão “lógica dos sentimentos”. Este, como Vigotski, trata das formas mistas pelas quais não só as impressões emocionais se associam, mas também os traços conceituais e mnemônicos que elas possuam em comum, quase à revelia da interferência consciente: pensamento e afeto não podem, pois, se desvincular.

29. O principal texto para esse estudo é a “Pedologia do adolescente” (1996f), tradução espanhola de cinco capítulos do original russo publicado entre 1930 e 1931 como manual didático para centros de ensino de pedologia a distância (*ibidem*, p. 43). Como a desintegração dos sistemas e funções psicológicos na histeria, na afasia e na esquizofrenia, para Vigotski, incide sobre a formação de conceitos (científicos), a autoconsciência e o domínio voluntário da conduta, o autor toma tais patologias como fonte de esclarecimento sobre a gênese e o funcionamento do desenvolvimento adolescente, comparando-o com o desenvolvimento “normal”. O trajeto é semelhante ao das conferências dos “Problemas de psicología infantil”, com a diferença de que, naquelas, o autor escolhera comparar o desenvolvimento “normal” especialmente ao das crianças difíceis de educar.

e externo: no lugar do estreito ambiente infantil, surge o mundo (*ibidem*, p. 200). E isso é acompanhado por uma elevação da excitabilidade dos sentimentos, própria de períodos em que se rompe o equilíbrio indivíduo-ambiente (Vigotski 1987, p. 66). Essa excitabilidade, esse exagero, é (pode ser) uma deixa para a educação artística, para a socialização e a circulação dos afetos adolescentes:



O sentido e a importância dessa criação artística permitem à criança superar o desfiladeiro estreito e íngreme no desenvolvimento de sua imaginação criadora, imprimindo à sua fantasia uma direção nova, que fica para toda a vida. Seu sentido consiste também no aprofundamento, na expansão e na depuração da vida emocional da criança, que pela primeira vez desperta e se dispõe à ação séria; por último (...) permite à criança, exercitando seus desejos e hábitos criadores, dominar a linguagem, o sutil e complexo instrumento de formular e transmitir pensamentos humanos, seus sentimentos, o mundo interior do homem. (Vigotski 1987, p. 84; trad. nossa)

Nos trechos da “Pedologia do adolescente” (1996f) concernentes à compreensão das próprias emoções e vivências, Vigotski utiliza a palavra “conceitos” de modo amplo. Supomos que se refira aos científicos. Mas a mera transformação das *formas* espontâneas em científicas do pensamento sobre as vivências seria suficiente? Seria necessária a aquisição de *conteúdos* de psicologia, filosofia da mente, arte e outros tipos de experiência social da humanidade para que os jovens se conhecessem a si próprios? Para uma tomada de consciência, bastariam a análise e a categorização das vivências cotidianas, das relações com outras pessoas, por meio da escrita dos diários íntimos, de poemas que o jovem escreve para si mesmo (Vigotski 1996f, p. 222)? Mais uma pergunta para o futuro da psicologia histórico-cultural.

Das origens teóricas do conceito de vivência

Nossa tese central sobre as origens desse conceito, nos textos pedológicos dos anos 1930, é de que o autor utiliza-o para oferecer

respostas ao debate russo sobre o papel do meio social no desenvolvimento a partir de uma psicologia alemã impregnada de fenomenologia e gestaltismo. Seu sentido é próprio a Vigotski, como o de muitos outros conceitos cujos termos definidores o autor emprestou de terceiros, reconhecendo o papel da consciência no desenvolvimento infantil sem recair no dualismo ou no idealismo. Do jogo de semelhanças e diferenças entre os autores apresentados a seguir para com a obra do bielo-russo, pretendemos extrair alguns fundamentos epistemológicos e ontológicos importantes para a compreensão e a utilização do conceito vigotskiano.

As principais conferências que discutem as vivências trazem poucas referências precisas, mas quase todos os autores mencionados por Vigotski (1996e) são alemães, ou intimamente ligados à cultura germânica.³⁰ Uma tradução alemã para o significado culto de *pereživânie* (vivência) é *Erlebnis*, conforme já discutimos no Capítulo 2. A tomar pelas traduções para o espanhol e para o inglês de que dispomos, entre

30. São eles: W. Stern, W. Köhler, Siegfried Bernfeld, Sandor Ferenczi, Charlotte Bühler, Karl Bühler, H. Hetzer, A. Schopenhauer, I. Kant, G.W.F. Hegel, K. Marx, F. Engels, K. Koffka, Ernst Kretschmer, H. Volkelt, F. Schiller, E. Bleuler, S. Freud, H. Ebbinghaus, K. Stumpf, F. Kniger, K. Lewin, A. Busemann, R. Virchow, K. Lashley, W. Wundt, M.S. Maslov, O. Pfister, K. Vierordt, K. Schneider, Kronfeld, K. Wernicke, I. Herder, R. Müller-Freienfels, A.E. Jaensch. Os demais autores mencionados são russos, como Troitsky (*sic in* Vigotski, 1996e), Blonski, N.M. Shchelovanov, F.A. Rau, N. Ya. Marr, L.S. Slavina, L. Tolstoi, I.M. Sechenov, D.B. Elkonin, K.I. Chukovsky, Pavlovich e Ilyasevich, N.G. Morozova, A.B. Zalkind, E.K. Sepp, Minkowski, V.I. Lenin. Além destes, há autores conhecidos como Gesell, Shakespeare, Espinosa, H. Wallon, Charles Darwin, J. Piaget, Yerkes, Tolman. A origem de alguns autores (J. Lermite, D. Canestrini, Hutinel, Finkelstein e Reis, B. Tudor-Hart, Vöster, Babinski, G. Compayré, S. Fajans, W. Eliasberg, K. Groos, A. Homburger, O. Pötzl, T. Hobbs) não pôde ser identificada por pesquisa no Google. Vários deles não têm referência completa em Vigotski (1996e), problema que dificultou sua identificação. A leitura de Bristol (1999, p. 430) instigou-me a acreditar que também Ossip Mandelstam, poeta acmeísta e amigo de Vigotski, influenciou-o no conceito de vivência: Mandelstam, que viveu em Heidelberg, Alemanha, acreditava que as coisas não eram tão importantes em si como o era a percepção delas.

os autores mencionados por Vigotski, o termo “vivência” foi muito empregado por Wilhelm Stern, Ernst Kretschmer, Wilhelm Dilthey e Edmund Husserl (um tanto menos por Kurt Lewin).³¹ Tal como o próprio Vigotski, nenhum desses autores limita as vivências à infância. Mas é preciso frisar que Vigotski considerava “subjetivistas” e “idealistas” a fenomenologia husserliana, a psicologia descritiva de Dilthey e o personalismo crítico de Stern (*apud* Vigotski 1991f, pp. 62-64). Em contraponto a elas, uma virtude da psicologia da Gestalt seria a proposta de fundamentar um método subjetivo-objetivo que abarcasse os pontos de vista descritivo-introspectivo e o funcional (objetivo-reactológico).³² Ou seja: a fundação de uma metodologia que pressupunha o monismo do seu objeto, estudando-o em um único quadro teórico-metodológico, irreduzível a um universo fenomenológico considerado, por Vigotski, como idealista. Na psicologia da Gestalt, nosso autor apreciava o diálogo desta com a fenomenologia, a partir dos elementos que a tornavam crítica quanto ao introspeccionismo wundtiano (*idem* 1991e, p. 338). A crítica a Busemann, que já comentamos anteriormente, é apenas mais um dos episódios da ambivalente relação entre a produção de Vigotski sobre as vivências e a psicologia alemã.

E, sobre o sentido de “vivência” na obra de Dilthey e Husserl:

Vivência (al. *Erlebnis*). Experiência viva ou vivida, a V. designa toda atitude ou expressão da consciência. Dilthey utilizou bastante

-
31. As traduções americanas de Kurt Goldstein também trazem o termo *experience* com sentido semelhante ao de “vivência”. Não temos acesso ao original nem a nenhuma indicação de qual seria o termo original em alemão.
 32. Vigotski (1991f) criticou a psicologia da Gestalt pela carência de crítica social e pela ausência de investigações sobre o desenvolvimento histórico da conduta. O autor considerava excessiva a proximidade dos gestaltistas com a física. É recorrente sua observação de que o gestaltismo não enxergava as diferenças qualitativas entre comportamento humano e animal (Vigotski 1997b; 1995) nem atribuía grande importância à história do desenvolvimento. No entanto, o bielo-russo elogiou muitas vezes o holismo gestaltista, a crítica ao elementarismo e as inovações metodológicas gestaltistas.

essa noção assumindo-a como instrumento fundamental da compreensão histórica e, em geral, da compreensão inter-humana. Caracterizou-a do seguinte modo: “A V. é, antes de mais nada, a unidade estrutural entre formas de atitude e conteúdos. Minha atitude de observação, juntamente com sua relação com o objeto, é uma V., assim como meu sentimento de alguma coisa ou meu querer alguma coisa. A V. é sempre consciente de si mesma” (*Grundlegung der Geisteswissenschaften*, II, 1, 2). Do mesmo modo, Husserl considerou a V. como um fato de consciência, logo, como um entre os demais conteúdos do *cogito*. “Consideramos as V. de consciência em toda a plenitude concreta com que se apresentam em sua conexão concreta – o fluxo da consciência – e na qual se unificam graças à sua própria existência. Portanto, é evidente que toda V. do fluxo que o olhar reflexivo consegue apreender tem uma essência própria, a ser captada intuitivamente, em conteúdo que pode ser considerado em sua característica intrínseca.” (*Ideen*, 1 § 34) (Abbagnano 2000, p. 1.006)

Similarmente a Dilthey, Vigotski valorizou a vivência como encontro de formas e conteúdos psicológicos e unidade entre sujeito e objeto. Husserl e Dilthey (embora este último não possa ser considerado fenomenólogo), de modo semelhante a Vigotski, propunham a vivência como unidade da consciência – sendo a consciência, para Husserl, uma relação intencional com o objeto, uma corrente de vivências que podem ser objeto da percepção imanente, ou seja, da autopercepção (da imaginação, da recordação, do desejo etc., conforme Abbagnano 2000, p. 191).³³

Várias obras de Stern são discutidas ao longo da “Pedologia do adolescente” e em quase todas as conferências de pedologia/psicologia infantil de Vigotski (1996e), exceto por “A crise dos três anos” e “A crise dos sete anos”. Uma dessas obras é *Psicologia da primeira infância* (1924), único livro de Stern lido por Vigotski que obtivemos, o qual contém um capítulo dedicado ao *gain of experiences* (presumivelmente,

33. Apesar dessa similaridade, o impacto preciso da obra dos autores é difícil de determinar: em 1927, Vigotski já lera *A filosofia como ciência rigorosa* (Vigotski 1991e, p. 410), de Husserl. De Dilthey, conhecia a *Psicologia descritiva* (*ibidem*, p. 409), e, de Brentano, *A psicologia de um ponto de vista empírico* (Vigotski 1999e, p. 276).

uma tradução de *Erlebnis*) pela criança.³⁴ Por esse conceito, Stern (1924, pp. 102-103) mostra-se contrário à atomização do psiquismo, defendendo que a experiência, mesmo das crianças pequenas, faz-se na convergência dos processos de estimulação externa com a atividade psíquica. Em suas palavras: a experiência é “parcialmente física” e “parcialmente mental”, dividindo-se, já nos primeiros anos de vida, entre experiências subjetivas e percepções objetivas.

Acabamos por descartar a influência de Kretschmer no conceito de vivência vigotskiano.³⁵ Uma referência especialmente importante nos textos pedológicos/de psicologia infantil de Vigotski é a do alemão Kurt Lewin: eles se encontraram em 1931 e 1933 e trocaram correspondências por alguns anos. Conforme Luria (1988, p. 34), Bluma Zeigarnik voltou à Rússia no fim dos anos 1920 após longo período de estudo com Lewin (Van der Veer e Valsiner 2001, pp. 313-314). Numa tradução para o inglês (Lewin 1961), aparece o termo *experience* com um sentido semelhante ao de Vigotski.³⁶

-
34. A primeira publicação de sua *opera magna*, a *Psicología general*, data de 1938 (Stern 1957), quatro anos após a morte de Vigotski. O conceito de “vivência” (*Erlebnis*), traduzido como *experience* na edição inglesa, ocupa nela um lugar central, referindo-se a experiências especiais, estados de tensão marcados por sofrimento.
35. A *Psicologia médica* (1954) é debatida especialmente na “Pedologia do adolescente” do autor. O psiquiatra julgava importante a análise das vivências dos pacientes, entendendo por vivência ou experiência interna “a penetração espontânea de um grupo psíquico com tonalidade afetiva no seio da consciência” (Kretschmer 1954, p. 221, trad. nossa). As vivências não são experiências ordinárias, mas séries de representações e percepções com acento afetivo mais intenso, à moda dos complexos mnemônicos freudianos, que adquirem influência sobre o curso psíquico ulterior (algo como o “pensamento autista” para Vigotski). Esta, como vimos, não é a perspectiva dos textos pedológicos do autor.
36. Por exemplo: a tomar por Cairns (1983, pp. 84-85), Lewin também enfatizava o estudo de crianças na situação concreta, total, levando em conta a relatividade contextual da experiência em detrimento de métodos estatísticos. As referências a Lewin em Vigotski (1996e) aparecem em “O primeiro ano”, “A primeira infância” e na “Pedologia do adolescente”.

Lewin acompanhou o método fenomenológico de Husserl e Brentano, que tentava compreender a implicação entre os fenômenos físicos e psíquicos. O referido método é invocado por Vigotski, via de regra, nos debates sobre psicologia da motivação, experimentação com crianças e também nos princípios metodológicos mais gerais.³⁷ Vigotski aponta-nos na direção da teoria lewiniana para uma análise do ambiente e sua relação com o desenvolvimento:

Vamos nos deter, antes de tudo, na relação da criança com a realidade exterior, com o meio exterior. Temos uma série de momentos que devemos examinar para compreender a relação da criança com a realidade exterior nesta etapa do desenvolvimento. Considero que a peculiar relação da criança com a situação, no sentido de seu comportamento e atividade nela, é bem conhecida pelos experimentos. O conhecido cientista alemão K. Lewin, psicólogo estruturalista, é, em minha opinião, quem demonstrou experimentalmente melhor que outros a dita relação. Devemos-lhe excelentes trabalhos nesse terreno. Intentou, também, formular a teoria sobre a peculiar conduta da criança de pouca idade na situação exterior. (Vigotski 1996d, p. 341; trad. nossa)

Embora sempre sustentando que a história do comportamento determina a sua estrutura, Vigotski valoriza as descrições lewinianas sobre a imersão da criança em seu meio fenomenal imediato. Seguindo Lewin, entende que toda conduta da criança pequena é determinada pela situação – pela estrutura do campo psicológico, como se dos objetos emanasse um afeto de atração ou repulsão que conduzisse a uma determinada ação (*ibidem*, pp. 342-343). Antes da palavra, há ação. Isso se embaraça com o estado subjetivo: para Lewin (1961, pp.

37. Para Lewin, a consciência caracterizar-se-ia por um funcionamento global e intencional, não fragmentado (Garcia-Roza 1974, pp. 42-45). Existiria uma objetividade imanente ao fenômeno psicológico, ou seja, a consciência sempre aponta para além de si. Husserl acrescentou que as essências são indissociáveis dos fatos; que se devem buscar as essências na existência, as propriedades teóricas de um objeto junto da verdade fenomenal da experiência humana.

1.254-1.255), a valência de uma estrutura não é constante, mas depende do encontro entre a situação interna e externa da pessoa. Acreditamos existir, aí, certa similaridade com os encontros espinosanos, a tomar pelo parentesco que Vigotski (1991g, p. 87) já assinalara entre a psicologia estrutural e Espinosa.

Para Lewin, inicia-se na primeira infância uma progressiva diferenciação de estruturas e regiões da personalidade. O resultado acaba sendo uma unidade psicológica das necessidades entre sujeito e objeto, dialética, complexa e indivisível, como Hegel reconheceria (Vigotski 1996f, pp. 18-19).³⁸ A ideia do bielo-russo, de que as vivências referem-se a um certo evento ambiental, tem afinidade com o debate lewiniano sobre o campo psicológico como uma “região de estruturas e eventos”³⁹ (Lewin 1961, pp. 1.260-1.261), precedentes à satisfação das necessidades e intenções (quase necessidades).

Garcia-Roza (1974, pp. 59-60) aponta que, em Lewin, o meio não é uma realidade em si, mas o modo como essa realidade é percebida pelo sujeito – ou seja, o meio fenomenal. Uma situação psicológica precisa ser entendida como situação em determinado momento, podendo ser representada topologicamente a partir dos fatores conscientes e inconscientes que a determinam.⁴⁰ Também em Vigotski as vivências são

38. Nas palavras de Lewin: “A psique de um indivíduo não é uma unidade homogênea em que cada estrutura e evento relaciona-se igualmente com todos os outros; nem a mútua influência dessas estruturas psíquicas e processos depende somente de sua intensidade, poder ou significância. Há regiões psíquicas e complexos que são mais estreitamente relacionados entre si, enquanto estão implicados em vários graus de outros complexos psíquicos” (1961, pp. 1.275-1.276; trad. nossa).

39. Um fato curioso: no dia 20/9/2007, enquanto conversávamos sobre o conceito de vivência, o professor Boris Meshcheriakov, chefe do Departamento de Psicologia na Universidade Internacional da Natureza, Sociedade e Homem “Dubna”, falou-me sobre o encontro entre Lewin e Vigotski e afirmou que o conceito de vivência assemelha-se muito ao de “espaço psicológico” na obra de Lewin, sem que eu tivesse, antes, comentado minha própria opinião – igual à dele.

40. Cada situação é também determinada pela situação de vida do sujeito, que pode não ser consciente a cada momento. Exemplo de situação psicológica (Garcia-Roza

processos dinâmicos, participativos, que envolvem indivíduo e meio. Seus exemplos remetem a uma análise profunda da vivência humana e dos sentidos atribuídos a ela. Mas, diferentemente de Lewin, o autor não aparta a situação psicológica (momentânea) e o espaço vital. O exemplo mais ilustrativo dessas relações entre os autores está em Vigotski (2010), em um relato sobre três crianças que têm uma mãe alcoolista e violenta com elas.

A situação externa dos pequenos é idêntica. Mas, diante dos acessos de violência da mãe, suas vivências e características de personalidade são muito diferentes: o caçula desenvolveu sintomas de natureza defensiva, com ataques de terror, enurese e gagueira. O segundo filho apresenta um conflito interior pautado pelo vínculo ambivalente com a mãe, repleto de amor e terror.⁴¹ O filho primogênito mostra sinais de maturidade precoce, seriedade e solicitude para com os irmãos, protegendo-os da mãe. Esse exemplo indica que os mesmos eventos têm diferentes papéis no desenvolvimento infantil, dependendo: 1) da idade das crianças envolvidas no acontecimento (o que tem relação, principalmente, com o nível de compreensão destas); 2) da diferente vivência da situação pelas crianças, permeada pelo singular vínculo com a mãe. Esboça-se, aí, uma psicologia da personalidade e do conflito (Vigotski 1995, p. 287), uma *psicologia do drama*, em cuja dinâmica parece-nos clara a relação de “A

1974, pp. 60-61): uma criança brinca e sua mãe a convoca para fazer os deveres escolares. Suja e com sede, não quer entrar em casa para evitar uma reprimenda. Além dessa situação psicológica momentânea, seu espaço vital é complementado pela sua situação de vida: é filha de um casal estrangeiro. Caçula, é mais protegida, sendo implicada em muitos conflitos dentro e fora de casa. As escolhas que a criança pode fazer e as condições em que ela se envolve compõem seu espaço vital, que terá graus maiores de diferenciação interna e de complexidade em indivíduos adolescentes e adultos.

41. Vigotski (1999b, p. 96) já admitira a ambivalência das emoções nas primeiras etapas do desenvolvimento ao comentar Freud. Para o bielo-russo, as emoções vão sofrendo uma certa diferenciação de núcleo, que encerra sentimentos contraditórios. Nessa linha de raciocínio, segundo Vigotski (*ibidem*), a Freud teria cabido o mérito de demonstrar a ambivalência das emoções infantis – fenômeno que o bielo-russo identificará, posteriormente, em seus estudos sobre as crises de desenvolvimento infantil.

questão do meio na pedologia” com experimentos de Vigotski (ver Toassa 2004a) e seus colaboradores, que, realizados com crianças de diversas idades, mostraram a progressiva importância da representação consciente das situações na liberdade de ação da criança. O desenvolvimento cultural na perspectiva vigotskiana implica a aquisição de maiores capacidades de pensar verbalmente, o que torna os sujeitos mais ativos em seu meio – tal como ocorre com o primogênito no exemplo mencionado pelo autor.

O problema das crises de desenvolvimento tornava necessária a ideia de vivência, pois elas surgiam sem a existência de modificações aparentes no meio. O bielo-russo defendeu que se deveria esclarecer a natureza interna dessas crises, de análise muito difícil, por demandarem do pedólogo uma compreensão mais profunda das vivências da criança e do meio em processo de internalização. Nesse contexto, o conceito de vivência relaciona-se à negação da preeminência das características da personalidade ou do meio, privilegiando-se o encontro de ambos como unidade de análise, sem buscar fatores transcendentais, inacessíveis ao investigador – caso, por exemplo, da fé injustificada na preponderância das causas biológicas do comportamento (Vigotski 2001b).

TRÊS TÓPICOS NO “PENSAMENTO E LINGUAGEM”

A construção do pensamento e da linguagem,¹ canto do cisne de Vigotski, resume cerca de uma década de reflexão e pesquisa do autor e seus orientandos, como Sakharov, Paskovskaya e Kotelova (Vigotski 2001a, p. XVIII; Van der Veer e Valsiner 2001, pp. 281-294). “Pensamento e linguagem” responde a polêmicas fundamentais da época e carrega toda a trajetória do autor que, desde *A tragédia de Hamlet* (ver p. 35 ss.), intrigava-se com o problema das transições entre essas funções psicológicas – para cuja resolução passa a utilizar, além de um

-
1. Trata-se da edição integral do original *Michliênne i riétch* (“Pensamento e linguagem”), também editado resumidamente, com o nome original, no Brasil. As páginas que contêm os termos “vivências”, “emoções” e “afetos” são, no livro *A construção do pensamento e da linguagem* (2001a): 12, 13, 16, 50-51, 72, 83, 107, 116, 126, 131, 289, 315, 367, 424, 465, 479-480. O vocábulo “sentimento” e suas derivações não aparecem nessa tradução. Vigotski utiliza, no “Pensamento e linguagem”, predominantemente o termo “afeto” (*affekt*) e suas derivações, mas também o termo “emoção” apresenta-se, por exemplo, na página 130 da edição brasileira.

robusto trabalho experimental, fontes mais variadas, como a observação do cotidiano, as ciências da linguagem, a psicologia.

São três os tópicos de reflexão vigotskianos que nos interessam: 1) a relação pensamento, afeto e consciência; 2) a relação pensamento e palavra e 3) as vivências.

Nosso primeiro tópico remete-nos aos pontos de conjunção e disjunção entre pensamento e linguagem, além de algumas de suas relações com os afetos, por meio das categorias “consciência” e “sentido”. O “afeto” (*affekt*) e sua relação com a consciência aparecem especialmente no início e no fim do livro, pois o que interessa a Vigotski é a gênese, a estrutura e o funcionamento da relação pensamento-linguagem e a forma como, dessa que é a relação fundamental à consciência, pode-se saltar inclusive para a compreensão de seu verso impalpável: os afetos, as necessidades, os desejos – o *subtexto*. Nele nuançava-se o caráter mais pessoal da vivência humana.

Com essa perspectiva, o autor conclui seu livro retornando aos objetivos do início: eis que a palavra (unidade básica da linguagem) é a célula da consciência; a consciência reflete-se na palavra como o sol em uma gota d’água; a palavra está para a consciência como o pequeno mundo para o grande mundo (Vigotski 2001a, p. 486).² As considerações de Vigotski no que concerne às emoções/afetos resumem-se na célebre afirmação:

Quem separou desde o início o pensamento do afeto fechou definitivamente para si mesmo o caminho para a explicação das causas do próprio pensamento, porque a análise determinista do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades, interesses, motivações e tendências motrizes do

2. Vigotski (2001a, p. 1) afirma que o problema fundamental da relação pensamento-linguagem é a relação pensamento-palavra. Uma de suas teses é de que esses processos, embora fossem estudados separadamente, precisavam ser considerados como portadores de um vínculo mui íntimo que se constitui no desenvolvimento da criança, transformando-se mutuamente.

pensamento, que lhe orientam o movimento neste ou naquele aspecto. De igual maneira, quem separou o pensamento do afeto inviabilizou de antemão o estudo da influência reflexa do pensamento sobre a parte afetiva e volitiva da vida psíquica, uma vez que o exame determinista da vida do psiquismo exclui, como atribuição do pensamento, a força mágica de determinar o comportamento do homem através do seu próprio sistema, assim como a transformação do pensamento em apêndice indispensável do comportamento, em sua sombra impotente e inútil. (Vigotski 2001a, p. 16)

Pérola da história da psicologia, esse trecho demonstra que Vigotski não concede primazia ao pensamento ou ao afeto na explicação e na estrutura da vida consciente. Sua compreensão dialética do psiquismo transita da parte (os processos psíquicos parciais) ao todo da consciência. Dispõe, ainda, com particular clareza, uma ideia já esboçada noutros livros:³ uma função do afeto é a *orientação* do pensamento (ou seja, seu direcionamento). A influência do conceito de afeto espinosano como mudança da potência da mente para pensar, e do corpo para agir, parece-nos evidente.⁴

A dinâmica dos processos de pensamento e seu desenvolvimento não é, pois, de natureza meramente intelectual: sua fonte imediata é afetiva (termo amplo que, como vemos no trecho transcrito, inclui as ideias, os motivos, as necessidades, as motivações, os interesses), fundamentando-se na unidade indivíduo-mundo, nos *porquês* do pensar, nas fontes psicossociais dos problemas que o pensamento deve resolver. A orientação afetiva apresenta a relação vital da pessoa (corpo e mente) com

3. Ver as ideias de “lei da realidade dos sentimentos” (Vigotski 2001c, p. 264) e a do signo emocional comum (1987, p. 21), além das considerações sobre o “pensamento autista” (Vigotski 1999a, p. 105).

4. Vigotski não menciona o afeto-ação (no sentido espinosano) no trecho citado, mas sim noutros, um dos quais merece transcrição: “O pensamento não motivado dinamicamente é tão impossível como uma ação sem causa. Nesse sentido, já Espinosa define o afeto como algo que aumenta ou diminui a capacidade de nosso corpo para a ação e obriga o pensamento a mover-se em uma direção determinada” (Vigotski 1997b, p. 266, trad. nossa).

seu meio, impedindo a transformação do pensamento numa sequência de abstrações vazias e autoexplicativas. No sentido inverso, também o pensamento verbalizado priva o afeto do caráter impulsivo e explosivo presente em seus estágios primitivos, intelectualizando-os.

A última citação transcrita e outros enunciados do autor dirigem-nos à defesa do papel orientador dos afetos na atividade consciente. Eles não se interrompem quando o pensamento inicia-se: em toda ideia existe uma relação afetiva do homem com a realidade nela representada (Vigotski 2001a, pp. 16-17), como já afirmara similarmente em outros textos (*idem* 2008, p. 4; 2001c, pp. 136-137). Existiria, contudo, uma influência das circunstâncias: um exemplo é o próprio processo dialógico (Vigotski 2001a, p. 315), no qual cada pergunta torna necessária uma resposta, cada incompreensão demanda uma explicação. A linguagem falada seria regulada por uma situação dinâmica que decorre de sua própria natureza e de seus condicionamentos situacionais (*ibidem*, p. 318).

Vigotski não chega a especificar melhor, no “Pensamento e linguagem”, como ocorre a determinação mútua entre afeto/pensamento no interior da atividade. Elaboramos, então, duas perguntas:

- as emoções são dotadas de uma propriedade vivencial básica (dependendo da tradução): “prazer/desprazer”, “satisfação/insatisfação”⁵ e essa propriedade chama a ação ou se afasta dela. Em “As emoções e seu desenvolvimento na infância”, tal propriedade relaciona-se à atividade infantil – ideia de Charlotte Bühler (Vigotski 1999a, pp. 96-100). Elogiada por Vigotski (ver p. 98 ss.), a autora compreende que o prazer poderia acontecer durante a atividade, no início ou no fim dela, exercendo influência

5. Ver vários trechos dispersos na *Psicologia da arte*, além das ideias sobre o pensamento autista (Vigotski 1999a, p. 105). A sensação primordial de prazer/desprazer seria momento secundário das reações, seu conteúdo e estímulo, regulando-a e orientando-a (Vigotski 2001d, p. 138).

no pensamento.⁶ A dita propriedade vivencial serviria como uma forma de controle da atividade pelo organismo?

- qualquer ideia, sensação, fala, representação pode ser perpassada por uma relação afetiva sem que isso oriente o pensamento/a atividade propriamente ditos (noção precursora de J. Kagan, para quem não necessariamente alterações do estado cerebral produzem consequências na atividade)?

Se a resposta à primeira pergunta, nos textos de que dispomos, for positiva (ver também Vigotski 2001d, pp. 136-139), não seremos capazes de responder à segunda. O autor teria acolhido a possibilidade de que uma relação afetiva qualquer com um objeto possa não ter consequências na atividade? Ou não chegou a posicionar-se quanto a isso?

O segundo tópico de nossa reflexão trata da relação entre pensamento e palavra, cujo foco é a natureza psicológica da linguagem interior e sua relação com o pensamento. A questão dos afetos se integra nessa relação. Vigotski mostra o desencontro entre os aspectos semântico e sonoro da linguagem; entre a gramática do pensamento e da língua.

O significado é a unidade básica da relação pensamento-linguagem; um fenômeno tanto discursivo quanto intelectual que se desenvolve (Vigotski 2001a, p. 396). O sentido (смысл – *smisl*) é categoria que engloba a face estável representada pelo significado (значение – *znatchenie*), estendendo-se às ignotas profundezas da consciência na forma de pensamento e linguagem interior. Apontam-se dois planos semióticos: o texto e o subtexto. O significado convencional das palavras,

6. Vigotski (1999a, pp. 96-100) trata do trabalho experimental de Bühler na psicologia infantil. Embora as ideias sobre a motivação da fala e do pensamento no “Pensamento e linguagem” não se limitem à atividade infantil, podemos estabelecer uma analogia com o “prazer funcional” (*Funktionslust* de Bühler), que se realiza no decorrer da atividade de brincar ou de se alimentar. Um outro estágio viria com a antecipação do prazer (*Vorlust*), no jogo criativo, nas adivinhações e na resolução de problemas. Também Vigotski (1997b, p. 253), com base em Lewin, sustenta que qualquer atividade pressupõe a existência de um estímulo que encontra descarga com o fim da ação.

a superfície das frases e palavras, é o texto, que transcende o significado-padrão na língua, incorporando também o subtexto. Compreender as relações texto-subtexto é compreender o próprio pensamento e até as vivências. Essa ideia ratifica o caráter estrutural das emoções, mostrando, com o vocábulo *subtexto*, uma unidade entre palavra, entonação e gestualidade: múltiplas vias de entrada para a análise da vida emocional.

Stanislavski, mais uma vez (ver p. 98 ss.), é o interlocutor escolhido num momento crítico da reflexão vigotskiana: a ideia de subtexto (cuja fonte mais provável é o próprio diretor) rodeia-se de marcações para a montagem de um drama.⁷ Conforme Guinsburg (2001a, p. 145), a partir da peça tchekoviana *A gaivota*, o Teatro de Arte inicia a descoberta das potencialidades cênicas da escritura lírica do drama e seus subtextos, marca ímpar de Stanislavski na arte teatral. O subtexto completa e aprofunda o sentido das palavras. Em uma definição entre obscura e ousada, Vigotski declara basear-se em Paulhan, para quem “o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência” (Vigotski 2001a, p. 465). O subtexto é marca do sentido na escrita, fazendo transparecer, em seus pequenos indícios, a construção mais íntima de nossa consciência. A presença de Stanislavski mostra que Paulhan não era a única fonte vigotskiana.

O bielo-russo não dá a referência exata ao trabalho de Paulhan. Kellogg sugere o artigo “Qu’est-ce que le sens des mots?” (“Qual é o sentido das palavras?”) (1928), publicado no *Journal de Psychologie: Normale et Pathologique*. O sentido como “soma dos fatos psicológicos” que a palavra *desperta* na consciência incitou-me um questionamento que se confirmou com a leitura de trechos do artigo:⁸ o trecho vigotskiano leva

-
7. Um recurso subtextual importante eram, por exemplo, as longas pausas que serviam para forrar de significação os pensamentos. “Mais do que um tecido de meias-palavras subentendidas e frases sussurradas, trata-se, entretanto, de ações indiretas, que ocorrem no reverso da peça, enquanto o verso se apresenta estático” (2001a, p. 90).
 8. Autor de uma teoria psicológica pouco conhecida fora da França, Paulhan (1856-1931) tratou dos fenômenos afetivos, da memória, da arte e da criação, entre outros. Segundo Castel (2001-2002), foi ministro protestante e psicólogo experimental

à conclusão de que a palavra *impacta* o sujeito não só intelectualmente, mas também afetivamente, desencadeando uma série de processos psicológicos. Essa ideia não chega a ser nova: lembremo-nos, por exemplo, do efeito catártico das obras de arte. Mas, no “Pensamento e linguagem”, é bastante provável que Vigotski tenha sido influenciado pelas duas funções de linguagem de que trata Paulhan: a comunicativa e a sugestiva (Kellogg, comunicação pessoal, 14/9/2007). Em Vigotski e Paulhan a palavra não apenas significa, mas também influencia os processos de atividade consciente de modo especial.⁹

A palavra não apenas pode significar emoções – realidade extralinguística à qual podem se atribuir significados –, mas as emoções também podem provocá-las, excitá-las, tornando-se, reversamente, um dos princípios construtivos da linguagem humana. É o caso da fábula “A libélula e a formiga”, em que Vigotski mostra como a palavra *dance* adquire um sentido intelectual e afetivo mais amplo que seu significado convencional: aí ela já significa “divirta-se e morra” (2001a, p. 465). Essa

francês (num sentido que, conforme Baillaud e Cornick 2004, compreendia uma estreita ligação entre experimentação e filosofia) e uma importante personagem dos bastidores dos primeiros anos da psicopatologia francesa. Foi secretário da revista *Revue Philosophique* de Ribot, a quem mostrou seus manuscritos. Teria, ainda, influenciado Pierre Janet, discípulo de Ribot. Kellogg (2007, artigo: “Words in minds and minds in classrooms: Heterogeneity in word meanings and ‘uptake’ from primary EFL lessons”, no prelo à época em que se realizou nossa pesquisa de doutorado, tendo sido posteriormente renomeado para: “Song, Seonmi and Kellogg, D. (forthcoming). Word meaning as palimpsest: A defense of sociocultural theory. *Modern language journal*”) sugere que as fontes implícitas do bielo-russo tenham sido Voloshinov (o verdadeiro autor do Marxismo e filosofia da linguagem, para Kellogg, erroneamente atribuído a Bakhtin) e Mandelstam, já que o pensamento de Paulhan impregnava-se de aspectos incompatíveis com a concepção vigotskiana. A ação da censura, todavia, tê-lo-ia impedido de citar tais autores. Os trechos do artigo de Paulhan foram-nos enviados por *e-mail* pelo próprio Kellogg, razão pela qual optamos por não citá-lo nas referências deste trabalho.

9. Excerto extraído por Kellogg (comunicação pessoal, 14/9/2007), enviado por *e-mail*, do texto “La double fonction du langage” (A dupla função da linguagem) (Paulhan 1929, p. 56). Paris: Félix Alcan.

potencialmente dupla composição afetiva do sentido mostra o quanto a palavra é, para Vigotski, uma estrutura aberta, absorvendo os conteúdos intelectuais e afetivos de todo o contexto, adquirindo uma singularidade expressiva que perde em generalidade (*ibidem*, pp. 455-466) – ver a “negação desdenhosa”, ou a “indignação” dos bêbados de Dostoievski. A comunicação dos afetos e pensamentos transcende o que é explicitado, declarativo, denotativo. Muda para uma mesma consciência e de acordo com as circunstâncias, já que o sentido do signo é um processo vivo, confundindo-se com o plano indefinido das ideias, da linguagem interior; em seu estado bruto e sintético.

Vigotski encaminha-nos para considerar que a possibilidade de comunicação de certa vivência dependeria tanto das condições psicossociais existentes numa interação humana, quanto dos objetivos da comunicação e da espécie de linguagem utilizada. Analisando Dostoievski, defende que “é possível exprimir pensamentos, sensações e reflexões profundas com uma palavra. Isto é possível quando a entonação transmite o contexto psicológico interior do falante” (Vigotski 2001a, p. 455). Recursos adicionais podem comunicar o subtexto emotivo da consciência – Stanislavski demonstrou-o bem. Além disso, a intimidade entre os interlocutores torna possível a abreviação da expressão de qualquer conteúdo psíquico. Na fala, o uso de recursos acessórios, como os gestos e a entonação, podem complementar a incorporação do sentido do pensamento na palavra, contribuindo para seu caráter mais sintético com relação à escrita. Tais dimensões compõem o subtexto da fala que, embora também exista na escrita, realiza-se por outros meios e recursos expressivos.

Mas nem todo conteúdo pode ser comunicado em poucas palavras. A recriação linguística da vivência vigotskiana do livro *A tragédia de Hamlet, o príncipe da Dinamarca*, por exemplo, na tradução brasileira, não tem 252 páginas e o pressuposto inicial de que a peça era inefável? Não eram as palavras de Hamlet meros fragmentos de suas vivências, lançando as demais personagens em confusão, gerando uma verdadeira explosão polissêmica, para além do sentido aparente dos acontecimentos? Pode-se afirmar que, para nosso autor, o encontro entre vivência/emoção e linguagem, como o do pensamento com a linguagem, não é coroado por facilidades.

O terceiro tópico a ser focado no “Pensamento e linguagem” é a categoria vivência. Sua aparição é rara. Vigotski não volta a declarar que essa é a categoria de análise sistêmica da consciência/personalidade, mas tampouco a nega. Omite-se também a categoria personalidade, mas são expressivas as contribuições ao conceito de consciência.

De modo consistente com o emprego anterior do termo nos textos pedológicos, a vivência refere-se a conteúdos intelectuais, discursivos, sensoriais, motores e afetivos (Vigotski 2001a, pp. 367, 424). Haja vista os comentários do autor sobre a análise fenomenológica do conceito: “Como mostra a investigação, a medida de generalidade é o momento primeiro e fundamental em qualquer funcionamento de qualquer conceito, assim como no vivenciamento do conceito, como se pode ver pela análise fenomenológica” (*ibidem*, p. 367). A vivência é uma das dimensões metodológicas destinadas à descrição da relação sujeito-objeto.

Similarmente como o fez no texto “Crise dos sete anos”, Vigotski trata do desenvolvimento da introspecção (*ibidem*, p. 289). Como Piaget,¹⁰ o bielo-russo adota a perspectiva de que a percepção infantil passa de uma condição primitiva e desprovida de palavras à percepção em termos de significado. E que, ainda, desenvolve-se a percepção interior do significado dos próprios processos psicológicos, possibilitando uma tomada de consciência deles. Como discutimos, esse termo vinculou-se anteriormente à conquista dos processos psicológicos pela palavra.

10. Vigotski não especifica os estudos piagetianos a que se refere.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivências

Tratemos inicialmente do vocábulo vivência (*pereživânie*). Ele nasce na crítica de arte vigotskiana, em *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca* (obra originalmente escrita em 1916) – em que desempenha o papel de conceito principal – e, embora proporcionalmente perca espaço em seu quadro conceitual, ganha em diversidade, servindo ao debate sobre diversas dimensões teórico-metodológicas da psicologia. De um ponto de vista histórico, essas mudanças evidenciam alterações substanciais no decorrer da constituição da teoria histórico-cultural: *pereživânie* vai se distanciando um tanto de seu significado dicionaresco na língua e também na arte russa do início do século XX para ganhar contornos cada vez mais particulares à obra vigotskiana. Vincula-se estreitamente às emoções, embora tenda a mudar seu caráter de texto para texto, elucidando processos psicológicos a partir de três núcleos teóricos fundamentais: 1) crítica e psicologia da arte; 2) neuropsicologia clínica; e 2) textos pedológicos dos anos 1930.

A tragédia de Hamlet surpreende pelo seu tom poético, permeado por temáticas existenciais, cuja proposta é reproduzir a vivência da

obra pelo crítico nos leitores do trabalho dele (dimensão eliminada em textos posteriores). Vigotski emprega a palavra “vivência” num sentido especialmente devedor tanto das raízes russas do termo – marcado por situações de vida profundas, arrebatadoras – quanto do simbolismo. O príncipe Hamlet de Vigotski é personagem que vivencia situações intensas, cuja força induz o jovem crítico a projetar, em seu ensaio sobre a peça, as ideias dele sobre o jogo de sentimentos contraditórios produzido pela vivência da tragédia. Mas o termo “vivência” tem um caráter muito genérico, pois não há, ainda, uma psicologia que teça categorias de análise ou síntese do psiquismo.

E o que se vivencia? Qual é o sujeito das vivências nesse momento da obra do bielo-russo? Em Vigotski (1999f, pp. XXXVII, 39-136), a vivência designa tanto a experiência do mundo externo pelo sujeito, quanto seu mundo interno, passíveis de simbolização e tomada de consciência (o crítico de arte, o leitor, as personagens).¹ Vigotski entende que todo o conteúdo vivenciado implica uma tonalidade afetiva, e a vivência demanda a suspensão de qualquer julgamento imediato.

Nesse contexto, as características pessoais de Hamlet são um filtro para o modo como ele vivencia diversas situações. Esse debate tem afinidade com as duas conferências de psicologia infantil mais importantes para este trabalho (“A crise dos sete anos” e “A questão do meio na pedologia”): também nelas a vivência relaciona o sujeito (a criança), em suas características singulares, ao meio no qual se encontra. Negativas ou positivas, as vivências sublinhadas na peça são as de Hamlet, como são as vivências singulares de cada pequeno nos casos clínicos relatados por Vigotski.

1. Fato que persiste na *Psicologia da arte* (Vigotski 2001c, p. 241). No Hamlet: “As outras personagens personificam conflitos dramáticos (não todas), a luta contra obstáculos externos e internos, em suma, todos aqueles momentos das vivências que caracterizam o drama e poderiam transformar cada uma dessas personagens em herói de um drama independente e particular; são apenas personagens dramáticas na peça pelo sentido do papel que desempenham e a qualidade dos vivenciamentos” (Vigotski 1999f, p. 136).

Assim, sendo no idioma russo palavra imperfectiva, *pereživânie* designa experiências participativas vitais, imediatas, antepredicativas, perpassadas de emocionalidade, do leitor perante a obra ou do sujeito no mundo. Dado seu caráter genérico, posteriormente é possível também dizer que tanto bebês como esquizofrênicos, a despeito de não disporem de uma personalidade/consciência estruturada, vivenciam algo. Existe, em 1916, uma tendência a opor vivências, sentimentos e sensações ao pensamento: a vivência artística é como um “sonho” (Vigotski 1999f, p. XXXVII). Para nós, tal ideia significa a suspensão do julgamento própria do processo de apreensão da arte, a partir de totalidades semióticas que não foram elaboradas por ele; processo pré-cognitivo que ocorre com o receptor da arte e é mais bem detalhado em *Psicologia da arte* (2001c). No espírito simbolista do livro sobre o Hamlet, essa suspensão de julgamento acontece em benefício da expressão simbólica, em toda sua força irracional.

Vigotski (1999f) enfoca as relações sujeito-mundo; de modo similar à fenomenologia, é nítida também a abolição do limite entre sujeito e objeto da vivência. Essa dimensão conceitual mantém-se na obra de Vigotski, voltando a se colocar nos textos pedológicos, em que se implica a relação da criança com a realidade externa – ou melhor, com eventos ou situações do meio social.

Persistem, na *Psicologia da arte*, todas as características que circunscrevem o termo “vivência” e suas derivações. Contudo, esse livro já traça uma teoria sobre o sentimento artístico com quatro categorias fundamentais que acomodam emoções e vivências no nascente quadro teórico-conceitual da psicologia vigotskiana. São elas: *reação estética*, *catarse*, *consciência* e *inconsciente*.

Segundo Vigotski (2001c, p. 81), quando gostamos de uma obra, não sabemos o porquê; não sabemos qual a essência da emoção. As vivências, nos três primeiros livros do autor e em trechos esparsos da “Pedologia do adolescente”, revestem-se de um caráter irracional, marcado por sentimentos e sensações que demandam compreensão *após* sua vivência. Traduzindo a absorção do receptor pela obra, na vivência o sujeito mais participa, reage, do que julga, ou seja, há uma

espécie de “campo intermediário” entre receptor e obra, que contém a ambos e alcança a sua triunfal dimensão catártica no conflito entre forma e conteúdo, no qual a primeira vence o segundo.² Aí, a emoção (e a vivência) é inconsciente apenas enquanto não se traduz pelo pensamento. Não há, na *Psicologia da arte*, a acentuada dicotomia emoção-razão, a segunda desvalorizada em benefício da primeira, como no livro de 1916. Os processos mentais realizar-se-iam num interjogo entre sentimento, palavra e pensamento, no qual a elaboração de juízos sobre uma inquietação extrai o sujeito ao universo da pura vivência artística, trazendo novos elementos para a reflexão sobre tal vivência (baseado em Vigotski 2001c, p. 94). Um exemplo: tratando dos paradoxos do Hamlet, Vigotski comenta como o espectador “sente e vivencia todas aquelas contradições difíceis que lhe dilaceraram a consciência e o inconsciente enquanto assistia à tragédia” (*ibidem*, p. 245).

Encontramos, então, na arte, algo de especificamente humano. Ela carrega um universo de fantasia, de sentimento e vida que não se reduz à estimulação do ambiente. Eis como o substantivo “vivência”, nesses textos, denota um processo humanizado, exigindo um complemento que remeta o sujeito para além das simples reações instintivas (emocionais) e programadas. Contra tal reducionismo, Vigotski fala especialmente: 1) na vivência de determinado(s) sentimento(s) ligado(s) a uma obra de arte (Vigotski 2001c, pp. 259, 272) e 2) na vivência de uma obra/da arte, como um conjunto (*ibidem*, pp. 47, 48, 91, 260). Diversamente do livro sobre o Hamlet, Vigotski tende a tratar apenas secundariamente das vivências internas das próprias personagens, concentrando-se na vivência da arte pelos seus apreciadores. Um sentido próximo àquele expresso

-
2. O conceito de vivência, na multiplicidade dinâmica que já analisamos, posteriormente criará afinidade com a estrutura do campo psicológico lewiniano que precede a satisfação das necessidades e intenções, que apontam para uma certa valência dos objetos presentes, com uma diferenciação de estruturas e regiões da personalidade, fatores conscientes e inconscientes relativos não só ao momento presente, mas também às condições de vida do sujeito. As tensões relacionais são imanentes nesse campo desde *A tragédia de Hamlet*.

no Hamlet seria a ideia de que esses apreciadores podem vivenciar os acontecimentos *com* as personagens (*ibidem*, p. 192).

Pela vivência, somos impactados; sofremos a ação da obra de arte, do texto, do quadro. Vivenciar é processo pautado pela imediatidade. Mas em 1932, ao tratar das vivências conscientes, Vigotski defenderá que elas podem ser (relativamente) sistematizadas, extraídas à idiossincrasia, reguladas pela palavra, e sempre atravessadas por tons emocionais. Nos últimos textos vigotskianos, como nos primeiros, a vivência é campo de conflitos, um verdadeiro entreposto do funcionamento psíquico concreto, linguagem do impacto vital do meio externo no sujeito, e de sua reação a isso, por meio de uma consciência operante num concerto de funções psicológicas que não pode ser plenamente enquadrada nem nas regulações voluntárias nem nas reações espontâneas – lembrando que a espontaneidade é característica das reações emocionais, cujo caráter, nos seres humanos, culturiza-se, mudando-se a qualidade da própria espontaneidade. Nos textos pedológicos, como vimos, as vivências passam a ser consideradas unidades personalidade-meio; relação interior da criança com um ou outro momento da realidade. Surgem expressões impensáveis em 1916, tais como “vivências intelectuais” (Vigotski 1999a, p. 101), e “vivenciamento do conceito” (*idem* 2001a, p. 367). “Vivência” é um termo que passa a descrever, ainda, conteúdos intelectuais, discursivos, sensoriais, motores e afetivos (*ibidem*, pp. 367, 424). Descortina-se, então, um conceito mais amplo.

Uma pergunta não quer calar: por que a mudança?

Porque a estrutura teórica da obra vigotskiana alcança maior complexidade, na qual o problema da consciência adquire vultosas proporções e a vivência assume o *status* de unidade sistêmica da vida consciente. O autor desenvolve um conceito de consciência a partir da noção de sistema, em que se englobam processos conscientes e inconscientes, racionais e irracionais (associativos, por exemplo). De certo modo, essa diversidade de natureza não deixa de ser tributária da própria semântica da palavra *pereživânie*, como “estado espiritual suscitado por impressões e sensações fortes”, ou seja, estado que pode apresentar qualidades diversas do ponto de vista de seu sujeito. Sua

amplitude autoriza-nos a afirmar que toda função psíquica superior, na obra madura de Vigotski, tem uma face vivencial – ao lado, propriamente, de sua ação no mundo. O autor não afirma, também, que o vivenciamento do discurso acompanha qualquer forma de linguagem (Vigotski 2001a, p. 424)? Uma ou outra função psicológica se dilata, fundindo-se com o mundo de forma mais ou menos aparente: a face vivencial é muito acentuada, por exemplo, no caso da emoção artística e pode ser menos marcada na execução de um exercício físico.

A vivência torna-se unidade dinâmica da vida consciente, marcada pela referência ao corpo, às representações e ideias, ou ao mundo externo; com maior atividade desta ou daquela função psíquica em virtude do contato consciência x realidade. A lógica empregada é dialética, pois considera o humano em permanente movimento, relações de partetodo, síntese e mudança histórico-culturais pelas quais o sujeito se reconhece tanto como objeto no meio, como se nega na qualidade de algo coincidente com o que o rodeia, afirmando suas necessárias relações com as condições particulares encontradas.

A nova ideia de vivência não se refere, na teoria histórico-cultural, a um estado psicológico especial. Embora implique também as dinâmicas profundas da personalidade e do discurso, não se refere apenas às situações de grande impacto emocional. Ao longo da ontogênese, as vivências podem ser relativamente generalizadas na linguagem – cuja origem é sempre social. Vigotski mostra como os processos psicológicos que assumem o plano de figura na hierarquia da consciência podem ser nomeados, atravessando um salto qualitativo importante quando surgem as chamadas formações afetivas: a criança passa a não atribuir sentido apenas aos aspectos externos de suas vivências, aos processos psicológicos parciais e às sensações corporais intensas, mas às características estáveis de sua personalidade. Seus desdobramentos internos não se realizam apenas no presente do tenso impacto do objeto no sujeito: com a aquisição das funções intelectuais da linguagem, é possível imaginar como vivenciaríamos determinada situação – atributo do caráter abstrato que os processos psicológicos vão adquirindo, da evolução do cérebro etc. (ver p. 122 ss.).

Este livro mostrou, ainda, como se configura a diferenciação entre núcleo interno e externo das vivências, duas dimensões que já se esboçavam em 1916, quando Vigotski defendera a falta de relação entre as vivências de Hamlet e a imediatidade dos acontecimentos do mundo dele. Aos mundos externos – aqui e além – correspondiam os internos – imediato e existencial. Nos monólogos e diálogos, o racional e o místico, o consciente e o condicionado, lutavam continuamente. De modo análogo, posteriormente Vigotski afirmará que as vivências compõem-se de *dois núcleos básicos de reflexo*, marcados pelos objetos externos *x* próprio corpo/processos mentais. Mas esses núcleos tendem a perfazer uma unidade: mesmo nossas vivências corporais mais marcantes são compostas por perceptos externos, associando-se a representações do meio externo, e vice-versa (Vigotski 2010). Ambos os núcleos vivenciais vão se diferenciando na vida da criança, o que não ocorre nas vivências do esquizofrênico, dissociadas entre si e regidas não pelo pensamento lógico, mas pela associação.

Vigotski, no decorrer de sua obra, também se indaga sobre o papel metodológico do conceito de vivência. Este serviria como fonte de informações sobre o funcionamento neuropsicológico humano (ver o debate sobre o papel do tálamo óptico), cuja abordagem demandava produção de conhecimento sobre as vivências e os comportamentos dos sujeitos. O problema das vivências é também fundamental para a resolução dos conflitos emergentes nas eventuais crises de desenvolvimento infantil. Se anteriormente eles eram apenas entre a criança e seu meio, a crise dos sete anos de vida mostra que passam também a transcorrer no núcleo interior das vivências, pois podem se estruturar lutas verbais internas entre os motivos. Isso contribui para a investigação pedológica, mostrando como Vigotski se eximia de assumir que determinações biológicas explicassem os aspectos mais nebulosos do desenvolvimento. Deduzimos que a história do núcleo interno das vivências – num corte transversal, das dimensões mais profundas da personalidade infantil – também é a de anteriores relações entre criança e realidade social, e, especialmente, das crianças para consigo mesmas a partir dessas relações.

Emoções

Questões de terminologia

No campo de estudos em causa neste livro, quais as traduções de termos mais apropriadas à teorização vigotskiana?

Para as vivências (*pereživânia*), malgrado as peculiaridades de cada língua na qual consultamos os textos, é raro o emprego de sinônimos – como, por exemplo, “experiência” – há, pois, uma relação razoavelmente uniforme entre palavra e conceito. Isso não se aplica às emoções: desde que em seu devido contexto, emoções, sentimentos e afetos podem ser utilizados com o mesmo sentido, embora, efetivamente, correspondam a diferentes vocábulos russos.

As causas dessa diversidade são difíceis de determinar, mas cremos que expressam o processo de elaboração dos conceitos na psicologia geral de Vigotski. Em mais de um caso (consciência, personalidade, reação, função psíquica superior), ele se utiliza de termos emprestados de outros autores – e, com frequência, oriundos de várias línguas diferentes. Outra razão: Vigotski (2001c) não apontava que as emoções, em seu aspecto vivencial, são impalpáveis, vagas? Nada mais lógico, pois, do que a diversidade de expressões delas definidoras, através das línguas e em uma mesma língua, que são utilizadas para denominar como nos sentimos, nos emocionamos, nos afetamos. Em seu devido contexto, todas as expressões podem ser discutidas vigotskianamente – é nas relações sincrônicas com o sentido de outras palavras que se definem emoções/afetos/sentimentos. É a própria reconstituição do trabalho conceitual de Vigotski que pode diferenciar sua abordagem psicológica, e não simplesmente as palavras que ele utilizou, as quais geralmente ele não se amanhava em definir (ver Pino 2005, p. 95).

Cabe ressaltar, contudo, que o substantivo feminino “emoção” (эмоция – *emotsia*), muito utilizado na psicologia da época de Vigotski, é mais frequente na obra do autor do que “sentimentos” e “afetos”. E, fato muito significativo, é o vocábulo que intitula a última versão da “Teoria sobre as emoções” (1999e), seu grande projeto inacabado, prevalecendo

no decorrer do texto. Por isso, foi o escolhido neste livro. O substantivo neutro “sentimento” (чувство – *tchuvstvo*) e suas derivações são os menos utilizados no conjunto de sua obra, à exceção da *Psicologia da arte*.³ “Afeto” (substantivo masculino аффект – *affekt*) e suas derivações aparecem mais frequentemente no “Pensamento e linguagem” (embora também aí surja *emotsia*) e nas conferências de psicologia infantil.⁴ Ao contrário de *pereživânie*, tanto *emotsia* quanto *affekt* parecem-nos ser palavras russificadas, transliteradas do alfabeto latino ao cirílico, e não originalmente russas.

Qualquer que seja a escolha de termos, o futuro contexto de pesquisa, defendemos que um aspecto conceitual fundamental a se manter seja a distinção de termos entre emoções/afetos inferiores (biológicos) e culturizados (primitivos, superiores). Negamos a possibilidade de se instaurar a dicotomia entre “emoções” (para designar emoções inferiores) e “sentimentos” (para denominar emoções especificamente humanas), dicotomia dualista, estranha ao processo de definição conceitual e semântica por Vigotski (1995), que costumava denominar as diferentes funções psíquicas, fossem superiores ou inferiores, com a mesma palavra. Por exemplo: atenção (involuntária, imediata, passiva/voluntária, mediada, ativa), memória (natural/lógica), indicando que as funções mais simples partilham certos traços com as mais complexas – sendo estas últimas o produto da transformação qualitativa das primeiras.

Outra interrogação que deve interessar aos pesquisadores brasileiros da psicologia histórico-cultural: é possível empregar a expressão vivências *emocionais*? Sim, se ao trabalharmos nos textos vigotskianos dos anos 1930, descrevermos vivências *intensamente* emocionais, ou seja, nas quais

3. Uma comparação preliminar da edição brasileira da *Psicologia pedagógica*, da Artmed, com o original em russo indicou certas trocas entre os termos emoção e sentimento, podendo alterar ligeiramente, no futuro, nosso presente julgamento sobre as ideias expressas por tais termos.

4. Essa palavra tem como correspondentes latinos *affectus* e *affectio* (que serviram de radicais para Espinosa); na história da filosofia, foi trabalhada pela tradição kantiana e por Freud como *Affekte* (segundo Engelmann, 1978, pp. 28-33).

as emoções prevalecem. Pois dizer que todas as vivências são emocionais é uma redundância: por definição, todas têm aspectos emocionais envolvidos, com variações de intensidade, textura e duração.

Para concluir, uma advertência: o estudo linguístico é apenas o primeiro passo, no processo maior de construção dos conceitos. Vigotski (1999a) salientou a futura necessidade de determinar os termos a partir do paciente garimpo da pesquisa. Esse momento inicial auxilia-nos a circunscrever nosso objeto e a estudá-lo para que surjam novas contribuições críticas, ético-políticas, numa psicologia histórico-cultural de base marxista, para a qual restam inúmeros desafios e melhor determinação dos termos a serem empregados.

Conceituação. Definição do campo teórico

Na bibliografia em nosso poder, o primeiro livro vigotskiano em que se desenvolveram ideias sobre o conceito de emoções, já dissociado do de vivências, foi *Psicologia da arte*. Nele, *reação* e *vivência* vêm a ser categorias muito amplas, abarcando fenômenos que transcendem a própria arte. *Reações estéticas* e *vivências de obras de arte* são subcategorias daquelas, cuja gênese o autor procura interpretar. Quais as suas características? Para Vigotski, a base das reações estéticas são as emoções *suscitadas pela arte*, uma energia concentrada no sistema nervoso central que articula fantasias, representações, estados internos e manifestações corporais externas, de um modo ambivalente que culmina na catarse estética.

A reação emocional comum, cotidiana, diferente da estética, seria outra subcategoria das reações emocionais. Em comum, elas evidenciam que todo o organismo reage aos estímulos do meio, como parte desse processo de reação. A obra de arte produz uma excitação emocional que pode culminar em catarse, nó central do impacto subjetivo e das manifestações corporais externas. A atmosfera da obra induz a reação estética valendo-se, para tanto, de múltiplos recursos semióticos, entre eles, das palavras e dos silêncios, como indicam as análises vigotskianas do *Hamlet*.

Essas relações envolvem os sistemas psicológicos, distantes da noção mais desenvolvida por Vigotski em 1930, e que a *Psicologia*

da arte e a *Psicologia pedagógica* já antecipavam, firmando raízes na mais importante ideia do autor acerca das emoções, enunciada em “Sobre o problema da psicologia do trabalho criativo do ator” (1999c): elas são definidas como funções psíquicas superiores, funções mentais cujas formas e conexões biológicas, inferiores, são qualitativamente transformadas pela vida social e cultural.

Coloquemos um novo problema, seguido por uma indispensável digressão. O que são as funções psíquicas superiores?

Na “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores” (1995, p. 28), as funções psíquicas superiores ou funções psíquicas culturizadas são sinônimos que abarcam dois grupos de processos que jamais se fundem, embora sejam indissolúveis:

- o domínio dos meios externos do desenvolvimento cultural e do pensamento: por exemplo, linguagem, escrita, cálculo, desenho (aí podemos incluir as artes, com base em Vigotski 2001c);
- o processo de desenvolvimento das funções psíquicas superiores especiais (que, à época, não haviam ainda sido determinadas com exatidão), como atenção voluntária, memória lógica, formação de conceitos.

Os processos (a) são orientados pelos processos (b). A inspiração é hegeliana: as funções psíquicas culturizadas submetem-se à lei genética geral de desenvolvimento cultural (Vigotski 1995, p. 148). Transitam da imediatidade das condutas herdadas à regulação própria das relações sociais e dos meios culturais (a princípio, externos) e, posteriormente, à regulação interna e intencional pela própria consciência. Já que Vigotski não trata de dois conceitos, mas de um só, deduz-se que os meios culturais qualificam as funções superiores especiais: unificando-se quatro dos enfoques principais da consciência: genético, semântico, sistêmico e funcional. Cada função pode ser considerada um sistema particular, em um processo contínuo de exteriorização determinado pelos meios culturais de relação com a realidade objetiva. Todas as funções psíquicas culturizadas têm raízes nas reservas biológicas/orgânicas de comportamento (instintos, adestramento, reações

intelectuais), nível de funcionamento mental que prima pela imediatidade.⁵ Ambos os níveis, biológico e cultural, se desenvolvem: a criança atravessa uma evolução natural e espontânea do seu comportamento, cuja fonte é filogenética, caso da percepção, da atenção, da memória, do pensamento (Vigotski 1995, pp. 17, 38).

Conforme já exposto (ver p. 98 ss.), o nível imediato, biológico de funcionamento é incorporado nos sistemas psicológicos superiores, sem desaparecer completamente.⁶ Então, o domínio de cada função psicológica superior jamais poderá transcender os limites próprios do organismo, mas se constitui em suas relações com o meio social: eis o caráter biocultural do desenvolvimento humano.

As funções psíquicas culturizadas têm caráter sistêmico, correspondendo a uma série de estruturas encefálicas que trabalham em concerto. Vigotski as considerava “superiores” porque o córtex, região filogeneticamente mais nova do cérebro, ocupa um papel de destaque em seu funcionamento, a partir das possibilidades criadas pelos meios de domínio da própria conduta (*ibidem*, p. 32 – ver p. 122 ss. e p. 182 ss. deste livro). Em sua face prática, funcional, trabalham na consciência/personalidade-realidade, mudando diacronicamente e também ocupando diferentes lugares hierárquicos, sincronicamente, nos sistemas psicológicos

5. Segundo a “Teoria sobre as emoções”, ainda se sabia pouco sobre as reservas biológicas de comportamento relativas às emoções. Mas, sem dúvida, admite-se a existência de emoções “inferiores”, ou seja, biologicamente herdadas.

Hoje, tem-se considerado a maturação das estruturas emocionais como uma das mais primitivas do sistema nervoso central, conforme palestra proferida pelo prof. dr. Mauro Muzkat, na conferência “Neuroplasticidade em lesões congênitas e adquiridas” (Nani/Unifesp), evento na Unifesp, durante o Seminário “Lesões Cerebrais na Infância”, realizado em 21 de setembro de 2005, em São Paulo.

6. No texto “Pedologia do adolescente”, Kretschmer aparece como uma das fontes dessa lei, que Vigotski denominou de “lei de estratificação” na história do desenvolvimento: na dinâmica da conduta, os centros inferiores acham-se unidos aos superiores, como instâncias subordinadas. Ela é complementada pela lei da “passagem das funções a um nível superior”: na gênese da conduta, entrega-se uma parte essencial de suas funções anteriores aos novos centros que se estruturam.

individuais. Quando fazemos tricô, por exemplo, envolvem-se sistemas psicológicos diferentes de quando assistimos a uma peça, ou mesmo quando vivenciamos memórias afetivas intensas. Assim sendo, as emoções constituem a totalidade dinâmica e aberta da consciência, na qual não se destituem de identidade, mas adquirem singularidade como processo psicológico sociocultural, a partir de sua função primária – a de orientação do pensamento e da ação –, que pode, no entanto, reduzir-se a um complexo sofrimento, obstáculo ao pensamento e à ação, constituído ao longo do mesmo desenvolvimento biocultural que debatemos.

O excelente trabalho de Pino (2000), tratando do caráter às vezes vago do conceito de função psíquica superior, ensina-nos como, em suas tintas dialéticas, tal conceito:

- rompe com a noção de faculdades da alma, mostrando como o que falamos e sentimos não é algo já pronto;
- pode ser pensado tanto no campo sociológico, significando papéis associados a certas posições sociais, quanto no matemático, na correspondência entre conjuntos: todo papel é função de uma posição, como a de mestre-servo, pai-filho. A interação entre as pessoas é função do papel desempenhado por cada uma delas nessa relação;⁷
- é próprio das interações sociais: é o princípio e o fim das ações e reações de cada membro de uma relação nas ações/relações produzidas no outro, com um papel mediador;
- refere-se a funções psicológicas permanentes da pessoa, também sujeitas às leis históricas e às condições concretas em que isso ocorre. Não são algo pronto, passivo dispositivo a ser usado, mas oferecem possibilidades de criação de novas reações.

Assim, o que cada pessoa pensa, fala, sente, rememora, sonha, é função do que a outra pensa, fala, sente, rememora, sonha (especialmente

7. Ver também Levykh (2008, p. 14).

se forma com ela um só ser, como disposto na carta a Pieter Balling por Espinosa 1988, p. 159; como na declaração de amor trocada entre Kitty e Liêvin, em Vigotski 2001a). O todo da personalidade é um agregado de relações sociais incorporadas em um indivíduo (Vigotski 2000). Duas referências mais estudadas neste trabalho – Espinosa e Damásio – mostraram o modo especial pelo qual reagimos a outros seres humanos, como unidade mente-corpo que somos.

As relações entre pessoas, tornadas relações próprias do encéfalo, e deste com o corpo, consubstanciam a influência da cultura nas dimensões essenciais para o estudo vigotskiano das emoções. Do trabalho do autor, destacam-se nove dimensões fundamentais, intimamente relacionadas ao caráter específico das emoções no contexto mais abrangente das funções psíquicas superiores na psicologia geral de Vigotski. São elas:

- sua topografia no organismo como um todo, e no sistema nervoso em particular;
- sua dinâmica, suas transformações (os conflitos, as contradições e a oposição de sentimentos, além do processo de reagir pelo sentimento);
- suas propriedades energéticas, impulsivas (de excitação/descarga ou consumo; catárticas; de deslocamento com relação à excitação original);
- seus papéis na atividade, na consciência e na personalidade;
- suas qualidades vivenciais (angustiantes, intensas, intelectuais, vagas etc.), tendo a fantasia como principal expressão mental;
- a percepção, pela personalidade/consciência, das qualidades do item (e), incluindo sua caracterização linguística;
- seus diferentes papéis ao longo da ontogênese (e, podemos completar, da história social da humanidade);
- sua esfera cultural fundadora (sentimentos líricos, poéticos, éticos, cotidianos); e
- sua regulação voluntária.

Há ainda uma última observação, que nos parece particularmente importante: é muito frequente nos defrontarmos com a ideia de emoção adjetivando outros processos psicológicos. Processo semelhante ocorre com o adjetivo *consciente*: é comum encontrarmos expressões como concepção consciente, memória consciente, ato consciente (Toassa 2006). As emoções são, pois, tratadas como qualidade de uma série de outros fenômenos psíquicos/obras de arte, em relações claras com as ideias sobre os sistemas psicológicos. Somente ao longo da *Psicologia da arte*, há expressões como: pensamento emocional, expressividade emocional, atitude emocional, colorido emocional, tom emocional, efeito emocional, estrutura emocional geral e da linguagem, impressão emocional geral, mistério emocional, contradição emocional, significado emocional, campo emocional geral, vivências emocionais, tema emocional, atmosfera emocional. Como animais sociais e políticos que somos, pois, cada dimensão da nossa existência é atravessada pelas emoções,⁸ que podem exercer o papel de figura ou fundo na consciência e na ação. Para Levykh (2008), são a “cola humana” que, em Vigotski, conecta cada função mental a outras e às neoformações da personalidade, a ser discutida em futuros trabalhos.

O processo de compreensão das emoções no interior dos sistemas psicológicos tem também uma relação com sua tradução pela linguagem, em várias modalidades discursivas. As dimensões arroladas mostram uma concepção, um processo de definição genética, estrutural e funcional, que traduz o esforço do autor em elevá-las à condição de função psíquica culturizada, embora não exista uma teoria das emoções (como sistema de conceitos desenvolvido e detalhado) propriamente dita em Vigotski. A pesquisa sobre tais dimensões demanda uma “divisão de trabalho” entre diversas áreas do saber (Vigotski 1999e, p. 104), cujo escopo geral será discutido a seguir. Embora solitário e iniciante, o trabalho enfoca imperfeitamente o principal problema para uma psicologia histórico-cultural das emoções: *compreender a sua natureza específica em humanos, a partir das permanências e rupturas com relação às emoções*

8. Numa tradução, o termo utilizado é “esfera afetiva” (Vigotski 1997b, p. 257).

em outras espécies, das quais decorrem possibilidades e limites em seu processo de culturização.

Destaque-se, por exemplo, uma permanência: a potencial função das emoções na percepção de estímulos úteis ou ameaçadores para o organismo. Em humanos, as emoções se deslocam dinamicamente no interior das tarefas vitais, transformando-se em seu papel de regulação e orientação do pensamento e da ação, já esboçado nos animais. São, fundamentalmente, funções da necessidade. As relações entre estruturas encefálicas consideradas emocionais e o sistema nervoso autônomo implicam-se na preparação dos movimentos do corpo. Persiste algo do caráter involuntário da mímica facial e corporal indicativa de reações emocionais em animais (mímica corporal que, acreditava Darwin, compõe parte dos reflexos condicionados). Diferentemente destes, a mímica humana também pode consistir em ações coordenadas por regiões motoras voluntárias do cérebro – as quais refreiam e aceleram as reações (conforme Vigotski e Varshava 1927/1931, pp. 200-201). Entre animais as emoções são reações rápidas, impulsivas, elementos que também persistem – embora de forma modificada – na personalidade/consciência humanas.

A permanência acima apontada não significa que os comportamentos humanos serão idênticos aos dos animais. As emoções integram-se em novos sistemas do encéfalo humano e sua atividade consciente. As mudanças, mais do que quantitativas, são qualitativas: há vivências e signos que as definem; desenvolve-se o caráter abstrato, intelectualizado e generalizado das emoções humanas, seu valor social, além das convenções culturais para sua manifestação. Isso ocorre no interior da formação de novos vínculos entre as emoções e outras funções psíquicas superiores. Entre as rupturas animal → humano, cite-se com particular ênfase que as funções psíquicas passam a ser não simplesmente de um organismo biológico sob influência de seu ambiente, mas de uma consciência/personalidade singular que se desenvolve em relação com os meios sociais.

Vigotski (2001c) entende que as emoções animais são reações orgânicas gerais, instintivamente programadas, respostas de todo o organismo a acontecimentos que atingem um único órgão. Esse caráter global persiste nos humanos, nas ressonâncias corporais e mentais de cada

evento, mas se singulariza, superando a padronização dos instintos: estes, com os quais se confundiriam as emoções inferiores, são logo modificados por formas mais simples de aprendizagem que compartilhamos com outros primatas (caso dos reflexos condicionados e das reações intelectuais).⁹

A transformação das emoções dos pequenos a partir de sua relação com pessoas mais desenvolvidas representa, também, sua gradativa impregnação com respeito aos discursos e práticas acumulados na cultura que os rodeia e a diversificação de suas emoções, de um papel padronizado e reflexo, para a formação de novas estruturas mentais, cujo conteúdo ideacional relaciona-se à existência social da criança.

O autor defende que as emoções dividem-se em inferiores (naturais) e culturizadas (sejam estas primitivas ou superiores), mas Vigotski não chegou a criar um sistema de classificação próprio. O que herdamos? Raiva, medo, alegria, tristeza? Esses rótulos linguísticos correspondem a que sistemas encefálicos e modificações corporais? De que modo a raiva humana difere da animal? O autor não trabalha essa diferenciação, referindo-se apenas a algumas manifestações dos afetos/impulsos iniciais, tal como apresentavam as psicologias da época. Cabe assinalar, contudo, que suas referências às emoções transcendem tais psicologias, fundando-se sobre as bases da psicologia geral vigotskiana.

Em tempo: entende-se que a linguagem e a consciência, em sua materialidade psicofísica e sociopolítica, têm uma história afetivamente matizada; que essa história não resta impotente, à margem da fabricação do ser social por meio do trabalho e de outras atividades sociais. As emoções não são simples circuitos neuronais – se assim o considerássemos, recairíamos em um reducionismo próximo da teoria periférica das emoções. Vale dizer que, entre outros aspectos, as considerações neuropsicológicas vigotskianas são expressão do materialismo do autor, no qual se distinguem as emoções por serem compostas por um tipo de energia orgânica (inconfundível com a luminosa ou a acústica que

9. Essas formas simples de relação com o meio servem à satisfação das necessidades orgânicas da criança, comportando uma dimensão impulsiva cuja função é a de gerar ações padronizadas, selecionadas na evolução de nossa espécie: choro, riso etc.

impressionam nossos olhos e ouvidos). O trabalho tem uma importância substantiva, como atividade que transcende as limitações do corpo humano e, em cujo cerne, desenvolvem-se estruturas complexas de interação social. Seu substrato ontogenético são as necessidades próprias do sujeito que o realiza, mediadas pela história de constituição de sua individualidade. O trabalho é atividade vital que alça o homem para além de suas barreiras corporais herdadas, ampliando o poder de ação de corpos em permanente tensão com a herança animal que neles persiste.

Tais fundamentos ontológicos das emoções são preciosos na elaboração de sistemas conceituais próprios a interpretar formas mediadas de reação da personalidade, no interior das quais a dimensão energética, impulsiva das emoções, sofre alterações substanciais. Vejamos: essa dimensão energética, relacionada à qualidade vital de potência/tendência às ações (sentido principal do vocábulo *conatus*), que, conforme comentamos, orienta a ação e o pensamento, casa-se tanto com a simpatia do bielo-russo pelo conceito espinosano de *afeto* quanto com os estudos sobre a atividade nervosa superior em sua época. O sentido do vocábulo *energia* (энергия – *eniérguia*), tal como empregado por Vigotski (2001c), aproxima-se do *conatus* espinosano. Mas o bielo-russo distanciava-se das psicologias que encontravam exclusivamente na energia a marca distintiva das emoções quanto a outros processos psicológicos.¹⁰

De fato, como poderia ser apenas a energia um traço distintivo das emoções como funções psíquicas culturizadas, se todo o organismo a produz e consome? De que energia se trata, qual seu perfil evolucionário? Como ela compõe a atividade consciente? Damásio (2004) auxilia na resposta a tal pergunta, mostrando os processos de ativação/desativação cerebrais próprios da alegria e da tristeza. Além disso, há que se recuperar a importância do sistema ativador reticular ascendente (o sistema responsável pelo ciclo sono-vigília), associado às mudanças dos níveis de atividade.

10. Vigotski (2001c, p. 252) admite, com Orchanski, a diferenciação do trabalho nervoso em três tipos: o sentimento (o dispêndio de energia que embasa as associações), a vontade (base do trabalho intelectual ou motor) e a energia reprimida em estado latente.

Grosso modo, comentamos as críticas ao conceito de sistema límbico, nas quais se evidenciou a precariedade de se localizarem, de forma pontual no encéfalo, as “funções emocionais”. E, mesmo já existindo um mapeamento das estruturas anatômicas nelas envolvidas, há que se reconhecer: perfis neuronais idênticos podem corresponder a emoções que a personalidade considera diferentes. A integração de diferentes métodos, indica Kagan, e também nos induz a pensar Espinosa, é um importante caminho para superar a cisão entre as psicologias mecanodeterminista e descritiva, tal qual pretendia Vigotski. No contexto de sua obra, cada emoção singular acarreta um ciclo complexo e refinado de desativações e ativações das estruturas do SNC que interagem rapidamente com o corpo (daí a sagacidade de Espinosa, ao afirmar que a ideia *acompanha* a afecção, mas não que uma *antecede* a outra ou a influencia, numa relação mecânica de causa e efeito); processo no qual centros intelectuais podem exercer um papel subordinado ou dominante no sistema psicológico ativo. Uma novidade com respeito aos animais é a diversificação do próprio desejo humano e das propriedades vivenciais das emoções, posta nas mudanças genéticas, estruturais, semânticas e funcionais do psiquismo. Estudos recentes mostram, por exemplo, como regiões cerebrais originalmente ligadas à satisfação de necessidades corporais, que comungamos com outros animais, são integradas em sistemas mais complexos, como a apreciação de uma obra de arte.¹¹

É contra a tola e apriorista doutrina evolucionista da utilidade biológica das emoções que Vigotski (1999a; 1991g) se pergunta por que, no ser humano, elas produzem não só distúrbios da vida psíquica, mas uma enorme diversidade de conteúdos mentais que se expressam, por exemplo, na arte. Aí se abre a possibilidade de análise de sistemas

11. As cantatas de Bach, por exemplo, ativam os mesmos centros cerebrais de recompensa que uma relação sexual satisfatória: “Estudos realizados com o auxílio de modernos métodos de imageamento cerebral mostram que o cérebro reage de forma semelhante diante de uma obra de arte, de uma boa conversa ou do rosto de uma supermodelo” (Paál 2008, p. 13). Mas, para Vigotski (ver p. 70 ss.), a emoção artística difere da comum: é um terremoto desnudando e ordenando camadas de energia sem direção, de caráter propriamente universal, que desvela seu poder criador na vida em sociedade.

socioculturais particulares das emoções – pois, a tomar por Kagan (2007), não é possível definir um conjunto universal de emoções básicas. Por que os Ifaluk condenam a raiva e raramente a demonstram (Lutz 1988)? Por que os membros da Ku Klux Klan agem de forma oposta? Por que duas pessoas têm histórias emocionais diferentes com um mesmo objeto, ou histórias semelhantes com objetos diferentes? São fenômenos que revelam a interação de uma série de estruturas encefálicas e corporais, uma complexa topografia de origens socioculturais: as emoções são culturizadas justamente por serem dinâmicas expressando mudanças interfuncionais; por avaliarmos e duvidarmos, lembrarmos e esquecermos, por termos reações espontâneas e refletirmos sobre elas. Sua textura vivencial congrega qualidades socioculturais distintas que podem ou não receber um rótulo linguístico, segundo Kagan (2007), confirmando ideia espinosana já exposta (ver p. 133 ss.).

O fato de estruturas consideradas importantes nas emoções constituírem parte do sistema reticular ascendente parece ratificar a ideia de quem, como Russell (1989), defende que um eixo importante da conceituação verbal das emoções é seu posicionamento nalgum ponto entre a sonolência e a excitação. Assim, análises de relatos verbais de vivências emocionais feitas com grandes amostras populacionais apontam que a tristeza e o ódio são emoções desprazerosas, mas, enquanto a primeira é sonolenta, a segunda é atenta, e essa, entre outras características (por exemplo, as diferentes sensações corporais), seria referente para nossos conceitos sobre elas. Kagan (2007), contudo, alerta: a semântica da língua e o contexto em que se vivencia uma emoção são fundamentais para o falante se decidir por um rótulo linguístico e não por outro. O autor ratifica algumas das ideias sobre as qualidades vivenciais da emoção com raízes em Wundt, que Vigotski e seus contemporâneos acatavam, acrescentando outras.¹²

-
12. Simples e, a princípio, idênticos sentimentos, podem ser modulados por uma série de condições psicológicas: “The critical features of a feeling include intensity, duration, familiarity, expectedness, punctateness, apparent location in the body, and a sixth, subtle property called ‘quality’ that is difficult to define because of the lack of appropriate words” (Kagan 2007, p. 46).

Consolidou-se na obra de Vigotski a concepção de que a face vivencial das emoções é diáfana, esquiva à observação externa, inexprimível, até mesmo vaga; e que, superando as formas simples da excitação animal, nas quais se tornam reações aparentemente pontuais, nos homens elas seriam muito mais variadas, dilatadas no tempo, presentes ao menos como tom emocional ou estado de ânimo em nossos encontros com o meio externo. Podem tanto prestar-se à orientação vital das mensagens, sendo pano de fundo entonacional e mímico delas, quanto ser conteúdo por elas descrito – dupla mediação do signo emocional comum; dupla mediação formativa do sentido das palavras.

Por fim, cabe-nos também comentar o problema mais espinhoso que se desdobra neste tópico: *o domínio voluntário sobre as funções psíquicas superiores*, que já adiantamos brevemente na discussão de “Sobre o problema da psicologia do trabalho criativo do ator”. Se as funções superiores implicam formas de domínio da própria conduta, isso também se aplicaria às emoções superiores. Contudo, essa posição é de difícil defesa, pois envolve paradoxos que exigem uma análise sintética também da noção de vontade na obra vigotskiana e das especificidades funcionais das emoções.

Vários autores (ver p. 160 ss.) confirmam a modulação inibidora das regiões basais do córtex pré-frontal sobre estruturas originalmente instintivas, impulsivas. Sua regulação não é social, cultural ou politicamente neutra,¹³ comportando possibilidades que, na literatura psicológica, variam desde o controle sobre a mímica facial/corporal – como a simulação voluntária de uma expressão que não corresponde à emoção vivenciada – até o mais difícil domínio das vivências de uma emoção e de suas manifestações involuntárias, de sua emergência espontânea. Isso é realmente possível? Em tantas pessoas, não se apresentam as emoções, segundo o próprio Vigotski, como incontrollável sofrimento e obstáculo para a atividade?

13. Uma pergunta: por que sentimos um ódio intenso? Outra: por que e quando nos permitimos reagir com ódio intenso, sem inibi-lo? Ratner (1995, p. 67) argumenta que a cultura orienta a emoção. Impõe um conjunto de diretrizes, “direitos e deveres” emocionais originados de códigos sociais, legais e morais.

É difícil respondermos com base na psicologia de Vigotski “em geral”, mas tomemos um de seus raros exemplos clínicos, do texto “A questão do meio na pedologia”, já comentado aqui (ver p. 190 ss.). Aí, o sofrimento não é impressão descartável fundada na distorcida imaginação das crianças, mas vivência expressiva da singular situação social de desenvolvimento delas. Isso se relaciona intimamente à discussão do autor sobre as crises de desenvolvimento, que indicam desencontro entre a criança e o meio social. Contudo, por essa análise, Vigotski não apregoa nenhum “domínio voluntário do sofrimento”, pois sua psicologia – em plena consonância com Espinosa – não se funda no moralismo judaico-cristão, ou no conformismo psicológico subjacente à ideia de que devemos nos adaptar ao nosso meio.¹⁴ Parece-nos necessário compreender as implicações mais profundas entre atividade voluntária e emoção e o problema da persistência do “inferior no superior”, do simples no complexo. Não pretendemos dar uma resposta definitiva sobre o assunto, mas urge uma tomada de posição que viabilize, a partir do problema do domínio voluntário da própria conduta, a ideia de que as emoções são funções psíquicas superiores (culturizadas). Fá-lo-emos pela comparação entre as emoções e uma função psíquica superior típica: a memória mediada.

Experimentos do grupo de Vigotski (1995, pp. 112-117, 247-263) investigam a transformação da memória espontânea e direta de certos estímulos-objeto em memória mediada por estímulos-meio (dispostos entre a criança e os estímulos-objeto que ela deve memorizar). É o experimentador quem ensina à criança como usar esses estímulos-meio na evocação dos estímulos-objeto, mas é ela própria quem cria as relações entre eles. A necessidade de memorizar e a impossibilidade de fazê-lo diretamente (dada a quantidade de estímulos), além da interferência do experimentador, levam a criança ao uso dos estímulos-meio, adquirindo o domínio (овладение – *ovladiênie*) voluntário, consciente e ativo das conexões entre esses últimos e aqueles que precisava memorizar. Isso corresponde à formação de novas conexões cerebrais através de processos associativos elementares entre os estímulos. Posteriormente,

14. Na contramão do uso normativo da psicologia, ver, no tomo V das *Obras escolhidas*, sua crítica ao olhar abelhudo que alguns psicólogos lançavam sobre a vida das famílias que os procuravam.

persiste o apelo ao meio circundante e ao sentido atribuído aos estímulos para a tarefa mnemônica, mas por meio de uma operação simbólica já internalizada e às vezes automática.

A sequência da ação infantil, após a percepção do novo estímulo e a elaboração mental da resposta, apoia-se num mecanismo reflexo condicionado, filogeneticamente mais antigo do que a mediação simbólica: ao ver o estímulo-meio (exemplo: carroça), a criança passa a lembrar-se do original (cavalo), de forma apenas aparentemente natural e espontânea. Posteriormente, essa reação pode ser utilizada como técnica cultural e voluntária de memorização através de signos: a cada vez que usamos um estímulo para recordar outro, ele nos surge na qualidade de signo. Em sua origem, trata-se de uma relação com outra(s) pessoa(s), que, a princípio, controla(m) de fora nossos processos psicológicos.

O verbo russo *ovladiét* (овладеть) tem por tradução “apoderar-se de”, “dominar”, “assimilar” (como dominar uma técnica ou assimilar uma língua). E não poderia ser diferente: Vigotski (1995) mostra reiteradamente como toda atividade voluntária depende de uma combinação de passividade e atividade que envolve meios culturais diversos, numa aplicação do princípio de Bacon (que o autor também relaciona a Hegel e Engels): “Vence-se a natureza obedecendo-a”. As emoções não fogem à regra (conforme veremos mais adiante na discussão sobre Stanislavski), conquanto se integrem na atividade consciente de forma bem diferente do processo típico dos experimentos mnemotécnicos. Não é à toa que Luria (1981, p. 161) encara as regiões pré-frontais como zonas terciárias – ou seja, região de integração e associação de informações – tanto do sistema límbico quanto das regiões motoras, as quais se fundem no processo de domínio da própria conduta.¹⁵

A “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores” (1995) esboça o papel das emoções nos estudos das reações de livre-escolha. Mais complexas que as mnemotécnicas, elas nos permitem

15. As principais regiões tradicionalmente relacionadas ao sistema límbico no córtex frontal seriam a região caudal órbito-frontal e a porção anterior do giro do cíngulo, circunscrevendo a área médio-basal do cérebro (Miranda, *apud* Nitrini *et al.* 1996).

vislumbrar uma importante questão, mais bem desenvolvida em Vigotski (2001a): *por que a criança realiza a atividade experimental?* Ou seja: qual a face motivacional, afetiva do experimento, que caracteriza o encontro entre atividade e necessidade? Nas palavras de Vigotski: “(...) os sistemas afetivos e a tensão aparecem no ponto de intersecção de alguma situação e alguma necessidade, isto é, só no encontro da criança com a realidade” (Vigotski 1997b, p. 264, trad. nossa).

Com tal proposição, ganha substância o papel orientador das emoções com respeito à ação e à consciência. Nas reações de livre escolha, à criança cabia não só executar, mas criar sua própria instrução voluntária, atribuir sentido aos estímulos, escolhendo com base em determinações concretas, impostas externamente. O pesquisador indicava à criança opções com momentos agradáveis e desagradáveis, a fim de tornar as possíveis reações complexas e polissignificativas; em seguida, mediante a indecisão da criança, oferecia-se a opção de tirar a sorte (Toassa 2004a).

Criava-se, pois, um conflito motivacional, no qual se fazia necessário tanto realizar a tarefa propriamente dita, dominando memórias e sequências motoras necessárias, quanto avaliar as possibilidades de satisfação oferecidas em sua efetivação, processo que podemos relacionar à importância que o autor atribuía à tomada de consciência emocional na resolução de problemas e conflitos de modo geral (Toassa 2006). Os experimentos de livre escolha mostravam as relações interfuncionais, ou seja, entre as diversas funções psicológicas, na tomada de decisão.¹⁶ Nosso autor antecipava, então, descobertas posteriores sobre o papel das emoções nos processos decisórios (Luria 1981;¹⁷ Damásio 2004). Numa linha de raciocínio semelhante, afirma Levykh (2008):

16. Circuitos emocionais mostram-se ativos em sua função de atuar como centros de recompensa/punição, servindo tanto à continuidade ou interrupção do processo regulador baseado na fala (no córtex pré-frontal), quanto à sua preparação do sistema nervoso autônomo e sua participação no estado de alerta.

17. O autor soviético relata histórias de pacientes indicativas de que a tomada de decisão é processo coordenado pelo córtex pré-frontal, incluindo os impulsos oriundos do sistema límbico. Um grave distúrbio de pacientes com maciças lesões frontais costuma ser a completa passividade comportamental: eles não experimentam

Vygotsky (1999c)¹⁸ conduziu muitos estudos experimentais que mostraram a existência de vínculos enormemente fortes entre reação motora e processos afetivos. (p. 105)

(...) o próprio processo de reconhecimento consiste especificamente na habilidade da criança para pensar (i.e., atenção concentrada, percepção culturalmente desenvolvida, memória lógica, pensamento conceitual e avaliação emocional). (p. 99)

As funções submetidas à análise experimental de Vigotski (1995), como a memória, a percepção, as linguagens oral e escrita, estavam intimamente ligadas à regulação baseada na fala, exercida pelo córtex pré-frontal, cujo estudo foi aprofundado por Luria. De modo simplificado, a função reguladora da fala abrange aspectos dependentes da programação, coordenação e verificação da atividade (Luria 1981; 1966). No caso das emoções, a função reguladora torna possível restabelecer uma atividade descontinuada por uma vivência emocional; moderar as manifestações externas das emoções (senão suas vivências); coordenar outras formas de orientação da atividade cujo fim consciente seja alterar o estado emocional da personalidade; pensar sobre diferentes aspectos de uma vivência, dela extraindo uma compreensão racional. São aspectos essenciais à complementação do interesse de Vigotski por Espinosa, que, como vimos, abarcava também as ideias do filósofo sobre compreensão e regulação dos afetos.

O problema da regulação tanto da vivência quanto das manifestações comportamentais das emoções expressava-se de forma particularmente

desejos e não fazem solicitações, até mesmo quando estão famintos. Perdem por completo a função reguladora da fala, o seu papel voluntário e socializado, tal como idealizado por Vigotski (2000). Já lesões nas regiões basais (ou orbitárias) do córtex pré-frontal evidenciam a diferença entre a regulação motora, a ele relacionada, e a inibição de centros emocionais: após se prejudicar a função inibitória de centros relacionados à emoção, esses pacientes mostram uma acentuada impulsividade, uma desinibição generalizada, explosões emocionais de agressividade e violência, sem comprometimento motor associado (Luria 1981, pp. 192-194).

18. A referência de Levykh é ao volume 6 das *Collected works of L.S. Vygotsky*.

dramática no trabalho do ator. Já em 1932, tratando dos sistemas de representação teatral como recursos para a emergência dos sentimentos do ator:

(...) Stanislavski expressa a qualidade involuntária do sentimento em uma certa situação. Stanislavski diz que o sentimento não pode ser comandado. Não temos poder direto sobre o sentimento desta natureza como temos sobre o movimento ou o processo associativo. Mas se o sentimento “não pode ser evocado... voluntária e diretamente então pode ser provocado lançando-se mão do que está mais sujeito ao nosso poder, as ideias” (...) Na verdade, todas as investigações psicofisiológicas contemporâneas das emoções mostram que o caminho para o domínio das emoções, e, conseqüentemente, o caminho da excitação voluntária e da criação artificial de novas emoções não está baseado na interferência direta de nossa vontade na esfera das sensações do modo em que isso ocorre no campo do pensamento e do movimento. (Vigotski 1999c, p. 243, trad. nossa)

O realismo emocional de Stanislavski transcendia a mecânica simulação de mímicas faciais e estereótipos gestuais pelo ator, defendendo o efetivo despertar também da dimensão vivencial da emoção. O que para muitos era misterioso talento, dádiva divina, ele concebia como capacidade terrena e sujeita a aperfeiçoamento. O despertar involuntário da emoção seria provocado artificialmente pela preparação prévia de todo o elenco (a ação de um ator é fundamental para o trabalho de outro) e de cada ator nele. Era um problema, pois, *técnico*: as ideias, a compreensão íntima do personagem, as memórias emocionais do ator, as ações dele na peça, as circunstâncias da criação do papel (acontecimentos, época, tempo e local da ação, figurino, iluminação, cenário etc.) suscitavam um clima tanto externo quanto interno propícios ao sentimento artístico, cuja emergência tinha a mesma qualidade natural e involuntária do sentimento comum.¹⁹ A emoção do ator é reação real (com vivências e

19. “Freqüentemente esse clima influenciava a alma dos atores. Estes sentiam a verdade externa, e as lembranças íntimas de suas próprias vidas ligadas a essa

mudanças corporais), conquanto, segundo Vigotski, difira das emoções cotidianas pelo caráter inteligente da emoção artística. A preparação do ator pretendia mimetizar os estados d'alma da personagem, saltando, por exemplo, da solidariedade de um mero leitor à identificação com esses estados: a simples propriedade que Espinosa denominou como imitação dos afetos convertia-se num recurso artístico poderoso.

A compreensão da personagem já não era fria e lógica, como a do cientista que analisa o micróbio, mas a da personalidade que compreende sensibilizando-se; emociona-se intelectualmente. Stanislavski considerava que os elementos cênicos podiam mesmo transportar o ator casualmente à emoção, sem nenhuma preparação, a partir das circunstâncias vivenciadas. Outro poderoso recurso era a descrição interna, prévia, das mudanças afetivas da personagem, no transcorrer da peça. E a ação. “Se o corpo não passa a viver, a alma tampouco terá fé” (Stanislavski 1989, p. 230).

Corolário: o diretor era de um radical monismo prático.

Distrair os sentidos com uma certa semiótica. Pensar o pensamento alheio. Simular estados internos e mímicas externas. Como Espinosa, Stanislavski enxerga o mundo a partir da imaginação, das afecções e das ideias delas, mundo espontâneo dos encontros, mais que das coisas em-si (embora o conhecimento das coisas também possa permear nossa relação com elas). Na emergência das emoções do ator, sintetizam-se e reconfiguram-se, num todo perpassado por objetivos artísticos, recursos e propriedades imanentes à natureza humana. Stanislavski era um tanto espinosano (talvez sem o saber), pois também criou um meio de regulação dos afetos pela razão e vice-versa. Diferenças básicas para com Espinosa:

verdade ressuscitavam em suas almas, tirando delas aquele sentimento de que fala Tchekov. Quando o artista parava de interpretar e começava a viver a vida da peça, transformava-se em seu protagonista. O protagonista de uma peça refletia naturalmente a alma do artista” (Stanislavski 1989, p. 307). E sobre o caráter involuntário do sentimento artístico: “Dizem que em mim o papel saiu por si mesmo (...) mas eu não reparei de onde veio. Os procedimentos técnicos da representação me empurraram para a verdade e a sensação de verdade é o melhor excitante do sentimento, da emoção, da imaginação e da criação” (Stanislavski 1989, p. 165).

ao holandês, interessava a ordenação das paixões, sua transformação em ações, o predomínio dos afetos alegres e ativos. A emoção/afeto artística(o), até onde sabemos, não foi um objeto importante em suas reflexões. Mas, a Stanislavski, interessava todo o espectro do sentir e agir em forma artística; a recompensa para a dor do gesto trágico estava na própria arte da representação, no sucesso com o público – forças que colaboravam na expansão do *conatus* do artista como desejo instituinte e criador.

Fundamentos inteligentes que recriam, pois, o nosso próprio e inescapável mergulho no mundo da necessidade, bem como as dimensões ativas e passivas da consciência. Mas as emoções do ator, para Vigotski, são permeadas pela catarse, e esta priva o ódio da ação destrutiva, a tristeza do gesto suicida – em seu caráter artístico, são emoções intensas, mas depuradas de seu fim, que encontram descarga, conversão de polaridade e ordenação racional. Marx, Stanislavski, Espinosa e a neuropsicologia convergem na regulação voluntária das emoções em Vigotski, mediada por uma via cultural mais complexa que outras funções psíquicas como memória, atenção e pensamento, e que conhecemos ainda imperfeitamente.

Mas já é importante que se diga: a natureza fluida, posterior à consolidação da aprendizagem, dos planos motores (exemplo: digitar um texto, jogar tênis, escrever uma carta), tende a mascarar a importância das dimensões perceptuais e emocionais, não menos culturizadas, no processo de realização do plano voluntário.²⁰ As emoções, as percepções

20. A região pré-frontal mantém conexões recíprocas com praticamente todas as outras áreas encefálicas. Segundo Luria (1981), tem amplas funções regulatórias: dos estados de atividade, dos movimentos e ações/funções executivas, das ações mnemônicas e intelectuais, da consciência de si próprio/personalidade. Esse grande centro de integração cerebral é ímpar pela quantidade de informações processadas, vindas tanto de dentro como de fora do organismo. Córtex motor e pré-motor (o qual desenha o plano comportamental propriamente dito) são compostos por neurônios piramidais gigantes que se encarregam, no córtex motor, da contração de grupos musculares específicos. A função geral do pré-motor é a integração de impulsos motores no tempo, ou seja, a elaboração do plano geral do movimento. Para tanto,

e as memórias (modalmente específicas: auditiva, visual etc.) associam-se e integram tanto os processos analíticos e decisórios quanto a atividade socializada, desmistificando quaisquer noções voluntaristas sobre o papel do indivíduo na história. A tendência civilizadora a defender a supremacia da vontade sobre a emoção ignora a imbricação de ambas, equivocando-se apostando na existência de um corpo e de uma mente destituídos de história pessoal, de desejos e sofrimento, servis às mais diversas injunções (nobres ou não), além de desconsiderar a complexidade da formação dos sistemas psicológicos. Com essas ideias, a psicologia de Vigotski marca-se por um inusitado equilíbrio entre autodeterminação e determinação sociocultural da consciência e da conduta, abalando, por exemplo, as ideologias cristãs e stalinistas que robotizaram os homens (aí se incluía a obra de Rubinstein 1967) e lhes implantaram o logro de que podem ser ditadores de seu próprio corpo, escamoteando o papel do medo, da culpa ou dos castigos no disciplinamento “voluntário”.

Nota metodológica. Questões pendentes

Essas Considerações finais transitam entre os diversos planos de conhecimento que permeiam a obra vigotskiana, evidenciando a necessidade de se realizarem muitas tarefas de central importância para a psicologia histórico-cultural; tarefas contidas em suas próprias origens e natureza. A seguir, tentaremos delinear algumas questões metodológicas, conquanto indicando o caráter provisório e introdutório de nossa tentativa.

existe um processo de “inervações” e “desnervações”, na maior parte das vezes comandadas conscientemente pela região pré-frontal. O “domínio” imediato – ou seja, a ativação/inibição – do córtex pré-motor é feito por áreas difusas na própria subdivisão pré-frontal. Formas complexas de atividade humana dirigidas a metas são realizadas aí. Área motora e pré-motora se relacionam com as zonas sensoriais pós-centrais para conferir a realização de movimentos, conhecendo qual a posição dos músculos envolvidos a cada momento. São estruturas fundamentais na dimensão voluntária de diversas funções psíquicas superiores.

Uma primeira (e fundamental) inquietação refere-se à relação entre emoção e política. Problema subestimado na psicologia das emoções: os levantamentos bibliográficos realizados no decorrer de nossa pesquisa de doutorado, cujos resultados não constam neste livro, indicam o caráter despolitizado da pesquisa. Sacralizam-se padrões de ciência assépticos, desligados de reflexões sobre a concepção de homem e sociedade que neles se reproduzem. Em oposição a esses padrões, ao se tratar do futuro da psicologia histórico-cultural, urge revivescer o caráter socialista e emancipador do pensamento vigotskiano, que transcende o mero debate em história da psicologia e toca ao seu futuro; urge cuidar para que a teoria desenvolva-se sem perder a força crítica ou converter-se em um ideário psicológico pronto e acabado, desvinculado de seus fundamentos filosóficos, de conteúdos políticos ou tarefas práticas.

Expandindo o campo das problemáticas que relacionam psicologia e política na obra de Vigotski, retornemos à Apresentação deste livro. Nela, insinua-se a problemática emoção-poder-socialização. Se considerarmos que o autor impõe a socialização como necessidade *sine qua non* do desenvolvimento cultural (no qual as emoções se incluem), é óbvio deduzir que considera, também, o poder social como determinação mediadora desse processo. Consequentemente: como podemos analisar as relações sociais não simplesmente a partir da diferença de níveis de desenvolvimento entre criança e adulto, mas como relações materiais e de poder, formadoras de um singular desenvolvimento, mediado pela particularidade (no sentido materialista-dialético) das relações sociais fundantes da personalidade infantil? E como isso se aplica ao poder que permeia toda forma de sociabilidade humana?

Tal problemática insere-se num contexto metodológico maior: a fundação de uma análise dramática da vida da personalidade, que se dispõe, fundamentalmente, nos eixos estrutural e funcional da psicologia histórico-cultural. É imensa a inspiração de Vigotski pela literatura, e pensamos que também hoje a arte literária pode nos fornecer ideias de uma metodologia de estudo dos complexos estruturais caracterizáveis como emoções. Vejamos: Vigotski (1999f) reconstitui, em sua análise do Hamlet, a totalidade de vivências e interações humanas em toda sua

profundidade emocional, na qual uma pessoa age em função de outra, do tempo e da situação. Aí poderíamos situar a permanente sensação de nulidade do adulto Kafka, lembrando-se da noite na qual, ao pedir água, fora exposto ao frio da varanda pelo seu irascível pai; o êxtase sexual de Ana ao amar seu longamente desejado Grein (e o de Grein ao redescobrir sua potência);²¹ o ciúme de Bentinho por Capitu no desfecho do *Dom Casmurro*, ou o de Otelo ao matar a esposa, e outras vivências emocionais muito mais complexas, contextual e singularmente demarcadas, às quais não cabe um nome comum na língua, mas que poderiam até ser batizadas com o sobrenome de seus autores: woolfianas, joyceanas, beckettianas, cortazarianas; sociais em sua gênese, estrutura e comunicação. Espinosa não nos avisa de que elas podem se misturar, tornando-se até francas expressões de conflitos? Podemos, tendo em vista essa dinâmica, descobrir o contraditório sentido de um evento ou atividade? Conhecendo o agregado de desejos e necessidades com que uma pessoa afeta a outra, definindo-as, conhecemos uma situação objetiva de inveja, ódio, amor para a pessoa? As emoções sempre podem se tornar conhecidas, em suas contradições? De que modo?

As observações de Vigotski com respeito à necessidade de estudar arqueologicamente a consciência, em seu processo de objetivação e transformação, fugindo do empiricismo, são preciosas nesse sentido. Nosso autor não negou as dificuldades metodológicas de suas pretensões, mas tampouco se obrigou a um objetivismo mecanicista e simplificador. Reconheceu a realidade das vivências e emoções e a necessidade de que tivessem um lugar na investigação psicológica – pois a psicologia não é ciência apenas do que se capta pelos sentidos, mas reconstrução de totalidades mais amplas e nem sempre patentes à consciência do observador. Não devemos confundir aparência com essência: não é por se ausentarem da linguagem articulada que as emoções deixam de mediar nossas relações sociais. Afirmo Kagan: “Emoções são como o tempo. Há sempre alguma forma de tempo, mas premiamos com *status* especial os

21. Referimo-nos, nos dois primeiros casos, à *Carta a meu pai* (Kafka 2003, p. 80) e às *Sombras sobre o rio Hudson* (Singer 1999, pp. 147-148).

pouco freqüentes, distintos arranjos de umidade, temperatura, e velocidade do vento denominados furacões, nevascas e tempestades” (2007, p. 22).

Proponhamos agora uma alternativa já mencionada: o estudo de “complexos estruturais” identificáveis como emoções. A análise estrutural e funcional das emoções (que assume a impossibilidade de identificá-las a partir de elementos isolados, como expressões faciais e gestos corporais) pode focalizá-las como complexos estruturais distintos, pois não são puramente internas nem externas ao sujeito, comportando funções e manifestações nas mais diversas modalidades de linguagem. Vocabulário específico, entonação, gestualidade, mímica, ritmo, pontuação, descrição verbal, versificação e outros recursos escritos são alguns componentes desses complexos estruturais, que não são modelos fixos, mas totalidades abertas e socialmente inteligíveis que dependem das circunstâncias e da história de sua produção.

Esses elementos, com maior ou menor intensidade, combinam-se em manifestações emocionais irreduzíveis às suas partes e se destacam do pano de fundo das vivências com rótulos linguísticos de culturas particulares, integrando-se em sistemas de significações mais amplos. Nesse sentido, o significado e a natureza de uma emoção são sempre singulares – não há uma emoção idêntica à outra, como não há duas personalidades iguais. Demanda-se, pois, uma analítica psicológica que transite da psicologia geral (o nível mais abstrato de síntese dos conceitos) para a psicologia concreta (o nível singular e multideterminado da existência humana). Como o autor unificava objetivo e subjetivo na noção de estrutura, parece-nos relevante que futuras pesquisas abordem as emoções como complexos estruturais, atentando para a relação específica que deve surgir entre a metodologia e o problema investigado; para a cuidadosa integração dos diferentes eixos de estudo necessários à perspectiva histórico-cultural (que já debatemos no decorrer deste livro) e o rigor em sua fundamentação filosófica.

Essa forma de estudo implica que a mudança de qualquer elemento essencial de uma situação vivenciada ou observada (e especialmente do desejo, de seu objeto e da ideia de ambos), pode, dado o caráter dinâmico das emoções, significar a mudança do próprio complexo estrutural que reconhecemos como uma emoção. Um conceito só pode ser definido

entre outros conceitos, assim como os objetos que eles refletem. Já que o objetivo de Vigotski era construir uma teoria para explicar a múltipla causalidade e as manifestações da vida emocional,²² defendemos, pois, que a pesquisa histórico-cultural seja feita especialmente a partir desses complexos estruturais demarcados por linguagens particulares. Não haveremos de supor – só para mencionar a cidade de São Paulo – a igualdade entre o português falado pelos jovens da favela de Heliópolis ou os abastados idosos dos Jardins. Seria necessário abordar o amor, o desejo, o ódio, a felicidade, como partes de complexas posições do indivíduo na sociedade, de projetos ético-políticos divergentes. Acompanhando Kagan (2007) e, como Vigotski (2004), consideramos que o problema da classificação das emoções é secundário, não defendemos a definição de um grupo de emoções básicas, supostamente universais.²³ Se desejamos uma psicologia histórico-cultural, cremos

-
22. Vemos similaridade entre essa ideia e a de Engelmann (1978, p. 19): um cientista poderia desejar verificar objetivamente quais modificações do corpo de alguém levam à inferência do interlocutor de que esse alguém está “contente”, podendo compará-las a outras modificações. LeDoux (1996) relata pesquisas cognitivistas que mostram a dependência desses enunciados não apenas para com as modificações no corpo do sujeito observado, mas para com as situações nas quais ele se inclui. Engelmann (*ibidem*, pp. 59-79) relata, de forma aprofundada, os diferentes métodos de observação, direta ou por meio de instrumentos, utilizados na pesquisa sobre emoções (e conceitos afins), as modificações de diferentes parâmetros (movimentos do corpo, alterações fisiológicas; produtos de movimentos diretamente observáveis, de relatos verbais etc.).
23. Alguns resultados de nossa pesquisa apontam a preocupação de cientistas contemporâneos com a enorme variabilidade das emoções entre as culturas. Abundam os dados antropológicos referentes à questão: pesquisa na base de dados *Jstor*, abreviatura de *Journal Storage* (fonte de textos completos em ciências sociais; principalmente, de artigos em inglês), a partir do descritor “emotion”, mostra como os referenciais teóricos também são variados, oscilando da psicanálise à etnolinguística culturalista (exemplos: Obeyesekere e Nuckolls, *apud* Harkin 2003; Rosaldo 1983). Completamos nosso levantamento nesse assunto com os livros da biblioteca do Ipusp. Na literatura de língua inglesa, concluímos que há três grandes fontes no debate sobre a inscrição das emoções na cultura e a descrição das teorias psicológicas espontâneas, as *folk psychologies*: a etnopsicologia culturalista (Lutz

ser fundamental partir da realidade particular, transitando aos níveis do universal e do singular, em suas múltiplas determinações. Não há vida emocional dissociada da vida concreta, no sentido materialista-dialético do “concreto”: “Concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, isto é, unidade do diverso” (Marx 1999, p. 39). Podemos, então, demarcar, nesse panorama, a fundamental importância dos estudos sobre o eixo genético de desenvolvimento, tema caro ao autor e uma das esferas mais estudadas em sua obra, cujos estudos têm sido bastante numerosos na história recente da psicologia.²⁴

-
- 1988), o cognitivismo e o construcionismo social (Ratner 1995; Kövecses 1990; Gottfried e Jow 2003 e muitos outros). Algumas dessas fontes, em vez de pesquisar as emoções como constructos psicológicos abstratos e a-históricos, prezam a diversidade cultural das emoções humanas e da linguagem que as denomina, tal como propunha Vigotski, embora sem coincidir com ele em vários aspectos. Lutz (1988), por exemplo, interage com a vida emocional tal como esta se apresenta, *in loco*, como parte da estrutura dos acontecimentos cotidianos do povo Ifaluk. Alguns estudos cognitivistas, não vinculados à teoria histórico-cultural, sobre a linguagem das emoções parecem-nos resultar em uma espécie de intelectualismo (caso dos estudos compilados em Kövecses 1990). No entanto, ao tratarmos do trabalho de Vigotski, deve-se diferenciar, a bem do racionalismo marxista e espinosano existente na teoria das emoções do autor, racionalismo e intelectualismo. O racionalismo impregna: 1) sua ideia de que as emoções podem ser desveladas pela razão; 2) suas indicações metodológicas; 3) a simpatia pelas ideias de Espinosa acerca da regulação das paixões (que não implicam um “domínio direto” do corpo pela mente, da consciência racional sobre a emoção, tal como Descartes propunha equivocadamente). A ideia de que as emoções têm fontes biológicas e devem ser estudadas em seu todo – e não apenas intelectualmente – é recorrente em Vigotski, negando conjunções acríticas com o intelectualismo cognitivista de autores como Kövecses. Recordemo-nos, por exemplo, a crítica vigotskiana à leitura da arte como conhecimento, promovida por Humboldt, Potiebný e sua escola (Vigotski 2001c).
24. Em março de 2006 realizamos levantamentos sobre o desenvolvimento das emoções na infância numa base de dados dirigida à psicologia: a CSA (Cambridge Scientific Abstracts e seus parceiros). Da Science Direct, que contém *sites* com textos completos, e referência a periódicos que puderam ser localizados no Ipusp e no Portal de Periódicos da Capes, pudemos fazer uma análise mais detalhada, tendo-se evidenciado a existência de uma enorme profusão de trabalhos sobre a ontogênese das emoções nas últimas décadas, cuja análise infelizmente foge aos

E quanto às questões filosóficas pendentes de resolução neste livro?

As observações de Vigotski sobre a doutrina espinosana das emoções precisam orientar mais estudos sobre as relações entre os autores. Faz-se fundamental, também, a análise do conjunto da obra do bielo-russo, de cuja divulgação completa continuamos a carecer e cujas referências a Espinosa, como um todo, têm sido pouco estudadas. Há muitas razões para não desprezar as contribuições do filósofo: por exemplo, o fato de que o monismo espinosano dá uma estocada fatal nas doutrinas que separam radicalmente mudanças, afecções, necessidades (como raiva, fome, frio ou sede) de outras, “elevadas”, como o amor ou a catarse estética, desprezando tanto os impactos mentais das primeiras quanto as implicações corporais das últimas. Os afetos espinosanos expressam-se predominantemente no corpo ou na mente, mas essas dimensões nunca se isolam. Espinosa não traz uma “luta de classes” para o interior da psicologia, atribuindo necessidades corporais às classes dominadas e elevadas às dominantes (bem ao gosto de ideologia). Pelo contrário, pode ser um valioso aliado para a superação do dualismo na psicologia, antigo resíduo judaico-cristão que precisa ser extirpado dela.

São aspectos similares entre as concepções de afeto de Vigotski e Espinosa: o racionalismo, o caráter marcadamente social da afetividade, o determinismo multicausal, a preocupação em definir pelas causas, o interesse pela regulação dos afetos, a defesa da diversidade e singularidade deles, além da diferenciação paixões $\times$ ações e afetos humanos $\times$ animais. As dessemelhanças situam-se, como vimos, no papel atribuído à matemática (apontamento marcado pela incompletude da obra vigotskiana) e nas noções de pensamento e imaginação. Nesses desencontros, apontamos a necessidade de se estudarem mais três conceitos-chave: os de história, sociedade e natureza segundo ambos os autores; estudo que se faz particularmente difícil, em se tratando de trajetórias e épocas tão distintas.

limites deste trabalho. Também, a partir do levantamento, encontramos volumes especiais sobre o desenvolvimento da relação linguagem $\times$ emoção na infância (caso de vários trabalhos de Saarni 2001 e de Holodynski 2004), tema que merece especial atenção numa abordagem vigotskiana das emoções.

Para Espinosa nada está fora da natureza, sendo a cultura uma modificação dela; para Vigotski, natureza e cultura estabelecem perpendiculares tensionadas no processo de formação do objeto psicológico: a consciência. Mas, problemas de relação com Vigotski, e mesmo com o marxismo de modo geral, podem ser apontados: o holandês produziu suas obras há vários séculos, ainda no correr do capitalismo mercantil. O modo de produção capitalista sofreu profundas mudanças desde então – e mesmo no que se refere ao século XIX de Marx. Entretanto, a concepção espinosana de ser humano trata os afetos, a carência, o desejo como questões ineliminavelmente sociais e políticas, e, nesse aspecto, também se aproxima de uma das principais características definidoras do homem como ser natural – as *necessidades*, cuja dinâmica transcorre no seu próprio processo de satisfação mediado pelo trabalho (baseado em Bornheim 1990). A se investigar.

O bielo-russo considerava Espinosa materialista. Mas o que ele chamava de materialismo? Um simples olhar em Bottomore (2001, pp. 254-263) mostra-nos os desdobramentos internos do conceito de materialismo como problema filosófico (ontológico, epistemológico, prático), permeado pelos objetivos conjunturais dos clássicos do marxismo ao atacar os idealistas, defendendo uma teoria materialista. Realizar esse trabalho sobre os fundamentos filosóficos vigotskianos é bastante importante, embora complexo.

Resta-nos uma inquietação também sobre o estatuto de realidade que Vigotski atribuía às emoções e vivências. Sem dúvida, não se trata em sua obra de *se* as emoções são reais, mas sim *de que modo* elas o são. Parece-nos que, na epígrafe deste livro, Mary exagera. O afeto não é a única realidade, mas parte dela. Tal como Mary, Vigotski desejava situar a emoção no plano do real. De fato, reconheceu-lhe uma realidade *sui generis*, pela lei da realidade dos sentimentos; às vivências, reconheceu-lhes o impacto nas interações humanas que se apresentavam à clínica pedológica. Contra a tendência a robotizar os homens, a descartar suas emoções, a diminuir sua importância na psicologia, opõe-se o reconhecimento da realidade delas na dinâmica da vida concreta: sua concepção sobre as emoções abordou-as numa clara tentativa de

negação de sua existência cega, em-si, para uma existência dialética, feita de relações complexas com as ideias, as coisas e, especialmente, as pessoas. Não podem ser desqualificadas como mentiras as memórias de uma carne e um pensamento, à revelia do conteúdo concreto, sócio-histórico, do desenvolvimento. Não podem ser descartáveis as profundas relações entre emoções e personalidade, tão vivas na obra do bielorusso, profundamente preocupada com a apreensão da totalidade dos fenômenos – ponto no qual a vivência configurou-se como encontro entre personalidade/individualidade e meio, um todo singular que supera suas partes isoladas.

Na berlinda, fica a busca do autor por uma compreensão da diversidade, da determinidade, dos paradoxos, dos absurdos das emoções e vivências humanas. Citem-se dois exemplos vigotskianos: o do grão-senhor que chora no teatro, tocado por um drama sensível, enquanto seus cocheiros congelam esperando-o porta afora; o amesquinamento da vida emocional do velho escriturário de Tchekov, simbolizado pela sua ignorância quanto aos pontos de exclamação que a língua lhe oferecia:

Durante todos os seus anos de trabalho o único sinal que nunca teve a oportunidade de encontrar foi o ponto de exclamação; através da mulher, que havia decorado as regras de pontuação no colégio interno, ele fica sabendo que o ponto de exclamação se coloca em expressões de êxtase, admiração, fúria, indignação e outros sentimentos afins. Eram esses sentimentos que o funcionário nunca deparara em sua vida, e uma sensação de infinda amargura pela vida tolamente vivida, uma indignação e uma revolta o faziam pela primeira vez experimentar uma forte explosão e, depois de assinar o livro de felicitações da chefia, colocar três grandes pontos de exclamação. Se não quisermos que os nossos educandos repitam a vida mesquinha do funcionário de Tchekov devemos nos preocupar com que o êxtase, a indignação e outros sentimentos não passem à margem de sua vida e que nela haja mais sinais de pontuação. (Vigotski 2001c, p. 145)

Este é um momento ímpar para o amadurecimento metodológico de uma psicologia histórico-cultural das emoções. Não sabemos qual será

o rumo das futuras pesquisas, mas expressamos um desejo, um convite, com muitos pontos de exclamação invisíveis; diríamos, mesmo, que exclamações em número equivalente ao de caracteres nesta pesquisa de acidentada e difícil execução: o desejo de que o leitor tenha podido refletir conosco sobre as profundas questões impostas por Vigotski, tão brilhante na vida, quanto incompreendido na morte; autor cujo inquietante projeto de psicologia merece ser dissecado, reunido, resgatado, nos diamantes brutos de suas inquietações e de sua racionalidade contundente, que incorporou uma das mais poéticas sentenças espinosanas: “Considerarei também as emoções humanas, tais como o amor, o ódio, a cólera, a inveja, a soberba, a piedade e outras inclinações da alma, não como vícios, mas como propriedades da natureza humana” (Espinosa 2004, p. 440, indicada em Vigotski 2001c, p. 4). Diante delas, uma recomendação do filósofo é não rir, não chorar, mas sim compreender.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, N. (2000). *Dicionário de filosofia*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA URSS (1960). *História da URSS: Época do socialismo (1917-1957)*. São Paulo: Grijalbo.
- ALDRIDGE, M. e WOOD, J. (1997). “Talking about feelings: Young children’s ability to express emotions”. *Child Abuse & Neglect*, 21(12), pp. 1.221-1.233.
- ALIC, M. (s./d.). “Kagan, Jerome (1929-)”. *Encyclopedia of Psychology*. [Disponível na internet: http://findarticles.com/p/articles/mi_g2699/is_0005/ai_2699000518, acesso em 25/11/2008.]
- ALMEIDA, S.H.V. (2004). “O conceito de memória na obra de Vigotski”. Dissertação de mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica.
- ALVES, J.M. e ENGELMANN, A. (2000). “Relatos verbais maternos sobre palavras de estados subjetivos que seus filhos pequenos entendem e/ou falam”. *Humanitas*, 16(1/2), pp. 75-85.
- AMÍCOLA, J. (1997). *De la forma a la información: Bajtín y Lotman en el debate con el formalismo russo*. Rosário: Beatriz Viterbo.

- ANDRADE, F.D. (1998). “Em que sentido se pode afirmar que a geometria da *ética* é apropriada, adequada e necessária ao seu conteúdo?”. *Cadernos Espinosanos*, n. 3, pp. 9-16.
- ANDRADE, H.F. (2005). “Breves noções sobre o simbolismo na Rússia”. In: CAVALIERE, A.; VÁSSINA, E. e SILVA, N. (orgs.). *Tipologia do simbolismo nas culturas russa e ocidental*. São Paulo: Humanitas, pp. 143-153.
- ANTÔNIO, J.L. (s./d.). “Impressões da cidade em palavras-pinceladas de uma poesia-pintura de Cesário Verde”. *Letras & Letras*. [Disponível na internet: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/ensaio23.htm>, acesso em 17/1/2007.]
- ARISTÓTELES (1996). *Poética. Organon. Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural.
- AUSTEN, J. (1996). *Razão e sensibilidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1811.)
- BAILLAUD, B. e CORNICK, M. (2004). “Jean Paulhan’s influences: The review domain”. *Yale French Studies*, n. 106, pp. 11-25.
- BAKHTIN, M. (1992). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BALDWIN, A.L. (1973). *Teorias de desenvolvimento da criança*. São Paulo: Pioneira.
- BARROCO, S.M.S. (2007). “A educação especial do novo homem soviético e a psicologia de L.S. Vigotski: Implicações e contribuições para a psicologia e a educação atuais”. Tese de doutorado. Araraquara: Universidade Estadual Paulista.
- BAUER, R.A. (1952). *The new man in soviet psychology*. Boston: Harvard.
- BEARDSLEY, M.C. (2003). Theories of beauty since the mid-nineteenth century. [Disponível na internet: <http://etext.virginia.edu/cgi-local/DHI/dhi.cgi?id=dv1-29>, acesso em 4/10/2006.]
- BERDIAEV, N. (1951). *Les sources et le sens du communisme russe*. Paris: Gallimard.
- BESANÇON, A. (1977). *Les origines intellectuelles du léninisme*. Paris: Calmann-Lévy.

- BEZERRA, P. (1999). "Um crítico muito original". In: VIGOTSKI, L.S. *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 9-15.
- _____. (2001). "Prefácio à edição brasileira". In: VIGOTSKI, L.S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 11-18.
- BIÉLI, A. (2005). "Simbolismo e arte contemporânea russa". In: CAVALIERE, A.; VÁSSINA, E. e SILVA, N. (orgs.). *Tipologia do simbolismo nas culturas russa e ocidental*. São Paulo: Humanitas, pp. 245-264.
- BONIN, L.F.R. (1996). "A teoria histórico-cultural e as condições biológicas". Tese de doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica.
- BORNHEIM, G. (1990). "Da superação à necessidade: O desejo em Hegel e Marx". In: NOVAES, A. (org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras/Rio de Janeiro: Funarte, pp. 143-153.
- BOTARELLI, A. (2002). "Exclusão e sofrimento: O lugar da afetividade em programas de atendimento às famílias pobres". Dissertação de mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica.
- BOTTOMORE, T. (2001). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BOZHOVICH, L.I. (2004). "L.S. Vygotsky's historical and cultural theory and its significance for contemporary studies of the psychology of personality". *Journal of Russian and East European Psychology*, 42(4), pp. 20-34. (Trabalho original publicado em 1988.)
- BRASIL (1988). Constituição da República Federativa do Brasil (texto consolidado até a emenda constitucional n. 56 de 20 de dezembro de 2007). [Disponível na internet: <http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const>, acesso em 10/11/2008.]
- BRENNER, L. (1984). The iron wall. Zionist revisionism from Jabotinsky to Shamir. [Disponível na internet: <http://www.marxists.org/history/etol/document/mideast/ironwall/02-ruszion.htm>, acesso em 4/1/2007.]
- BRISTOL, E. (1999). "Turn of a century: 1895-1925". In: MOSER, C.A. (ed.). *The Cambridge history of russian literature*. Cambridge: Cambridge, pp. 387-457.

- BRODERSEN, A. (1958). "New trends in soviet social theory". *American Slavic and East European Review*, 17(3), pp. 282-292.
- CAIRNS, R.B. (1983). "The emergence of developmental psychology". In: MUSSEN, P.H. (ed.). *Handbook of child psychology*. Nova York: John Wiley & Sons, vol. 1, pp. 41-102.
- CARMICHAEL, J. (1967). *História resumida da revolução russa*. Rio de Janeiro: Zahar.
- CARPINTERO, H. (1987). "La evolución de la escuela psicológica rusa: ¿Un caso singular?" In: SIGUÁN, M. (coord.). *Actualidad de Lev S. Vigotski*. Barcelona: Anthropos, pp. 20-32.
- CASTEL, P.-H. (2001-2002). Vous avez dit 'signifiant'? (Seminaire). [Disponível na internet: <http://pierrehenri.castel.free.fr/S%E9minaires%20ALI/signifiant251001.htm>, acesso em 23/9/2007.]
- CAVALIERE, A. e VÁSSINA, E. (2005). "O simbolismo no teatro russo nos inícios do século XX: Faces e contrafaces". In: CAVALIERE, A.; VÁSSINA, E. e SILVA, N. (orgs.). *Tipologia do simbolismo nas culturas russa e ocidental*. São Paulo: Humanitas, pp. 107-141.
- CENTRE NATIONAL DE RESSOURCES TEXTUELLES ET LEXICALES (2008). Marque. [Disponível na internet: <http://www.cnrtl.fr/synonymie/marque>, acesso em 10/8/2008.]
- CHAUI, M. de S. (1981). *Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo: Espinosa, Voltaire, Merleau-Ponty*. São Paulo: Brasiliense.
- _____ (1982). "O que é ser educador hoje? Da arte à ciência: A morte do educador". In: BRANDÃO, C.R. (org.). *O educador: Vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, pp. 51-71.
- _____ (1999a). *A nervura do real: Imanência e liberdade em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 1.
- _____ (1999b). *A nervura do real: Notas, bibliografia e índices*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 2.
- _____ (2004). "Vida e obra". In: ESPINOSA, B. *Textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, pp. 5-20.

- _____ (2005). *Espinosa: Uma filosofia da liberdade*. 2ª ed. São Paulo: Moderna.
- CORNWELL, N. (1998). Vladimir Odoevsky and romantic poetics: Collected essays. [Disponível na internet: <http://books.google.com/books?id=trSlzb7CcocC&dq=%22odoevsky%22&hl=pt-BR>, acesso em 15/1/2006.]
- CORTÁZAR, J. (s./d.). *O jogo da amarelinha*. São Paulo: Círculo do Livro. (Trabalho original publicado em 1963.)
- DAMÁSIO, A. (2004). *Em busca de Espinosa: Prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DARWIN, C. (1934). *The expression of the emotions in man and animals*. Londres: Watts & Co. (Trabalho original publicado em 1872.)
- DEBORIN, A. (1952). Spinoza's world-view. [Disponível na internet: <http://www.autodidactproject.org/other/deborin-spinoza.html>.] (Trabalho original publicado em 1927.)
- DELEUZE, G. (2002). *Espinosa: Filosofia prática*. São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1981.)
- DEPARTAMENTO DE DICIONÁRIOS DA PORTO EDITORA (2000). *Dicionário de alemão-português*. Porto: Porto.
- DESCARTES, R. (2004). “As paixões da alma”. In: *Descartes*. São Paulo: Abril Cultural, pp. 101-232. (Trabalho original publicado em 1649.)
- DEUTSCHER, I. (1970). *Stalin: A história de uma tirania*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vol. 2.
- DIDEROT, D. (2005). “Paradoxo sobre o comediante”. In: *Diderot*. São Paulo: Abril Cultural, pp. 215-278. (Trabalho original publicado em 1773.)
- DILTHEY, W. (1945). *Psicologia y teoria del conocimiento*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1924.)
- DOMINGUE, E. e RARDON, J. (2002). Hugo Munsterberg (1863-1916). [Disponível na internet: <http://www.earlham.edu/~dominel/webpage.htm>, acesso em 17/11/2006.]
- DOUGLAS, C. (1975). “Suprematism: The sensible dimension”. *Russian Review*, 34(3), pp. 266-281. [Disponível na internet: <http://links.jstor.org/>

sici?sici=0036-0341%28197507%2934%3A3%3C266%3ASTSD%3E2.0.CO%3B2-U, acesso em 16/1/2007.]

ELIAS, N. (1994). *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1939.)

ELKONIN, D.B. (1996a). “Comentários”. VYGOTSKI, L.S. *Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 4.

_____ (1996b). “Epílogo”. In: VYGOTSKI, L.S. *Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 4, pp. 387-412.

_____ (1998). *Psicologia do jogo*. São Paulo: Martins Fontes.

ENGELMANN, A. (1978). *Os estados subjetivos: Uma tentativa de classificação de seus relatos verbais*. São Paulo: Ática.

ENGELS, F. (1946). Ludwig Feuerbach and the end of classical german philosophy. [Disponível na internet: <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1886/ludwig-feuerbach/index.htm>.] (Trabalho original publicado em 1886.)

_____ (1979). *A dialética da natureza*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Trabalho original de 1883.)

ESPERIDIÃO-ANTÔNIO, V.; COLOMBO, M.M.; MONTEVERDE, D.T.; MARTINS, G.M.; FERNANDES, J.J.; ASSIS, M.B. e BATISTA, R.S. (2008). “Neurobiologia das emoções”. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 35(2), pp. 55-65.

ESPINOSA, B. (1988). *Spinoza: Correspondencia*. Madri: Alianza. (Textos originais de 1661-1976.)

_____ (2003). *Tratado teológico-político*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1670.)

_____ (2004). “Tratado político”. In: *Spinoza*. São Paulo: Abril Cultural, pp. 437-516. (Texto original inacabado, com data aproximada de 1677.) (Os Pensadores)

_____ (2008). *Ética*. 2ª ed. São Paulo: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1677.)

- ETKIND, A.M. (1994). "More on L.S. Vygotsky: Forgotten texts and undiscovered contexts". *Journal of Russian and East European Psychology*, 32(6), pp. 6-34.
- ETKIND, E. (1987). *Histoire de la littérature russe*. Paris: Fayard, vol. 4.
- FERNÁNDEZ G., E. (1999). "Dominio de los afectos". In: BLANCO-ECHAURI, J. (ed.). *Espinosa: Ética e política*. Encontro Hispano-Português de Filosofia, 5-7 de abril de 1997. Universidade de Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, pp. 73-112.
- FOLOMKINA, S. e WEISER, H. (1962). *The learner's english-russian dictionary*. Moscou: State Publishing House of Foreign and National Dictionaries.
- GAINZA, M. de (2008). "Espinosa: Uma filosofia materialista do infinito positivo". Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- GARCÍA, V.I.P. (1974). "El materialismo de Spinoza: Ensayo sobre la ontología spinozista". *Revista de Occidente* [Disponível na internet: www.filosofia.org/aut/001/1974vp.htm, acesso em 16/4/2009.]
- GARCIA-ROZA, L.A. (1974). *Psicologia estrutural em Kurt Lewin*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.
- GIBIAN, G. (1976). "Introduction". In: GIBIAN, G. e TJALSMA, H.W. *Russian modernism: Culture and the avant-garde*. Ithaca: Cornell, pp. 9-17.
- GOLDER, M. (org.) (2004). *Leontiev e a psicologia histórico-cultural: Um homem em seu tempo*. São Paulo: Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Atividade Pedagógica/Xamã.
- GONÇALVES, M. (2001). "O autor e sua obra". In: STANISLAVSKI, K.S. *A preparação do ator*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 7-11.
- GOTTFRIED, G.M. e JOW, E.E. (2003). "I just talk with my heart: The mind-body problem, linguistic input, and the acquisition of folk psychological beliefs". *Cognitive Development*, vol. 18, pp. 79-90.
- GUIMARÃES ROSA, J. (2008). *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Mediafashion. (Trabalho original publicado em 1962.)
- GUINSBURG, J. (2001a). *Stánislavski e o teatro de arte de Moscou*. São Paulo: Perspectiva.

- _____ (2001b). *Stánislavski, Meierhold e cia*. São Paulo: Perspectiva.
- GUYTON, A.C. (1993). *Neurociência básica: Anatomia e fisiologia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- HARKIN, M.E. (2003). “Feeling and thinking in memory and forgetting: Toward an ethnohistory of the emotions”. *Ethnohistory*, 50(2), pp. 261-284.
- HELLER, A. (1991). *Sociologia de la vida cotidiana*. 3ª ed. Barcelona: Península.
- HERCULANO-HOUZEL, S. (2008). “De bem com seu cérebro”. *Viver Mente e Cérebro*, set., pp. 28-35.
- HOLODYSKI, M. (2004). “The miniaturization of expression in the development of emotional self-regulation”. *Developmental Psychology*, 40(1), pp. 16-28.
- IVANOV, V.I. (2005). “Duas forças no simbolismo moderno”. In: CAVALIERE, A.; VÁSSINA, E. e SILVA, N. (orgs.). *Tipologia do simbolismo nas culturas russa e ocidental*. São Paulo: Humanitas, pp. 197-244.
- IVANOV, V.V. (1999). “Notas”. In: VIGOTSKI, L.S. *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 187-242.
- JACÓ-VILELA, A.M. e MONTEIRO, D.B.R. (2005). “Ribot e a concretude da experiência na psicologia francesa”. In: RIBOT, T.A. *A lógica dos sentimentos*. Rio de Janeiro: Eduerj, pp. 9-16.
- JAMES, W. (1890). *The Principles of Psychology*. [Disponível na internet: <http://psychclassics.yorku.ca/James/Principles//index.htm>, acesso em 14/6/2009.]
- _____ (1906). *L'expérience religieuse. Essai de psychologie descriptive*. Paris: Félix Alcan/Genebra: Henry Kundig.
- _____ (1967a). “The emotions”. In: LANGE, C.G. e JAMES, W. *The emotions*. Nova York: Hafner, pp. 93-135. (Trabalho original publicado em 1884.)
- _____ (1967b). “What is an emotion?”. In: LANGE, C.G. e JAMES, W. *The emotions*. Nova York: Hafner, pp. 11-30. (Trabalho original publicado em 1884.)

- JAPIASSU, R.O.V. (1999). “As artes e o desenvolvimento cultural do ser humano”. *Educação e Sociedade*, 20(69), pp. 34-59. [Disponível na internet: <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n69/a03v2069.pdf>, acesso em 25/7/2006.]
- KAFKA, F. (2003). “Carta a meu pai”. In: KAFKA, F. *A metamorfose. Um artista da fome. Carta a meu pai*. São Paulo: Martin Claret, pp. 77-117. (Texto original de 1919.)
- KAGAN, J. (2007). *What is emotion? History, measures and meanings*. New Haven: Yale University Press.
- KNOX, J. (1996). “Prefácio”. In: VYGOTSKY, L.S. e LURIA, A.R. *Estudos sobre a história do comportamento: O macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artmed, pp. 17-49.
- KÖVECSES, Z. (1990). *Emotion concepts*. Nova York: Springer-Verlag.
- KOZULIN, A. (1990). *La psicología de Vygotski: Biografía de unas ideas*. Madri: Alianza.
- KRETSCHMER, E. (1954). *Psicología médica*. Barcelona: Labor. (Trabalho original publicado em 1922.)
- LAPIDUS, B.A. e SHEVTSOVA, S.V. (1963). *The learner's russian-english dictionary*. Cambridge: MIT.
- LeDOUX, J. (1996). *O cérebro emocional: Os misteriosos alicerces da vida emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- LENIN, V.I. (1922). On the significance of militant materialism. [Disponível na internet: <http://www.marxists.org/archive/lenin/works/1922/mar/12.htm>, acesso em 5/1/2009.]
- _____ (1982). *Materialismo e empiriocriticismo: Notas críticas sobre uma filosofia reaccionária*. Moscou: Progresso/Lisboa: Avante. (Trabalho original publicado em 1908.)
- LEONTIEV, A.A (2005). “The life and creative path of A.N. Leontiev”. *Journal of Russian and East European Psychology*, 43(3), pp. 8-69.
- LEONTIEV, A.N. (1986). “Annotatsia”. In: *Psikhologuia Iskusstva (Hamlet/ Psicologia da arte)*. [Disponível na internet: <http://www.bookap.by.ru/>, acesso em 15/9/2007, pp. 1-5.] (Textos originais de 1916 e 1925.)

- _____ (1991). “Artículo de introducción sobre el labor creador de L.S. Vygotski”. In: VYGOTSKI, L.S. *Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 1, pp. 419-450.
- _____ (1996). “Apêndice”. In: VIGOTSKI, L.S. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 425-470.
- LEVYKH, M. (2008). “Personality, emotions, and behavioural mastery in the thought of Lev Vygotsky”. Tese de doutorado. Burnaby: University of British Columbia.
- LEWIN, K. (1961). “Intention, will and need”. In: SHIPLEY, T. (ed.). *Classics in psychology*. Nova York: Philosophical Library. (Trabalho original publicado em 1926.)
- _____ (1973). *Princípios de psicologia topológica*. São Paulo: Cultrix/Edusp. (Trabalho original publicado em 1936.)
- _____ (1999). “The conflict between aristotelian and galilean modes of thought in contemporary psychology”. In: GOLD, M. (ed.). *The complete social scientist: A Kurt Lewin reader*. Washington: American Psychological Association, pp. 37-66. (Trabalho original publicado em 1931.)
- LUKÁCS, G. (1966). *Estetica*. Barcelona/México-DF: Grijalbo.
- LURIA, A.R. (1966). *Higher cortical functions in man*. Nova York: Basic Books/Consultants Bureau. (Trabalho original publicado em 1962.)
- _____ (1981). *Fundamentos de neuropsicologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp.
- _____ (1988). “Vigotski”. In: VIGOTSKI, L.S.; LURIA, A.R. e LEONTIEV, A.N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 5ª ed. São Paulo: Ícone/Edusp, pp. 21-37.
- _____ (1992). *A construção da mente*. São Paulo: Ícone.
- LUTZ, C. (1988). *Unnatural emotions: Everyday sentiments on a micronesian atoll and their challenge to western theory*. Chicago: University of Chicago Press.
- LUTZ, C. e WHITE, G.M. (1986). “The anthropology of emotions”. *Annual Review of Anthropology*, vol. 15, pp. 405-436.

- MAIDANSKY, A. (2003). "The russian spinozists". *Studies in East European Thought*, 55(3), pp. 199-216. [Disponível na internet: <http://www.caute.net.ru/am/tex/rse.htm>, acesso em 10/4/2010.]
- MARTIN, B. (1966). The life and thought of Lev Shestov. [Disponível na internet: <http://www.shestov.by.ru/intro.html>, acesso em 15/1/2007.]
- MARX, K. (1999). "Para a crítica da economia política". In: *Marx*. São Paulo: Nova Cultural, pp. 25-54. (Textos originais de 1857-1859.)
- MARX, K. e ENGELS, F. (1999). *A ideologia alemã (Feuerbach)*. São Paulo: Hucitec. (Trabalho original de 1845-1846.)
- _____ (2003). *Manifesto comunista*. São Paulo: Paz e Terra. (Trabalho original de 1847.)
- MESHCHERIAKOV, B.G. (2009). Ideias de L.S. Vigotski sobre a ciência do desenvolvimento infantil. [Disponível na internet: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642010000400004&script=sci_arttext.]
- MIRANDA, O.P. (org.) (1983). *Trotsky: Política*. São Paulo: Ática.
- NAMURA, M.R. (2003). "O sentido do sentido em Vygotsky: Uma aproximação com a estética e a ontologia do ser social de Lukács". Tese de doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica.
- NETTO, J.P. (1982). "Introdução". In: *Stalin: Política*. São Paulo: Ática, pp. 9-36.
- NITRINI, R.; CARAMELLI, P. e MANSUR, L.L. (orgs.) (1996). *Neuropsicologia: Das bases anatômicas à reabilitação*. São Paulo: Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.
- NOBEL FOUNDATION (1965). Sir Charles Sherrington. [Disponível na internet: http://nobelprize.org/nobel_prizes/medicine/laureates/1932/sherrington-bio.html, acesso em 18/11/2008.]
- OATLEY, K. e JENKINS, J.M. (1998). *Compreender as emoções*. Lisboa: Piaget.
- OJEGOV, S.I. (1968). *Slovar ruskovo izika*. Moscou: Enciclopédia Soviética.
- ORWELL, G. (1999). *Down and out in Paris and London*. Londres: Penguin. (Trabalho original publicado em 1933.)

- OZELLA, S. e SANCHEZ, S.G. (2001). “Breve histórico do desenvolvimento da pesquisa na perspectiva sócio-histórica na PUC-SP”. In: BOCK, A.M.B.; GONÇALVES, M.G.M. e FURTADO, O. (orgs.). *Psicologia sócio-histórica: Uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, pp. 141-158.
- PAÁL, G. (2008). “O despertar da deusa”. *Mente e Cérebro*, ed. especial, vol. 7, pp. 12-17.
- PATTO, M.H.S. (2010). *A produção do fracasso escolar: Histórias de submissão e rebeldia*. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- PEREIRA JÚNIOR, L.C. (2006). “As incertezas da saudade”. *Língua Portuguesa: Especial Etimologia*, vol. 1, jan., pp. 36-37.
- PESSANHA, J.A.M. (2004). “Vida e obra”. In: GALILEI, G. *O ensaiador*. São Paulo: Nova Cultural.
- PESSOA, F. (2007). *Cancioneiro*. Porto Alegre: L&PM. (Textos originais de 1902-1938).
- PESSOTTI, I. (1979). “Introdução”. In: *Pavlov: Psicologia*. São Paulo: Ática, pp. 7-35.
- PINO, A. (2000). “O social e o cultural na obra de Vigotski”. *Educação e Sociedade*, 21(71), pp. 45-78.
- _____ (2005). *As marcas do humano: As origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez.
- PLEKHANOV, G. (1964). *A arte e a vida social*. São Paulo: Brasiliense. (Texto original de 1912-1913.)
- _____ (1973). *Ensaaios sobre a história do materialismo*. Lisboa: Estampa. (Trabalho original de 1896.)
- _____ (1976). On the alleged crisis in marxism. [Disponível na internet: <http://www.cddc.vt.edu/marxists/archive/plekhanov/1898/xx/crisis.htm>.] (Trabalho original de 1898.)
- _____ (1978). *Os princípios fundamentais do marxismo*. São Paulo: Hucitec. (Trabalho original de 1908.)

- _____ (s./d.). Bernstein and materialism. [Disponível na internet: <http://www.marxists.org/archive/plekhanov/1898/07/bernsteinmat.html>, acesso em 11/4/2010.] (Trabalho original de 1898.)
- PLUCKER, J.A. (2003). Human intelligence: Historical influences, current controversies, teaching resources. [Disponível em: <http://www.indiana.edu/~intell/yerkes.shtml>, acesso em 20/9/2007.]
- POLITZER, G. (1975). *Crítica dos fundamentos da psicologia*. 2ª ed. Lisboa: Presença. (Trabalho original publicado em 1928.)
- PRUCK, E. (s./d.). *Russisch-Deutsch und Deutsch-Russisch*. Berlim: Axel Juncker.
- RATNER, C. (1995). *A psicologia sócio-histórica de Vygotsky: Aplicações contemporâneas*. Porto Alegre: Artmed.
- REYNOL FILHO, A. (1998). “Espinosa e a ordem geométrica”. *Cadernos Espinosanos*, vol. 3, pp. 17-30.
- RIBAS, G.C. (2006). “Considerações sobre a evolução filogenética do sistema nervoso, o comportamento e a emergência da consciência”. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(4), pp. 326-338. [Disponível na internet: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28n4/12.pdf>, acesso em 10/7/2008.]
- _____ (2007). “As bases neuroanatômicas do comportamento: Histórico e contribuições recentes”. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 29(1), pp. 63-71. [Disponível na internet: <http://www.dx.doi.org/10.1590/S1516-44462006005000025>, acesso em 10/8/2008.]
- RIBOT, T.A. (1900). “Essai sur l’imagination créatrice”. *Bibliothèque Interuniversitaire de Médecine*. Paris: Félix Alcan. [Disponível na internet: <http://www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/cote?52680>, acesso em 20/7/2008.]
- _____ (2005). *A lógica dos sentimentos*. Rio de Janeiro: Eduerj. (Trabalho original publicado em 1905.)
- ROBBINS, D. (2004). “Guest editor’s introduction”. *Journal of Russian and East European Psychology*, 42(4), pp. 3-6.
- ROSALDO, M. (1983). “The shame of the headhunters and the autonomy of the self”. *Ethos*, 11(3), pp. 135-151.

- RUBINSTEIN, S.L. (1967). *Principios de psicología general*. México-DF: Grijalbo. (Trabalho original publicado em 1946.)
- RUDNITSKY, K. (1988). *Russian and soviet theatre: Tradition and the avant garde*. Londres: Thames & Hudson.
- RUSSELL, J.A. (1989). "Measures of emotion". In: PLUTCHIK, R. e KELLERMAN, H. (eds.). *The measurement of emotions. Emotion, theory, research, and experience*. San Diego: Academic Press, vol. 4, pp. 83-111.
- SAARNI, C. (2001). "Cognition, context, and goals: Significant components in social-emotional effectiveness". *Social-Development*, 10(1), pp. 125-129.
- SANTOS, G.A. (1998). "Medo e exclusão social: Um estudo sobre a morte, o medo dos pobres e o medo de pobres". Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- SCHNAIDERMAN, B. (1971). *A poética de Maiakovski através de sua prosa*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1985). "Prefácio da 1ª edição". In: CAMPOS, H. e CAMPOS, A. (trad.). *Poesia russa moderna: Nova antologia*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, pp. 13-21.
- SHAKESPEARE, W. (2006). *Hamlet*. Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1603.)
- SHUARE, M. (1990). *La psicología soviética tal como yo la veo*. Moscou: Progreso.
- SINGER, I.B. (1999). *Sombras sobre o rio Hudson*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1957-1958.)
- SOUZA, R.M. e RAMIRES, V.R. (2006). *Amor, casamento, família, divórcio... e depois, segundo as crianças*. São Paulo: Summus.
- SPRUNG, L. e SPRUNG, H. (2001). "History of modern psychology in Germany in 19th- and 20th-century thought and society". *International Journal of Psychology*, 36(6), pp. 364-376.
- STANISLAVSKI, K.S. (1989). *Minha vida na arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1924.)

- _____ (2001). *A preparação do ator*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1936.)
- STERN, W. (1924). *Psychology of early childhood: Up to the sixth year of age*. Nova York: Henry Holt and Company. (Trabalho original publicado em 1914.)
- _____ (1957). *Psicología general desde el punto de vista personalístico*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1938.)
- TOASSA, G. (2004a). “Conceito de liberdade em Vigotski”. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 24(3), pp. 2-11.
- _____ (2004b). “Consciência e atividade: Um estudo sobre (e para) a infância”. Dissertação de mestrado. Marília: Universidade Estadual Paulista.
- _____ (2006). “Conceito de consciência em Vigotski”. *Psicologia USP*, 17(2), pp. 59-83.
- _____ (2008). “A vida emocional na psicologia soviética: Vigotski, Rubinstein e Leontiev”. Qualificação de doutorado. Instituto de Psicologia. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- _____ (2009). “Emoções e vivências em Vigotski: Investigação para uma perspectiva histórico-cultural”. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- _____ (s./d.). “Das relações entre comunicação, vivência e discurso em Vigotski: Observações introdutórias”. In: SOUZA, M.P.R.; BEATÓN, G.A. e BRASILEIRO, T.S.A. (orgs.). *Temas escolhidos em psicologia histórico-cultural: Interfaces Brasil-Cuba*. (No prelo.)
- TODOROV, T. (2001). “Signo”. In: DUCROT, O. e TODOROV, T. *Dicionário enciclopédico de ciências da linguagem*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, pp. 101-105. (Trabalho original publicado em 1972.)
- TOLSTOI, L. (2007). *A sonata a Kreutzer*. São Paulo: Editora 34. (Trabalho original publicado em 1891.)
- TRONICK, E.Z. (1989). “Emotions and emotional communication in infants”. *American Psychologist*, 44(2), pp. 112-119.

- TROTSKI, L.D. (1973). “A escola poética formalista e o marxismo”. In: TOLEDO, D.O. (org.). *Teoria da literatura: Formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, pp. 71-86. (Texto original de 1923.)
- _____ (1980). *Literatura e revolução*. Rio de Janeiro: Zahar. (Texto original de 1923.)
- UNIVERSIDADE DE DENVER (2006). Verbs and their conjugations in Russian. [Disponível na internet: <http://www.du.edu/ahss/schools/langlit/programs/russian/resources/grammar/verbs.htm#imperf>, acesso em 15/1/2007.]
- UNIVERSIDADE DE GLASGOW (2004). Lev Shestov biography. [Disponível na internet: <http://www.shestov.arts.gla.ac.uk/html/biog.htm>, acesso em 15/10/2008.]
- VAN DER VEER, R. e VALSINER, J. (2001). *Vygotsky: Uma síntese*. São Paulo: Loyola/Unimarco.
- VIEIRA NETO, p. (2002). “Afetos, alienação e liberdade”. In: NOVAES, A. (org.). *O avesso da liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 115-134.
- VIGOTSKI, L.S. (1971). The psychology of art. [Disponível na internet: <http://www.marxists.org/archive/vygotsky/works/1925/index.htm>, acesso em 13/10/2006.] (Texto original de 1925.)
- _____ (1986). *Psikhologuiia Iskusstva (Hamlet/Psicologia da arte)*. [Disponível na internet: <http://www.bookap.by.ru/>, acesso em 15/11/2007.] (Textos originais de 1916 e 1925.)
- _____ (1987). *La imaginación y el arte en la infancia*. Cidade do México: Hispanica. (Texto original de 1930.)
- _____ (1991a). “La conciencia como problema de la psicología del comportamiento”. In: *Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 1, pp. 39-60. (Trabalho original publicado em 1925.)
- _____ (1991b). “El método instrumental en la psicología”. *Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 1, pp. 65-70. (Trabalho original proferido em 1930.)
- _____ (1991c). *Pedagoguítcheskaya Psikhológuiya (Psicologia pedagógica)*. Moscou: Pedagoguika. (Trabalho original publicado em 1926.)

- _____ (1991d). “El problema de la conciencia”. *In: Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 1, pp. 119-132. (Texto original de 1934.)
- _____ (1991e). “El significado histórico de la crisis de la psicología. Una investigación metodológica”. *In: Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 1, pp. 259-407. (Texto original de 1927.)
- _____ (1991f). “Sobre el artículo de K. Koffka ‘La introspección y el método de la psicología’. A modo de introducción”. *In: Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 1, pp. 61-64. (Trabalho original publicado em 1926.)
- _____ (1991g). “Sobre los sistemas psicológicos”. *In: Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 1, pp. 71-93. (Trabalho original proferido em 1930.)
- _____ (1994a). *A formação social da mente*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- _____ (1994b). “The problem of the environment”. *In: VALSINER, J. (ed.). The Vygotsky reader*. Oxford: Blackwell, pp. 338-354. (Trabalho original publicado em 1935.)
- _____ (1995). “Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores”. *In: Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 3, pp. 11-340. (Texto original de 1931.)
- _____ (1996a). “La crisis de los tres años”. *In: Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 4, pp. 369-375. (Trabalho original proferido entre 1933-1934.)
- _____ (1996b). “La crisis de los siete años”. *In: Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 4, pp. 377-386. (Trabalho original proferido entre 1933-1934.)
- _____ (1996c). “Crisis del primer año de vida”. *In: Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 4, pp. 319-340. (Trabalho original proferido entre 1933-1934.)
- _____ (1996d). “La infancia temprana”. *In: Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 4, pp. 341-367. (Trabalho original proferido entre 1933-1934.)
- _____ (1996e). *Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 4. (Textos originais de 1930-1934.)
- _____ (1996f). “Paidología del adolescente”. *In: Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 4, pp. 3-184. (Textos originais de 1930-1931.)

- _____ (1996g). “El primer año”. In: *Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 4, pp. 275-318. (Texto original de 1932-1934.)
- _____ (1996h). “El problema de la edad”. In: *Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 4, pp. 251-273. (Texto original de 1932-1934.)
- _____ (1996i). “Problemas de la psicología infantil”. In: *Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 4, pp. 249-386. (Trabalhos originais de 1932-1934.)
- _____ (1996j). “O significado histórico da crise na psicologia”. In: VIGOTSKI, L.S. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 203-417. (Texto original de 1927.)
- _____ (1997a). “Acerca de la dinámica del carácter infantil”. In: *Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 5, pp. 169-180. (Trabalho original publicado em 1928.)
- _____ (1997b). *Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 5, pp. 274-338. (Trabalho original publicado em 1935.)
- _____ (1998a). *The collected works of L. S. Vygotsky*. Nova York: Kluwer Academic/Plenum, vol. 5. (Trabalhos originais de 1930-1934.)
- _____ (1998b). “Pedology of the adolescent”. In: VIGOTSKI, L.S. *The collected works of L.S. Vygotsky*. Nova York: Kluwer Academic/Plenum, vol. 5, pp. 3-184. (Textos originais de 1930-1931.)
- _____ (1998c). “Problems of child (developmental) psychology”. In: VIGOTSKI, L.S. *The collected works of L.S. Vygotsky*. Nova York: Kluwer Academic/Plenum, vol. 5, pp. 187-296. (Trabalhos originais de 1932-1934.)
- _____ (1999a). “Conferências sobre psicologia”. In: VIGOTSKI, L.S. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 3-131. (Trabalhos originais de 1932.)
- _____ (1999b). *Imaginación y creación en la edad infantil*. 2ª ed. Havana: Pueblo y Educación. (Texto original de 1930.)
- _____ (1999c). “On the problem of the psychology of the actor’s creative work”. In: VIGOTSKI, L.S. *The collected works of L.S. Vygotsky*. Nova York: Kluwer Academic/Plenum, vol. 6, pp. 237-244. (Texto original de 1932.)

- _____ (1999d). “Prólogo à versão russa do livro de E. Thorndike: Princípios de ensino baseados na psicologia”. In: VIGOTSKI, L.S. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 149-178. (Trabalho original publicado em 1926.)
- _____ (1999e). “The teaching about emotions. Historical-psychological studies”. In: VIGOTSKI, L.S. *The collected works of L.S. Vygotsky*. Nova York: Kluwer Academic/Plenum, vol. 6, pp. 71-235. (Texto original de 1933.)
- _____ (1999f). *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. São Paulo: Martins Fontes (Texto original de 1916.)
- _____ (2000). “Psicologia concreta do homem” (Manuscrito de 1929). *Educação e Sociedade* [versão eletrônica], 21(71), pp. 21-44. [Disponível na internet: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a02v2171.pdf>, acesso em 10/4/2006.]
- _____ (2001a). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes (Texto original de 1934.)
- _____ (2001b). *Lektsii po pedologii* (Lições sobre pedologia). Ijevsk: Isdatelskii Dom Udmurtskii Universitiet. (Trabalhos originais de 1933-1934.)
- _____ (2001c). *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes. (Texto original de 1925.)
- _____ (2001d). *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes. (Texto original de 1926.)
- _____ (2004). *Teoría de las emociones: Estudio histórico-psicológico*. Madri: Akal. (Texto original de 1933.)
- _____ (2005a). *Istoria razvitiya vichikh psikhicheskikh funktsii* (História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores). [Disponível na internet: http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc_razv_chel-4-istoriya_razvitiya_vysshyh_psih_funkciy.pdf, acesso em 15/9/2007.]
- _____ (2005b). *Istoricheski smisl psikhologuitcheskovo krizisa. Metodologuitcheskoe issledovanie* (O significado histórico da crise na psicologia). [Disponível na internet: <http://yanko.lib.ru/books/psycho/>

vugotskiy-psc_razv_chel-2-istoricheskiy_smysl_psihologicheskogo_krizisa.pdf, acesso em 15/9/2007.]

_____ (2005c). Lektsii po psikhologii (Conferências de psicologia). [Disponível na internet: http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc_razv_chel-6-lekcii_po_psihologii.pdf, acesso em 10/10/2008.] (Trabalhos originais de 1932.)

_____ (2005d). Michliênie i riétch (Pensamento e linguagem). [Disponível na internet: http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc_razv_chel-7-myshlenie_i_rech.pdf, acesso em 15/9/2007.] (Texto original de 1934.)

_____ (2007). “In memory of L.S. Vygotsky (1896-1934). L.S. Vygotsky: Letters to students and colleagues”. *Journal of Russian and East European Psychology*, 45(2), pp. 11-60. (Textos originais de 1926-1934.)

_____ (2010). “Quarta aula: A questão do meio na pedologia”. *Psicol. USP [on-line]*, 21(4), pp. 681-701. (Trabalho original publicado em 1935.)

VIGOTSKI, L.S. e LURIA, A.R. (1996). *Estudos sobre a história do comportamento: O macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1930.)

VIGOTSKI, L.S. e VARSHAVA, B.E. (1927/1931). *Psikhologuitcheski slovar (Dicionário de psicologia)*. Moscou: GLZ.

VOINOVA, N.; STARETS, S.; VERKHUCHA, V. e ZDITOVETSKI, A. (1989). *Dicionário russo-português*. Moscou: Russki Yazik.

VYGODSKAYA, G.L. (1995). “His life”. *School Psychology International*, 5(16), pp. 105-116. [Disponível na internet: <http://webpages.charter.net/schmolze1/vygotsky/gita.html>, acesso em 10/9/2006.]

VYGODSKAYA, G.L. e LIFANOVA, T.M. (1999). “Life and works”. *Journal of Russian and East European Psychology*, 37(2), pp. 23-90.

WERTSCH, J.V. (1985). *Vygotsky and the social formation of mind*. Cambridge: Harvard.

WIKIPEDIA (2006a). Imperfective aspect. [Disponível na internet: http://en.wikipedia.org/wiki/Imperfective_aspect, acesso em 15/1/2007.]

- _____ (2006b). Johann Ludwig Tieck. [Disponível na internet: <http://en.wikipedia.org/wiki/Tieck>, acesso em 15/1/2007.]
- _____ (2006c). Vladimir Ilyich Ulyanov (Lenin). [Disponível na internet: <http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%AAAnin#Doutrina.C3.A7.C3.A3o.1>, acesso em 23/8/2005.]
- _____ (2007a). Russo-japanese war. [Disponível na internet: http://en.wikipedia.org/wiki/Russo-Japanese_War, acesso em 26/9/2007.]
- _____ (2007b). Thalamus. [Disponível na internet: http://en.wikipedia.org/wiki/Thalamus#Location_and_topography, acesso em 28/9/2007.]
- _____ (2007c). Wilhelm Dilthey. [Disponível na internet: <http://en.wikipedia.org/wiki/Dilthey>, acesso em 28/9/2007.]
- _____ (2008a). Action potential. [Disponível na internet: http://en.wikipedia.org/wiki/Action_potential, acesso em 10/9/2008.]
- _____ (2008b). Léon Chestov. [Disponível na internet: http://fr.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9on_Chestov, acesso em 20/8/2008.]
- _____ (2009a). Mirror neurons. [Disponível na internet: http://en.wikipedia.org/wiki/Mirror_neuron, acesso em 18/1/2009.]
- _____ (2009b). Transliteração de russo para português. [Disponível na internet: http://pt.wikipedia.org/wiki/Translitera%C3%A7%C3%A3o_de_russo_para_portugu%C3%AAs#Folha_de_S.Paulo, acesso em 5/1/2009.]
- WOOLF, V. (1986). *Noite e dia*. São Paulo: Círculo do Livro. (Trabalho original publicado em 1919.)
- WORTIS, J. (1953). *La psiquiatria soviética*. Buenos Aires: Ateneo.
- YAROSHEVSKY, M.F. (1999a). “Epilogue”. In: VYGOTSKI, L.S. *The collected works of L.S. Vygotsky*. Nova York: Kluwer Academic/Plenum, vol. 6, pp. 245-266.
- YAROSHEVSKY, M.F. e GURGUENIDZE, G.S. (1991). “Epílogo”. In: VYGOTSKI, L.S. *Obras escogidas*. Madri: Visor, vol. 1, pp. 451-477.
- ZANCHETTA, L. (2004). “Impressionismo: 230 anos de luz”. *Ciência e Cultura*, 56(3), pp. 58-59.



Casa do Zezinho: Transformando a vida de milhares de crianças e jovens de baixa renda

A Casa do Zezinho é uma entidade não governamental, localizada entre os bairros Capão Redondo, Parque Santo Antônio e Jardim Ângela, na zona sul da cidade de São Paulo.

Fundada em 6 de março de 1994, a casa abre a todos os Zezinhos um espaço de ação e realizações em seus 3.200m². O projeto atende 1.200 crianças e jovens entre 6 e 21 anos, que frequentam escolas públicas da região.

A Casa do Zezinho é lugar de reconhecimento, respeito, inclusão e amigos. Um lugar de esperança para o futuro tocado pela graça da convivência, do afeto e, sobretudo, da liberdade. Um espaço verdadeiramente familiar.

Mais informações pelo site www.casadozezinho.org.br
ou pelos telefones (11) 5512-0878 / 5819-4481 / 8152-4061

D&D ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO



A campanha **Não faça de sua vida uma página em branco: Colabore com quem precisa de você** foi idealizada pela Papyrus e pela D&D Assessoria de Comunicação com o objetivo de divulgar o trabalho de entidades envolvidas em ações sociais sérias e meritórias. Assim, as últimas páginas dos livros da Papyrus, que costumavam ser em branco, agora trazem textos informativos sobre tais entidades. A campanha conta com o apoio da Central Brasileira de Notícias (CBN) de Campinas, da Rede Anhanguera de Comunicação (RAC) e da CPFL Energia.



Fundação
Síndrome
de Down

Fundação Síndrome de Down: Promovendo a inclusão social

A Fundação Síndrome de Down é uma instituição sem finalidades lucrativas, que integra o terceiro setor, atendendo pessoas com síndrome de Down e com patologias neurológicas diversas.

Sua missão é: "Promover com eficiência o desenvolvimento global da pessoa com síndrome de Down e ser agente transformador para que a sociedade respeite e incorpore a diversidade humana".

Para alcançar seus objetivos, a Fundação oferece, além de atividades terapêuticas em áreas diversas, programas educacionais que preparam os jovens para o mercado de trabalho, visando a sua inserção e sua futura inclusão na sociedade.

NÃO FAÇA DE SUA VIDA UMA PÁGINA EM BRANCO! Participe do desenvolvimento dos portadores de síndrome de Down.

Mais informações pelo site www.fsdn.org.br,
pelo telefone (19) 3289-2818 ou pelo e-mail fsdn@fsdn.org.br

D&D ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO



A campanha **Não faça de sua vida uma página em branco: Colabore com quem precisa de você** foi idealizada pela Papyrus e pela D&D Assessoria de Comunicação com o objetivo de divulgar o trabalho de entidades envolvidas em ações sociais sérias e meritórias. Assim, as últimas páginas dos livros da Papyrus, que costumavam ser em branco, agora trazem textos informativos sobre tais entidades. A campanha conta com o apoio da Central Brasileira de Notícias (CBN) de Campinas, da Rede Anhanguera de Comunicação (RAC) e da CPFL Energia.

Especificações técnicas

Fonte: Times New Roman 11 p

Entrelinha: 14 p

Papel (miolo): Offset 75 g

Papel (capa): Supremo 250 g

Impressão e acabamento: *****